

Anais do IV Colóquio Internacional Sobre Sartre



SITUAÇÕES CONTEMPORÂNEAS: RUPTURAS
SOCIAIS, SOFRIMENTO E ENGAJAMENTO

Anais nº 1

Fevereiro 2025



Anais do IV Colóquio Internacional Sobre Sartre

SITUAÇÕES CONTEMPORÂNEAS: RUPTURAS SOCIAIS,
SOFRIMENTO E ENGAJAMENTO

UFSC - FLORIANÓPOLIS/SC

REALIZAÇÃO:



APOIO:



WEBSITE:

<https://www.ivcoloquiosartre.com.br>



pense
alem

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da Universidade Federal de Santa Catarina

C719q Colóquio Internacional sobre Sartre (4. : 2024 : Florianópolis, SC)
IV Colóquio Internacional sobre Sartre [recurso eletrônico] : situa-
ções contemporâneas: rupturas sociais, sofrimento e engajamento/
Zuleica Pretto, organizadora; organização e edição: Rodolfo Rodrigues
de Souza, Mayara Floriani; arte e capa: Carlo Carminatti Pissaia, Leticia
de Souza Mazzuco - Florianópolis : UFSC/PSICLIN, 2025.
[346] p.

E-book (PDF)
ISSN2596-0032

1. Sartre, Jean-Paul, 1905-1980. 2. Existencialismo. 3. Sofrimento. 3.
Psicologia – Aspectos sociais. I. Pretto, Zuleica. II. Souza, Rodolfo
Rodrigues de. III. Floriani, Mayara. IV. Pissaia, Carlo Carminatti. V.
Mazzuco, Leticia de Souza. VI. Título.

CDU: 141.32

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC

REITOR: IRINEU MANOEL DE SOUZA
VICE-REITORA: JOANA CÉLIA DOS PASSOS

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFH

DIREÇÃO: ALEX DEGAN
VICE-DIREÇÃO: MICHELE MONGUILHOTT

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO - DA UFSC - PROEX

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO: OLGA REGINA ZIGELLI
GARCIA

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA DA UFSC

CHEFIA: CAROLINA MENEZES

Anais contendo os resumos das conferências e mesas-redondas, resumos simples de trabalhos apresentados nas sessões coordenadas e resumos expandidos de muitos dos trabalhos apresentados nessas sessões. Todos os textos foram aprovados pela Comissão Científica do “IV Colóquio Internacional sobre Sartre - Situações contemporâneas: rupturas sociais, sofrimento e engajamento. O conteúdo dos trabalhos é de inteira responsabilidade das/es/os autoras/es.

PROMOÇÃO DOS ANAIS:

PSICLIN – Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial
- Universidade Federal de Santa Catarina. Campus Universitário –
Trindade, Sala 214 – Bloco D – CFH. Florianópolis – SC – Brasil -
88040-900

COORDENAÇÃO:

Dra. Zuleica Pretto (UFSC) - Coordenadora Geral do Evento
Dr. Rodolfo Rodrigues de Souza (UERJ) Vice-coordenador
Geral do Evento



ARTE DE CAPA

Carlo Carminatti Pissaia (UFSC)
Leticia de Souza Mazzuco (UFSC)

COMISSÃO ORGANIZADORA LOCAL:

Dra. Zuleica Pretto (PSICLIN/UFSC)
Dra. Daniela Ribeiro Schneider (PPGP-UFSC)
Dra. Lara Beatriz Fuck (PPGE-UFSC)
Msc. Carolina Beckert Polli (PPGP-UFSC)
Dr. Luiz Fernando Segalin de Andrade (IFSC)
Mayara Floriani (PPGP-UFSC)
Veronica Furini (PPGP-UFSC)
Raquel Wzorek (PPGP-UFSC)
Yara Alexandre Reynaldo (UFSC)
Ian Norberto Sena da Silva (UFSC)
Ana Teresa Lima (CRP 06/138855)
Dante Luis Tonezer (PPI-UEM)
Arthur Durieux Lopes Destri (UFSC)
Carla de Almeida Vitória (UFSC)
Carlo Pissaia (UFSC)
David Henrique Alves Machado (UFSC)
Isadora Silva Rodrigues (UFSC)
Letícia de Souza Mazzuco (UFSC)
Mateus Ferreira Amorim (UFSC)
Rhebeca Miranda Nogueira (UFSC)
Ronise Vieira Bolter (UFSC)
Vitória Rancati (UFSC)

COMISSÃO ORGANIZADORA NACIONAL:

Dra. Zuleica Pretto (UFSC) - Coordenadora Geral do Evento
Dr. Rodolfo Rodrigues da Silva (UERJ) - Vice-coordenadora
Geral do Evento
Dra. Daniela Ribeiro Schneider (PPGP-UFSC)
Dra. Carolina Freire d'Araújo Dhein (IFEN/NUCAFE)
Msc. Rita de Cassia Santos Bittencourt (UECE)
Dra. Adria de Lima Sousa (UFAM)
Dra. Sylvia Mara Pires de Freitas (UEM)
Dr. Fábio Machado Pinto (UFPEL)



COMISSÃO CIENTÍFICA:

Dr. Alan Patricio Savignano (Universidad de Buenos Aires)
Dr. Arturo Alberto Cardozo Beltrán (Universidad del Atlántico – Colômbia)
Dra. Adria de Lima Sousa (UFAM)
Dr. Alexandre de Oliveira Torres Carrasco (UNIFESP)
Dra. Carolina Mendes Campos (IPA/RJ)
Dra. Carolina Dhein (IFEN/NUCAFE)
Ms. Cedric Guillermo Steinlen Cuevas (Ministerio de las Culturas, las Artes y el Patrimonio de la Región de Coquimbo - Chile)
Dra. Daniela Ribeiro Schneider (UFSC)
Dr. Deivison Mendes Faustino (UNIFESP)
Ms. Eliana Sales Paiva (UECE)
Dr. Fabio Machado Pinto (UFPEL)
Dr. Fabio Caprio Leite de Castro (UFRGS)
Dra. Fabíola Langaro (Clínica Consciência/ Florianópolis)
Dr. Fernando Gastal de Castro (UFRJ)
Dr. Gérard Lucien Jacques Wormser (Diretor da Revista Sens Public)
Dr. Gustavo Fujiwara (UFSCar/SP)
Dr. Georges Daniel Janja Bloc Boris (UNIFOR)
Dra. Janine Moreira (UNESC)
Dra. Kátia Maheirie (UFSC)
Dr. Luciano Donizetti da Silva (UFSCar)
Dr. Luiz José Veríssimo (UVA)
Dr. Marcelo da Silva Norberto (PUC-RJ)
Dra. Marivania Cristina Bocca
Ms. Nilson Lucas Dias Gabriel (UEM)
Dr. Rodolfo Rodrigues de Souza (UERJ)
Dr. Stéphane Vinolo (Regent's College/Londres)
Dra. Sylvia Mara Pires de Freitas (UEM)
Dra. Thana Mara de Souza (UFES)
Dra. Zuleica Pretto (UFSC)

ORGANIZAÇÃO E EQUIPE EDITORIAL DOS ANAIS

Dra. Zuleica Pretto (UFSC)
Dr. Rodolfo Rodrigues de Souza (UERJ)
Mayara Floriani (UFSC)





SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
BREVE HISTÓRICO DO EVENTO	15
CONFERÊNCIAS INTERNACIONAIS	17
CONFERÊNCIA NACIONAL	18
DESAFIOS DOS(AS) INTELLECTUAIS NA ERA DO CAPITALISMO DE VIGILÂNCIA	18
Mesa Redonda 1 - Perspectivas sartrianas na América Latina	20
COMO TERIA SIDO UMA ÉTICA EXISTENCIALISTA?	21
MI MUERTE: PROBLEMAS ONTOLÓGICOS FUNDAMENTES SOBRE LA MUERTE EN LA FILOSOFÍA SARTREANA	22
LA FILOSOFÍA DE LA HISTORIA DE SARTRE: RUPTURAS Y CONTINUIDADES ENTRE EL SER Y LA NADA Y LA CRÍTICA DE LA RAZÓN DIALÉCTICA.	24
A ATUALIDADE DA METODOLOGIA SARTRIANA CONTRA AS ARMADILHAS DO SUBJETIVISMO INSTANTANEÍSTA CONTEMPORÂNEO	25
Mesa Redonda 2 - Gênero, violências e desigualdades	26
APESAR DE VOCÊ: LIBERDADE, TRANSCENDÊNCIA E RESISTÊNCIA EM BEAUVOIR E SARTRE	27
QUEM É O OUTRO INFERNAL? UM QUESTIONAMENTO HISTÓRICO E FEMINISTA DA ALTERIDADE NA PERSPECTIVA SARTRIANA	28
Mesa Redonda 3 - Situações contemporâneas e sofrimento	29
DO ESPÍRITO DE SERIEDADE AO ESPÍRITO DE JOGO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PERSPECTIVA CLÍNICA DE BETTY CANNON	30
SERIA A ANSIEDADE UMA CONDUTA DE MÁ-FÉ?	31
INTERSECCIONALIDADES E ABUSO DE DROGAS: O OLHAR DIALÉTICO SARTRIANO	32
Mesa Redonda 4 - Promoção do ódio e impactos subjetivos	34
ANGÚSTIA E MÁ-FÉ EM GENET – UMA CONTROVÉRSIA EM VERSO (O BALCÃO) 35	
ESBOÇO DE UMA ANALÍTICA DA EXISTENCIA PERIFÉRICA	36
Mesa redonda 5 - Existencialismo e questões raciais	37
RAÇA E SUBJETIVIDADE EM SARTRE	38
UM DIÁLOGO CRÍTICO ENTRE FRANTZ FANON E JEAN-PAUL SARTRE: O EXISTENCIALISMO RUMO A UM NOVO HUMANISMO?	39
Mesa redonda 6 - Existências, Violências e Resistências	40
SUJEITO E PROJETO DE SER FRENTE AO ADOECIMENTO E À MORTE	41



EXISTÊNCIAS, VIOLÊNCIAS E RESISTÊNCIAS NA MEDICALIZAÇÃO EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO (AUTO)BIOGRÁFICO DE JOAQUIM E SUAS IMPLICAÇÕES NOS PROCESSOS FORMATIVOS.....	42
RAPUNZEL SOB O OLHAR DE SARTRE: A LIBERDADE APRISIONADA NA TORRE DA EXISTÊNCIA.....	43
Mesa Redonda 7 - Os desafios da clínica existencialista em tempos de rupturas sociais	44
TEORIA DA METODOLOGIA: APONTAMENTOS CRÍTICOS COM RECURSO ÀS BIOGRAFIAS DE GENET E FLAUBERT	45
ESCUta, FALA E RELAÇÃO: UMA DISCUSSÃO SOBRE O FAZER CLÍNICO DE INSPIRAÇÃO SARTRIANA.....	47
A RELAÇÃO COM A NATUREZA NA CONTEMPORANEIDADE: INTERLOCUÇÃO COM SARTRE, COM A FILOSOFIA E COM A ÉTICA HUMANISTA.	48
Mesa Redonda 8 - Rupturas sociais e engajamento.....	50
SIMONE DE BEAUVOIR E A PROVOCAÇÃO PSICANALÍTICA.....	51
MÁ-FÉ, UMA ARQUEOLOGIA	52
O CORPO COMO A “VESTE” DA CARNE: UMA ANÁLISE DA ONTOLOGIA FENOMENOLÓGICA SOCIAL SARTRIANA.....	53
SESSÕES COORDENADAS.....	54
Eixo I- Colonialidade, direitos humanos e território em diálogo com Jean-Paul Sartre.....	55
A VIOLÊNCIA REVOLUCIONÁRIA; CONTRIBUIÇÕES EXISTENCIALISTAS	56
REDEMOCRATIZAÇÃO BRASILEIRA E <i>O SER E O NADA</i>	57
O QUE SANTA CATARINA VAI FAZER DO QUE FIZERAM DELA? A PROLIFERAÇÃO DAS CELULAS NEO-NAZISTAS EM UM OLHAR SARTRIANO ..	58
NA TRILHA DA JUVENTUDE CARIOCA: A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NAS POLÍTICAS PÚBLICAS COM JOVENS DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO.....	59
ANÁLISE DE UM MOVIMENTO SOCIAL EM DIÁLOGO COM SARTRE	60
TERRITORIALIDADES ÀS MARGENS: INFÂNCIAS E RESISTÊNCIAS EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA	61
Eixo II- questões interseccionais em diálogo com Jean-Paul Sartre.....	63
REFLEXÕES EXISTENCIALISTAS SOBRE O AUMENTO NO PADRÃO DE USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS EM ADOLESCENTES DO GÊNERO FEMININO.....	64
ATENDIMENTO PSICOLÓGICO A ADOLESCENTES APÓS TENTATIVA DE SUICÍDIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO HOSPITALAR	66
A MATERNIDADE A PARTIR DA ESCOLHA DE ADOÇÃO MONOPARENTAL	67
Eixo III- o pensamento sartriano e as situações contemporâneas - questões teóricas e epistemológica.....	68
A IMAGEM TRANSLÚCIDA DE UM EGO ENGAJADO.....	69



“ENTRE QUATRO PAREDES” VIRTUAL: AS RELAÇÕES NO TWITTER EM ARTICULAÇÃO COM O PENSAMENTO DE SARTRE	70
ALTERIDADE E GENEROSIDADE NAS OBRAS DE SARTRE: PERPASSANDO PELA LIBERDADE DO OUTRO E A NOSSA RESPONSABILIDADE COM OS DEMAIS	71
ANÁLISE EXISTENCIALISTA DA PRÁXIS E DA ALIENAÇÃO NO METAVERSO ..	72
DESVELANDO LA CONTINGENCIA: LA NÁUSEA DE SARTRE Y SU RELACIÓN CON LA NOCIÓN DE CONTINGENCIA.....	73
O OLHAR DO OUTRO SOBRE DANIEL PENNAC: REFLEXÕES À LUZ DE SARTRE	74
O RISCO DO APAGAMENTO DO PROJETO ANTIPSIQUIÁTRICO NA HISTÓRIA: UMA LEITURA A PARTIR DA DIALÉTICA DE GRUPOS EM SARTRE	75
SARTRE CONVERSA COM PIRANDELLO A RESPEITO DA MEDICALIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA	77
A IMPORTÂNCIA DA LÓGICA DIALÉTICA PARA COMPREENSÃO DO ADOECIMENTO PSICOSSOMÁTICO: UMA LEITURA EXISTENCIALISTA	78
ANÁLISE DO FENÔMENO DAS FAKE NEWS COM BASE NAS NOÇÕES DE MENTIRA E VIOLÊNCIA DE SARTRE	79
Eixo IV - o pensamento sartriano e as situações contemporâneas - questões metodológicas..	80
PESQUISAS BIOGRÁFICAS SOBRE A MEDICALIZAÇÃO DA INFÂNCIA: REFLEXÕES SOBRE O MÉTODO DE PESQUISA	81
A CORRELAÇÃO NECESSÁRIA E IRREDUTÍVEL ENTRE A “VIDA REAL” E A “VIDA IMAGINÁRIA” NA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA DE SARTRE.....	82
“ESTAR COM” É DIFERENTE DE SER INCLUÍDO: AS AULAS DE ARTE/TEATRO E O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO EM DIÁLOGO COM O PENSAMENTO SARTREANO	83
A RADICALIZAÇÃO DO MÉTODO REFLEXIVO	84
DESAFIOS E OPORTUNIDADES NO NOVO ENSINO MÉDIO: REFLEXÕES SOBRE O ITINERÁRIO PROJETOS DE VIDA À LUZ DO CONCEITO SARTRIANO DE PROJETO DE SER	85
ENTRE MARX E SARTRE: A CONTRIBUIÇÃO DE QUESTÃO DE MÉTODO PARA COMPREENDER O SENTIDO DO TRABALHO FLEXÍVEL.....	87
APORTE TEÓRICO E PRÁTICO DO MÉTODO BIOGRÁFICO SARTRIANO PARA AS PESQUISAS EM SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO.....	88
Eixo V - psicoterapias e demais práticas profissionais mediadas pela teoria sartriana	89
O SER DA "COMPREENSÃO PSICOTERAPÊUTICA" E O PROCESSO DO RACIOCÍNIO CLÍNICO FENOMENOLÓGICO EXISTENCIALISTA	90
A FUNÇÃO DOS GRUPOS DE TRABALHO NA PROTEÇÃO DA RACIONALIDADE DO PROCESSO CIENTÍFICO	93



A INSERÇÃO DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIALISTA SARTREANA NA ATENÇÃO CARDIOVASCULAR HOSPITALAR	95
A PSICOTERAPIA CIENTÍFICA EXISTENCIALISTA E A INTERVENÇÃO INTERDISCIPLINAR.....	98
A SITUAÇÃO DE IMIGRAÇÃO E A CLÍNICA EXISTENCIALISTA: ENTRE A EXECUÇÃO DO PROJETO DE SER E A INSTAURAÇÃO DA CRISE DE SISMAS E REPETIÇÕES COMO TENTATIVA DE ENFRENTAR OS MEDOS – RELATO DE CASO.....	100
COMO NASCER DEPOIS DE CRESCIDA: UM ESTUDO DE CASO A LUZ DAS CONTRIBUIÇÕES DE JEAN-PAUL SARTRE PARA A PSICOLOGIA CLÍNICA	102
CONSIDERAÇÕES ACERCA DA COMPREENSÃO DO PROCESSO DE FAZER-SE CRIANÇA, ENQUANTO FENÔMENO ATRAVESSADO PELA CONCRETUDE DA EXISTÊNCIA.....	103
CONSTITUIÇÃO DA PERSONALIDADE EM CONTEXTOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: IMPOTÊNCIA DE SER CRIANÇA VIVIDA NA ADULTEZ.....	104
DESAFIOS PARA UMA CLÍNICA EXISTENCIALISTA COM AUTISTAS	105
ENLACES: RELATO SOBRE A POTENCIALIZAÇÃO DE ATENDIMENTOS INDIVIDUAIS DE MEMBROS DE UM MESMO GRUPO FAMILIAR, ATRAVÉS DA ATUAÇÃO DE GRUPO DE TRABALHO DE CASOS CLÍNICOS.....	106
FORMAÇÃO CONTINUADA DE DOCENTES PARA O CUIDADO COM A SAÚDE EMOCIONAL/PSICOLÓGICA DOS DISCENTES.....	107
O PONTO DE VISTA DO PACIENTE SOBRE O PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO EXISTENCIALISTA	108
PARADOXO ENTRE DIAGNÓSTICO E COMPREENSÃO PSICOTERAPÊUTICA NA CLÍNICA EXISTENCIALISTA E SEUS DESDOBRAMENTOS PARA A PERSONALIZAÇÃO	109
PROCESSOS CLÍNICOS DA PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIALISTA NA PERSPECTIVA DOS PSICOTERAPEUTAS.....	110
PROJETO DE SER E RESPONSABILIDADE: GAMIFICAÇÃO COMO FACILITADORA NO DESENVOLVIMENTO DE ADOLESCENTES COM TDAH ...	111
PSICOLOGIA DA INFÂNCIA E DA ADOLESCÊNCIA: FAMÍLIA E ESCOLA.....	112
PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIALISTA: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA BASE CONCEITUAL DE REFERÊNCIA	113
ROMPENDO O CICLO: COMO A TEORIA EXISTENCIALISTA SARTRIANA PODE SER EFETIVA NO DESENVOLVIMENTO DE GRUPOS PARA AUTORES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER.....	114
SOFRIMENTO PSÍQUICO PSICOPATOLÓGICO: CONTRADIÇÃO VIVIDA COMO INSUPERÁVEL	115
TEMPORALIZAÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO DA ANSIEDADE DIANTE DO MUNDO DO TRABALHO	116



TORNAR-SE PSICOTERAPEUTA EXISTENCIALISTA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS	117
UM ENTENDIMENTO SOBRE O PROCESSO TRANSFERENCIAL PACIENTE-TERAPEUTA DE UM PONTO DE VISTA SARTREANO	118
CISMAS E REPETIÇÕES COMO TENTATIVA DE ENFRENTAR OS MEDOS – RELATO DE CASO.	119
HISTÓRIA DE VIDA E SOFRIMENTO PSÍQUICO GRAVE NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA EXISTENCIALISTA: NARRATIVAS EXISTENCIAIS	120
Eixo VI -- literatura, arte e compreensão da contemporaneidade em Sartre.	121
A CONCEPÇÃO DA AVENTURA ENQUANTO IRREALIZÁVEL: UMA LEITURA DE A NÁUSEA A PARTIR DE ALGUMAS REFLEXÕES DO <i>DIÁRIO DE UMA GUERRA ESTRANHA</i>	122
A IMPOSSIBILIDADE DE ESTETIZAR A PRÓPRIA VIDA: ROQUENTIN E O SOFRER MELÓDICO	123
ATELIÊ PSICOLOGIA E LITERATURA: TECENDO ANÁLISES EXISTENCIALISTAS SOBRE TEMAS CONTEMPORÂNEOS	124
CONSIDERAÇÕES ESTÉTICO-METODOLÓGICAS SOBRE O TINTORETTO DE SARTRE	125
EXISTENCIALISMO E TROPICÁLIA: APROXIMAÇÕES E APROPRIAÇÕES DO MOVIMENTO CONTRACULTURAL BRASILEIRO E A FILOSOFIA DE SARTRE	126
EXISTIR NA ADOLESCÊNCIA: DILEMA E REALIDADE	127
INIBIÇÃO MELANCÓLICA E A OBRA “A NÁUSEA”: UMA INTERFACE ENTRE A LITERATURA DE SARTRE E A PSICANÁLISE DE FREUD	128
NÓS E OS OUTROS: A PSICOLOGIA CIENTÍFICA EXISTENCIALISTA EM CENA	129
UMA COMPREENSÃO INTERSUBJETIVA DE OBRAS ARTÍSTICAS: DIÁLOGOS ENTRE NISE DA SILVEIRA, JEAN-PAUL SARTRE E SIMONE DE BEAUVOIR	130
RESUMOS EXPANDIDOS	131
Eixo I- Colonialidade, direitos humanos e território em diálogo com Jean-Paul Sartre	132
ANÁLISE DE UM MOVIMENTO SOCIAL EM DIÁLOGO COM SARTRE	133
REDEMOCRATIZAÇÃO BRASILEIRA E O SER E O NADA	138
TERRITORIALIDADE ÀS MARGENS: INFÂNCIAS E RESISTÊNCIAS EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA	142
NA TRILHA DA JUVENTUDE CARIOCA: A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NAS POLÍTICAS PÚBLICAS COM JOVENS DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO	147
Eixo II- questões interseccionais em diálogo com Jean-Paul Sartre	151
A MATERNIDADE A PARTIR DA ESCOLHA DE ADOÇÃO MONOPARENTAL	152



A TEORIA DA ESSENCIALIDADE EM JEAN-PAUL SARTRE: REFLEXÕES SOBRE HISTORICIDADE E O DIREITO MODERNO.....	158
PERSPECTIVAS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO SOBRE O AUMENTO NO PADRÃO DE USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS EM ADOLESCENTES DO GÊNERO FEMININO: CONEXÕES COM A PSICOLOGIA EXISTENCIALISTA	163
Eixo III- o pensamento sartriano e as situações contemporâneas - questões teóricas e epistemológicas	169
ANÁLISE DO FENÔMENO DAS FAKE NEWS COM BASE NAS NOÇÕES DE MENTIRA E VIOLÊNCIA DE SARTRE	170
ANÁLISE EXISTENCIALISTA DA PRÁXIS E DA ALIENAÇÃO NO METAVERSO	175
UMA ANÁLISE EXISTENCIAL DA TRAJETÓRIA SOCIOPROFISSIONAL DO ESTUDO DO CASO EDDY M	180
ALTERIDADE E GENEROSIDADE NAS OBRAS DE SARTRE: PERPASSANDO PELA LIBERDADE DO OUTRO E A NOSSA RESPONSABILIDADE COM OS DEMAIS ...	185
“ENTRE QUATRO PAREDES” VIRTUAL: AS RELAÇÕES NO TWITTER EM ARTICULAÇÃO COM O PENSAMENTO DE SARTRE	190
“DESVELANDO LA CONTINGENCIA: LA NÁUSEA DE SARTRE Y SU RELACIÓN CON LA NOCIÓN DE CONTINGENCIA”	196
O RISCO DO APAGAMENTO DO PROJETO ANTIPSIQUIÁTRICO NA HISTÓRIA: UMA LEITURA A PARTIR DA DIALÉTICA DE GRUPOS EM SARTRE	200
Eixo IV - o pensamento sartriano e as situações contemporâneas - questões metodológicas	206
A CORRELAÇÃO NECESSÁRIA E IRREDUTÍVEL ENTRE A “VIDA REAL” E A “VIDA IMAGINÁRIA” NA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA DE SARTRE.....	207
A RADICALIZAÇÃO DO MÉTODO REFLEXIVO	210
APORTE TEÓRICO E PRÁTICO DO MÉTODO BIOGRÁFICO SARTRIANO PARA AS PESQUISAS EM SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO.....	214
“ESTAR COM” É DIFERENTE DE SER INCLUÍDO: AS AULAS DE ARTE/TEATRO E O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO EM DIÁLOGO COM O PENSAMENTO SARTREANO	219
DESAFIOS E OPORTUNIDADES NO NOVO ENSINO MÉDIO: REFLEXÕES SOBRE O ITINERÁRIO PROJETOS DE VIDA À LUZ DO CONCEITO SARTRIANO DE PROJETO DE SER	225
PESQUISAS BIOGRÁFICAS SOBRE A MEDICALIZAÇÃO DA INFÂNCIA: REFLEXÕES SOBRE O MÉTODO DE PESQUISA	231
Eixo V - psicoterapias e demais práticas profissionais mediadas pela teoria sartriana	235
O PONTO DE VISTA DO PACIENTE SOBRE O PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO EXISTENCIALISTA.....	236
A FUNÇÃO DOS GRUPOS DE TRABALHO NA PROTEÇÃO DA RACIONALIDADE DO PROCESSO CIENTÍFICO	242



ENTRE MARX E SARTRE: A CONTRIBUIÇÃO DE QUESTÃO DE MÉTODO PARA COMPREENDER O SENTIDO DO TRABALHO FLEXÍVEL	246
COMO NASCER DEPOIS DE CRESCIDA: UM ESTUDO DE CASO A LUZ DAS CONTRIBUIÇÕES DE JEAN-PAUL SARTRE PARA A PSICOLOGIA CLÍNICA	250
PARADOXO ENTRE DIAGNÓSTICO E COMPREENSÃO PSICOTERAPÊUTICA NA CLÍNICA EXISTENCIALISTA E SEUS DESDOBRAMENTOS PARA A PERSONALIZAÇÃO	255
UM ENTENDIMENTO SOBRE O PROCESSO TRANSFERENCIAL PACIENTE-TERAPEUTA DE UM PONTO DE VISTA SARTREANO	260
CONSIDERAÇÕES ACERCA DA COMPREENSÃO DO PROCESSO DE FAZER-SE CRIANÇA, ENQUANTO FENÔMENO ATRAVESSADO PELA CONCRETUDE DA EXISTÊNCIA	265
A SITUAÇÃO DE IMIGRAÇÃO E A CLÍNICA EXISTENCIALISTA: ENTRE A EXECUÇÃO DO PROJETO DE SER E A INSTAURAÇÃO DA CRISE DE SI.....	270
CONSTITUIÇÃO DA PERSONALIDADE EM CONTEXTOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: IMPOTÊNCIA DE SER CRIANÇA VIVIDA NA ADULTEZ.....	275
PROCESSOS CLÍNICOS DA PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIALISTA NA PERSPECTIVA DOS PSICOTERAPEUTAS.....	279
A NECESSÁRIA SUPERAÇÃO DA TESE PSIQUIATRIZANTE EM DIREÇÃO A UMA SÍNTESE PÓS-PSIQUIÁTRICA: RELATO DE UMA INTERVENÇÃO VIABILIZADORA	283
O SER DA "COMPREENSÃO PSICOTERAPÊUTICA" E O PROCESSO DO RACIOCÍNIO CLÍNICO FENOMENOLÓGICO EXISTENCIALISTA	289
A REVOLTA COMO AFIRMAÇÃO DA LIBERDADE: REFLEXÕES COM SIMONE DE BEAUVOIR.....	294
A PSICOLOGIA EXISTENCIALISTA E AS INFÂNCIAS NO CONTEXTO DA ATENÇÃO PSICOSSOCIAL À SAÚDE: ENCONTROS E APROXIMAÇÕES.....	299
TEMPORALIZAÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO DA ANSIEDADE DIANTE DO MUNDO DO TRABALHO	304
TORNAR-SE PSICOTERAPEUTA EXISTENCIALISTA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS	309
Eixo VI – literatura, arte e compreensão da contemporaneidade em Sartre	314
INIBIÇÃO MELANCÓLICA E A OBRA “A NÁUSEA”: UMA INTERFACE ENTRE A LITERATURA DE SARTRE E A PSICANÁLISE DE FREUD	315
ATELIÊ PSICOLOGIA E LITERATURA: TECENDO ANÁLISES EXISTENCIALISTAS SOBRE TEMAS CONTEMPORÂNEOS	320
EXISTIR NA ADOLESCÊNCIA: DILEMA E REALIDADE.....	326
UMA COMPREENSÃO INTERSUBJETIVA DE OBRAS ARTÍSTICAS: DIÁLOGOS ENTRE NISE DA SILVEIRA, JEAN-PAUL SARTRE E SIMONE DE BEAUVOIR	331



EXISTENCIALISMO E TROPICÁLIA: APROXIMAÇÕES E APROPRIAÇÕES DO MOVIMENTO CONTRACULTURAL BRASILEIRO E A FILOSOFIA DE SARTRE	336
SARTRE E O ENGAJAMENTO.....	341



APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que apresentamos os Anais desta IV edição do Colóquio Internacional sobre Sartre (COLINSAR). Este volume reúne resumos simples e expandidos de trabalhos de estudantes, pesquisadores e profissionais de diversas áreas, que compartilham como ponto em comum a inspiração no pensamento de Jean-Paul Sartre e/ou Simone de Beauvoir.

A cada edição, o COLINSAR consolida-se como um espaço interdisciplinar de encontro, reflexão e troca de ideias sobre o existencialismo e seus diálogos. O tema deste encontro, *Situações Contemporâneas: Rupturas Sociais, Sofrimento e Engajamento*, destacou a conexão do pensamento existencialista com o presente, tanto por meio do aprofundamento teórico-metodológico sobre as filosofias de Sartre e Beauvoir quanto pela análise de questões contemporâneas e propostas de intervenção mediadas por essa lente de compreensão. Estes anais são evidência disso. Aqui encontramos debates em diferentes temáticas, produzidos por pessoas das Ciências Humanas, Ciências da Saúde, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes e Ciências Exatas e da Terra. Alguns temas abrangidos pelas apresentações são: a política brasileira e internacional; questões em torno da adolescência e juventude na contemporaneidade; as relações entre existencialismo, literatura e arte; diálogos com a psicopatologia e antipsiquiatria; estudos de casos clínicos; processo psicoterápico; teoria e prática do trabalho com grupos; questões de gênero, raça, classe e território; educação; redes sociais e a virtualidade, dentre outros.

Gostaríamos de celebrar alguns marcos importantes desta edição. Primeiramente, ela marca o retorno do evento à sua casa de origem, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e ao Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial (Psiclin), vinculado ao Departamento de Psicologia. Foi na UFSC, em 2015, que essa tradição de encontros começou, culminando no primeiro COLINSAR em 2018. Esse retorno, após as edições em Maringá, em 2019, e no Rio de Janeiro, em 2022, evidencia a rede colaborativa que o Colóquio vem construindo ao longo dos anos.

Outra conquista significativa foi o financiamento público obtido por meio de um edital do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Esse apoio



permitiu um suporte importante, especialmente para a viabilização das conferências nacionais e internacionais e das mesas-redondas.. Além disso, o edital reconhece a relevância crescente do Colóquio, consolidando-o como um evento internacional de destaque para as diferentes áreas do conhecimento e para os estudiosos do existencialismo.

Diante do prático-inerte de seu tempo, Sartre se colocou como um pensador crítico, que não se furtou a agir diante das mais diversas tentativas de cooptação da vida. Sua obra nos convida ao mesmo caminho em tempos sombrios, em que a negação da liberdade ou a tomada dela em sua acepção mais enganosa, a liberdade individual do capitalismo, se faz presente. Afinal, como escolhemos estampar nas camisetas de nosso IV Colóquio Internacional sobre Sartre, ele é o pensador que nos indica que “O ato individual engaja toda a humanidade”. O COLINSAR é ato coletivo que sustenta esse modo de compreensão da vida, na aposta, junto com Beauvoir, de que “Querer ser livre é também querer livres os outros”, frase que também nos inspirou ao longo desta edição. Que outras edições venham e nos animem nesse espírito de criação de um espaço em que a vida seja sempre mais possível.

Boa leitura!



BREVE HISTÓRICO DO EVENTO

O Colóquio Internacional sobre Sartre é evento acadêmico que visa o fortalecimento de redes de estudo e pesquisa no existencialismo, que teve como ponto de partida o Colóquio *Sartre – 110 Anos – Sartre e a contemporaneidade*, realizado em 26 de junho de 2015, por professoras do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Contou com um público em média de 120 participantes e uma característica mais regional, com participantes advindos principalmente de Santa Catarina.

A próxima edição do Colóquio ganhou um espectro territorial mais amplo e um caráter internacional, tendo ocorrido entre 04 a 06 de setembro de 2018, também na UFSC. Envolveu cerca de 200 pesquisadoras/es, professoras/es e estudantes de várias universidades brasileiras que se fizeram presentes nas mesas redondas, conferências e sessões regionais, bem como convidadas/os internacionais, especialistas na obra de Sartre, de Portugal, França, Bélgica e de alguns países latino-americanos, inaugurando a nova série de eventos, definido como *I Colóquio Internacional sobre Sartre*, com o tema “O existencialismo como fundamento crítico para tempos de crise social”.

O *II Colóquio Internacional sobre Sartre*, com o tema “Interseccionalidades na compreensão do sujeito contemporâneo”, ocorreu no ano seguinte, organizado por professoras do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM), com a colaboração do GT de Filosofia Francesa Contemporânea da ANPOF (Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia). O evento ocorreu em 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2019, envolvendo 334 pessoas, entre acadêmicas/os, docentes e pesquisadoras/es de diversas Instituições do Brasil, Portugal e Colômbia.

O *III Colóquio Internacional sobre Sartre*, cujo tema foi “Virtualidade, pandemia e suas repercussões ético-políticas” ocorreu entre os dias 19 a 21 de outubro de 2022, na PUC-Rio, Gávea, Rio de Janeiro, um dos primeiros eventos científicos presenciais pós-pandemia, por isso, com menor público geral, tendo 180 participantes de várias partes do Brasil e da Rede Latino Americana de Estudiosos em Sartre. Foi organizado por professoras/es do Departamento de Filosofia da PUC do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul.

Já o *IV Colóquio Internacional sobre Sartre* ocorreu entre os dias 06 e 08 de novembro de 2024, na Universidade Federal de Santa Catarina, reunindo público de 377 participantes, englobando desde estudantes do Ensino Médio até professores doutores nacionais e internacionais. Marcado como a maior edição do evento até o momento, consolidou-se como espaço de trocas profícuas de conhecimentos e práticas profissionais com base no



Existencialismo e na construção de subsídios para o enfrentamento dos desafios impostos pelas situações contemporâneas, as rupturas sociais e os sofrimentos delas decorrentes, assim como do necessário engajamento nas lutas pela ampliação das possibilidades de ser para todas as pessoas. Estas discussões foram articuladas com o tema escolhido para a edição, “Situações contemporâneas: rupturas sociais, sofrimento e engajamento”.



CONFERÊNCIAS





CONFERÊNCIAS INTERNACIONAIS¹

Conferência de Abertura

Dr. Jérôme Englebert (*Universidade de Liège/Bélgica*)

Dr. Grégory Cormann (*Universidade de Liège/Bélgica*)

Mediação: Dr. Fábio Castro Leite (Pontifícia Universidade Católica - RS)

Conferência 1

Dra. Kate Kirkpatrick (*King's College/Londres*)

Mediação: Dr. Rodolfo Rodrigues de Souza (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Conferência 2

Dr. Lewis Gordon (*Universidade de Connecticut*)

Mediação: Dra. Lia Vainer Schucman (Universidade Federal de Santa Catarina)
Dr. Rodolfo Rodrigues de Souza (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Conferência 3

Dra. Gaye Cankaya Eksen (*Departamento De Filosofia Da Universidade Galatasaray/Istambul*)

Mediação: Dra. Daniela Ribeiro Schneider (Universidade Federal de Santa Catarina)

¹ O texto completo das apresentações de conferencistas internacionais será publicado oportunamente em livro do Colóquio. O lançamento do livro será amplamente divulgado no site e nas redes sociais do evento.



CONFERÊNCIA NACIONAL

Conferência de Encerramento

Dra. Sylvia Mara Pires de Freitas (*Universidade Estadual de Maringá*)

Mediação: Dra. Zuleica Pretto (*Universidade Federal de Santa Catarina*)

DESAFIOS DOS(AS) INTELLECTUAIS NA ERA DO CAPITALISMO DE VIGILÂNCIA

Sylvia Mara Pires de Freitas (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Líder do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Psicologia, Fenomenologia e Existencialismo - LIEPPFEX, Coordenadora do Grupo de Estudos em Fenomenologia e Existencialismo – GEFEX, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil)

contato: sylviamara@gmail.com

RESUMO

A expressão “capitalismo de vigilância” foi criada pela americana Shoshana Zuboff, filósofa, PhD em psicologia social e professora aposentada pela Harvard Business School. Em seu livro traduzido como *A Era do Capitalismo de Vigilância: A Luta por um Futuro Humano na Nova Fronteira do Poder*, publicado originalmente em inglês em 2019, Zuboff refere-se à experiência humana como um elemento-chave dessa nova ordem econômica. As informações fornecidas por usuários(as) de plataformas virtuais, muitas delas viabilizadas voluntária e irrefletidamente, revelam o engajamento com determinados assuntos. Essas informações são dados brutos (matéria-prima) extraídos pelas *Big Techs*. Segundo a autora, as informações mais relevantes para essas empresas retornam aos(às) usuários(as) para controlar seus comportamentos. *Big Techs*, tais como a holding Alphabet Inc. (detentora do Google), Meta (Facebook, Instagram, Messenger e WhatsApp), X Corp. (antigo Twitter) e muitas outras, a partir do engajamento dos(as) internautas, os(as) agrupam em coletividades seriais conforme a afinidade de suas convicções. Esses empreendimentos são extremamente rápidos e efêmeros, uma vez que se baseiam nos interesses dos(as) usuários(as). Sobre a expressão “capitalismo de vigilância”, há controvérsias entre teóricos, mas não podemos negar o lucro e a ascensão de empresas com o monitoramento, coleta e análise massiva de dados pessoais, a corrosão da privacidade e a influência de valores e crenças para manipulação de comportamentos – “*Ecce homo data*”. Mesmo em épocas distintas, a necessidade fundamental de grupos soberanos para atingir seus objetivos é a mesma: o poder sobre a liberdade das pessoas. Sartre, em sua obra *Em Defesa dos Intelectuais*, publicada originalmente em 1972, demonstra o lugar contraditório que eles(as) ocupam na sociedade, uma vez que, concomitantemente, experienciam as contingências históricas e devem denunciá-las. Ademais, Sartre também ressalta o compromisso do(a) intelectual com a verdade das pessoas menos favorecidas. Não obstante, os(as) intelectuais enfrentam uma realidade histórica mais controversa, sendo seus desafios o tema que propomos explorar com este trabalho, convidando-os(as) à reflexão. Os(as) intelectuais das ciências humanas e sociais não conseguem acompanhar os avanços tecnológicos para compreendê-los em tempo real, principalmente decorrente da precarização de recursos para pesquisas empíricas e pela obsolescência programada, tanto eletrônica quanto



de softwares. Além disso, o interesse de muitas empresas está associado a determinados grupos políticos, logo, exploram informações que desvalorizam as ciências. Ao apelarem para as crenças pessoais e as emoções, forjam verdades para que as pessoas mais carentes também acreditem nelas. Não é à toa que o neologismo usado para esse projeto é o de Pós-verdade. Dessa forma, esse é um cenário propício para o crescimento contínuo e rápido do trabalho do especialista do saber prático, adensado por pessoas que postam conteúdos como se fossem “especialistas” no assunto. Essa possibilidade também enfraquece o exercício crítico científico. Sartre diz que é importante para o(a) intelectual reconhecer suas contradições, exercitar a autocrítica com base na sua experiência e conhecer as técnicas fornecidas pelos grupos soberanos que correspondem à verdade prática da sociedade, cujo objetivo é preservar os fins históricos. Diante disso, é crucial despertar inquietações a fim de refletir sobre os desafios do(a) intelectual na contemporaneidade.

Palavras-chave: Existencialismo. Sartre. Vivência. Engajamento. Era digital.

MESAS REDONDAS





Mesa Redonda 1 - Perspectivas sartrianas na América Latina

- Dr. Alan Savignano (Universidad de Buenos Aires)
- Dr. Arturo Alberto Cardozo Beltrán (Universidad del Atlántico – Colômbia)
- Dr. Cedric Steinlen Cuevas (Ministerio de las Culturas, las Artes y el Patrimonio de la Región de Coquimbo - Chile)
- Dra. Thana Mara de Souza (Universidade Federal do Espírito Santo)

Mediação: Lucrécia Corbella (Fiocruz)



COMO TERIA SIDO UMA ÉTICA EXISTENCIALISTA?

Alan Patricio Savignano (Programa de Becas Internas de Posdoctorado del CONICET-Argentina) (UBA-UNLa-ANCBA-CONICET, Buenos Aires, Argentina).

contato: savignanoalan@gmail.com

RESUMO

No final da Segunda Guerra Mundial, o existencialismo de Sartre e Beauvoir alcançou uma fama sem precedentes para uma doutrina filosófica na cultura francesa e na cultura de outros países do resto do mundo. O casal existencialista espalhava na época as ideias de que a existência é contingente, a essência do ser humano é a liberdade e que ela está comprometida com seu entorno. Estas ideias se fundavam na ontologia fenomenológica de *L'Être et le néant* (1943) de Sartre. Neste ensaio, o filósofo descrevia as principais modalidades do ser, ser-Para-si e ser-Em-Si, que correspondem ao ser do humano e ao do não-humano, além de apresentar uma antropologia filosófica centrada no desejo ontológico da subjetividade humana de tornar-se idêntica consigo mesma (ou seja, tornar-se Em-si-Para-si).

Sartre anuncia a saída próxima de um novo ensaio dedicado à ética nas conclusões de *L'Être et le néant*. Entre 1947 e 1948, ele redigiu uma série de notas em dois extensos cadernos para cumprir sua promessa. Esses cadernos só foram conhecidos postumamente em 1983, sob o título "Cahiers pour une morale". Além disso, Beauvoir publicou naquela época dois livros breves sobre filosofia moral: *Pyrrhus et Cinéas* (1944) e *Pour une morale de l'ambiguïté* (1947). No entanto, o projeto de uma ética existencialista foi abandonado pelo casal antes do final da década. Ambos concordaram que o que estavam construindo não seria mais do que uma outra moral idealista, que negligenciaria as dificuldades em que vivia a maior parte da população mundial. Tornou-se prioritário para eles não partir da liberdade abstrata, mas da liberdade material, isto é, aquela que se identifica com a necessidade e a *praxis*. Começava a aproximação dos dois pensadores à filosofia marxista, ao mesmo tempo que Beauvoir se interessava pelo problema de que a liberdade das mulheres historicamente fora restringida pela dos homens.

Embora do abandono por parte de seus autores, gostaria nesta apresentação de reconstruir o que teriam sido os princípios, os valores, as máximas e as problemáticas gerais daquela ética existencialista frustrada. Vou me concentrar nas noções de conversão, autenticidade e generosidade. Abordarei a aporia de como a liberdade, apesar de se identificar com o ser da realidade humana, possa de certa maneira perder-se por um mesmo ato livre do indivíduo. Além disso, analisarei o ideal estético da moral existencialista que considerava o projeto existencial como uma obra de arte em sua missão de desvelamento do Ser. Meu objetivo último é resgatar essas contribuições originais daquela ética de Sartre e Beauvoir para avaliar sua importância na atualidade.

Palavras-chave: Existencialismo. Ética. Moral. Sartre. Beauvoir.



MI MUERTE: PROBLEMAS ONTOLÓGICOS FUNDAMENTES SOBRE LA MUERTE EN LA FILOSOFÍA SARTREANA

Arturo Cardozo

Universidad del Atlántico-Barranquilla-Colombia

Magister en filosofía de la Universidad del Norte Barranquilla-Colombia Candidato a Doctor por la Universidad de Antioquia- Medellín-Colombia y por La Pontificia Universidad Católica de Río Grande del Sur Porto Alegre- Brasil

arturocardozo@mail.uniatlantico.edu.

El estudio que hace Sartre sobre la muerte en *El Ser y la nada* se puede encontrar en el apartado intitulado *Mi muerte*. En este el filósofo francés inicia comparando la idea que algunos tienen sobre la muerte con el silencio que hace posible que se dé una melodía. La metáfora que hace Sartre entre la muerte y el silencio consiste en lo siguiente: el silencio en la música sirve para crear un contraste rítmico entre notas sonoras, las pausas o espacios entre notas son pequeños momentos de silencio que permiten formar patrones rítmicos que precisan la velocidad y el pulso de la misma melodía. Entonces se podría considerar al silencio como una especie de telón de fondo que, aunque este en un segundo plano, termina por condicionar o determinar a la melodía. Justo esta es la idea que se puede tener sobre la muerte; es decir, la muerte, al igual que el silencio en la música, está de trasfondo supeditando la vida de todo ser humano: “la muerte se convierte en el sentido de la vida como el acorde de resolución es el sentido de la melodía” (Sartre, 1993, p.555).

Por otro lado, Sartre dice, que esta concepción sobre la muerte adquiere su forma filosófica en el pensamiento heideggeriano: “A Heidegger estaba reservado dar forma filosófica a esta humanización de la muerte” (Sartre, 1993, p.556). Es decir, Heidegger llama *Sorge*, *cuidado*, a la estructural ontológica y fundamental que constituye al *Dasein*. El *cuidado* refiere a la forma de *estar-en-el-mundo* del *Dasein*; esta forma consiste en estar siempre anticipado ante cualquier situación que pueda afectar o terminar con la vida de uno. Dicho de otra forma, la posibilidad de morir que le es propia al *Dasein*, lo condiciona en su modo de *estar-en-el-mundo*, ya que el *Dasein* siempre estará *cuidándose* de toda fatalidad. La muerte es la posibilidad más propia que tiene el *Dasein*, porque entre todas las posibilidades que el *Dasein* tiene, la muerte es la única que de manera segura si le acontecerá. Por el contrario, a Heidegger, el filósofo francés va a concluir que la muerte es un *absurdo* y por lo tanto no introduce ningún sentido a la realidad humana: “Ante todo, hay que señalar el carácter absurdo de la muerte. En este sentido, toda tentación de considerarla como un acorde de resolución al final de una melodía, debe ser rigurosamente apartada” (Sartre, 1993, p.556). ¿Qué propuesta filosófica, la heideggeriana o la sartreana, permite dar una comprensión más adecuada sobre la muerte? Responder este cuestionamiento hace parte de la siguiente ponencia además de analizar los problemas ontológicos que yacen en la filosofía sartreana.

COLINSAR



ANAIS DO IV COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE SARTRE: “Situações contemporâneas: rupturas sociais, sofrimento e engajamento” UFSC/Florianópolis/SC – 06, 07 e 08 de novembro de 2024 - ISSN 2596-0032 - <https://www.ivcoloquiosartre.com.br/anaisdoevento>

Palavras-chave: Sartre, Heidegger, muerte, sentido.



LA FILOSOFÍA DE LA HISTORIA DE SARTRE: RUPTURAS Y CONTINUIDADES ENTRE EL SER Y LA NADA Y LA CRÍTICA DE LA RAZÓN DIALÉCTICA.

Cedric Steinlen (Departamento de Sociología; Universidad Central de Chile; La Serena-Coquimbo).
Contacto: cedric.steinlen1@gmail.com

RESUMO

Jean-Paul Sartre fue un intelectual, escritor de novelas, ensayista, dramaturgo y filósofo francés que se caracterizó por haber construido la más radical filosofía de la libertad que hasta hoy haya aparecido en la historia de la filosofía. Este empeño por desarrollar una filosofía de la libertad se va a moldear en su primera etapa a partir del método fenomenológico, mediante el cual escribirá su libro de filosofía más célebre: *El ser y la nada*; luego de la Segunda Guerra Mundial dará un giro metodológico y se comprometerá de manera heterodoxa con la teoría y praxis del marxismo, lo cual dará como resultado su segunda gran obra: *Crítica de la razón dialéctica*. A través del presente proyecto de investigación pretendemos analizar los aspectos fundamentales del problema filosófico de la historia presente en estas dos obras fundamentales del pensamiento de Sartre, con el fin de determinar si existe una complementariedad entre las descripciones fenomenológicas sobre la temporalidad de *El ser y la nada* y el materialismo histórico de la *Crítica de la razón dialéctica*. En segundo lugar, buscamos determinar si es que es posible establecer que en la antropología estructural e histórica propuesta por Sartre en la *Crítica de la razón dialéctica* hay implícita una filosofía de la historia.

Palavras-chave: Historia. Fenomenología. Marxismo.



A ATUALIDADE DA METODOLOGIA SARTRIANA CONTRA AS ARMADILHAS DO SUBJETIVISMO INSTANTANEÍSTA CONTEMPORÂNEO

Thana Mara de Souza (Departamento de Filosofia/UFES - Vitória/ES e Membro do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFES e da UFPR)

RESUMO

Trata-se de compreender a proposta metodológica sartriana - presente desde o início até o fim de suas obras - e como ela é fundamental para abordarmos situações contemporâneas sem cair em opostos que se revelam o mesmo. Na crítica (correta) a um racionalismo abstrato e opressivo, temos caído no oposto tão perigoso quanto: em um subjetivismo voluntarista e relativista que abre mão de verdades objetivas em prol de narrativas descoladas do real. Nesse sentido, trazer a ambiguidade do pensamento sartriano, sempre mantendo uma diferença teórica entre termos, mas ao mesmo tempo sempre mostrando a impossibilidade de separá-los, trazer a relação tensa entre subjetividade e objetividade, nos parece essencial para sairmos das armadilhas contemporâneas. Partiremos, assim, das obras dos anos 1940, principalmente da noção de psicanálise existencial (que tenta dar conta ao mesmo tempo da estrutura do Para-si e da projeções pessoais, não determinadas pela estrutura), e chegaremos às obras dos anos 1960, apontando para o método regressivo-progressivo, que traz, com outra perspectiva, mas com mesma preocupação, a proposta de pensarmos a relação entre universal e singular, entre História e pessoa, sem que o pêndulo paralise seu movimento em um dos lados apenas. Mesmo que com modificações e ênfases distintas, a metodologia sartriana ao pensar a relação entre subjetividade e objetividade permanece a mesma. Faremos, desse modo, a passagem pela metodologia nesses dois momentos para chegarmos, ao fim da apresentação, às situações contemporâneas e aos riscos que estamos tendo de, na ânsia de criar algo distinto, reproduzirmos um autoritarismo teórico e político de um só lado.

Palavras-chave: Sartre. Metodologia. Contemporaneidade.



Mesa Redonda 2 - Gênero, violências e desigualdades

- Dra. Luiza Hilgert (Universidade Federal de São Carlos)
- Dra. Fernanda Alt Fróes Garcia (Universidade Estadual do Rio de Janeiro)
- Dra. Paula Helena Lopes (CESUSC/UNISUL)

Mediação: Dra. Adria de Lima Sousa (Universidade Federal do Amazonas)



APESAR DE VOCÊ: LIBERDADE, TRANSCENDÊNCIA E RESISTÊNCIA EM BEAUVOIR E SARTRE

Luiza Hilgert (UFSCar; São Carlos-SP; Brasil).

lhhilgert@gmail.com

RESUMO

Este estudo procura analisar as concepções de liberdade, transcendência e resistência em Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, criando um diálogo entre suas perspectivas éticas, políticas e ontológicas. O exame inicia com a polêmica afirmação de Sartre sobre liberdade sob a ocupação nazista, propondo um paralelo hipotético com a opressão patriarcal segundo Beauvoir. Enquanto Sartre entende a liberdade como uma condição ontológica do para-si e a resistência como uma reafirmação da autonomia, integra elementos materiais e históricos em sua *práxis*, conectando a liberdade com a ação em contextos de opressão. Em contrapartida, Beauvoir enriquece o conceito ao situá-lo não apenas ao contexto sócio-histórico, mas também ao gênero, enfatizando que a liberdade autêntica é um projeto ético relacional que demanda o reconhecimento da alteridade e o compromisso com a emancipação coletiva. Ao abordar a opressão, Sartre investiga como a objetificação do Outro, exemplificada neste texto pela questão judaica e pelo antissemitismo, nega a liberdade do oprimido, ainda que ressalte a possibilidade de resistência individual. Já Beauvoir, em *O Segundo Sexo*, critica a construção social da mulher como Outro e demonstra como a opressão feminina decorre de normas patriarcais, defendendo a *práxis* feminista como caminho para a emancipação coletiva. Na análise da luta por liberdade, ambos os filósofos observam que a opressão não elimina completamente a capacidade de transcendência, mas a liberdade plena só pode se concretizar em um projeto coletivo que desafia as estruturas opressoras. Finalmente, o artigo aponta para as conexões com Frantz Fanon, que, em diálogo com Sartre, destaca a resistência violenta como meio legítimo para recuperar a dignidade em contextos de colonização. Beauvoir difere de Sartre na visão de que a opressão patriarcal jamais conferiu às mulheres a mesma posição de Sujeito que os homens um dia desfrutaram, propondo uma luta ética e política que responsabilize tanto opressores quanto oprimidos na construção de uma sociedade mais justa.

Palavras-chave: Opressão. Emancipação. Autonomia.



QUEM É O OUTRO INFERNAL? UM QUESTIONAMENTO HISTÓRICO E FEMINISTA DA ALTERIDADE NA PERSPECTIVA SARTRIANA

Fernanda Alt (Departamento de Filosofia) PUC-Rio, Rio de Janeiro, Brasil

contato: fernandaalt@gmail.com

RESUMO

A célebre teoria do olhar desenvolvida por Sartre em *O Ser e o Nada* propõe um modelo de relação eu-outro que pode ser questionado em suas implicações políticas. Embora esse modelo já tenha sido amplamente criticado, notadamente por Merleau-Ponty, ele ainda é considerado uma das principais chaves teóricas para se pensar a alteridade na contemporaneidade. Neste trabalho, pretendo explorar a crítica feminista de Linda Alcoff à teoria sartriana, encontrada em sua obra *Visible Identities*, por trazer um caminho original de questionamento. Alcoff demonstra como a teoria sartriana propõe um modelo de relação com o outro politicamente problemático, no qual este é sempre visto como uma ameaça ou como opressor em relação ao “verdadeiro si” que é o para-si e assim à liberdade do sujeito. Além disso, ao definir o sujeito pelo poder de negação de toda facticidade histórica e intersubjetiva, Sartre parece afirmar uma separação entre o “si” e a identidade política, relegando esta última à ilusão ou à má-fé. Nas reflexões de Alcoff, isso acaba por deslegitimar tentativas de se pensar as identidades e sua importância nas lutas contra as opressões. Diante disso, irei contrapor algumas das posições de Alcoff sobre a filosofia sartriana, mais especificamente no que diz respeito a forma como ela compreende a negação, para, em seguida, concordar com a necessidade que ela reivindica de historicizar o modelo de relação com o outro proposto por Sartre, deslocando-o de suas pretensões universais. Assim, busco refletir, de forma situada e por um viés decolonial, sobre quem é o outro que aparece como “infernado” no pensamento sartriano dos anos 1940, tal como na famosa exclamação de Sartre de que “o inferno são os outros”, e para quem o outro aparece dessa forma. Ao situar a teoria sartriana em diálogo com a crítica de Alcoff, espero abrir o debate sobre suas implicações políticas nos dias de hoje.

Palavras-chave: Alteridade. Identidade. Linda Alcoff. Sartre. Feminismo decolonial.



Mesa Redonda 3 - Situações contemporâneas e sofrimento

- Dr. Fabio Caprio Leite de Castro (Pontifícia Universidade Católica - RS)
- Msc Thaís de Sá Oliveira (Universidade da Beira Interior)
- Dra. Daniela Ribeiro Schneider (Universidade Federal de Santa Catarina).

Mediação: Dr. Marcelo da Silva Norberto (Pontifícia Universidade Católica - RJ)



DO ESPÍRITO DE SERIEDADE AO ESPÍRITO DE JOGO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PERSPECTIVA CLÍNICA DE BETTY CANNON

Fabio Caprio Leite de Castro (Programa de Pós-Graduação em Filosofia – PUCRS, Porto Alegre/RS, Brasil)

contato: facaprio@hotmail.com

RESUMO

No livro *O Ser e o Nada*, Sartre apresenta a ideia de uma psicanálise existencial, isto é, um método construído sobre as bases da ontologia fenomenológica e cujo objetivo fundamental seria o de desvendar, de tornar compreensível, o sentido do projeto existencial concreto de uma pessoa. Uma tal psicanálise, que “ainda não encontrou seu Freud”, mas cujo pressentimento pode ser observado em estudos biográficos realizados pelo próprio Sartre, se mostra, antes de tudo, como um método hermenêutico-existencial. No *Idiota da Família*, a psicanálise existencial é retomada no interior do método progressivo-regressivo e se consagra nos termos de um método biográfico. Nos últimos anos de sua obra, Sartre aproximou-se criticamente da psicanálise e da antipsiquiatria, mas não se preocupou em desenvolver a psicanálise existencial no campo clínico. A tarefa de construir uma psicanálise existencial como *método terapêutico* é um desafio assumido pelos profissionais da saúde mental. Uma pergunta de fundo, que se volta para as possíveis aplicações clínicas da psicanálise existencial, é *para quê, a que serve o modelo empregado*. O objetivo central desta apresentação é trazer ao debate, junto ao círculo latino-americano de investigadores sobre as práticas clínicas da psicanálise existencial, uma possibilidade de resposta a esta interrogação. Trata-se do aspecto que foi apresentado por Betty Cannon, no livro publicado originalmente em 1991, *Sartre e a psicanálise – Um desafio existencialista à meta-teoria clínica*. Este aspecto é, em oposição ao “espírito de seriedade”, o “espírito de jogo”, ou seja, uma espécie aceitação lúdica da liberdade, a ser colocada em um possível horizonte terapêutico. Propõe-se, para este fim, uma apresentação em três etapas. Inicialmente, analisa-se de modo propedêutico a abordagem de Betty Cannon, em especial, o modo como ela promove o diálogo e o confronto entre Sartre e a psicanálise freudiana. Esta breve análise preliminar permitirá, em seguida, situar a psicanálise existencial contra os teóricos da pulsão e na direção de uma psicanálise relacional do si mesmo, incluindo aí a dimensão do mundo sócio-material. Por fim, a partir desta perspectiva, coloca-se em questão como a terapia pode contribuir para o processo catártico, correspondente à dissolução do espírito de seriedade em sua tendência à rigidez substantivista e possessiva, para que, em seu lugar, possa emergir, por meio do jogo, uma mais autêntica forma de relacionamento com os outros, uma mais autêntica forma de assunção material da vida.

Palavras-chave: Psicanálise existencial. Psicanálise freudiana. Espírito de Seriedade. Espírito de Jogo.



SERIA A ANSIEDADE UMA CONDUTA DE MÁ-FÉ?

Thaís de Sá Oliveira (Doutoranda em Filosofia na Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal).

contato: psicothaty00@gmail.com

RESUMO

Para Jean-Paul Sartre, a angústia é a apreensão reflexiva da condição ontológica de liberdade, que revela emocionalmente a situação humana no mundo, tratando-se do catalizador do projeto de ser que o ser humano constrói ao longo de sua existência. A liberdade que caracteriza o ser humano remete a uma condição de desamparo consciente que pode levar ao desespero impotente ou à assunção consciente de sua condição. Como uma tentativa de fuga à angústia, o ser humano recorre a condutas de má-fé, vivendo como se suas ações e vivências fossem determinadas por forças que transcendem a consciência, podendo desenvolver sintomas numa constelação de manifestações comportamentais que são próximas à ansiedade. Numa tentativa de responder à questão colocada pelo título, descreveremos a angústia e a ansiedade, para logo propor que os comportamentos ansiosos se tratam de condutas de má-fé. Em sua ontologia fenomenológica, o filósofo descreve dois tipos de angústia: angústia ante o passado e angústia ante o futuro. O que nos interessa aqui é o segundo tipo, estabelecendo que a ansiedade é uma maneira de responder à angústia ante o futuro, constituindo-se como uma conduta de má-fé. Começaremos por abordar a angústia e sua relação com a liberdade, descrevendo ambos os tipos de angústia discutidos por Sartre. Logo, refletiremos sobre o que constitui a ansiedade. Finalmente, problematizaremos como os comportamentos ansiosos se tratam de condutas de má-fé. Na contemporaneidade, a aceleração do tempo social, com sua tentativa de precipitar o futuro no presente, faz com que o presente se torne ansioso e, assim, a má-fé defina grande parte dos comportamentos sociais hegemônicos.

Palavras-chave: Angústia. Ansiedade. Má-fé. Contemporaneidade. Sartre.



INTERSECCIONALIDADES E ABUSO DE DROGAS: O OLHAR DIALÉTICO SARTRIANO

Daniela Ribeiro Schneider (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial - PSICLIN, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, Brasil).

contato: danischneiderpsi@gmail.com

RESUMO

A psicopatologia fenomenológica traz para a cena clínica o sujeito concreto em seu sofrimento, inscrito na trajetória existencial, rompendo com a perspectiva individualizante, mecanicista, neurofisiológica da psicopatologia contida nos manuais da psiquiatria e nos catálogos de doenças, que reduzem o sofrimento aos seus sintomas. Sartre, ao partir de influências fenomenológicas, agrega fundamentos do existencialismo e da dialética materialista, a fim de esclarecer as condições de possibilidade de ocorrência dos fenômenos psíquicos e das vivências psicopatológicas. Postula o sujeito enquanto subjetividade objetivada, inserido em condições materiais, sociais, epocais, familiares, existenciais concretas, que ao serem apropriadas ativamente, constituem sua subjetividade, que imediatamente se objetiva, através de atos, pensamentos, emoções. Dessa forma, o homem se produz em uma sociedade que ele mesmo ajuda a produzir e que, muitas vezes, nela não se reconhece, alienando-se. Por isso, Sartre afirma que o objeto do existencialismo é o homem singular no campo social. O existencialista ao discutir o que denomina de “a neurose objetiva” de Flaubert, questiona se uma mesma psicopatologia pode valer-se de um duplo condicionamento, por um lado, dar-se como solução de antinomias sociais e expressão de um dado momento histórico e, por outro, como uma saída individual. Os problemas relacionados ao uso de drogas parecem responder exatamente a este entendimento paradoxal, pois são, ao mesmo tempo, uma resposta às pressões do modo de ser contemporâneo, com sua dimensão interseccional, marcada pelo acirramento de desigualdades advindas das condições de classe social, raça e gênero, mas também resultantes da vivência subjetiva do usuário, com seus múltiplos sentidos singulares, ao defrontar-se com as exigências de tal contexto. O uso de drogas, que possibilita através de seus efeitos neuroquímicos o mergulho na experiência saturada de efeitos instantâneos, fixa o usuário na vivência do aqui e agora, encaixando-se perfeitamente às exigências dos tempos hodiernos. A compulsão pela substância ganha função de suporte para lidar com impasses psicossociais, ao produzir efeitos prazerosos, alívio de sintomas e potencialização das sensações e percepções, ainda que de forma efêmera e momentânea. Funciona, assim, como uma bengala química para o usuário enfrentar a experiência de dificuldade ou inviabilização de seu projeto e desejo de ser. O paradoxal, no entanto, é que a droga lança o sujeito em uma situação de passividade existencial, pois ao aprisioná-lo na espontaneidade, absorvido pelo “calor” das circunstâncias e emoções nelas provocadas, acaba por perder sua posição de sujeito crítico, perder o “mando” de seu projeto, alienando-se na compulsão do uso. Para suportar o vazio de ser advindo do fim dos efeitos precisará de mais uma dose e, com isso, instaura-se o ciclo vicioso. Com base em depoimentos de usuários de drogas em livros como “Crack e a Exclusão Social” e “Substâncias, Sujeitos e Eventos”, serão analisadas as dimensões de classe social, raça e gênero que atravessam as experiências do abuso de drogas. A partir desses depoimentos e seus determinantes interseccionais, será empregada a análise dialética, advinda do método



progressivo regressivo, como proposto por Sartre, para compreender o fenômeno da drogadição em sua complexidade.

Palavras-chave:

Abuso de drogas. Interseccionalidade. Psicopatologia. Contemporaneidade. Psicologia Existencialista.



Mesa Redonda 4 - Promoção do ódio e impactos subjetivos

- Dr. Gérard Lucien Jacques Wormser (Université de Rouen)
- Dr. Luciano Donizetti da Silva (Universidade Federal de São Carlos)
- Dr. Fernando Gastal de Castro (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Mediação: Dr. Rodolfo Rodrigues de Souza (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)



ANGÚSTIA E MÁ-FÉ EM GENET – UMA CONTROVÉRSIA EM VERSO (O BALCÃO)

Luciano Donizetti da Silva, (Programa de Pós-Graduação em Filosofia – PPG-Fil-UFJF, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil);

contato: donizetti.silva@hotmail.com

RESUMO

A filosofia de Sartre tem a liberdade como estofa e razão de seu filosofar: a publicação de *O Ser e o Nada*, em 1943, visa a *libertação metafísica* de homens e mulheres, marcando assim o advento da liberdade absoluta na filosofia contemporânea; essa *verdade* ontofenomenológica vem acompanhada da exigência de responsabilidade em igual medida. Essa tese é, na *Crítica da Razão Dialética* (1960), confrontada com o Marxismo, *filosofia insuperável de nosso tempo*, e mais uma vez Sartre advoga em favor da liberdade como fundamento do Ser-Social. E é justamente nesse interim, entre a ontologia e seu *necessário desdobramento* numa análise *social* (marxismo), que se pode entender a obra *Saint Genet – ator e mártir*, de 1952; pois, já na ontologia o filósofo anunciou a Psicanálise Existencial como *maneira adequada* para aceder a liberdade-situada em toda sua riqueza. E, de fato, foi o que se deu: Sartre foi convidado para prefaciá-la publicação da *obra completa* de Jean Genet e, servindo-se do método que ele mesmo cunhou (progressivo-regressivo), desenvolveu a título de biografia uma psicanálise existencial *exaustiva* do poeta até então (600 págs.). E é justamente aí que se insere a questão dessa apresentação: numa entrevista a respeito do livro de Sartre, Genet teria afirmado que, após o *Journal du voleur* sua veia romanesca, do tempo da prisão, ter-se-ia esgotado; e diz mais, que teria contraído *um tipo de náusea*, por ter sido *colocado a nu* por outrem que não ele mesmo, e declara sua *reação*, de querer *queimar o livro* de Sartre assim que o leu, pois esse teria *criado um vazio* no poeta, gerando uma *quase-impossibilidade de escrever*. De fato, Genet se dedicou ao teatro, a comentar arte e às questões políticas, o que teria ocupado seu tempo e explicaria o abandono de seu projeto de então, o segundo volume do *Journal*; porém, por que o mesmo não se dá com a obra prima *O balcão*, peça de teatro escrita em 1956 (famosa no Brasil do final da década de 1960)? A discrepância entre as declarações do poeta e o fato poderiam ser explicadas por detalhes biográficos; mas a força dessa obra no contexto dos escritos de Genet, assim como a *psicanálise* de Sartre, não permitem tal simplificação. Então, *O balcão* coaduna essa controvérsia: trata-se da mais contundente crítica à *sociedade* de então, o *fechamento necessário* da trajetória do poeta, na realização definitiva do *Mal*.

Palavras-chave: Psicanálise Existencial. Liberdade. Má-fé. Mal.



ESBOÇO DE UMA ANALÍTICA DA EXISTENCIA PERIFÉRICA

Fernando Gastal de Castro, professor do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRJ, professor Associado do Instituto de Psicologia, UFRJ, Coordenador do NEIFeCS (Núcleo de Estudos Interdisciplinares de Fenomenologia e Clínica de Situações).

contato: fernandogastal@email.com

RESUMO

A partir de um diálogo entre a fenomenologia e o existencialismo sartriano e a tradição da teoria crítica brasileira, buscar-se-á realizar uma analítica da existência periférica. As categorias *ser-no-mundo*, *para-si e em-si*, *liberdade e contingência*, *temporalidade e projeto*, *situação e para-outro*, servirão assim, de subsidiárias para a compreensão de categorias sociais e existenciais que emergem do pensamento crítico nacional desde Machado de Assis até os nossos dias, com Paulo Arantes, passando por Aluísio Azevedo, Lima Barreto, Clarice Lispector, Caio Prado Jr, Antônio Cândido, Álvaro Vieira Pinto, Conceição Evaristo e Roberto Schwarz. Pretendemos, nesse sentido, subsidiar o pensamento fenomenológico e existencial brasileiro com uma analítica da existência capaz de apreender categorias fundamentais da dialética entre ser e consciência próprias a nossa formação social-histórica, bem como, avançar a teoria crítica da periferia do capitalismo.

Palavras-chave: Analítica da existência nacional; tradição crítica brasileira; teórica crítica a partir da periferia do capital



Mesa redonda 5 - Existencialismo e questões raciais

- Dra. Lia Vainer Schucman (*Universidade Federal de Santa Catarina*)
- Msc. Nilson Lucas Dias Gabriel (*Faculdade Cidade Verde*)
- Msc. Fábio Garcia (*PPGE/Universidade Federal de Santa Catarina*)

Mediação: Dra. Kátia Maheirie (*Universidade Federal de Santa Catarina*)



RAÇA E SUBJETIVIDADE EM SARTRE

Lia Vainer Schucman: Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de pós-graduação em Psicologia, Santa Catarina Brasil.

contato: liavainers@gmail.com

RESUMO

Esta fala abordará as relações raciais no Brasil por meio das categorias de humanismo, responsabilização e escolha, conforme formuladas por Jean-Paul Sartre. A reflexão central propõe que a raça, enquanto categoria que hierarquiza e desumaniza, é incompatível com o humanismo universal defendido por Sartre. O conceito de raça, enquanto construção social, estabelece uma hierarquia entre grupos, classificando uns como "mais humanos" e outros como "menos humanos". Essa classificação é sustentada por processos históricos de exclusão, exploração e desumanização, como a escravidão e o colonialismo. Essa hierarquia impede a possibilidade de universalidade que Sartre propõe, já que raça impede igualdade de condições para o reconhecimento da liberdade e da humanidade de todos. As relações de opressão criadas pela hierarquização racial muitas vezes alienam os sujeitos de grupos oprimidos da sua própria história, desumanizando-os e limitando sua autonomia. Assim, a universalidade não pode ser concretizada enquanto persistirem estruturas que colocam certos grupos como menos dignos de direitos, existência e agência. O antirracismo, portanto, é uma luta para dismantelar essas hierarquias e possibilitar o reconhecimento pleno da humanidade de todos os indivíduos, um passo essencial para realizar a universalidade sartreana.

A partir dessa perspectiva, o texto enfatiza a necessidade de responsabilização dos brancos, cuja atuação deve transformar o antirracismo em uma prática constante e intencional. Cada escolha, seja ela racista ou antirracista, por ação ou omissão não é apenas individual, mas impacta o mundo como um todo. Assim, a escolha pelo antirracismo é uma afirmação de humanidade coletiva. Por fim, posiciono tanto o racismo quanto o antirracismo como construções subjetivas que só podem ser compreendidas no interior das estruturas sociais em que os sujeitos estão inseridos. A transformação dessas relações exige a reflexão ética e a ação contínua por um mundo mais igualitário.

Palavras-chave: Racismo, Antirracista, Sartre, Existencialismo.



UM DIÁLOGO CRÍTICO ENTRE FRANTZ FANON E JEAN-PAUL SARTRE: O EXISTENCIALISMO RUMO A UM NOVO HUMANISMO?

Nilson Lucas Dias Gabriel, (Programa de Pós-Graduação em Psicologia PPI-UEM, CAPES, Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisa em Fenomenologia e Existencialismo (LIEPPFEXCNPq), Núcleo de Estudos Reflexos de Palmares Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil).

contato: nldgabriel@uem.br

RESUMO

O texto *Orfeu Negro* escrito pelo filósofo francês Jean-Paul Sartre (1905-1980) como introdução para a *Anthologie de la Nouvelle Poésie Nègre et Malgache de langue Française*, obra de 1948, organizada pelo poeta e político senegalês Léopold Sédar Senghor (1906-2001), é considerado um dos mais importantes ensaios para o movimento de negritude. Nele, Sartre defende a necessidade de um racismo antirracista empreendido pelos poetas da negritude, que mais do que intelectuais, soavam como profetas capazes de levar as boas novas para uma humanidade assolada pelos processos coloniais em sociedades capitalistas. Em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, resultado de sua tese de exercício, original de 1952, Fanon reconhece a obra sartreana como um “marco para o existir negro”, ao possibilitar um caminho existencial compreensivo acerca deste existir, no entanto, destaca que o problema do ensaio sartreano reside justamente em sua vã tentativa de “secar a fonte” de uma existência já dissecada pela colonização através das suas tradições de opressão, a exemplo: o racismo e a escravidão. Dito isso, em seu constante diálogo crítico com a obra sartreana, o pensador martinicano não apenas objetiva compreender a realidade humana desumanizada pelos processos colonizatórios e civilizatórios, como também visa a transformação social de um mundo capaz de se fazer nascer uma nova humanidade, nos oferecendo assim, uma concepção dialética acerca do existir negro. Mediado, portanto, pelo diálogo crítico empreendido por Fanon com a filosofia existencialista sartreana, eu tenho como principal objetivo pensar o existir negro de modo a refletir sobre as possíveis contribuições fanonianas para a construção de um existencialismo antirracista e rumo a um novo humanismo.

Palavras-chave: Frantz Fanon. Sartre. Existencialismo. Negritude. Antirracismo.



Mesa redonda 6 - Existências, Violências e Resistências

- Dra. Fabíola Langaro (*Clínica Consciência*)
- Dra. Clarívia Possamai (*Faculdades Esucri*)
- Dr. Georges Boris (*Aware - Centro de Gestalt-Terapia*)

Mediação: Dra. Carolina Freire d'Araujo Dhein (IFEN/NUCAFE)



SUJEITO E PROJETO DE SER FRENTE AO ADOECIMENTO E À MORTE

Fabíola Langaro, Clínica Consciência Psicologia, Florianópolis - Santa Catarina.

contato: fabiola.langaro@gmail.com

RESUMO

O avanço tecnológico tem permitido cada vez mais a sobrevivência de pessoas com doenças graves. Porém, uma parcela da população é acometida por condições crônicas e progressivas, para as quais não há perspectiva de cura; nesses casos, estão indicados os cuidados paliativos. Em uma perspectiva fenomenológica existencialista, compreende-se que o adoecimento grave e a perspectiva de morte lança o sujeito a uma experiência que modifica sua relação com o mundo, consigo mesmo, com os outros, com a materialidade e com o tempo. A partir dessas experiências, o sujeito realiza escolhas, direcionando-se de modo a enfrentar sua finitude no processo de totalização dialética de seu ser. Para compreender o projeto de ser de sujeitos que adoecem gravemente, deve-se, portanto, partir da experiência concreta, da dimensão do vivido, para, em seguida, verificar a inteligibilidade que o sujeito atribui a elas. Nesse processo, considera-se que a doença e a morte promovem (re)formulações nos projetos de ser dos sujeitos, mas que são esses projetos originários o pano de fundo das vivências de adoecimento e morte e das ressignificações da trajetória existencial realizadas frente à imposição da finitude. Por fim, em uma perspectiva sartriana aplicada na atenção a pessoas que adoecem gravemente, deve-se privilegiar ações de mediação a pacientes e familiares para reformulação e viabilização de seus projetos de ser, haja vista a perspectiva da morte não se constitui como obstáculo à liberdade, mas dá a ela novos contornos. É, desse modo, na vida e por meio dela que se podem ampliar horizontes de possibilidades e escolhas, ressignificando trajetórias e vivências, até que a morte venha efetivamente a retirar dela todas as possibilidades.

Palavras-chave: Existencialismo. Atitude frente à Morte. Cuidados paliativos.



EXISTÊNCIAS, VIOLÊNCIAS E RESISTÊNCIAS NA MEDICALIZAÇÃO EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO (AUTO)BIOGRÁFICO DE JOAQUIM E SUAS IMPLICAÇÕES NOS PROCESSOS FORMATIVOS

Clarívia Fontana Possamai (Doutora em Educação PPGE/UFSC, Escola Superior de Criciúma – ESUCRI, Criciúma, SC, Brasil).

contato: clapossamai@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho resulta da pesquisa de doutorado realizada no Programa de Pós-graduação em Educação da UFSC, onde o objetivo foi compreender as implicações da medicalização e patologização no processo formativo de uma criança na Educação Infantil, o Joaquim. Foi uma pesquisa (auto)biográfica de abordagem qualitativa-quantitativa, realizada por meio do método progressivo-regressivo de Sartre, que nos permite compreender fenômenos relacionados à educação na infância tomando a criança em-situação e constituindo-se num contexto sócio-histórico em que os processos de medicalização da educação ganham forma. Realizou-se uma revisão bibliográfica sobre os processos históricos e o panorama da medicalização no Brasil e um levantamento sobre os processos de (não)medicalização na instituição de educação infantil. Como proposta (auto)biográfica, foi realizada a seleção de uma criança que vivenciava processos de medicalização no contexto escolar. Para construção dos dados recorreu-se a entrevistas semiestruturadas e observação. Essa pesquisa nos permitiu compreender que os processos de medicalização na educação, os quais estão ligados à influência de um saber médico-higienista que se perpetua na sociedade há séculos, manifestam-se também na esfera da Educação Infantil, afetando práticas pedagógicas das professoras e, conseqüentemente, exercendo um impacto significativo no processo formativo das crianças. Joaquim, a criança protagonista desta pesquisa, depois de enfrentar complicações de saúde respiratória e adenoide, que geraram conseqüências no desenvolvimento da fala e comportamento irritadiço, vivencia os impactos da medicalização e patologização onde sua existência e trajetória no âmbito da educação infantil é marcada por violências e resistências. Como conseqüência, as implicações no processo formativo (totalizações em curso) envolvem desde questões psíquicas no processo de formação do seu saber-de-ser, nas relações interpessoais e afetivas, enquanto ser social que aprende a cuidar de si e dos outros, até aspectos da aprendizagem, por não ser incluso nas atividades e, assim, não estabelecer uma relação agradável com o saber escolar. Para propostas de superação, considera-se importante haver formações pedagógicas que promovam reflexões críticas a respeito dos processos de (não) medicalização e sua interferência no desenvolvimento e aprendizagem das crianças, considerando a necessidade de ampliar recursos humanos e pedagógicos, além de condições favoráveis para realização do trabalho.

Palavras-chave: Medicalização da educação. Patologização da infância. Pesquisa (auto)biográfica. Método progressivo-regressivo.



RAPUNZEL SOB O OLHAR DE SARTRE: A LIBERDADE APRISIONADA NA TORRE DA EXISTÊNCIA

Yara Pimenta Rodrigues (Aware – Centro de Gestalt-Terapia – Fortaleza-Ceará, Brasil); Georges Daniel Janja Bloc Boris (Aware – Centro de Gestalt-Terapia - Fortaleza-Ceará, Brasil).

contato: geoboris@uol.com.br

RESUMO

A história de Rapunzel, escrita pelos irmãos Grimm, conta que uma jovem foi aprisionada em uma torre durante muitos anos, sendo resgatada por um príncipe, que a salva das garras de uma bruxa, que a adotou como filha de maneira forçada. Rapunzel, devido à sua restrição física e psicológica, pode ser relacionada ao estudo de caso de Ana, uma jovem de 32 anos, que é prisioneira de suas próprias expectativas e daqueles que a cercam. Assim, Ana introjetou medos, hesitações, anseios e evitações dos pais, que influenciaram sua relação com o mundo, constituindo, deste modo, um “cordão umbilical” com eles, cuja função era tanto de dependência quanto de controle, fazendo-a viver em um estado de espera, ansiando por uma liberdade que apenas pode ser alcançada por meio da coragem de desafiar as convenções familiares que lhe foram impostas e de fazer suas próprias escolhas. Na história de Rapunzel, o personagem que faz mudar sua existência é o príncipe, que permite que ela possa imaginar sua vida livre. Paralelamente, na existência de Ana, há a espera de um “resgate” que, ao longo do tempo, é frustrada. Lentamente, no seu processo psicoterápico, ela começa a identificar que o enfrentamento da ruptura deste “cordão umbilical” é necessário. Mas, como rompê-lo, se ela mantém uma relação de dependência da família? Para discutir este estudo de caso clínico, acompanhado em psicoterapia gestáltica por uma das coautoras deste trabalho, os conceitos de liberdade, projeto de ser, escolhas, valores, angústia, má-fé e responsabilidade, do filósofo existencialista Jean-Paul Sartre, são explorados. Neste sentido, os autores do texto compreendem que Ana é livre, o que significa que suas escolhas impactam sua responsabilidade e repercutem na construção dos seus próprios valores e dos sentidos atribuídos à sua vida. Assim, a apropriação da sua liberdade não somente rompe o seu aprisionamento, mas a expõe ao mundo, que, apesar de inseguro, a torna protagonista de sua própria história.

Palavras-chave: Escolhas. Responsabilidade. Sartre. Psicoterapia. Estudo de Caso.



Mesa Redonda 7 - Os desafios da clínica existencialista em tempos de rupturas sociais

- Msc. Marisa de S. Thiago Rosa (*Universidade Regional de Blumenau*)
- Dra. Carolina Mendes Campos (*Instituto Psicologia e Arte – IPA*)
- Dr. Luiz José Veríssimo (*Pontifícia Universidade Católica - RJ*)

Mediação: Dra. Tânia Maris Grigolo (PMF)



TEORIA DA METODOLOGIA: APONTAMENTOS CRÍTICOS COM RECURSO ÀS BIOGRAFIAS DE GENET E FLAUBERT

Marisa de São Thiago Rosa (Fundação Universidade Regional de Blumenau, Blumenau-SC, Brasil; Instituto Nexis, Blumenau-SC, Brasil); Paulo Roberto Francisco, (Instituto Nexis, Blumenau-SC, Brasil).

contato: marisa.sthiago@gmail.com

RESUMO

A descrição fenomenológica do processo de *personalização* de um sujeito humano é em si mesma, o recurso metodológico utilizado por Sartre em suas biografias, em especial, de Jean Genet e Gustave Flaubert. Frente a isso, a psicologia enquanto ciência empírica se depara com o desafio de se pôr a refletir *como* uma metodologia de intervenção psicoterapêutica - ao se valer desse recurso metodológico - poderia promover um processo capaz de reconfigurar o dinamismo psíquico de um sujeito concreto que padece por estar inviabilizado em seu existir humano enquanto *projeto*. Diferentemente das biografias sartrianas, a superação dos impasses psicológicos torna-se a razão de ser do processo psicoterapêutico. Discute-se, nesse trabalho, como o conhecimento resultante da descrição fenomenológica, se constitui numa ferramenta de transformação, cuja condução precisa estar, teórica e metodologicamente, nas mãos do psicoterapeuta, sem desconsiderar o sujeito que padece como sujeito livre de seu ser. Nessa direção, sublinhamos a relevância da descrição fenomenológica para evidenciar o *vivido*, o sujeito *em carne e osso, para si próprio*, movendo-se no mundo em seus diversos perfis. Ao reconstituir, sessão após sessão, a biografia do sujeito que padece, do presente para o passado, por dentro da sua experiência vivida *em situação*, produz-se um instrumento de *desalienação*, fundamental para que o sujeito assuma as rédeas da sua vida em suas mãos. A *desalienação*, portanto, é um objetivo subjacente a quaisquer intervenções psicoterapêuticas, alcançado pela retomada crítica do próprio caminho trilhado, fundamental para situar o paciente frente ao seu futuro, em seu projeto e desejo de ser, a partir da descrição e compreensão crítica da *proto-história*, do processo de *personalização* em meio aos grupos, e do *espírito objetivo* da época. Desse modo, produz-se no paciente um conjunto de *destotalizações* necessárias à *retotalização* desse sujeito em outras bases, em meio a grupos viabilizadores, incursionando, psicoterapeuta e paciente, pela compreensão política, mapeando em sua rede de relações, com quem o paciente conta para se implicar na construção de relações e projetos futuros viabilizadores. Conclui-se que a operacionalização e ampliação do proveito terapêutico desse conhecimento totalizante, é o núcleo metodológico do fazer psicoterapêutico, sendo um processo singular, planejado conforme a necessidade de cada caso. Além disso, evidencia-se que a *destotalização/retotalização psicofísica* resultante é um processo complexo que envolve localizações sistemáticas e constante acompanhamento de suas ressonâncias, para que não saiam do controle, nem do psicoterapeuta nem do paciente, articuladas aos objetivos pactuados entre ambos.

COLINSAR



ANAIS DO IV COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE SARTRE: “Situações contemporâneas: rupturas sociais, sofrimento e engajamento” UFSC/Florianópolis/SC – 06, 07 e 08 de novembro de 2024 - ISSN 2596-0032 - <https://www.ivcoloquiosartre.com.br/anaisdoevento>

Palavras-chave: Psicoterapia. Metodologia de Intervenção. Personalização. Descrição Fenomenológica. Existencialismo.



ESCUTA, FALA E RELAÇÃO: UMA DISCUSSÃO SOBRE O FAZER CLÍNICO DE INSPIRAÇÃO SARTRIANA

Carolina Mendes Campos (Instituto de Psicologia e Arte – IPA; Rio de Janeiro).

contato: carolinamendescampos@gmail.com

RESUMO

Historicamente, a clínica de inspiração em Sartre é marcada por uma pluralidade de versões advindas de diferentes leituras de sua filosofia. No entanto, acredito que nosso fazer clínico caminha em direção a unificação, naquilo que representa o cerne da crítica sartriana à Psicologia Clássica, a saber, a sua Psicanálise Existencial. Apesar de Sartre ter deixado sua Psicanálise sem um Freud, experiencio em meus 23 anos de prática clínica e em meus estudos sobre seu legado, importantes referenciais que gostaria de compartilhar, principalmente, no que tange ao lugar do analista e seu fazer clínico. Sinto que, talvez, pela nossa exigência, enquanto psicólogos, em nos apropriarmos de um pensamento filosófico, passamos rápido demais por questões centrais do nosso fazer clínico. O método biográfico que se desdobra em profundas análises sobre as vidas dos escolhidos por nosso filósofo, tais como Flaubert, Mallarmé e Baudelaire são, com certeza, magníficas aplicações de seu método, que nos inspiram. Porém, entrar na vida de um morto, não é a mesma coisa que descrever uma existência em ação. Como diz Sartre, o morto tem a vida já dada, seu destino está em nossas mãos, cabe a nós contarmos a sua história. Assim, podemos “entrar” na vida de um morto por onde quisermos. Já na dimensão clínica, a delicadeza do que pretendo discutir, aqui, está mais próxima do estarecimento de Jean Genet ao ler sua biografia escrita por Sartre. Então, pergunto: Por onde devemos “entrar”? Como devemos entrar? Para abordar essas importantes questões clínicas, tratarei de três pontos fundamentais: a escuta, a fala e a relação. Pretendo apresentar estes pontos à luz de discussões encontradas na própria obra sartriana, e não em referenciais externos, como, comumente, vemos nos exemplos da clínica existencial que se apoia em bases humanistas. Para tratar da questão da fala e da escuta trarei a discussão sobre o engajamento. E para abordar a dinâmica da relação, me apoiarei na definição de humanidade explicitada em O Existencialismo é um Humanismo, distinguindo-a da definição de humanismo clássico.

Palavras-chave: Engajamento. Humanidade. Psicanálise existencial. Clínica.



A RELAÇÃO COM A NATUREZA NA CONTEMPORANEIDADE: INTERLOCUÇÃO COM SARTRE, COM A FILOSOFIA E COM A ÉTICA HUMANISTA.

Luiz José Veríssimo (Departamento de Psicologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Estado: Rio de Janeiro. Cidade: Rio de Janeiro. País: Brasil). Universidade Veiga de Almeida (Departamento de Psicologia). Estado: Rio de Janeiro. Cidade: Rio de Janeiro. País: Brasil).

contato: verissimofilos@gmail.com

RESUMO

Estamos sintonizados com a problemática da relação do ser humano com a natureza desde que conhecemos o teólogo Leonardo Boff. Ele nos fez despertar para a atenção ao cuidado e à relação da cultura tecnocientífica e mercadológica com a natureza, uma relação de exploração, expropriação e redução da natureza à objeto de consumo para o homem. Apesar de Sartre não ter sistematizado um pensamento ecológico, acreditamos que sua filosofia dá uma preciosa contribuição para estudos e práticas que se preocupem com o problema ambiental. A pauta ambiental não é um problema exterior ao ser humano. Assim como os problemas humanos, como habitação, saúde, educação, etc., não são exclusivos da comunidade humana. Por isso, encampamos a noção fenomenológico-existencial da pessoa como ser-no-mundo. Descobrimos que é mais atual do que nunca a máxima de Sartre quando nos chama a atenção para o fato de que quando escolhemos não escolhemos só para nós, mas por todas as pessoas. Ou seja, cada escolha nossa implica um universo muito maior de intenções e consequências do que poderíamos imaginar. Isso vale não apenas para o âmbito individual, como para o coletivo. Cada cultura vai historicamente posicionando ideias, imagens, práticas, crenças, normas, comportamentos e visões de mundo. A visão de mundo de uma cultura, conhecida como “ocidental” até o século passado, e hoje reconhecida sobretudo a partir de modernidade como de cunho colonialista, racista, predatório da natureza e de outras culturas, instaura um modelo socioeconômico individualista, competitivo, excludente, “meritocrático”. Esse paradigma se alia a um cânone religioso judaico-cristão que se toma como de ordem superior e único viés possível para o sagrado. Desse cenário surge uma espécie de novo niilismo, que acaba operando a um só tempo a morte de “Deus” porquanto deseja impor uma imagem do sagrado sobre todas as outras, (com direito a extermínios em massa), a morte da natureza (que não sustenta a voracidade lucrativa do mercado) e, finalmente, a morte do próprio “homem”, que não se dá conta que não é o dono da terra, mas, apenas um de seus locatários. Enfim, a cultura contemporânea mercadológica e tecnicista não quer se dar conta de que a Terra não precisa de nós, somos nós é que precisamos da Terra. De ilusão em ilusão (pensamento mágico), essa cultura vai cavando seu destino, decorado por polarização, intolerância, disposição para a guerra, indiferença ou ódio ao outro, ao diferente, reatualizando a alienação do sentido ético de liberdade.



Palavras-chave

Sartre, Jean-Paul. Sartre e Ecologia. Psicologia Fenomenológico-Existencial. Ética e Filosofia.



Mesa Redonda 8 - Rupturas sociais e engajamento

- Dr. Marcelo da Silva Norberto (*Pontifícia Universidade Católica - RJ*)
- Dr. Alexandre de Oliveira Torres Carrasco (*Universidade Federal de São Paulo*)
- Dr. Fábio Machado Pinto (*Universidade Federal de Pelotas*)
- Dra. Simone Bastos de Brites (*Pontifícia Universidade Católica - PR*)



SIMONE DE BEAUVOIR E A PROVOCAÇÃO PSICANALÍTICA

Marcelo S. Norberto (Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Escola de Humanidades - PUCRS, Porto Alegre, Brasil)

contato: marcelo.norberto@gmail.com

RESUMO

Em *O Segundo Sexo*, Simone de Beauvoir indica três forças constitutivas da contemporaneidade que deverão ser problematizadas caso se queira descrever a situação da mulher em seu tempo: a ciência, a psicanálise e o materialismo histórico. Refletir sobre essas três concepções de mundo torna-se imperativo para aquela que pretenda enfrentar a efetividade da sociedade e a concretude de sua cultura. A psicanálise, objeto deste trabalho, surge como o pensamento que desvencilhou a mulher de sua determinação biológica. Freud, em seu estudo sobre a histeria, possibilitou que a questão da subjetividade ultrapassasse os limites biológicos e encontrasse sua razão no campo do desejo e do simbólico. O que tornará mais interessante o diálogo de Beauvoir com a psicanálise é que o movimento que vincula a psiquê humana aos acontecimentos humanos produzirá também refluxos que, aos olhos da filósofa francesa, a partir de uma perspectiva fenomenológica, redirecionará a psicanálise para verdadeiro sistema de interpretação da realidade e, neste sentido, se colocará em oposição à indeterminação típica da condição humana. O presente trabalho buscará discutir a relevância do trabalho presente em *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir sobre o pensamento freudiano, não em termos judicativos (aprovação ou reprovação da saída psicanalítica para o humano), mas, diversamente, pelo seu esforço na manutenção das tensões intrínsecas da psicanálise e, por conseguinte, do drama humano, e no reconhecimento de sua atualidade na tarefa de identificar, iluminar e descrever a relação do humano com nosso tempo presente.

Palavras-chave: Beauvoir. Freud. Fenomenologia. Biologia. Simbólico



MÁ-FÉ, UMA ARQUEOLOGIA

Alexandre de Oliveira Torres Carrasco, Departamento de Filosofia, Programa de Pós-graduação em Filosofia EFLCH Unifesp São Paulo Brasil.
alexandre.carrasco@unifesp.br

RESUMO

O tema da má-fé têm longa fortuna crítica na recepção sartreana, a ponto de poder se ver, com alguma razão, “O ser e o nada” como uma *eidética* da má-fé. Para além dessa centralidade temática, há a especificidade da estrutura da má-fé, que desafia a capacidade de descrição daquela ontologia fenomenológica, sendo o que é, um tipo de *má* negação quase à maneira do mau infinito do entendimento, que desafia descritivamente o nada que constitui a negação *típica* do para-si. Isso colodado, nosso esforço conjunta uma leitura de detalhe da estrutura da má-fé, a partir do capítulo homônimo de “O ser e o nada” bem como a colocar em perspectiva no conjunto mais imediato de textos sartreano de modo a melhor entender tanto a centralidade do tema quanto a sua persistência.

Palavras-chave: Má-fé, Ontologia; Fenomenologia; Existencialismo; Sartre; Filosofia Francesa Contemporânea.



O CORPO COMO A “VESTE” DA CARNE: UMA ANÁLISE DA ONTOLOGIA FENOMENOLÓGICA SOCIAL SARTRIANA

Simone de Brites. (Programa de Pós-graduação em Filosofia – PPGF, com bolsa CAPES. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba-PR, Brasil).

contato: simone.brites@gmail.com

RESUMO

Este trabalho apresenta uma abordagem sobre a ontologia fenomenológica social sartriana como pressuposto fundamental no que concerne ao enfrentamento do corpo ancorado à normalidade instituída culturalmente, que impõe a coincidência deste com a sua expressão no mundo. Tratando-se da ortopédica social, política e biológica que constrói e desconstrói corpos, algo que provavelmente não se dá sem sofrimento ao pensarmos o corpo feminino, ou mesmo o corpo racializado dos discursos objetivantes. Ao nascermos com determinadas características biológicas, nossa carne é “vestida” tanto por uma roupagem concreta, quanto metafórica: o corpo. Este objeto que muitas vezes não nos cabe, mas que a ortopédica social faz caber. Abre-se, então, um solo árido entre o corpo existido e o corpo resultado subjetivo dado por outrem, o que caracteriza o corpo-para-si como alienado. Alienado, mas não objeto, porque o para-si não pode ser em-si. Frente a esta condição, emerge uma questão: De que maneira a ontologia fenomenológica social sartriana sobre o corpo pode ser entendida como resistência e ultrapassamento da construção social sobre o mesmo, em direção ao corpo vivido singularmente, impossibilitando a essencialização dos vividos por uma consciência encarnada? No intuito de responder à questão levantada, objetivamos defender a significação do corpo fenomenológico, que aparece, que é olhado e, portanto, material e sensível, como a condição de desconstrução da essencialização cultural do mesmo, ancorada à normalidade instituída. Para isto é necessário: (i) discutir as bases gerais da concepção essencialista do corpo, que o entende a partir de uma visão objetivista. E, (ii) reconstruir o corpo a partir da ontologia fenomenológica sartriana. Por que a fenomenologia? Porque é o aparecimento deste corpo em relação ao mundo ao Outro. Na condição de corpo vivido, não há uma distância de si, que se daria a partir de uma relação nos moldes do conhecimento sujeito-objeto. Metodologicamente, este trabalho está assentado diretamente em referencial teórico, especificamente em *O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica* (1943).

Palavras-chave: Cogito pré-reflexivo. Corpo. Olhar. Outro.



SESSÕES COORDENADAS



EIXO I

COLONIALIDADE, DIREITOS HUMANOS E TERRITÓRIO EM DIÁLOGO COM JEAN-PAUL SARTRE





A VIOLÊNCIA REVOLUCIONÁRIA; CONTRIBUIÇÕES EXISTENCIALISTAS

Kátia Marian Corrêa de Medeiros, (Programa de Pós – Graduação em Filosofia, CAPES, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria –RS, Brasil).

RESUMO: O presente trabalho tem o objetivo central de explicitar algumas considerações de Sartre frente a temática da violência, entendida pelo mesmo como violência revolucionária com relação a opressão dos negros nos EUA, claro levando em consideração seu contexto histórico, social e político, utilizando como referencial teórico o livro Cahiers pour une morale (cadernos para uma moral) 1983. Assim busca-se fazer uma reconstrução de seus principais argumentos quanto a esse tema tão importante no existencialismo sartreano. Nos cadernos 2, Sartre faz a diferenciação entre opressão e violência, salientando a importância de não confundir o significado de cada um, dizendo que a opressão é institucionalizada, é como se ela se torna legítima. Nessa parte Sartre traz a figura do opressor e do oprimido para mostrar o confronto entre ambos. Além disso, podemos perceber que Sartre menciona que a opressão é naturalmente a exploração do homem pelo homem, com a privação de certos direitos, da própria liberdade, e a violência parte desses pressupostos, é tratar o semelhante ou a humanidade de outrem com desdém, com desprezo, ver no outro um estranho, tratar-lhe sem dignidade alguma. Esses e outros pontos serão trabalhados pelo existencialismo sartreano enquanto um problema prático, moral e de ordem de responsabilidade humana. Partimos também do livro Colonialismo y Neocolonialismo – situations V (1968) a fim de complementar a questão da violência, partindo da premissa de que conforme Sartre fala “todos somos assassinos”.

PALAVRAS-CHAVE: Opressão. Existencialismo. Moral. Sartre



REDEMOCRATIZAÇÃO BRASILEIRA E O SER E O NADA

Autor: Bernardo Rocha de Farias (Programa de Pós-graduação em Psicologia Social - PPGPS, CAPES, Departamento de Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro-RJ, Brasil); Orientador: Ronald João Jacques Arendt (Programa de Pós-graduação em Psicologia Social - PPGPS, CAPES, Departamento de Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro-RJ, Brasil).

contato: bernardoroch@gmail.com

RESUMO

O ano de 1988 se constitui como um marco na esfera sócio-política brasileira. Na década de 80, juntamente com outros países da América Latina, o Brasil viveu seu período de desenlace do regime político ditatorial que o orientou por mais de vinte anos, formalizando a redemocratização do país. Será, portanto, em outubro 1988 que o país alcança o ápice de sua transição, apresentando à sociedade brasileira e aos povos do globo o símbolo máximo desse novo panorama sociopolítico, a saber, a Constituição Federal de 1988. Contudo, juntamente com a nova Constituição, a sexta de seu período republicano, emergem imensos desafios para o engendramento de seu projeto ético-político. A dimensão hercúlea de tais desafios reside no ineditismo e na radicalidade, ao menos em solo brasileiro, dos termos exigidos para sua efetiva operacionalização. Pautada nos termos do *neoconstitucionalismo*, a atual Carta Magna brasileira exige, como horizonte hermenêutico, a interpretação da realidade social como *temporal, singular e mutável*. Isso, como forma de análise para sustentação de um tecido social *plural, fraterno e sem preconceitos*. Exatamente tais premissas fundamentam os desafios na execução do novo projeto de país, porquanto, requerem uma compreensão *ontológica e epistemológica* tradicionalmente distinta das que erigiram a nação brasileira do período colonial até o momento em questão. Posto isso, o presente trabalho procura apresentar de que forma e até que ponto a obra de 1943, *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*, do pensador francês Jean-Paul Sartre, oferece instrumentos que respondam às exigências do atual projeto ético-político brasileiro. Em *O ser e o nada*, Jean-Paul Sartre parte da tradição fenomenológica - que, todavia, ultrapassa-a – oferecendo-nos uma compreensão ontológica original, possibilitando-nos depreender também certas bases epistemológicas, que leva a tradição metafísica ao limite, pervertendo-a e inaugurando um outro horizonte compreensivo da realidade humana. A transgressão da tradição metafísica, por sua vez, é o ponto central que sustenta nosso interesse na obra sartriana de 1943 para se pensar os desafios advindos com as exigências formais da redemocratização brasileira. Pois, foi mesmo a tradição metafísica que conformou o tecido social brasileiro desde seu período colonial e que se exauriu, de diversos modos, exigindo uma nova aurora para o pensamento latino-americano.

Palavras-chave: Brasil. Fenomenologia. História. Política. Sartre.



O QUE SANTA CATARINA VAI FAZER DO QUE FIZERAM DELA? A PROLIFERAÇÃO DAS CELULAS NEO-NAZISTAS EM UM OLHAR SARTRIANO

Daniela Ribeiro Schneider (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial - PSICLIN, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, Brasil).

contato: danischneiderpsi@gmail.com

RESUMO

Santa Catarina lidera o avanço do neonazismo no Brasil, com uma população relativamente pequena, conta com 320 células ativas, o que representa mais de um quarto dos grupos catalogados no país. Essa proliferação de células extremistas tem ligação com a racionalidade conservadora predominante no Estado, com fundamentações fascistas e nazistas, enraizadas na sua história política e econômica, que desde o século XIX constituiu-se a partir de um movimento de colonização advinda da Europa, em especial alemã e italiana. Esse movimento marcou a formação do projeto sociopolítico do Estado, tornando-o um espaço de resistência conservadora. Destaca-se a revitalização deste conservadorismo no momento atual, quando forças contraditórias dividem o contexto político do país. Estado colonizado que se tornou colonialista, defensor dos valores da lógica pequeno burguesa, baseada em discriminações e ódio. Será analisado o filme: Anauê! O Integralismo e o Nazismo na região de Blumenau, de Zeca Pires, para discutir tal história e sua atualidade, utilizando o referencial do existencialismo para promover uma reflexão crítica. Sartre em “A questão judaica”, discute que o antissemitismo, assim como o racismo, são escolhas livres do sujeito, atitudes globais que uma pessoa adota, não apenas com os judeus, com os negros, mas para com os seres humanos em geral. É uma atitude de paixão e não um ato racional. O antissemita escolheu o ódio porque ele é uma atitude de crença, e não uma elaboração racional. Beauvoir em seu livro “O Pensamento de Direita Hoje” descreve que com o fim da segunda guerra o fascismo e o nazismo foram vencidos, mas que esta situação pesou sobre a burguesia, até hoje, que não aceitou a derrota de seus interesses. Para isto, passaram a vincular-se ao passado e a valores fixados, usando uma estratégia importante para manter sua posição: o idealismo. A burguesia nega a luta de classes, a igualdade de direitos, a questão racial e de gênero, e só pode fazê-lo recusando a própria realidade. Foca, assim, em subjetivismo e personalismo e evita contextualizações. Os regimes reacionários favorecem, com isso, o obscurantismo e a violência. A burguesia catarinense embarcou nessa lógica desde o século passado e a identidade dos catarinenses vêm marcada por este conservadorismo, na busca de construir um projeto de nação. Mas a realidade sempre aparece para mostrar suas contradições e instigar mudanças. Por isso, uma pergunta fundamental é o que Santa Catarina vai fazer do que fizeram dela? Sendo uma chamada à liberdade, que sempre pode traçar novos rumos para os projetos individuais e coletivos.

Palavras-chave: Neonazismo. Conservadorismo. Contexto Político. Projeto de nação. Existencialismo.



NA TRILHA DA JUVENTUDE CARIOCA: A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NAS POLÍTICAS PÚBLICAS COM JOVENS DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

Pamella Rothstein (Programa de Pós-graduação em Psicologia - PPGP/UFRJ, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil)

contato: pamellarothstein@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho propõe apresentar um relato de experiência profissional da inserção da psicologia e das práticas orientadas pelo existencialismo sartriano no projeto Pacto Pela Juventude, uma parceria entre a Secretaria Especial da Juventude Carioca (JUV-Rio) e a UNESCO. O projeto consiste num espaço formativo de jovens lideranças comunitárias, na faixa etária de 15-29 anos, em territórios de vulnerabilidade socioeconômica e é composto por uma equipe multidisciplinar de psicólogas, pedagogas e tutores. O objetivo geral do trabalho apresentado consiste em explorar a atuação da psicologia no projeto enquanto política pública voltada para a juventude, tendo em vista o cenário composto pela escassez de recursos materiais, rede de apoio restrita e limitações institucionais. As intervenções com os jovens do projeto habitam o campo da psicologia social, porém são construídas a partir de perspectivas teóricas-metodológicas diversas adotadas pelas psicólogas que compõem a equipe, incluindo o existencialismo sartriano. Assim, pretende-se ainda abordar a contribuição da perspectiva existencialista, em seus conceitos e práticas, nas intervenções realizadas no projeto. A identificação de elementos como a escassez de laços de reciprocidade e espaços de convívio social, para além da escassez material, no cotidiano dos jovens atendidos pelo projeto Pacto Pela Juventude são temáticas que permitem direcionar as intervenções, a fim de alargar o campo de possíveis. Dessa forma, destaca-se a importância de algumas noções fundamentais do existencialismo na formulação de instrumentos práticos para cumprir com a atribuição da equipe de psicólogas de mediar, a partir de uma perspectiva transformadora, o encontro dos jovens consigo, com os pares, e com o próprio território.

Palavras-chave Política Pública. Psicologia Social. Território. Convívio Social. Existencialismo Sartriano.



ANÁLISE DE UM MOVIMENTO SOCIAL EM DIÁLOGO COM SARTRE

Alex Navarro Vasconcellos, (Programa de Pós-graduação em Psicologia – PPGP / UFRJ, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ). Thaís de Sá Oliveira (Doutoranda em Filosofia pela Universidade da Beira Interior - Covilhã, Portugal).

contato: psi.alexvasconcellos@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho visa apresentar um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento. Trata-se de uma análise preliminar acerca de um movimento social – Movimento das Comunidades Populares (MCP) – a partir das categorias grupais propostas por Jean-Paul Sartre em sua obra *Crítica da razão dialética* (1960). Tendo sua origem em 1969, e estando ativo até hoje, o MCP passou por conjunturas históricas distintas, enfrentando diferentes desafios em cada uma delas. Em todos esses cenários, o movimento manteve uma constante preocupação com a leitura/interpretação da realidade concreta do mundo e da dinâmica das correlações de forças em disputa. Em alguns momentos-chave de sua História, o movimento se percebeu diante de dificuldades inerentes às mudanças societárias paradigmáticas. Como forma de se adaptar aos novos desafios e seguir buscando seus objetivos, o movimento desenvolveu diferentes estratégias de atuação. Para marcar as mudanças de estratégia foram adotadas, ao longo do tempo, diferentes nomenclaturas, sendo elas: Juventude Agrária Católica (JAC); Movimento de Evangelização Rural (MER); Central dos Trabalhadores Independentes (CTI); Movimento das Comissões de Luta (MCL); e Movimento das Comunidades Populares. O objetivo desse trabalho é identificar, nas diferentes fases do MCP, as características categoriais propostas por Sartre em seu estudo sobre grupos. Para essa finalidade, será utilizado o Método Progressivo-Regressivo conforme pensado pelo filósofo francês. A pesquisa aqui apresentada é baseada na análise documental de fontes primárias (documentos do MCP: Jornal Voz das Comunidades; e Plano Nacional de Lutas e Atividades) e secundárias (Tese de Doutorado de Marianna Affonso Penna, que apresenta uma análise da História do MCP). Em conclusão, a presente pesquisa constatou que, em cada uma de suas fases, o MCP apresentou características categoriais de mais de um tipo de grupo proposto por Sartre. Dessa forma, essa pesquisa contribui para aprofundar a compreensão acerca da complexidade da dinâmica grupal em nosso tempo histórico.

Palavras-chave: Movimento das Comunidades Populares. Categorias grupais em Sartre. Método Progressivo-Regressivo.



TERRITORIALIDADES ÀS MARGENS: INFÂNCIAS E RESISTÊNCIAS EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA

Adria de Lima Sousa, (Professora da Faculdade de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia, pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisas - CNPQ - Universidade Federal do Amazonas, Manaus-Amazonas, Brasil); Edson Jader Ribeiro Cabo Verde Junior (Discente da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas); Renan Vinícius de Freitas Guerra da Costa, (Discente da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas); Iolete Ribeiro da Silva (Professora da Faculdade de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia, pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisas - CNPQ - Universidade Federal do Amazonas, Manaus-Amazonas, Brasil).

contato: adria.sousa@ufam.edu.br

RESUMO

A vida acontece nos territórios de existência nos quais são atribuídos sentidos, significados e afetos que constituem territorialidades. Em suas obras, especialmente na obra “O Ser e o Nada”, Sartre destaca o caráter sensível da existência mediada pela materialidade das situações concretas dos arredores e dos lugares nos quais as pessoas habitam. Essas noções permitem colocar o espaço vivido como ponto de partida para compreensão da existência. A noção de território, concebida a partir da obra do geógrafo Milton Santos, é fortemente influenciada pelo existencialismo ao afirmar a importância de compreender os territórios como campo da ação concreta. Na filosofia existencialista, a infância também é fundamental no processo de análise para compreensão de fenômenos da existência humana visto que as experiências ocorridas nessa fase são elementos-chaves na constituição e eleição do projeto de ser, que envolve possibilidades do presente, passado e futuro e materializa-se no fazer cotidiano. Esse estudo trata-se de um recorte de uma pesquisa de amplitude nacional, financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisas – CNPQ e intitulada: DESENVOLVIMENTO DE TECNOLOGIAS PARA A PROMOÇÃO DA PARENTALIDADE SAUDÁVEL E COMBATE À VIOLÊNCIA NA PRIMEIRA INFÂNCIA. Um dos objetivos é caracterizar as práticas parentais nos primeiros anos de vida, na região norte, para diferentes grupos étnicos e sociais incluindo as comunidades quilombolas. O estudo enfoca territorialidades de crianças quilombolas em uma comunidade amazônica, às margens do rio. Utilizou-se da metodologia participativa dos mapas afetivos e o método fenomenológico auxiliou nas análises. Identificou-se possibilidades de brincar e vivenciar o território diante dos rios, dos campos de futebol, escola e demais lugares de sociabilidade comunitários. A territorialidade revela uma forma de comunicação de pessoas e grupos com o mundo; comunicando heranças do modo de viver, mediante corpo-território. Imersos em elementos da vivência cultural quilombola, as crianças mantem a tradição desses povos e ser resistência diante das imposições de modos de vida estruturados pela colonização. Territorialidades permeadas por afetos vão além da ocupação e de fronteiras físicas do espaço e confluem corpos-resistência. Ao expressarem suas territorialidades com acesso à educação e saúde no território por vezes negligenciado, garante-se direitos humanos fundamentais. Ao enfrentar o processo histórico de colonialidade diante da valorização do viver, brincar e o agir coletivamente, as comunidades constroem o seu lugar no mundo e nos ensinam com a



pedagogia de suas (r)existências, constituindo territorialidades conscientes do pertencimento coletivo e promovendo infâncias decoloniais.

Palavras-chave: Território. Primeira Infância. Quilombolas. Colonialidade. Direitos Humanos

EIXO II

QUESTÕES INTERSECCIONAIS EM DIÁLOGO COM JEAN-PAUL SARTRE





REFLEXÕES EXISTENCIALISTAS SOBRE O AUMENTO NO PADRÃO DE USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS EM ADOLESCENTES DO GÊNERO FEMININO

Veronica Candaten Furini, (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial - PSICLIN, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Mayara Floriani (Programa de Pós-graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Raquel Wzorek (Programa de Pós-graduação em Psicologia, PSICLIN, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Daniela Ribeiro Schneider (Programa de Pós-graduação em Psicologia, PSICLIN, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil).

contato: veronicafurini54@gmail.com

RESUMO

A adolescência é um período da vida em que o sujeito passa por processos de escolhas que se dão em uma estrutura de mediação sociológica (microssocial) e antropológica (macrossocial), momento chave de assunção da responsabilização por sua trajetória e totalização de seu projeto de ser, ou seja, da definição daquilo que deseja fazer de si. Sendo assim, o adolescente é um ser-no-mundo, englobado por qualquer fenômeno que o atravesse: pessoas, objetos, materialidade, tempo, entre outros, escolhendo-se ao fazer suas escolhas. A juventude implica em uma expansão das relações, apresentando desafios, sendo um deles o uso e abuso de álcool e drogas, pauta que vem constituindo-se em uma problemática para a saúde coletiva contemporânea. Desta forma, adolescentes estão em um importante momento de construção do seu ser. Esse estudo surgiu a partir da análise de dados de uma pesquisa anterior com adolescentes escolares, realizada em Florianópolis, no ano de 2022. Se constatou nos resultados que jovens do gênero feminino estão consumindo mais álcool (74%) e outras drogas (maconha – 21%, LSD – 7%, cigarro – 39%) que meninos. Sendo assim, diante desses resultados quantitativos, foi construída a atual pesquisa qualitativa. Realizou-se a aplicação de grupos focais em duas escolas – uma privada e outra pública –, com estudantes do primeiro ano do ensino médio, para compreender as perspectivas destes sobre o aumento no padrão de uso de substâncias do gênero feminino, buscando desvelar sentidos e significados a este fenômeno. Os resultados mostram que, aumento no consumo de álcool e outras drogas por parte de jovens que se identificam com o gênero feminino, possui influências das transformações do contexto sociocultural, influências de amizades, bem como de situações de saúde mental. As discussões dos grupos focais mostram que o consumo de álcool e outras drogas está articulado com o desejo de pertencer a um grupo; com o movimento de utilizar uma substância como forma de lidar com sentimentos considerados negativos pelas próprias adolescentes (ansiedade e depressão); e com o direito da mulher em realizar comportamentos que digam respeito à sua emancipação no mundo, assim como retrata Beauvoir em compreender que a mulher é uma cidadã, com seus direitos e sua liberdade de escolha. A relevância social desse estudo pauta-se na contribuição de futuras pesquisas sobre consumo de álcool e outras drogas pelos adolescentes, bem como na facilitação de definições de um plano de ação preventivo ao uso de substâncias a ser desenvolvido.



Palavras-chave: Adolescência. Prevenção. Drogas. Existencialismo. Gênero.



ATENDIMENTO PSICOLÓGICO A ADOLESCENTES APÓS TENTATIVA DE SUICÍDIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO HOSPITALAR

Gabriela Corrêa Petry (Psicologia/UFSC) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, Brasil); Marina Menezes, (Profa. Dra. e Coordenadora do Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade - LABSFAC, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - SC, Brasil).

contato: gabrielacorreapetry@gmail.com

RESUMO

A partir de uma experiência de estágio em psicologia na Unidade de Internação Pediátrica de um hospital público no sul do país, o trabalho realizado tem enfoque nos adolescentes que chegaram ao serviço devido a tentativa de suicídio. Para fins de embasamento teórico, optou-se pela ótica existencial-sartreana: foram tecidas algumas reflexões acerca do fenômeno da ideação suicida a partir de conceitos centrais para Sartre, como liberdade, angústia e projeto-de-ser, com enfoque no período da adolescência. O relato teve por objetivo a materialização e compartilhamento da experiência adquirida no serviço, além de apresentar reflexões que surgiram a partir dela. Entende-se, aqui, a adolescência como fase de possível nascimento existencial - em que o sujeito deixa de se entender como dever-ser e se direciona ao seu projeto-de-ser. Esse período é, portanto, momento de potencial vivência de angústia, definida como apreensão reflexiva da liberdade. Considerou-se, para a intervenção, que a tentativa de suicídio no contexto relatado é resultado de um processo de exercício da liberdade, inserido em determinada estrutura de escolha. É enfatizada no relato a dimensão sociológica da produção de sofrimento psíquico e reiterada uma postura interseccional, considerada como imprescindível para a intervenção. Em campo, os métodos de trabalho utilizados foram o acolhimento psicológico inicial, recursos de facilitação da expressão emocional, atividades lúdicas, além de plano de encaminhamento para a continuidade do cuidado pós-alta de cada paciente. Como resultados da experiência de estágio, destacam-se o mapeamento e acionamento da rede de apoio dos pacientes, além do fortalecimento dos vínculos entre paciente-acompanhante e, portanto, do suporte social da pessoa hospitalizada; considerável avanço no sentido da desestigmatização da ideação suicida na adolescência; atenuação do sofrimento psíquico da pessoa hospitalizada (percebida a partir de supervisão clínica e de expressão verbal dos pacientes). Por fim, insta valorizar a importância da experiência de estágio no aprimoramento do atendimento, verificado pelos resultados obtidos, além dos significativos aprendizados para a graduanda. Compreende-se, também, a contribuição teórico-prática da psicologia existencialista para o trabalho com a população adolescente, inclusive em contexto hospitalar. Conclui-se, também, a inconclusão: um relato de experiência prática-profissional que aponta para respostas, sem alcançá-las - o caminho é constante rumo a uma compreensão acadêmica mais ampla das pessoas que estão vivendo uma ideação suicida na adolescência e, por consequência, maiores possibilidades de intervenção diante dessa população. Por fim, entendendo que cada escolha individual carrega em si a coletividade, entende-se que os caminhos rumo a essa construção devem ser, também, coletivos.

Palavras-chave: Adolescência. Existencialismo. Suicídio. Hospital.



A MATERNIDADE A PARTIR DA ESCOLHA DE ADOÇÃO MONOPARENTAL

Bruna Horn Meira Leonel, (Programa de Conclusão de Curso de Psicologia; Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL; Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Zuleica Pretto (Curso de Graduação em Psicologia; Departamento de Psicologia; Núcleo de pesquisa em Clínica da Atenção Psicossocial – PSICLIN; Universidade Federal de Santa Catarina; Florianópolis-Santa Catarina, Brasil).

contato: brunahornmeira@gmail.com

RESUMO

A monoparentalidade feminina pode ser compreendida como uma nova configuração familiar que rompe com a tradicional, estando correlacionada a um processo de conquistas históricas das mulheres. A pesquisa aqui retratada teve como objetivo compreender as vivências da monoparentalidade feminina decorrentes da adoção, segundo a compreensão de mulheres. Os aspectos investigados incluíram o processo de adoção, a convivência com os filhos, os afetos, as motivações e as dificuldades e potencialidades encontradas nesse projeto de monoparentalidade. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória na qual foram entrevistadas mulheres, mães, que optaram pela adoção monoparental, com idades entre 44 e 62 anos. Com base em estudos interdisciplinares no campo da adoção e na psicologia existencialista inspirada em Jean-Paul Sartre, em especial a partir de noções como projeto-de-ser, mediações, contexto existencial e do aporte metodológico do método biográfico, foi possível analisar possibilidades e desafios relacionados à história de mulheres no referente ao processo de adoção e às vivências da maternidade monoparental. Destaca-se a importância do método biográfico, progressivo-regressivo, para a análise dos achados, já que este permitiu compreender a intersecção entre aspectos coletivos e singulares nas vivências das entrevistadas. Concluiu-se que há disparidades nas vivências quanto à espera de seus filhos e ao processo de adoção em si, mas há semelhanças como a necessidade de lidar com o duplo abandono de seus filhos antes de serem adotados. Também há proximidade sobre as motivações para a escolha da adoção, estas são múltiplas e singulares e não estão diretamente ligados à formação de uma “família”. Observou-se que frente aos desafios presentes na nossa sociedade, as vivências de “ser mãe” são sentidas como potencialidades para essas mulheres, estando vinculadas mais a uma experiência de “poder ser” do que a um “dever-ser”, o que revela uma ampliação em seus campos de possibilidades existenciais.

Palavras-chave: Monoparentalidade Feminina; Adoção; Famílias; Mulheres; Existencialismo;

EIXO III

O PENSAMENTO SARTRIANO E AS SITUAÇÕES CONTEMPORÂNEAS - QUESTÕES TEÓRICAS E EPISTEMOLÓGICA





A IMAGEM TRANSLÚCIDA DE UM EGO ENGAJADO

Álvaro Itie Febrônio Nonaka(Programa de Pós-graduação em Filosofia, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo - USP, São Paulo-São Paulo, Brasil).

contato: alvaro.nonaka@gmail.com

RESUMO

Sartre, a partir de seus primeiros trabalhos sobre a imaginação - A Imaginação e O Imaginário - pretende empreender uma nova teoria da imagem e romper radicalmente com a concepção clássica, especialmente aquela encontrada em discussões sobre a relação entre imaginação e percepção, nas quais filósofos e psicólogos jamais conseguiram determinar corretamente a natureza da imagem. O jovem fenomenólogo, com vistas a empreender sua nova teoria da imagem, estabelece como primeiro passo a necessidade de responder à pergunta: o que é uma imagem? Interrogação tanto mais pertinente quando se nota que, para o filósofo, o equívoco encontrado nas teorias postuladas por Descartes, Leibniz e Hume estaria na recorrente concepção da imagem como uma coisa. Assim, uma resposta apropriada à problemática da imagem primeiramente deveria buscar "constituir uma eidética da imagem, isto é, fixar e descrever a essência dessa estrutura psicológica". Para tanto, Sartre segue os passos da fenomenologia de Husserl, com especial atenção ao Esboço de uma fenomenologia pura e de uma filosofia fenomenológica. Obra destinada a revolucionar tanto a filosofia quanto a psicologia e contendo elementos necessários para a formulação de uma teoria da imagem completamente nova. Portanto, seria o estudo da imagem pura e simplesmente uma questão fenomenológica? Ou ela poderia conduzir, por meio da noção de nadificação, não só a uma abertura para a liberdade, mas também para o engajamento? A imaginação seria uma dimensão essencial e inescapável do ser humano consigo mesmo e com o mundo? Nossa abordagem se baseará nos textos A transcendência do Ego, O Imaginário e Que é literatura? Tentaremos mostrar que a imaginação é uma forma privilegiada da relação que o ser humano constrói com sua própria identidade (autoimagem) e com o mundo, visto que o imaginário tece "a cada instante o sentido implícito do real" (Sartre, 1996, p. 244), e imaginar é explicitar esse sentido. "Afim de contas, tudo está fora, tudo, até nós mesmos: fora, no mundo, entre os outros". Assim, a autoimagem seria necessária para o surgimento do engajamento, pois possibilitaria ver a nós mesmos através de cenários imaginários, os quais a ação, posteriormente, pudesse ser posta em prática no real.

Palavras-chave: Autoimagem. Imaginação. Fenomenologia. Liberdade. Engajamento.



“ENTRE QUATRO PAREDES” VIRTUAL: AS RELAÇÕES NO TWITTER EM ARTICULAÇÃO COM O PENSAMENTO DE SARTRE

Giulia Radicetti Riedlinger Abbate, (IFEN, Rio de Janeiro - RJ, Brasil); Rodolfo Rodrigues de Souza (UERJ, Rio de Janeiro - RJ, Brasil); Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ, Rio de Janeiro - RJ, Brasil).

contato: giuliaradicettipsi@gmail.com

RESUMO

Ao longo dos anos 2000 houve, junto à expansão da internet, o crescimento das redes sociais. Nos espaços de relações que constituem o Facebook, o Twitter e o Instagram, é possível observar mudanças na forma como seus adeptos se relacionam com os outros e consigo mesmos. A princípio, com a promessa de acesso ao conhecimento a um clique, a internet era um espaço do qual era possível entrar e sair a qualquer momento através do computador. Hoje, o que há é o acesso desenfreado a informações muitas vezes não solicitadas, principalmente por meio do *smartphone*, desafiando a linha tênue entre o real e o virtual, o público e o privado. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre as relações estabelecidas no Twitter. Tal especificidade e interesse surgiu da observação do frequente desconforto compartilhado pelos usuários da rede com a maneira agressiva das pessoas se comunicarem entre si, provocando neles o desejo de excluir as próprias contas por um determinado período ou permanentemente, dificilmente concretizado de forma definitiva. Na peça escrita por Jean-Paul Sartre em 1944, *Entre quatro paredes*, uma dinâmica semelhante é apresentada: ao encontrar no outro um incômodo, desejo deixá-lo para trás, mas quando isso se mostra possível, não o faço. A partir disso e dos resultados de pesquisa empreendida no âmbito da especialização, fazemos uma comparação entre a rede e a peça, recorrendo à noção de alteridade apresentada pelo filósofo em sua principal obra, *O ser e o nada* (1943); à ideia de extimidade virtual; e à concepção do regime de informação, entendendo que a tentativa de anulação do outro corrobora com a lógica neoliberal na qual estamos inseridos, especialmente refletida pelos algoritmos e inteligência artificial que regem as redes sociais atualmente. Por fim, compreendemos que a reiterada tentativa de excluir o outro, seja ele real ou virtual, assim como se exclui um perfil de rede social será sempre frustrada, uma vez que não há separação possível entre eu e o outro.

Palavras-chave: Twitter. Rede social. Sartre. Existencialismo. Intersubjetividade.



ALTERIDADE E GENEROSIDADE NAS OBRAS DE SARTRE: PERPASSANDO PELA LIBERDADE DO OUTRO E A NOSSA RESPONSABILIDADE COM OS DEMAIS

Davi Dias Moreira Júnior (IFILO) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-Minas Gerais, Brasil);

contato: davidiasmjr@ufu.br

RESUMO

Este trabalho propõe uma análise dos conceitos de alteridade e generosidade nas obras de Jean-Paul Sartre. O objetivo principal é investigar como o filósofo francês aborda e fundamenta a ideia de alteridade a partir da relação com as noções de liberdade e de responsabilidade. Em primeiro lugar, examinaremos a perspectiva existencialista, com ênfase sobre a liberdade entendida como base da existência humana. Sartre defende que a liberdade está intrinsecamente ligada ao modo humano de estar no mundo, ou melhor, à própria estruturação da consciência, e que, portanto, não é possível alcançá-la como se fosse uma meta ou, até mesmo, como se estivesse ao alcance das mãos. Como base teórica e metodológica, abordaremos algumas obras do autor visando responder as seguintes perguntas: “Originalmente separados, como os homens poderiam se reunir?” – pergunta feita pela filósofa francesa Simone de Beauvoir-, “É possível um projeto de generosidade em um mundo onde há um constante embate de subjetividades?”, “Como não virar o opressor neste mundo?” e “Sempre existirá um inimigo imediato em comum?”. Ao elencar esses tópicos e contrastar essas questões, pretendemos destacar não apenas suas bases teóricas, mas também explorar possíveis pontos de convergência em suas obras e críticas a sua filosofia. Além disso, este estudo visa contribuir para uma compreensão mais abrangente das questões ontológicas, éticas e políticas relacionadas à liberdade e ao projeto de cada ser humano, fornecendo *insights* filosóficos relevantes para debates contemporâneos sobre direitos individuais, responsabilidade moral e justiça social. Em suma, na situação contemporânea em que há rupturas sociais é preciso mediar o sofrimento através da ideia de engajamento.

Palavras-chave: Sartre. Liberdade. Alteridade. Engajamento. Responsabilidade.



ANÁLISE EXISTENCIALISTA DA PRÁXIS E DA ALIENAÇÃO NO METAVERSO

Dante Luis Tonezer, (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisa em Psicologia, Fenomenologia e Existencialismo – LIEPPFEX, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil); Sylvia Mara Pires de Freitas (Programa de Pós-graduação em Psicologia, LIEPPFEX, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil).

contato: dante.tonezer@gmail.com

RESUMO

Este trabalho é um recorte da pesquisa de mestrado, em andamento, realizada no Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Universidade Estadual de Maringá, Paraná. Trata-se de analisar a relação das categorias sartrianas da práxis e alienação no metaverso. Considerando que ainda que o metaverso, enquanto plataforma, seja uma tecnologia de imersão que medeia as relações virtuais, ele mantém o caráter de prático-inerte, o qual impõe regras à liberdade humana, alienando as práxis de pessoas usuárias. As plataformas virtuais são tecnologias que possibilitaram abreviar o tempo e o espaço. No entanto, mesmo que esse acontecimento oportunizou enriquecer e intensificar as experiências e eliminar algumas adversidades aos projetos humanos, essas plataformas virtuais são produções humanas. Isso significa que em suas essências, como na do metaverso, está fixado o propósito de seus criadores. O metaverso é um mundo virtual tridimensional produzido com base em reproduções análogas do que existe no mundo não virtual, bem como em produções imaginárias e fictícias. Desenvolvedores, entusiastas e grandes mídias afirmam que no metaverso qualquer pessoa pode ser quem quiser ser, ou seja, é possível construir um espaço que transcenda seu mundo vis-à-vis e também criar um avatar que o(a) represente, e assim se envolver em relações de forma imersiva. No entanto, mesmo que a experiência humana ocorra em ambiente virtual, ela não escapa de contradições. O metaverso é um produto desenvolvido por *Big Techs*, e os propósitos desses grupos hegemônicos não se restringem ao de proporcionar experiências imersivas personalizadas com a sensação de presencialidade. Essas grandes corporações condicionam os(as) usuários(as) a agirem segundo seu projeto, ou seja, eles(as) têm de seguir padrões de comportamento, utilizar dispositivos para acessar o ambiente virtual e consumir determinados produtos, fornecidos pelas corporações, para se manterem conectados(as). Portanto, o metaverso, enquanto produto, impõe-se também como um imperativo com fins econômicos e políticos, ou seja, não é apenas um espaço de interação digital, mas uma extensão dos interesses corporativos, centralizando a coleta de dados, a monetização de experiências e a criação de mercados digitais. O controle sobre as estruturas tecnológicas e os algoritmos que regem essas plataformas aumentam a dependência dos(as) usuários(as) e limitam suas possibilidades àquilo que a plataforma proporciona, agravando questões de segurança e vigilância digital. Por fim, a propaganda de liberdade no metaverso forja a alienação das ações dos(as) usuários(as). Havendo interesses econômicos e políticos das *Big Techs*, haverá controle da liberdade.

Palavras-chave: Metaverso. Existencialismo. Práxis. Alienação.



DESVELANDO LA CONTINGENCIA: LA NÁUSEA DE SARTRE Y SU RELACIÓN CON LA NOCIÓN DE CONTINGENCIA

Angela Giselle Hernández Romero (Universidad del Atlántico-Barranquilla-Colombia Estudiante de filosofía de la Universidad del Atlántico Barranquilla-Colombia Adscrita al semillero de investigación ES MUSS SEIN de la Universidad del Atlántico- Barranquilla-Colombia).

[Contato: aghernandez@mail.uniatlantico.edu.com](mailto:aghernandez@mail.uniatlantico.edu.com)

Jean-Paul Sartre ha explorado incansablemente el tema de la contingencia a lo largo de su carrera filosófica. Este interés se remonta a sus primeros años académicos, cuando en 1926 elaboró un trabajo sobre la contingencia durante una clase con León Brunschvicg. Esta idea, que sugiere que la existencia carece de una justificación necesaria, se convirtió en el núcleo de su novela filosófica "La náusea", publicada en 1938 (Cf, Cohen–Solal, 1990; Cabestan & Tomes, 2001; Cardozo, 2023). En "La náusea", Sartre presenta la experiencia de la contingencia a través de su protagonista, quien se enfrenta al absurdo de la existencia y la falta de un propósito inherente en el mundo. Este enfrentamiento con la contingencia revela la nada subyacente en la vida cotidiana, una idea que se convierte en una categoría central en la filosofía de Sartre (Sartre, 1945, Cardozo, 2023). El análisis de la noción de contingencia en "La náusea" nos permite comprender cómo Sartre desarrolla esta idea a lo largo de su obra, desde sus primeros escritos hasta su monumental tratado "El Ser y la Nada". Esta exploración revela tanto las influencias heideggerianas en el pensamiento de Sartre como sus puntos de desacuerdo, y nos ayuda a entender mejor su contribución al existencialismo y a la filosofía en general. Por esta razón la presente ponencia presenta un análisis del concepto de contingencia en la novela de Jean Paul Sartre la Náusea.

Palavras-chave: Náusea. Contingencia. Sartre.



O OLHAR DO OUTRO SOBRE DANIEL PENNAC: REFLEXÕES À LUZ DE SARTRE

Ludmila Consani (UVA, NUCAFE, Rio de Janeiro - RJ, Brasil; Luiz José Veríssimo (Docente do Departamento de Psicologia da PUC-Rio e da UVA, Rio de Janeiro - RJ, Brasil).

contato: ludmilaconsani@gmail.com

RESUMO

A presente comunicação, elaborada a partir do Trabalho de Conclusão de Curso da autora na Universidade Veiga de Almeida (2022), tem como objetivo apresentar reflexões sobre a influência do olhar do outro na constituição de si segundo a perspectiva da filosofia de Jean-Paul Sartre. Para tanto, utilizam-se, como exemplo, as vivências retratadas pelo escritor e professor de francês Daniel Pennac em sua obra de cunho autobiográfico chamada *Diário de escola*. Esse autor oferece ao leitor descrições detalhadas de suas experiências nos tempos de escola na França, tanto sob o ponto de vista do “mau” aluno que foi, quanto do que experimentou sendo professor escolar em Paris. Trata-se de um excelente exemplo de como o olhar do outro influencia a constituição do que Sartre chama de projeto de ser, projeto original ou projeto fundamental, isto é, a escolha fundamental que o ser humano faz de si mesmo. O método utilizado neste trabalho é a revisão de literatura, tendo como base a ontologia fenomenológica de Sartre. Apresenta-se um breve resumo da vida desse filósofo, das bases de seu pensamento e de algumas de suas noções filosóficas julgadas pertinentes ao objetivo do trabalho, a saber: o em-si, o para-si, a liberdade, a má-fé, o para-outro, o olhar, a temporalidade e o projeto de ser. Em seguida, são realizadas reflexões a partir de uma articulação entre essas noções descritas anteriormente e o que Pennac relatou ter experienciado ao longo da vida, buscando-se compreender tais vivências à luz da filosofia sartriana. Conclui-se com esse trabalho que o olhar do outro faz com que uma pessoa se sinta objetificada, como se ele lhe conferisse uma essência. Isso tende a ocorrer principalmente no início da vida, quando as vivências ocorrem de maneira mais alienada, pois ainda não se opera na consciência reflexiva. Entretanto, tal olhar não é determinante: o ser humano é ontologicamente livre e tem a possibilidade de mudar seu projeto de ser (o que Sartre chama de conversão radical). A vida de Pennac é um exemplo disso: quando criança, ele era considerado “lerdo” e, por muito tempo, acreditou nessa pecha como se fosse uma essência imutável. Apesar disso e devido a olhares diferentes que recebeu, percebeu-se como um ser de possibilidades, tornando-se, então, professor e romancista traduzido para diversos idiomas.

Palavras-chave: Jean-Paul Sartre. Existencialismo. Psicanálise existencial. Olhar do outro. Daniel Pennac.



O RISCO DO APAGAMENTO DO PROJETO ANTIPSIQUIÁTRICO NA HISTÓRIA: UMA LEITURA A PARTIR DA DIALÉTICA DE GRUPOS EM SARTRE

Beatriz Dutra Rosa (Grupo de Estudos em Fenomenologia e Existencialismo, Departamento de Psicologia, Residência Técnica de Gestão em Saúde Pública, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Sylvia Mara Pires de Freitas (Departamento de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Grupo de Estudos em Fenomenologia e Existencialismo, Laboratório Interinstitucional em Estudos e Pesquisa em Psicologia, Fenomenologia e Existencialismo, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil).

contato: biadutrar@gmail.com

RESUMO

A reforma psiquiátrica brasileira (RPB) foi um movimento social e político que teve início na década de 1970, tendo como força motriz o engajamento de trabalhadores de saúde mental, usuários e seus familiares. Esses grupos questionavam o modelo hospitalocêntrico e manicomial do tratamento aos considerados “loucos” da época, visto que buscavam estabelecer um novo paradigma ético e epistemológico para o cuidado dessa população. Para tanto, um novo olhar para a psiquiatria estabeleceu-se concomitante a reformulação teórico-metodológica das práticas em saúde mental. A partir da aprovação da Lei da Reforma Psiquiátrica (Lei nº 10.216/2001) no Brasil, foi oficializada, enquanto política pública, a trajetória desses grupos precursores, que persiste até hoje enquanto Leis e Portarias do Ministério da Saúde. No entanto, já se passaram, pelo menos no Brasil, mais de 23 anos da institucionalização da lei, e com isso vários outros grupos de profissionais se inseriram e se inserem no contexto da saúde mental. Diante deste cenário, a questão que colocamos como reflexão para este trabalho é a seguinte: será que no decorrer da história o projeto de engajamento contra a lógica manicomial ainda persiste? Não pretendemos aqui buscar respostas, mas levantar questões sobre a problemática das contradições na relação entre o grupo sincrônico e o diacrônico, segundo a teoria sartriana de grupos. Para esse autor, grupo sincrônico é a unificação de múltiplidades simultâneas em vista de um objetivo comum, ele estabelece o campo contingente para as gerações futuras, enquanto o grupo diacrônico já surge inserido nas contingências construídas pelos grupos anteriores, e se relacionam com a contingência ao modo de um distanciamento temporal e contextual. Nesse prisma, à medida que as conquistas sociais e os pressupostos éticos preconizados pela RPB são interiorizados pela pluralidade de agentes após a reforma, mediados pela legislação vigente, seus contornos tendem a se modificar frente à totalização dos universais-singulares desta época, podendo ser redesenhados a cada práxis individual ou grupal no atendimento a pessoas com transtornos mentais graves e persistentes, compondo então, novos contornos dessa totalização histórica. Ademais, há também as condições que esses grupos diacrônicos se inserem, cujo desmonte da saúde pública é evidente. Essas conquistas, portanto, ainda que tenham sido construídas a partir da práxis de um grupo específico, escapam a esses precursores na medida em que são concretizadas. Outros grupos as resignificam e lhes designam outros caminhos. Com isso, concluímos que pode ocorrer o apagamento da ideia original do projeto antipsiquiátrico.

COLINSAR



ANAIS DO IV COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE SARTRE: “Situações contemporâneas: rupturas sociais, sofrimento e engajamento” UFSC/Florianópolis/SC – 06, 07 e 08 de novembro de 2024 - ISSN 2596-0032 - <https://www.ivcoloquiosartre.com.br/anaisdoevento>

Palavras-chave: Reforma Psiquiátrica Brasileira. Existencialismo. Antipsiquiatria. Saúde Pública.



SARTRE CONVERSA COM PIRANDELLO A RESPEITO DA MEDICALIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA

Lucrecia Corbella. Pós-Doutora em Filosofia (UFSCar). Doutora em Psicologia Social (UERJ/UBI/Portugal). Psicóloga (UFRJ). Psicóloga clínica existencialista. Professora do Curso de Especialização em Saúde Mental e Atenção Psicossocial (ENSP/FIOCRUZ). Orientadora do Doctorado de Salud Mental Comunitaria en Universidad Nacional de Lanús (UNLa), Buenos Aires, Argentina.

contato: lucreciacorbella@gmail.com

RESUMO

Qual é o sentido existencial em 2024 em um mundo pós-pandêmico? Que sequelas a pandemia da covid-19 deixou nos sobreviventes da pandemia mundial? Para Sartre, a existência tem implicações éticas, socioculturais, pois as ações de uma pessoa singular produzirão efeitos em toda a humanidade. Segundo Sartre, tanto a imaginação quanto a razão são fundamentais para a constituição da subjetividade. Pirandello, dramaturgo italiano que inspirou Sartre, considera que a constituição da subjetividade é feita com a razão, com as relações afetivas, com a fantasia e com as expectativas dos outros. A peça Henrique IV apresenta a questão da constituição da subjetividade e as imbricadas relações com as etiquetas, os diagnósticos e o sequestro de identidades que a psiquiatria antiética que está à serviço da indústria farmacêutica, uma das mais lucrativas em 2024 no mundo inteiro, realiza. O teatro, para Sartre, coloca em cena o ser humano em situação, ampliando o seu horizonte existencial. À luz do filósofo francês Jean-Paul Sartre, do dramaturgo italiano Luigi Pirandello e do dramaturgo brasileiro José Celso Martinez Corrêa, buscaremos nos interrogar a respeito da medicalização da existência na constituição da subjetividade. Subjetividade esta que, para Sartre, Pirandello e Martinez Correa, está sempre marcada por seu tempo histórico, pelas pessoas que vivem na sua época, pelos trabalhos que realizamos e se nos engajamos e de que forma nos engajamos na luta pela transformação da realidade em um mundo mais justo, mais diverso, antirracista e antimanicomial. Tanto Sartre quanto Pirandello e Martinez Correa afirmam a potência dionisíaca que o teatro tem e de que forma se estabelecem pontes, redes, veias e projetos existenciais a partir desta arte feita de braços, pernas, suor e abraços.

Palavras-chave: Sartre. Pirandello. Saúde Mental.



A IMPORTÂNCIA DA LÓGICA DIALÉTICA PARA COMPREENSÃO DO ADOECIMENTO PSICOSSOMÁTICO: UMA LEITURA EXISTENCIALISTA

Gustavo Joaquim Marques Martins Machado (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisa em Psicologia, Fenomenologia e Existencialismo – LIEPPFEX, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Sylvia Mara Pires de Freitas (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisa em Psicologia, Fenomenologia e Existencialismo – LIEPPFEX, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil)

contato: gustavo.joakim@hotmail.com

RESUMO

Na história da Filosofia, Hegel surge como autor que rompe com a tradição aristotélica da lógica, esta que hoje entendemos como lógica formal: um ramo da filosofia que se dedica ao estudo de formas válidas de argumentação e inferência, preocupando-se com o significado dos termos da argumentação e também com termos que dizem respeito à validade e/ou verdade das proposições; bem como com a estrutura dos argumentos. Tal sistema de pensamento tornou-se hegemônico na tradição de pensamento ocidental, influenciando o modo como fazemos ciência ao objetivarmos chegar nas causas daquilo que se estuda. Em oposição, mas também em complementaridade à lógica formal, Hegel torna-se marco na história da filosofia ao propor uma maneira alternativa de se pensar a lógica. Ele apresenta a lógica dialética como uma abordagem filosófica que visa compreender a realidade através do reconhecimento e da análise das contradições internas inerentes aos sistemas, processos e ideias. Ela difere da lógica tradicional ao destacar a dinâmica das contradições e mudanças. Neste tipo de lógica, as contradições são vistas como fonte de movimento e compreensão, reconhecendo-se aqui a natureza dinâmica e contraditória da realidade, ao destacar a interação entre opostos e focar o papel das contradições na transformação e no desenvolvimento. Sartre, filósofo francês do século XX, apropria-se do pensamento lógico hegeliano e pós-hegeliano para pensar a realidade, a sociedade e a ética em seus escritos. A partir desse eixo norteador em sua filosofia, apresentaremos um recorte de pesquisa de doutoramento em andamento, pela qual investigamos, pela perspectiva sartriana, o papel das emoções nos possíveis adoecimentos tidos como psicossomáticos. Na pesquisa, refutamos que o adoecimento tem como gênese a mente ou as emoções, tendo como tese que ele está relacionado a complicações no projeto de Ser. Desta forma, neste trabalho, o recorte a ser apresentado refere-se à importância da lógica dialética para a compreensão do adoecimento psicossomático. Pautados nos escritos sartrianos, acreditamos que a lógica formal não dá conta de compreender as contradições e complicações entre os movimentos do indivíduo nas condições sociomateriais em que se insere e o papel dessas objeções no adoecer. Em Sartre, verificamos possibilidades de leitura acerca da psicossomática, utilizando como recurso de investigação a lógica dialética. Esta nos oferece subsídios para compreender como o indivíduo sintetiza sua relação com o mundo e como se unifica como um singular-universal inclusive, pode nos auxiliar a compreender como as adversidades são experienciadas pelo indivíduo.

Palavras-chave: Psicologia. Fenomenologia. Existencialismo. Saúde.



ANÁLISE DO FENÔMENO DAS FAKE NEWS COM BASE NAS NOÇÕES DE MENTIRA E VIOLÊNCIA DE SARTRE

Gabriela Araújo Fornari (Programa de Pós-graduação em Psicologia, pesquisa com bolsa parcial da CAPES no Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior, Departamento de Psicologia, Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisa em Psicologia, Fenomenologia e Existencialismo da Universidade Estadual de Maringá Maringá-PR, Brasil); Sylvia Mara Pires de Freitas (Professora Orientadora no Programa de Pós-graduação em Psicologia, Departamento de Psicologia, Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisa em Psicologia, Fenomenologia e Existencialismo da Universidade Estadual de Maringá; Maringá-PR, Brasil).

contato: gabifornari.fornari@gmail.com

RESUMO

Este trabalho é um recorte da pesquisa de doutorado, em andamento, sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Universidade Estadual de Maringá, Paraná. Propõem-se, a princípio, apresentar as concepções de Sartre sobre mentira e violência, e suas relações, trabalhadas, respectivamente, em *O Ser e o Nada*, publicado em 1943 e em *Cadernos para uma Moral*, publicado em 1983. Com base nessas noções objetivamos analisar o fenômeno das *fake news*. Sartre afirma que a mentira consiste em apresentar uma situação imaginária como real, assim, se as ações da outra pessoa forem consoantes a mentira, elas partirão de uma premissa falsa e se tornarão totalmente ineficazes sobre a realidade “verdadeira”, pois ocorrerão no modo de “como se”, num mundo de faz de conta, visto que, ao perseguir um objetivo imaginário, ela agirá no mundo concreto sem o modificar. Com relação à sua concepção de violência, Sartre a entende como uma ação que visa romper ou desestabilizar as leis do sujeito, ou seja, a sua liberdade, uma vez que ele é liberdade. Sobre as *fake news*, a própria denominação designa “notícias falsas”, desenvolvidas por pessoas e/ou grupos e compartilhadas especialmente nas mídias sociais. O objetivo com as *fake news* é de difundir conteúdos enganosos, espalhar boatos para garantir poderes econômicos e/ou políticos. Desta forma, as *fake news*, ao apresentarem uma realidade falsa para as pessoas, induzem que elas ajam conforme o interesse da pessoa e/ou do grupo “mentiroso”, alienando ações alheias conforme seu projeto. Pessoas que acreditam que as *fake news* são verdadeiras tendem a identificar seus interesses nelas e/ou por ignorância da realidade dos fatos. No entanto, o uso de notícias falsas também apresenta o caráter de violência por buscarem, por meio delas, controlar a liberdade alheia, induzindo as pessoas a acreditarem na mentira, como também ratificam um conhecimento equivocado sobre os fatos. À vista disto, concluímos que tanto a mentira quanto a violência caminham juntas na disseminação de *fake news*, sendo que o objetivo primordial é o domínio da liberdade alheia. Pela mentira há um mundo distorcido apresentado ao outro, o que se configura como violência por visar atacar a liberdade do outro para então subjugar-la em proveito próprio. O sujeito ou uma população que estão à mercê de notícias falsas têm sua liberdade suspensa, dominada e uma propensão a agirem de maneira estéril no mundo concreto.

Palavras-chave: Sartre. Existencialismo. Liberdade. Violência.

EIXO IV

O PENSAMENTO SARTRIANO E AS SITUAÇÕES CONTEMPORÂNEAS - QUESTÕES METODOLÓGICAS





PESQUISAS BIOGRÁFICAS SOBRE A MEDICALIZAÇÃO DA INFÂNCIA: REFLEXÕES SOBRE O MÉTODO DE PESQUISA

Fábio Machado Pinto (Doutor em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil).
Clarívia Fontana Possamai (Doutora em Educação PPGE/UFSC, Escola Superior de Criciúma – ESUCRI, Criciúma, SC, Brasil); Lara Beatriz Fuck (Doutora em Educação PPGE/UFSC, NUCA, Florianópolis, SC, Brasil).

contato: clapossamai@hotmail.com, larabeatrizf@gmail.com, fabiobage@gmail.com

RESUMO

Pretende-se apresentar resultados e aspectos teórico-metodológicos de pesquisas sobre a medicalização da Educação em ambientes educacionais no Sul do Brasil que se utilizam do método progressivo-regressivo formulado por Jean-Paul Sartre em Questão de Método. Trata-se de duas teses de doutorado realizadas no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC nos anos de 2019 a 2024, que estudaram a medicalização e patologização da criança em processos formativos na educação escolar: forma contemporânea de violência velada contra crianças, cada vez mais presente nos contextos escolares. As pesquisas utilizam uma abordagem qualitativa-quantitativa e (auto)biográfica. Neste sentido destaca-se a noção sartriana de sujeito em situação ou sujeito concreto; o caráter singular-universal do fenômeno. Por isso, a ênfase nesta apresentação será sobre os instrumentos metodológicos que nos permitam empreender uma investigação do singular circunscrito no universal, a busca pelo sujeito em situação, ultrapassando o narrativo e declarativo, que via de regra são os elementos advindos das entrevistas e questionários, a análise de instrumentos que nos auxiliam a chegar ao sujeito concreto. A partir desta primeira etapa de verificações, segue-se ao processo de construção de uma compreensão, seguindo a proposição do método compreensivo sartriano, o qual se distingue de uma análise interpretativa. Assim, a partir das singularidades das duas pesquisas, pretende-se evidenciar o que lhes é universal. Ambas buscaram demarcar os processos de medicalização nos municípios de Criciúma e Florianópolis, Santa Catarina, e retrocederam ao singular, selecionando-se três crianças que vivenciaram processos de medicalização no contexto escolar. Buscou-se construir a compreensão destes singulares realizando o movimento de situá-los no contexto sócio-histórico contemporâneo (universal). A medicalização na educação infantil está relacionada a questões mais amplas, como as políticas educacionais, as noções de infância e os processos de escolarização.

Palavras-chave: Pesquisa autobiográfica. Método progressivo-regressivo. Medicalização da infância. Patologização da infância.



A CORRELAÇÃO NECESSÁRIA E IRREDUTÍVEL ENTRE A “VIDA REAL” E A “VIDA IMAGINÁRIA” NA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA DE SARTRE

Gabriel Gurae Guedes Paes (Professor temporário na UECE, doutor em Filosofia pela UFSCar com período sanduíche pela Paris I Panthéon-Sorbonne)

contato: ggurae@yahoo.com.br

RESUMO

A impossibilidade de abarcar a totalidade do mundo que só pode ser dado de uma perspectiva finita em relação à qual as coisas transbordam, anuncia também o inacabamento do sujeito que a todo o momento é “chamado” a colocar as coisas de outra perspectiva. Há inconstância e indeterminação em um mundo de faces imprevisíveis, sempre por se revelarem. É por isso que Sartre diz em *O imaginário* que as coisas são exigentes. A impossibilidade de prevermos totalmente como o mundo será dado, nos obriga a mudar ou mesmo a abandonar certas condutas que planejemos. O mundo percebido, contingente e sempre exigindo atitudes a tomar, pode levar alguns indivíduos a viverem uma “vida imaginária”. A “vida imaginária” é a constituição de uma identidade que permite nos colocar para além das demandas de um mundo real de situações imprevisíveis. Sartre escreve que podemos pensar em classificar os indivíduos em duas categorias, segundo a preferência que demonstram em levar uma “vida imaginária” ou uma “vida real”. Mesmo em um único sujeito encontra-se um conflito entre um “eu imaginário” e um “eu real” que, segundo Sartre, não podem coabitar em um mesmo plano. No entanto, na conclusão da mesma obra, compreendemos que o imaginário só pode se desenvolver a partir de situações concretas que são definidas como diferentes modos imediatos de apreensão do real como mundo. Deste modo, já que a imagem é necessariamente relação com a realidade, não seria contraditório dizer que a “vida imaginária” é a constituição de uma identidade fora do real? Argumentamos que não há contradição se assumirmos que a “vida imaginária”, apesar de irredutível à “vida real”, se faz sempre em correlação com um fundo real de situações no mundo. Como consequência dessa posição, podemos compreender que há entre a “vida imaginária” e “vida real” uma multiplicidade de nuances e composições possíveis, variando de acordo com as situações concretas vividas por cada sujeito singular.

Palavras-chave: Sartre. Fenomenologia. Imaginário. Afetividade. Desejo.



“ESTAR COM” É DIFERENTE DE SER INCLUÍDO: AS AULAS DE ARTE/TEATRO E O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO EM DIÁLOGO COM O PENSAMENTO SARTREANO

Celida Salume Mendonça, (Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas (PPGAC); Mestrado Profissional (Stricto sensu) em Artes (PROFARTES), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador - Bahia, Brasil).

contato: celidasm@gmail.com

RESUMO

O texto relata uma experiência docente em Arte/Teatro vivenciada pela autora no período de seu pós-doutoramento na Universidade de Évora (Portugal), que tinha por objetivo aprofundar a ideia de que o uso intencional de diferentes materialidades (orgânica, espacial e iconográfica) nos percursos de criação teatral mobiliza os envolvidos ajudando-os a reagir às experiências instauradas. As múltiplas possibilidades oferecidas pelas materialidades em jogo, abre perspectivas para o pensar e o fazer nas instituições serem inventivos e sensíveis, e o processo de aprendizagem passar pelo meu corpo e o do outro, concebendo de modo mais amplo a alteridade. No processo teatral desenvolvido em contextos educacionais a alteridade é identificada como forma de visibilidade, de escuta e de tecimento na trama de relações dos participantes entre si. Ao conseguirmos nos demarcar em termos de alteridade estamos sendo afetados e implicados com pessoas e coisas que viabilizam nosso movimento concreto no mundo. Na experiência criativa reside a possibilidade de se colocar no lugar do outro, de exercitar a empatia e a reciprocidade. A escolha da Escola de Educação Básica da Cruz da Picada (Portugal) como campo de investigação deve-se a proximidade com a população escolar socialmente desfavorecida, que encontramos também na realidade brasileira, o que inclui crianças com problemas de aprendizagem e socialização e crianças com deficiência. Para a fundamentação teórica, buscou-se autores/as que defendem o ensino da Arte em uma abordagem mais sociointeracionista e a filosofia existencialista sartreana como norteadora para o processo de mediação. A metodologia centra-se num plano de ação-investigação empírico voltado para um conjunto de procedimentos, análise de experiências e iniciativas no contexto educacional do ensino público. Reconheço aqui entre as situações contemporâneas, esse movimento e/ou tentativa de “inclusão” de pessoas com deficiência e/ou atraso no desenvolvimento da personalidade, no ensino regular. Nas raras ocasiões em que as crianças com diagnóstico de autismo vinham para as aulas de Teatro acompanhadas por profissionais da Unidade de Ensino Estruturado (UEE) verificou-se que não eram bem recebidas pelo grupo, por não terem uma frequência de participação nas aulas. A proposta deste trabalho, é apontar de que forma as aulas de Arte/Teatro podem facilitar o processo de socialização destas crianças, sinalizando o equívoco na abordagem metodológica da instituição de ensino à luz do pensamento sartreano. Os resultados obtidos voltam-se para o aperfeiçoamento da formação de docentes, educadores em geral e pesquisadores da Pedagogia das Artes Cênicas.

Palavras-chave: Pedagogia das Artes Cênicas. Escola. Mediação. Pessoas com deficiência. Sartre.



A RADICALIZAÇÃO DO MÉTODO REFLEXIVO

Tássia Vianna de Carvalho, (Mestra e Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ – Brasil, com bolsa de pesquisa pela CAPES); orientada pelo Prof. Dr. Paulo Mendes Taddei (Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia Universidade Federal do Rio de Janeiro, Professor Adjunto do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, RJ - Brasil).

contato: tassiasete@gmail.com

RESUMO

Esta comunicação tem por objetivo reconstituir a concepção da reflexão na obra propriamente fenomenológica de Jean-Paul Sartre, *A Transcendência do Ego* (1936), investigando seu teor metodológico necessário à realização de sua ontologia fenomenológica. A reflexão pura aparece em como possuindo a função de descobrir a consciência em suas estruturas fundamentais, sem o teor de modificação inerente à reflexão impura – que tende a afirmar mais do que deveria. A reflexão pura seria, portanto, “simplesmente descritiva” (SARTRE, [1936] 1995, p. 61). Sartre aborda o problema de modificação reflexiva, herdado da fenomenologia husserliana, apontando que a reflexão fenomenológica apreende a vivência objetivamente e para além da instantaneidade, com uma tendência de permanência temporal. Já a reflexão pura, por sua vez, “atém-se ao dado sem manifestar pretensões quanto ao futuro” (SARTRE, [1936] 1995, p. 61) ou tampouco ao passado. Husserl, por outro lado, utilizaria da reflexão fenomenológica como método de investigação privilegiado para a fenomenologia, como forma de acesso às vivências anteriormente realizada, descrevendo-as em seus diversos graus de evidência. A reflexão fenomenológica é compreendida, pela fenomenologia husserliana, como possuindo um modo de acesso à percepção imanente que, por sua vez, nos é dada a partir de seu teor de indubitabilidade – em oposição à percepção transcendente, que é sempre incompleta. Para fins metodológicos, iniciaremos, realizando uma distinção funcional entre a concepção de *reflexão pura* adotada por Sartre e a *reflexão fenomenológica* cunhada por Husserl, em vistas de mostrar as distinções e aproximações entre tais noções, demonstrando o teor de *radicalização* da fenomenologia husserliana realizada por Sartre. Demonstraremos como a *reflexão* é utilizada como recurso metodológico privilegiado adotado pela tradição fenomenológica, cunhada por Husserl, e da qual Sartre se faz herdeiro, mostrando como Sartre não somente pertence a tal tradição, mas ainda propõe uma radicalização da mesma, evidenciando assim o teor propriamente fenomenológico do pensamento sartriano.

Palavras-chave: Sartre. Husserl. Reflexão. Modificação Reflexiva. Fenomenologia.



DESAFIOS E OPORTUNIDADES NO NOVO ENSINO MÉDIO: REFLEXÕES SOBRE O ITINERÁRIO PROJETOS DE VIDA À LUZ DO CONCEITO SARTRIANO DE PROJETO DE SER

Mayara Floriani (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial - PSICLIN, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Raquel Wzorek, (Programa de Pós-graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, UFSC, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Veronica Candaten Furini, (Programa de Pós-graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, UFSC, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Zuleica Pretto (Programa de Graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, UFSC, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Daniela Ribeiro Schneider (Programa de Pós-graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, UFSC, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil).

contato: psimayara.floriani@gmail.com

RESUMO

Este trabalho reflete temáticas importantes no contexto educacional contemporâneo, trazidos pela mudança no ensino médio brasileiro. Especificamente, concentra-se na discussão do itinerário Projetos de Vida, componente curricular unificador de diversas áreas do conhecimento, que visa proporcionar uma abordagem mais integral e significativa para o desenvolvimento dos(as) estudantes, conectando seus conhecimentos à realidade e suas perspectivas de futuro. Foram realizadas análises documentais e revisão bibliográfica para compreender as diretrizes e nuances relacionadas ao itinerário de Projetos de Vida dentro do contexto do Novo Ensino Médio. Através de uma breve análise da literatura, os resultados revelam que a produção acadêmica acerca da temática ainda é limitada, porém, as mudanças propostas têm gerado debates e críticas. Questiona-se a lógica do empreendedorismo de si que está por detrás da formulação dos conteúdos desta proposta, a falsa liberdade de escolha para os estudantes devido às limitações nos Itinerários Formativos, principalmente em escolas públicas e com menos recursos, a substituição de disciplinas essenciais por matérias consideradas menos relevantes e o aumento da carga horária, que pode contribuir com o aumento da evasão escolar, especialmente em jovens de baixa renda. Além disso, há preocupações sobre a capacitação teórica dos(as) professores para lidar com as novas disciplinas e com as demandas socioemocionais dos(as) estudantes. Contudo, apesar da necessidade de considerar essas críticas, a existência de um espaço pedagógico que possibilite aos estudantes planejarem seu futuro pode ser uma oportunidade de fortalecer o seu desenvolvimento psicossocial e contribuir com sujeitos mais críticos e posicionados sobre suas vidas. Para tanto, faz-se necessário subsídios críticos que discutam a noção de projeto em uma outra ótica, como a que nos possibilita a teoria existencialista, com as noções de projeto de ser, historicidade, situação e mediação. Contribuir para a base pedagógica deste itinerário pode torná-lo um espaço viabilizador para os jovens, com apropriação crítica dos contextos que definem os seus campos de escolha existencial e profissional, com a ampliação de horizontes e de desenvolvimento psicossocial dos(as) estudantes, proporcionando um espaço para que estes explorem suas biografias, desejos e projeções futuras. Além disso, os(as) professores(as), ao adotarem uma fundamentação crítica e postura ativa no processo de mediação pedagógica, podem desempenhar um papel de salto para um futuro mais viabilizador na vida dos(as)



estudantes. Esses aspectos são considerados cruciais para a constituição dos processos de subjetivação, tal como proposto por Sartre.

Palavras-chave: Escola. Existencialismo. Sartre.



ENTRE MARX E SARTRE: A CONTRIBUIÇÃO DE QUESTÃO DE MÉTODO PARA COMPREENDER O SENTIDO DO TRABALHO FLEXÍVEL

André Diogo Resende (Programa de Pós-graduação em Psicologia, CAPES, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil).

contato: resende@gmail.com

RESUMO

Este trabalho busca elucidar criticamente o método utilizado na compreensão dos sentidos do trabalho flexibilizado, a partir das contribuições de *Questão de Método*, de Sartre. Para Richard Sennett, a reorganização do mundo do trabalho ocorrida a partir da década de 1970, em superação ao fordismo, passou a exigir do trabalhador mais agilidade e flexibilidade, esperando-se polivalência, prontidão para assumir riscos e capacidade de lidar com prazos curtíssimos. Impôs ideais de versatilidade às mudanças na incessante busca por resultados. Tendo em vista este imperativo, como então alcançar fenomenologicamente os sentidos do trabalhador flexível, sem perder de vista a totalidade do tempo sócio-histórico do capitalismo flexível? Ou então: como compreender este mesmo trabalho a partir das contradições do capitalismo flexível e da revolução das telecomunicações, sem perder de vista a singularidade vivida por estes trabalhadores? Em *Questão de Método*, Sartre ambiciona a construção de um método que retome o potencial heurístico e crítico da filosofia de Marx. Para ele, é fundamental situar o indivíduo em seu mundo, situando as experiências particulares ao processo sócio-histórico em curso. Sartre critica o marxismo dogmático por sua incapacidade de apreender a singularidade dos processos sociais e históricos, tanto do ponto de vista universal da totalização do Capital quanto do singular. Partindo de Lefebvre, Sartre busca em três tempos delinear um método que permita revelar a singularidade dos fenômenos dentro de totalizações mais amplas do tempo histórico: 1) O primeiro passo seria a descrição fenomenológica do objeto a ser conhecido, buscando apreender a singularidade fenomênica a partir da experiência; 2) o segundo momento, Sartre denomina analítico-regressivo, visando transcender o aspecto fenomênico do objeto em direção aos fatos, eventos e informações passadas ligadas à sua historicidade, capazes de fornecer uma primeira aproximação do vir-a-ser do fenômeno investigado; 3) o terceiro momento do método é o progressivo-sintético, pois busca redescobrir, a partir dos fatos e eventos analisados pelo momento regressivo, a síntese presente que estes formam, iluminada por seu processo histórico. Fundamentado nesta discussão teórico-metodológica, este trabalho pretende realizar uma exposição do método utilizado em uma pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRJ, sob orientação do professor Fernando Gastal de Castro, cujo objetivo é compreender os sentidos do teletrabalho para docentes do ensino superior privado. Buscaremos descrever o processo de investigação do sentido do trabalho a partir do método progressivo-regressivo e alcançar o processo histórico em curso a partir da singularidade das vivências descritas em entrevistas.

Palavras-chave: Marxismo. Progressivo-regressivo. Sujeito flexível.



APORTE TEÓRICO E PRÁTICO DO MÉTODO BIOGRÁFICO SARTRIANO PARA AS PESQUISAS EM SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Ana Cláudia Wendt dos Santos (NUCA – Núcleo Castor: Estudos e Atividades em Existencialismo, Florianópolis – SC, Brasil); Fábio Machado Pinto, (Programa de Pós-graduação em Educação UFSC, Núcleo de Estudos e Pesquisa Educação e Sociedade Contemporânea, Grupo de Estudos Biográficos Sartriano, Professor Titular da ESEF/UFPel.).

contato: aclws@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa de pós-doutorado na área da Educação e que esteve inserido num projeto maior, que tem como objetivo geral contribuir para o avanço dos estudos em Sociologia da Educação, ao identificar como o método biográfico pode servir de ferramenta teórica e metodológica para se compreender como se dão os processos de desigualdades sociais na escola, como se estabelece as relações com os saberes, como se dá a formação de professores, entre outros. Como objetivo específico do estudo de pós-doutorado, buscou-se apresentar como conceitos como os de projeto e desejo de ser, contexto antropológico e sociológico afetam as situações de aprendizagem dos sujeito e são imprescindíveis para a sua formação, de modo a torná-los ferramentas úteis, especificamente através do uso dos modelos científicos, para a aplicação do método biográfico progressivo-regressivo exposto por Jean-Paul Sartre em sua obra *Questão de Método* (1987). Para tanto, analisou-se o material produzido pelo filósofo e professor Pedro Bertolino, que estuda a obra de Sartre há pelo menos 50 anos e aplica as noções e os conceitos da teoria existencialista na prática em psicologia clínica e escolar. Referido material pode ser encontrado no site do NUCA (Núcleo Castor), grupo que existe há 20 anos de estudos e atividades em Psicologia e Psicoterapia Científica Existencialista, fundado pelo próprio Pedro Bertolino. Em todo o seu tempo de existência, o NUCA produziu textos, comunicações científicas, vídeos-aulas, estudos de casos, modelos científicos (como da descrição ontológica do sociológico; do processo de constituição do saber de ser; das evoluções internas da personalidade humana), que contribuem para que as pesquisas avancem na investigação e no esclarecimento dos fenômenos da área da psicologia e da sociologia educação, assim como na efetiva intervenção sobre os mesmos. A teoria sartriana é uma abordagem relacional que considera os sujeitos como protagonistas de sua história, de seus modos de socialização, de suas práticas e da relação que estabelece consigo mesmo e com os que estão à sua volta, estando a aprendizagem no cerne do processo de subjetivação (personalização). Portanto, considerando a personalidade como resultado do processo de relações na realidade, ela pode ser estudada, observada, descrita e alterada com recurso aos próprios componentes que a compõem e através das ferramentas metodológicas apropriadas para intervir nas dificuldades de aprendizagem e na vida de relações de modo geral.

Palavras-chave: Método Progressivo-regressivo. Jean-Paul Sartre. Relação com os saberes. Núcleo Castor. Pedro Bertolino.

EIXO V

O PENSAMENTO SARTRIANO E AS SITUAÇÕES CONTEMPORÂNEAS - QUESTÕES METODOLÓGICAS





O SER DA "COMPREENSÃO PSICOTERAPÊUTICA" E O PROCESSO DO RACIOCÍNIO CLÍNICO FENOMENOLÓGICO EXISTENCIALISTA

Sérgio Roberto Monteiro Dias (Consultório PERFIS PSICOLOGIA LTDA). Florianópolis-SC, Brasil.

RESUMO

O presente trabalho explora a aplicação do raciocínio clínico (RC) fenomenológico existencialista na prática psicoterapêutica, buscando compreender o paciente além dos tradicionais diagnósticos nosológicos. O objetivo central é ressituar o paciente como sujeito ativo dentro de seu contexto antropológico e sociológico, permitindo que ele se perceba e se mova dentro de sua "pele" em um ambiente concreto e interacional. A prática psicoterapêutica, conforme descrita, demanda uma racionalidade que integra metodologias científicas com habilidades cognitivas e socioemocionais do terapeuta. Esta abordagem se caracteriza pela interação direta e empática no setting terapêutico, onde o psicoterapeuta e paciente engajam-se em uma relação face a face, potencializando a experiência e expressão do sofrimento psicofísico do paciente. A metodologia empregada é descritiva e compreensiva, focada na reconstituição do sujeito em seu plano concreto material e histórico. Este processo envolve a identificação e verificação das condições psicofísicas do paciente, explorando como tais condições se manifestam no cotidiano através de uma 'experienciação' que é tanto emocional quanto física, ou seja, psicofísica. O acesso ao sofrimento do paciente é alcançado por meio de uma "conversação técnica", na qual o psicoterapeuta utiliza descrição e devoluções técnicas para facilitar a articulação do paciente sobre suas vivências e sua integração ao contexto mais amplo. O RC fenomenológico existencialista é delineado como uma série de ações, procedimentos e estratégias que são teoricamente fundamentadas e visam resultados específicos, como a transformação da compreensão do paciente sobre si mesmo e seu ambiente. Esta abordagem contrasta com a retenção do paciente em um plano meramente social ou administrativo, propondo em vez disso uma reengenharia existencial que resgata o "cogito" dialético e sociológico, promovendo uma compreensão mais profunda e transformadora da estrutura de escolha do paciente. Em síntese, essa reflexão propõe a utilização do raciocínio clínico fenomenológico existencialista como uma ferramenta vital para alcançar uma compreensão psicoterapêutica mais eficaz, onde o paciente é visto e tratado como um ser integral, engajado em um processo contínuo de autorreconhecimento e transformação dentro de seu ambiente psicossocial e físico.

Palavras Chaves: Compreensão psicoterapêutica. Raciocínio Clínico. Cogito Dialético. Reengenharia Existencial.



NASCI BARATA E SOU BARATA ATÉ HOJE: IMPLICAÇÕES SOCIOECONÔMICAS, DE GÊNERO, RAÇA E TERRITÓRIO NA PSICOTERAPIA EXISTENCIALISTA

Thaís Cabral Albigo, (Curso de Psicologia, Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - SC, Brasil); Laura Muneron Busatto, (Pós-Graduanda em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial, Núcleo de Clínica Ampliada Fenomenológica Existencial, Rio de Janeiro-Rio de Janeiro, Brasil); Adria de Lima e Sousa (Faculdade de psicologia - FAPSI - Universidade Federal do Amazonas, Manaus - Amazonas); Gabriela Rodrigues (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial, Bolsa de Estudos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -Brasil – código de Financiamento 001, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - SC, Brasil); Charlene Fernanda Thurow (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial, Bolsa de Estudos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -Brasil – código de Financiamento 001, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - SC, Brasil); Daniela Ribeiro Schneider (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - SC, Brasil).

contato: thaiscabralalbigo@gmail.com

RESUMO

O presente relato de estágio e extensão refere-se ao processo de psicoterapia realizado sob a abordagem fenomenológica existencialista no Serviço de Atenção Psicológica (SAPSI) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Em processo de psicoterapia por cerca de dois anos, a paciente, mulher, idosa, parda, moradora de região periférica da cidade, de condição socioeconômica média-baixa, com história familiar e relacionamentos afetivos permeados por violências e violações de direitos. Chegou à clínica escola com a queixa narrada de episódios depressivos recorrentes, choros constantes e intensos, isolamento social e ideia suicida com tentativas prévias, agravados pela rede de apoio fragilizada. Ao longo do processo, investigando as mediações sociológicas e antropológicas da paciente, foram descritas situações atuais e constatadas relações serializadas na família, que potencializavam seu sofrimento. Com isso, seu projeto e desejo de ser matriarca estava inviabilizado. Foi trabalhado com a paciente e com pessoas do círculo familiar a necessidade de retomada do diálogo e estreitamento dos laços, pois esta era uma das fontes de seu sofrimento. Posteriormente, foram investigadas situações de gênese nas quais a paciente revelou um “segredo familiar”: de que ela seria filha de sua mãe com outro homem fora do casamento, e que, em consequência disso, desde a infância vivia uma diferença de tratamento de seus irmãos e irmãs, experimentando-se menor, desprezada, diminuída. Tal saber mostrava-se igualmente presente em outros perfis da paciente, a qual afirmou que havia “nascido barata, crescido barata, casado sendo barata e era barata até hoje”. A partir disso, foram realizadas intervenções visando a promoção de uma práxis transformadora e um caminho da desalienação por meio de descrições das situações atuais e de gênese e localização destas na relação com o saber e o projeto de ser. Para além do ajuste da medicação psiquiátrica e a diminuição dos sintomas psicofísicos (sensação de angústia, da intensidade e frequência do choro), foi observado que a paciente passou a se localizar frente aos objetos emocionadores que desencadeavam episódios depressivos, tornando compreensível aquilo que era antes incompreensível, relacionando tais situações concretas atuais com sua história. Houve também ampliação de sua rede de apoio, mediações sociológicas e a inclusão de atividade física na rotina da paciente. Progressivamente, esta vem saindo de uma postura passiva, para uma atitude de



posicionamento e de compreensão de suas escolhas, restabelecendo as rédeas de sua vida e caminhando em direção à autonomia.

Palavras-chave: Psicoterapia Existencialista. Depressão. Suicídio. Sociológico Familiar. Projeto de Ser.



A FUNÇÃO DOS GRUPOS DE TRABALHO NA PROTEÇÃO DA RACIONALIDADE DO PROCESSO CIENTÍFICO

Sandra Aparecida Resende Dalmaso (Consultório Perfis Psicologia e Psicoterapia Existencialista, Florianópolis-SC, Brasil); Marina Silveira Soares (Consultório Perfis Psicologia e Psicoterapia Existencialista, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, Brasil); Sérgio Roberto Monteiro Dias (Consultório Perfis Psicologia e Psicoterapia Existencialista, Florianópolis-SC, Brasil).

contato: sanpsiresende@gmail.com

RESUMO

A recente exigência de comprovações científicas para a cobertura de tratamentos não médicos pelos Planos de Saúde intensificou o debate sobre a necessidade de fundamentação científica na Psicologia, regulamentada no Brasil desde 1962. Reconhecendo a diversidade de abordagens ontológicas e antropológicas na Psicologia, Jean-Paul Sartre, a partir da fenomenologia husserliana, desenvolveu uma psicoterapia existencialista que adota um método científico rigoroso. Psicoterapeutas que seguem essa abordagem comprometem-se com a racionalidade científica, utilizando protocolos metodológicos claros e avaliações contínuas das etapas do tratamento, garantindo assim a eficiência e a eficácia do processo terapêutico. O objetivo deste trabalho é relatar a experiência de um Grupo de Trabalho Psicoterapêutico, ou Grupo de Orientação Metodológica, composto por psicólogos formados na abordagem existencialista sartreana, sob orientação de um psicoterapeuta professor. Desde 2015, o grupo se dedica ao ensino e treinamento da metodologia existencialista, visando ao desenvolvimento da autonomia intelectual dos terapeutas na prática clínica conforme os Princípios Fenomenológico-dialéticos de Sartre: 1) Práxis e Ação Coletiva - Nos encontros, os psicoterapeutas discutem seus casos, engajando-se em uma ação coletiva que busca o aprimoramento contínuo de suas práticas clínicas. Essa prática coletiva supera a serialidade individual, unindo os terapeutas em torno do objetivo comum de excelência no cuidado terapêutico; 2) Fusão e Solidariedade - O grupo promove a fusão de perspectivas e conhecimentos, caracterizada pela solidariedade entre os membros, que compartilham suas experiências e reflexões colaborativamente, contribuindo para a construção coletiva do conhecimento; 3) Autonomia e Responsabilidade - A metodologia sartreana valoriza a autonomia intelectual e a responsabilidade individual. No grupo cada terapeuta desenvolve sua compreensão e aplicação dos conceitos existencialistas, ao mesmo tempo em que promove a avaliação crítica de suas próprias práticas; 4) Transformação Dialética - O grupo funciona como um espaço dialético, onde ideias e práticas são continuamente questionadas e reformuladas, essencial para o desenvolvimento de uma psicoterapia cientificamente rigorosa e existencialmente relevante. A experiência no Grupo de Trabalho converteu conhecimento teórico em prática psicoterapêutica, tornando-se uma ferramenta valiosa para psicólogos, especialmente iniciantes, prevenindo desvios metodológicos e equilibrando entre o positivismo científico e o subjetivismo metafísico. O compartilhamento da aplicação metódica da abordagem no Grupo de Trabalho não apenas aprimora a formação acadêmica, mas tem se mostrado como um espaço de regulação entre pares, assegurando que os psicoterapeutas se mantenham alinhados com a metodologia existencialista sartreana, garantindo a qualidade e eficácia do trabalho terapêutico, fortalecendo tanto o profissional quanto a abordagem.

COLINSAR



ANAIS DO IV COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE SARTRE: “Situações contemporâneas: rupturas sociais, sofrimento e engajamento” UFSC/Florianópolis/SC – 06, 07 e 08 de novembro de 2024 - ISSN 2596-0032 - <https://www.ivcoloquiosartre.com.br/anaisdoevento>

Palavras-chave: Grupos de Trabalho. Psicoterapia Existencialista Sartreana. Treinamento Teórico-metodológico.



A INSERÇÃO DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIALISTA SARTREANA NA ATENÇÃO CARDIOVASCULAR HOSPITALAR

Emerson Luiz Padilha Junior, (Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Atenção Hospitalar na área de concentração Cardiovascular - Complexo Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná, Ministério da Educação) Universidade Federal do Paraná, Curitiba-Paraná, Brasil).

contato: emersonluizpjunior@gmail.com

RESUMO

As Doenças Cardiovasculares são categorizadas na Classificação Internacional de Doenças (CID-10) como Doenças do Aparelho Circulatório (DAC). Dentre suas patologias, que acometem o coração e vasos sanguíneos, estão: a cardiopatia coronária; as enfermidades cerebrovasculares; as arteriopatias periféricas; a cardiopatia reumática, as cardiopatias congênitas; as trombozes venosas profundas e embolias pulmonares. Estas doenças são as maiores causas de morte em todo o mundo. Diante deste fenômeno, a psicologia constrói sua relevância, produzindo um trabalho de acolhimento aos pacientes, famílias e equipes diante não só do fenômeno da morte, mas do adoecimento, agudo e crônico. Ademais, acompanha-se o luto pelo corpo ou vida que não é a mesma após a ocorrência de uma DAC. Este é um estudo descritivo e exploratório caracterizado como um relato de experiência e objetiva apresentar e descrever a atuação e intervenções realizadas por um profissional de psicologia fenomenológico-existencialista com os pacientes e famílias internados nas enfermarias e Unidade de Terapia Intensiva (UTI). As atividades consistem na experiência de realizar clínica com pacientes e suas famílias, que quando acometidos por Doenças Cardiovasculares, precisam se apropriar: de seu novo corpo, um agente de mediação com o mundo, que não se configura da mesma forma de antes do adoecimento, com o exemplo de limitações, tais como dificuldades de atividades rotineiras que exijam esforço físico; de ser paciente e de estar sujeito a uma rotina própria de um ambiente hospitalar; das dores físicas e emocionais que evocam memórias de experiências passadas e presentes à internação; da angústia de se deparar com a liberdade diante de seu adoecimento, e também de suas escolhas diante da internação, tratamento e sobre sua doença; do luto, tanto de sua vida, seu corpo ou mesmo do que fazia de sua existência antes do adoecimento; e da iminência da morte, trazendo reflexões sobre o projeto de ser e das implicações dela na vida das pessoas que se relaciona. Além disso, o papel do psicólogo se constrói continuamente como um trabalho dialógico com outras profissões da área da saúde, realizando acolhimento conjunto diante do fenômeno do adoecimento e de suas consequências, estando atento e presente aos possíveis desafios, fazendo necessário o uso de mediação na comunicação entre equipe multiprofissional com o paciente e sua família, acolhendo como cada experiência pode ser apropriada e da liberdade de cada sujeito frente à sua condição de saúde, exaltando o sujeito em sua subjetividade para além do discurso médico. Por meio da descrição do trabalho realizado no contexto de Atenção à Saúde Cardiovascular possibilita-se contribuir com as práticas clínicas dos profissionais de Psicologia fenomenológico-existencialista no ambiente hospitalar e a divulgação para psicólogos inseridos em outros campos profissionais.

Palavras-chave: Clínica Fenomenológico-Existencialista no Hospital. Atenção Cardiovascular. Luto. Adoecimento.



A NECESSÁRIA SUPERAÇÃO DA TESE PSIQUIATRIZANTE EM DIREÇÃO A UMA SÍNTESE PÓS-PSIQUIÁTRICA: RELATO DE UMA INTERVENÇÃO VIABILIZADORA

Marina Silveira Soares (Consultório Perfis Psicologia e Psicoterapia Existencialista, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, Brasil). Sandra Aparecida Resende Dalmaso (Consultório Perfis Psicologia e Psicoterapia Existencialista, Florianópolis-SC, Brasil). Sérgio Roberto Monteiro Dias (Consultório Perfis Psicologia e Psicoterapia Existencialista, Florianópolis-SC, Brasil).

contato: marinasilveirasoares@gmail.com

RESUMO

Mesmo após intensas mobilizações e muitos avanços teórico-práticos no campo da psiquiatria e da atenção psicossocial, desde a Psiquiatria Preventiva, a Antipsiquiatria, o Movimento Antimanicomial, que culminaram nas Reformas Psiquiátricas cujos reflexos e influências se estenderam da Europa até o Brasil, vemos com frequência tentativas de retorno à tese psiquiatrizante da psiquiatria tradicional. Centrada num modelo biomédico e focada na concepção de doença mental como uma desordem biológica, essa tese se apresenta como entrave à superação das complicações emocionais por inviabilizar o futuro uma vez que, dentro dessa perspectiva, não há cura real para os transtornos mentais. Em São Paulo e Santa Catarina acompanhamos a criação de legislações que remontam à lógica psiquiátrica de institucionalização e segregação de pessoas em sofrimento, como as pessoas em situação de rua, numa lógica higienista de sociedade. Para contribuir com esse debate, o presente trabalho visa relatar os resultados de aplicação de uma intervenção com uma perspectiva pós psiquiátrica integrada na metodologia psicoterapêutica existencialista sartriana envolvendo a problemática de um paciente com diagnóstico psiquiátrico de Depressão. Foram realizadas sessões para a elucidação da compreensão das complicações como resultantes de um processo histórico e de complicações nas relações sociais e sociológicas que inviabilizam o futuro; do mecanismo neuropsicofisiológico do estresse e suas implicações e da compreensão da problemática do paciente como sendo função de um processo de estresse e esgotamento após um período conturbado da vida, agravado por uma perspectiva inviabilizadora que condenou seu futuro, uma vez que a doença mental ao qual foi atribuído seria incurável, sendo apenas controlado ou amenizado por meio de medicações. Após a intervenção realizada observou-se um importante avanço para a recuperação do paciente em questão, na medida em que este passou a se perceber dentro de um campo de possibilidades futuras para além do sofrimento psicológico, permitindo o resgate de um sentido para viver, a retomada do processo de recuperação e estabelecimento planos para o futuro. A elucidação científica das complicações emocionais como decorrentes de um processo sócio-histórico leva a uma reflexão crítica purificadora sobre os impasses emocionais e sua problemática singular, colocando os sujeitos dentro de um campo de possibilidades para o qual é possível lançar-se. Essa perspectiva contrasta e vai na direção de uma superação da lógica psiquiatrizante de um futuro inviabilizado, determinado por uma doença incurável, que está por trás de legislações atuais que preveem a internação compulsória de pessoas entendidas como doentes.

Palavras-chave: Psicoterapia existencialista sartriana. Antipsiquiatria. Complicações emocionais.



A PSICOLOGIA EXISTENCIALISTA E AS INFÂNCIAS NO CONTEXTO DA ATENÇÃO PSICOSSOCIAL À SAÚDE

Mateus Ferreira Amorim (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Amanda Patricia Pimentel de Miranda (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Lucas Lisboa da Silva (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Rhebeca Miranda Nogueira (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Zuleica Pretto (Departamento de Psicologia, Núcleo de pesquisa em Clínica da Atenção Psicossocial - PSICLIN, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil).

contato: txaimateus@gmail.com

RESUMO

Reconhece-se que a perspectiva existencialista de Sartre permite interlocuções com as políticas públicas de saúde mental do SUS, na medida que contribui não só com práticas de cuidado não psicopatologizantes e alienantes dos modos de vida, mas também, com a efetivação de uma clínica ampliada, que toma as noções de território existencial, de sujeito singular/universal, de grupalidade e de participação social como fundamentais. Este trabalho aborda a atuação da psicologia sartriana a partir de intervenções grupais com crianças, ocorridas em estágios efetuados em Unidades Básicas de Saúde (UBS). Partindo de demandas e experiências das jovens, nos encontros semanais são abordados assuntos relacionados à vida cotidiana, de modo lúdico, sem julgamentos, reconhecendo-as como sujeitos livres. Questões referentes às relações intersubjetivas e com a materialidade, a aspectos emocionais e anseios, a modos de compreensão sobre os acontecimentos e seus posicionamentos diante deles, são trabalhadas nos encontros. Observa-se que as trocas no grupo se configuram como uma mediação para a construção do projeto-de-ser dos sujeitos participantes, bem como, promove o reconhecimento de si mesmos e do mundo ao seu redor. Ademais, participar do grupo corrobora para a socialização das crianças com os pares e com os adultos do serviço de saúde, o que contribui para a ampliação de redes de apoio e o desenvolvimento da empatia frente às diferenças, gerando experiências coletivas/comunitárias e de pertencimento entre elas. Ainda, as atividades realizadas demonstraram sensibilizar as jovens ao entendimento de que a Atenção Básica à Saúde e a Psicologia podem ser uma referência de cuidado, atualmente e futuramente, tornando-se um fator protetivo, de prevenção e promoção a saúde.

Palavras-chave: Psicologia existencialista sartriana. Infâncias. Grupos de crianças. Atenção Básica.



A PSICOTERAPIA CIENTÍFICA EXISTENCIALISTA E A INTERVENÇÃO INTERDISCIPLINAR.

Angelita Maria Dal Piva (Graduada em Psicologia pela UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina, Especialização em Psicologia Científica Existencialista pelo NUCA - Núcleo Castor: Estudos e Atividades em Existencialismo, Psicóloga inscrita no Conselho Regional de Psicologia – CRP 12 sob número CRP 12/01381, associada ao NUCA – Núcleo Castor: Estudos e Atividades em Existencialismo, Florianópolis - SC, Brasil.)

contato: angelitadalpiva@gmail.com

RESUMO

A Psicologia Científica Existencialista tem uma teoria que esclarece como a personalidade se constitui e também uma metodologia de intervenção em Psicoterapia, produzida pelo professor Pedro Bertolino, que segue os caminhos da ciência. Os estudos científicos esclarecem que a Personalidade resulta de uma totalização das experiências e ações vividas por um sujeito num dado contexto antropológico. No processo de constituição da personalidade podem ocorrer dificuldades e impasses que podem ser trabalhados e superados através do processo psicoterapêutico. Há casos em que as determinantes do problema são ocorrências do contexto atual. Em outros casos o sujeito viveu episódios dramáticos na infância ou na adolescência e ainda não conseguiu superá-los e, no momento atual, quando ocorrem situações que tenham algumas semelhanças com aquelas vividas no passado, estas acabam se correlacionando e o sujeito vive como se ainda fosse aquele do passado e isso o inviabiliza de viver conforme suas possibilidades atuais provocando desespero e sofrimento. Seja qual for a situação, o processo psicoterapêutico inicia com a verificação da situação atual. O psicológico se expressa em emoções e há emoções que são reativas, ou seja, totalmente compatíveis aos contextos em que ocorrem. Também podem ocorrer emoções que trazem um sofrimento incompatível com a realidade objetiva e são essas emoções que são objeto de intervenção em Psicoterapia. A partir dessa compreensão e da necessidade de controle do sofrimento que as emoções trazem é que surge a necessidade de verificar já inicialmente o conjunto de sintomas que constituem os acessos emocionais do paciente para encaminhamento interdisciplinar e busca de uma medicação que possibilite a baixa da intensidade do sofrimento e o coloque em estabilidade emocional. Nisto é que se justifica o trabalho de verificação dos acessos emocionais que resultará na elaboração de um relatório que será encaminhado ao médico. Nosso objetivo nessa comunicação é esclarecer os passos metodológicos, mostrando como realizamos esse momento inicial nas primeiras sessões da psicoterapia que é: a) verificação dos acessos emocionais com sua composição e frequência; b) elaboração do relatório sobre a situação emocional do paciente, bem como a situação de saúde geral; c) esclarecimento ao paciente sobre a necessidade da intervenção interdisciplinar, bem como a necessidade de consulta com psiquiatra para o uso da medicação, seguindo de esclarecimentos à família, quando necessário. d) acompanhamento criterioso do funcionamento dessa medicação e como é encaminhado o retorno ao psiquiatra para ajustes ou manutenção da medicação.

Palavras-chave: Psicoterapia. Existencialismo. Interdisciplinaridade. Metodologia. Instrumentos.



A REVOLTA COMO AFIRMAÇÃO DA LIBERDADE: REFLEXÕES COM SIMONE DE BEAUVOIR

Luana de Matos Guimarães (Programa de Pós-graduação em Psicologia e Estudos da Subjetividade, CAPES, Laboratório de Estudos, Pesquisas e Extensão em Fenomenologia, Hermenêutica e Psicologia - LAPHEPSI. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro-RJ, Brasil); Orientadora de Mestrado: Profa. Dra. Cristine Monteiro Mattar (Programa de Pós-graduação em Psicologia e Estudos da Subjetividade, Laboratório de Estudos, Pesquisas e Extensão em Fenomenologia, Hermenêutica e Psicologia - LAPHEPSI. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro-RJ, Brasil).

contato: luanaguimaraes@id.uff.br

RESUMO

O existencialismo é uma perspectiva crítica interessada na concretude da experiência vivida, o que possibilita um cuidado ético-político afinado ao sentido político-existencial da facticidade também compreendida como condições históricas, políticas e sociais. Nessa compreensão, a tônica na liberdade é tensionada na situação, radicalizando a dimensão corporal já presente em *O ser e o nada* (1943). Essa radicalidade é defendida por Beauvoir na fase moral de sua filosofia, marcada por obras como *Pirro e Cineias* (1944) e *Por uma moral da ambiguidade* (1947), ao dialogar com a perspectiva sartreana e sustentar sua perspectiva própria no existencialismo, e em *O Segundo Sexo* (1949) em sua reflexão sobre a situação da mulher e sua experiência vivida. Na fase moral, a noção de revolta aparece como recusa de renegar a liberdade e de se confundir como coisa dada, sendo o único modo de recusa da coerção em casos de opressão e, portanto, da assunção e realização da liberdade. O próprio da revolta é voltar-se contra a interdição de sua liberdade e como não são as coisas que oprimem, mas as outras liberdades, o caráter da coexistência é evidenciado. Mais adiante, em *O Segundo Sexo*, outra dimensão na tensão da situação é salientada: a diferenciação entre mundo utensiliário, que possibilita movimentos e realizações, e mundo restritor, que confina na imanência e interdita a revolta e a criação, ambas importantes para a afirmação da liberdade. Evidencia-se que somente a revolta abre caminho nas situações em que projetar um caminho próprio é impossibilitado e dificultado, tarefa que exige engajamento e ação, pois diferentes circunstâncias apontam para a dimensão de conflito na situação. Como caminho para a libertação é preciso se lembrar da própria situação, mas também esquecê-la para poder ser liberdade. A escuta clínica que ouve a voz da revolta reconhece o peso do mundo histórico sobre a experiência vivida de opressão sem deslegitimar e culpabilizar o sofrimento e sem silenciar a voz em processo de recuperação. Em conclusão, ressaltamos que o existencialismo no diálogo entre Sartre e Beauvoir possibilita que a situação seja compreendida numa dimensão de tensão entre a experiência vivida do mundo, com seus sentidos político-existenciais, e a condição humana, com a tarefa da existência. E ainda, que a amplitude da situação beauvoiriana também abarca o diálogo com diferentes vozes da teoria feminista que expressam sua experiência vivida, contribuindo para uma escuta crítica do sofrimento ético-político.

Palavras-chave: Simone de Beauvoir. Existencialismo. Situação. Coexistência. Revolta.



A SITUAÇÃO DE IMIGRAÇÃO E A CLÍNICA EXISTENCIALISTA: ENTRE A EXECUÇÃO DO PROJETO DE SER E A INSTAURAÇÃO DA CRISE DE SI

Isadora Perin Schiavo, (Instituto Intentio de Psicologia Fenomenológica, Arte e Literatura – Curso de formação em Psicologia Clínica com ênfase em Gestalt-terapia e em Psicologia Existencialista); Daniel Marcio Pereira Melo, (Instituto Intentio de Psicologia Fenomenológica, Arte e Literatura – Curso de formação em Psicologia Clínica com ênfase em Gestalt-terapia e em Psicologia Existencialista)

contato: isadoraschiavo@gmail.com

RESUMO

O objetivo é apresentar uma compreensão sobre a situação de imigração a partir de uma experiência de escuta clínica existencialista. Trata-se de um relato de experiência da práxis de uma psicóloga que atende brasileiros residentes no exterior através de psicoterapia on-line, disponibilizada pelo Projeto Fala, que se caracteriza como uma ação de responsabilidade e compromisso social do Instituto Intentio de Psicologia Fenomenológica, Arte e Literatura. Esta instituição promove um curso de formação em psicologia clínica existencialista, do qual a psicóloga pesquisadora é integrante. Na proposta do curso está prevista a participação dos profissionais/alunos do curso de formação clínica, através da disponibilização de horários para atendimento de pessoas que buscam psicoterapia com valor social na instituição referida. Aqui, parte-se de uma discussão sobre a imigração voluntária; os fundamentos da Clínica Existencialista, no que tange às noções de situação, liberdade, responsabilidade, angústia, projeto de ser, má-fé, ser-com-o-outro; e sobre a experiência clínica com imigrantes, neste recorte, pacientes atendidos pelo Projeto Fala. Configura-se como uma pesquisa fenomenológica, orientada pelo método progressivo-regressivo, que teve como ponto de partida a experiência de escuta realizada pela pesquisadora em sua prática clínica. Apesar da queixa inicial dos imigrantes não estar relacionada ao ato migratório, o sofrimento relatado em psicoterapia se configura na situação de imigração. Os resultados revelam que os imigrantes depositam uma expectativa de melhoria de vida no país receptor, que não é atingida, simplesmente, pela mudança geográfica. Ao contrário, os relatos clínicos apontam que a mudança geográfica parece instaurar uma crise que se configura como uma mudança na estrutura da própria situação de certa consciência posicional de si, a vivência de um si mesmo. A nova situação, a imigração vivenciada, surge nos relatos clínicos como a urgência de um novo reconhecimento de si, o que parece ser acompanhando de um sofrimento denso que surge no contexto de fenômenos como a xenofobia, os expedientes burocráticos para documentação em outro país, a distância da família de origem, as barreiras linguísticas, o novo ambiente geográfico, dentre outros. A situação de imigração se mostra, assim, como uma configuração a partir da qual o projeto de ser do sujeito imigrante pode ser compreendido. Uma nova estrutura que coloca o sujeito diante da possibilidade de execução de seu projeto de ser e uma crise de si? Esta questão pode ser tomada como uma das que orientaram os caminhos de condução, bem como da escuta clínica existencialista aqui colocada em debate.

Palavras-chave: Imigração. Situação. Sofrimento psíquico. Clínica psicológica. Existencialismo.



CISMAS E REPETIÇÕES COMO TENTATIVA DE ENFRENTAR OS MEDOS – RELATO DE CASO.

Ana Claudia de Souza (graduada em psicologia pela UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina, especialização em Psicologia Científica Existencialista pelo Núcleo Castor: estudos e atividades em existencialismo, psicóloga inscrita no Conselho Regional de Psicologia – CRP 12/01567, associada ao nuca – Núcleo Castor: estudos e atividades em existencialismo, Florianópolis - SC, Brasil.)

Contato: ana.relacoes@gmail.com

RESUMO

O caso: CISMAS E REPETIÇÕES COMO TENTATIVA DE ENFRENTAR OS MEDOS, expõe o processo psicoterapêutico concluído de um homem de 30 anos, que padecia de Transtorno obsessivo compulsivo (TOC), manifestado por uma variedade de repetições como uma tentativa de prevenir-se contra o enlouquecimento. Este caso foi abordado dentro do contexto de uma intervenção psicoterapêutica interdisciplinar, com o objetivo de expor o processo seguindo uma ordem cronológica, permitindo uma compreensão da metodologia aplicada, desde o momento da admissão do paciente até a conclusão do processo. O caso é fundamentado na pesquisa e sistematização da filosofia de Jean-Paul Sartre para fins de aplicação metodológica em psicologia e psicoterapia, desenvolvidas pelo Professor Pedro Bertolino. O aspecto do sentimento religioso, que desempenhou um papel significativo neste caso, juntamente com a abordagem interdisciplinar, foram adaptações desenvolvidas pelo Professor, tornando a metodologia ainda mais específica. Ao início da psicoterapia, o paciente tinha formação superior, estava noivo e tinha uma família estável, mas sofria de ansiedade intensa e um medo de enlouquecer que o levava a repetir gestos. A metodologia foi aplicada para investigar os estados emocionais atuais, buscar medicação para reduzir a ansiedade, descrever os episódios psicológicos da infância e adolescência e, assim, alcançar uma compreensão psicoterapêutica do caso: **Seu ‘transtorno obsessivo/compulsivo’ ou ‘TOC’ era do medo de enlouquecer e quanto mais tentava fugir de estar enlouquecendo, mais o medo aumentava, gerando mais ansiedades e mais compulsão.** Apresentamos aqui a compreensão existencialista de que a existência precede a essência, com a personalidade sendo estruturada na infância e adolescência, detalhando como a metodologia de intervenção é aplicada para além de uma simples compreensão biográfica, buscando uma intervenção psicoterapêutica com resultados efetivos e replicáveis em outros casos. Estes resultados são inclusive expostos no mesmo livro no qual este caso é discutido. É importante ressaltar que a situação do paciente era desproporcional ao contexto em que vivia, sendo construída a partir de experiências da infância e adolescência, dentro de um clima antropológico e sociológico onde o medo da loucura era fortemente presente. Muitas pessoas ao seu redor apresentavam sintomas semelhantes de ansiedade e insônia, refletindo a influência do ambiente na complicação psicológica do paciente. Por conseguinte, o problema, construído através da apropriação de padrões de comportamento dos pais, do clima de medo no qual vivia, demonstra claramente que o problema não é crônico e pode ser superado, refutando a noção de doença mental.

Palavras-chave: Psicoterapia. Existencialismo. Interdisciplinaridade. Metodologia. Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC).



COMO NASCER DEPOIS DE CRESCIDA: UM ESTUDO DE CASO A LUZ DAS CONTRIBUIÇÕES DE JEAN-PAUL SARTRE PARA A PSICOLOGIA CLÍNICA

Leticia Rossi Bianchessi (Treinamento em serviço/ UNICAMP, NUCAFE, Campinas- São Paulo, Brasil); Mailson Nogueira Alves (UFPA, NUCAFE, Belém- Pará, Brasil); Rodolfo Rodrigues de Souza (Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia/ UERJ, Rio de Janeiro- Rio de Janeiro, Brasil).

contato: leticiarossibianchessi@gmail.com

RESUMO

O objetivo da comunicação é refletir sobre as relações concretas com os outros, contando com a colaboração do pensamento de Jean-Paul Sartre e alguns de seus intérpretes em torno da máxima “o inferno são os outros”. Para isso, nos apoiaremos em relato de experiência ocorrida no HC da UNICAMP que envolve tentativa de suicídio grave. Cabe frisar que tal relato é amálgama ficcional de diferentes situações clínicas experimentadas neste espaço. A analisante S. chegou ao serviço dizendo experimentar insatisfação consigo mesma, presente, por exemplo, em anseio por cirurgias plásticas: “eu sei que é bobo, mas é o único jeito”. A narrativa aponta para desistência diante do peso do juízo do olhar dos outros. Trazia algum senso crítico quanto a isso, mas, ao mesmo tempo, parecia não considerar outra saída, abraçando o ditado: “Se não pode com eles, junte-se a eles”. Com o fortalecimento do vínculo terapêutico, conseguimos compreender melhor a estrutura familiar de S., descrita como “cruel”. Indica que seus cuidadores são “impossíveis de agradar” e que seu pai colocava em cena importante preocupação quanto ao “status social”. A atmosfera familiar é marcada por depreciação e reprovação, sendo comuns as correções que vislumbram um ideal e raras as afirmações positivas. Diante disso, S. adota o bordão: “fazer o que? É o que tem pra hoje”, denunciando possível carência de possibilidades, somada a passividade frente ao que se impõe. Essa situação clínica parece nos apontar para a importância da noção de seriedade em Sartre, apelidada em sessão junto à analisante de “roteiro de vida” (estudar, trabalhar, casar...) e compreendida por S. como o “caminho mais fácil” para ser aceita: uma estrutura *a priori* com passos a serem seguidos para uma vida que possa ser bem-vista. Assume que os outros exercem esse roteiro com naturalidade, exceto ela própria. Esse conflito reforça sua sensação de não pertencimento: sou “um ser de outro planeta”. O desejo de encaixar-se pressiona S. rumo à exaustiva tarefa de “performar uma pessoa normal”, como costuma dizer. Apresenta, com seu sofrimento, impasses entre o olhar e ser vista. Esta experiência clínica aparece como via profícua para refletir sobre o papel do olhar de figuras estruturantes na vida de uma pessoa. As noções de Ser-para-outrem, da dialética do senhor e do escravizado e da má-fé, presentes na ontologia fenomenológica de *O Ser e o Nada*, são alguns elementos do pensamento de Sartre que auxiliam na compreensão dessa situação clínica.

Palavras-chave: Psicologia clínica. Psicoterapia. Estudo de caso. Ser-Para-Outro. Jean-Paul Sartre.



CONSIDERAÇÕES ACERCA DA COMPREENSÃO DO PROCESSO DE FAZER-SE CRIANÇA, ENQUANTO FENÔMENO ATRAVESSADO PELA CONCRETUDE DA EXISTÊNCIA.

Juliana Albertina Klein. (Psicóloga Clínica e Docente do Curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR – Unidade de Cascavel Paraná, Brasil).

contato: julianaklein@prof.unipar.br

RESUMO

Pretende-se neste texto, apresentar algumas reflexões, que surgem da prática clínica e da experiência enquanto psicóloga e orientadora de estágio em clínica existencialista sartreana, acerca da compreensão das infâncias enquanto processo de fazer-se criança. Ao falar de infâncias PRETTO (2013) apresenta a importância da superação de olhares universalizantes e categorizantes do fazer-se criança, possibilitando um novo olhar para este processo, sem fechá-lo em fases do desenvolvimento ou habilidades motoras ou cognitivas que precisam ser alcançadas. A partir do existencialismo sartreano compreende-se que a criança ao nascer e lançada em um mundo que já existe, mas, que esta, apesar de em um primeiro momento, não refletir necessariamente o que a faz ser quem é, e por isso de certa forma se constitui a partir de uma alienação fundamentada em seu antropológico e em seu sociológico, a mesma se faz criança também na constituição enquanto projeto de ser, que acontece em relação com o outro, com o mundo. Faz-se necessário ressaltar que a dimensão psíquica não é um dado primeiro, visto que a existência precede a essência, Schneider (2002) destaca que no que podemos chamar de primeira infância a criança não se diferencia dos outros, das coisas e nem os diferencia, de modo que as pessoas que cercam lhe apresentam uma definição. E o encontro com a família, com os colegas da escola, com a facticidade, de certa forma imposta pelo outro e pela cultura, a criança precisa, e se constrói autêntica. Para tanto, durante o processo psicoterapêutico com crianças, não se deve esquecer as famílias e com elas toda uma relação constituinte que se trava dialeticamente com o antropológico e o sociológico. E como ressalta Sartre (2002, p. 69) “isso significa que o “meio” de nossa vida, com suas instituições, seus monumentos, seus instrumentos, seus “infinitos” culturais [...] sua temporalidade social e seu espaço “hodológico”, deve ser também objeto de nosso estudo”. Compreende-se assim a importância de apresentar as infâncias, enquanto marcadas por questões, sociais, políticas, econômicas, culturais e tantas outras que precisam estar presentes em um processo psicoterapêutico. Tornando-se essencial um olhar cuidadoso e respeitoso para as infâncias, principalmente por profissionais da psicologia, sem cair nas teias do determinismo e da universalização, do fazer-se criança.

Palavras-chave: Psicoterapia. Infâncias. Personalização. Existencialismo.



CONSTITUIÇÃO DA PERSONALIDADE EM CONTEXTOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: IMPOTÊNCIA DE SER CRIANÇA VIVIDA NA ADULTEZ

Ronise Vieira Bolter, (Curso de Psicologia, Estágio Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial - PSICLIN, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, Brasil); Daniela Ribeiro Schneider (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial - PSICLIN, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, Brasil). Raquel Wzorek, (Programa de Pós-graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, UFSC, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Carolina Beckert Polli (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial - PSICLIN, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, Brasil).

contato: rnsbolter@gmail.com

RESUMO

Esse resumo aborda uma reflexão sobre as implicações da violência doméstica para a dinâmica psicológica, sendo delineada a partir de um dos casos atendidos no estágio obrigatório em Clínica Existencialista em um serviço escola. A.S., homem branco de 23 anos, do interior (que se mudou para a capital recentemente), mestrando e atuando como professor temporário, chega ao serviço após uma crise intensa de ansiedade com afetações psicossomáticas – tremedeira, palpitação, falta de ar e dor na garganta –, as quais acontecem frequentemente. A partir das descrições fenomenológicas das situações, verificou-se que se experimentava incapaz diante de situações que identificava como conflituosas, pois tentava ao máximo evitar conflitos, levando-o a um tensionamento e uma dificuldade de posicionar-se frente a outro. Ao investigar sua história, foi possível descrever ambientes familiar, escolar e laboral permeados pela violência física e verbal que faziam com que A.S. convivesse continuamente com o medo enquanto crescia. Mesmo afastando-se desses contextos antropológicos e sociológicos, na atualidade se afetava frente ao que lhe pareciam ameaças ao seu projeto de ser – ascender financeiramente –, o qual estava vinculado a poder ajudar sua mãe que permaneceu no ambiente que lhe fez mal. O paciente destaca a mãe como um dos únicos motivos que o faz voltar para lá e ter forças para posicionar-se: ao descrever um episódio de origem, elabora que “*não batia de frente por mim, era por ela*”, emocionando-se. Foi verificado e trabalhado que a experimentação de impotência frente à violência doméstica quando criança aparece nas situações atuais em uma correlação noemática. Ademais, a insegurança ontológica se mostrava tão grande que ele buscava romanticamente alguém seguro de si e que pudesse “salvar” ele e sua mãe. Nesse sentido, foi trabalhado um início de apropriação de sua realidade e de sua potência concreta enquanto um adulto que pode fazer algo com o que lhe foi feito, de maneira crítica. A compreensão em psicoterapia de que a vivência violenta na infância construiu a inteligibilidade de si como alguém frágil (apesar de defender a mãe, não tinha recursos concretos para tal) foi dando condições para novas compreensões de si, inclusive para perceber que seu projeto de superação das condições materiais e afetivas da infância já estavam em curso. Também foi trabalhado sobre relacionamentos, não como complementaridade do que lhe falta, mas como mediação de projetos de ser que caminham juntos, o que destaca o protagonismo existencial em vez de uma passividade de ser.

Palavras-chave: Violência. Psicoterapia. Dinâmica psicológica. Existencialismo.



DESAFIOS PARA UMA CLÍNICA EXISTENCIALISTA COM AUTISTAS

Camila Leão Gadelha (Rede Existências, Salvador-Bahia, Brasil).

contato: camilagadelha24@hotmail.com

RESUMO

Pensar no transtorno do espectro autista é considerar sua relevância como um fenômeno que marca nossa sociedade. Desde os primeiros estudos tem despertado o interesse de estudiosos das áreas médicas, psicopatologia e psicologia, passando por transformações na sua compreensão ao longo desses mais de 100 anos de estudos. Nesse sentido, a fenomenologia e o existencialismo também têm contribuído na produção de conhecimento para entendimento da relação dos autistas no e com nosso mundo. De uma perspectiva existencialista, o sofrimento psíquico não deve ser levado em consideração de uma instância individual, e sim nas relações e interação com os outros e mundo. O autismo não deve ser considerado como algo localizado no paciente individual, mas sempre inclui suas relações. Pensando na tríade de caracterização do autismo: dificuldade na interação social, na comunicação e movimentos estereotipados, podemos pensar nas complexas dificuldades de autistas, a respeito da intersubjetividade, resposta ao meio social e consciência de si, de uma forma geral, sobre o estranhamento do autista com o mundo. Observa-se que os autistas possuem uma consciência de si pré-reflexiva, pois experimentam percepções, crenças, desejos, emoções, pois como é possível pensar a luz de Jean-Paul Sartre, a consciência não é dada apenas quando refletimos sobre ela, ela já está dada antes da reflexão. Desse modo, esse estudo fundamenta-se metodologicamente em relato de experiência da minha prática clínica com autistas para poder compreender os aspectos aqui discutidos. Considerando exemplos do que se observa na clínica psicológica, muitos autistas demonstram sofrer de um conhecimento desproporcional de si mesmos, prejudicados por déficits em suas capacidades cognitivas e linguísticas. A falta de uma compreensão imediata implícita do significado da interação social acaba acarretando numa relação com o outro e com o mundo atravessada pelo sofrimento. Autistas, muitas vezes, vivenciam o mundo a partir de uma consciência não posicional de si, ocasionando em dificuldades em alcançar um conhecimento sobre si e sua relação com o mundo. É relevante pensarmos a noção de Sartre sobre a consciência como um importante movimento para reflexão a maneira de autistas se colocarem no mundo, o que causa estranhamento ao olhar do outro não-autista. Debater sobre exemplos da clínica, trazendo a concretude da nossa prática com um olhar a partir da filosofia de Jean-Paul Sartre, tem muito a contribuir por compreender o autismo para além de déficits causais e demonstrar, na experiência clínica, como podemos colocar em perspectiva questões existenciais envolvidas no fenômeno ser-autista.

Palavras-chave: Autismo. Jean-Paul Sartre. Clínica. Existencialismo.



ENLACES: RELATO SOBRE A POTENCIALIZAÇÃO DE ATENDIMENTOS INDIVIDUAIS DE MEMBROS DE UM MESMO GRUPO FAMILIAR, ATRAVÉS DA ATUAÇÃO DE GRUPO DE TRABALHO DE CASOS CLÍNICOS.

Bruna de Melo Cunha (Núcleo Existencialista Sartriano de Blumenau - NEXIS, Blumenau - Santa Catarina, Brasil); Charlene Fernanda Thurow (NEXIS, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial, Bolsa de Estudos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -Brasil – código de Financiamento 001, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - Santa Catarina, Brasil); Joana Carlota da Silva (NEXIS, Blumenau - Santa Catarina, Brasil); Paulo Roberto Francisco (NEXIS, Blumenau - Santa Catarina, Brasil).

contato: psicologa.brunacunha@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho expõe uma experiência de um Grupo de Trabalho de casos clínicos (aqui denominado “grupo”) do Núcleo de Estudos Sartrianos de Blumenau (NEXIS), onde se fez possível uma atuação profissional articulada, em espaços de psicoterapia individual, para três mulheres de um mesmo grupo familiar, sem perder de vista as condições de sigilo expressas no Código de Ética Profissional do Psicólogo. Ressalta-se que cada atendida iniciou o processo de psicoterapia em períodos e com queixas distintas, porém estas estavam em concordância com o trabalho conjunto de seus casos, por meio de encontros do grupo para discussão e construção do planejamento das intervenções. A metodologia dialética com base no Existencialismo Fenomenológico Sartriano, abarcou processos de observação, verificação, demarcação do fenômeno, compreensão científica, planejamento, intervenções, e crítica de resultados. Verificou-se que o “patriarca” era uma força comum no processo de constituição do sofrimento das atendidas. Este exercia um papel de controle financeiro e moral, colocando-se enquanto a única segurança para que pudessem se lançar para os desafios da vida. Porém, o “patriarca” apresentou resistência e indisponibilidade para a participação no processo. O planejamento individual e em conjunto passou a considerar a dinâmica psicológica dele, bem como a função que uma irmã exercia no sofrimento das outras. As intervenções objetivaram a superação dos papéis cristalizados de todas as envolvidas, condição que permitiu que uma enxergasse às outras enquanto sujeitos, e se viabilizassem mesmo diante do pai. Ao lidarem com as condições objetivas dadas por um distanciamento psicológico dele, se teceram afetivamente, fazendo função viabilizadora umas para as outras e transcendendo a dependência apresentada até então. Atualmente, as filhas trabalham na construção de uma “relação possível” com o pai, pautada na liberdade financeira e emocional. O pai, desejoso pela manutenção da relação, apresenta movimentos para criar espaços na relação para além do controle, demonstrando que, embora não tenha participado ativamente do processo, foi alcançado por ele, na condição dialética da relação com as filhas. O grupo segue atuando, tendo encontrado, através da articulação, uma importante ferramenta para dar condição a um trabalho realizado com maior profundidade e eficiência, permitido pela observação do fenômeno por várias perspectivas.

Palavras-chave: Psicoterapia. Existencialismo Fenomenológico Sartriano. Grupo de Trabalho. Atuação Profissional Articulada.



FORMAÇÃO CONTINUADA DE DOCENTES PARA O CUIDADO COM A SAÚDE EMOCIONAL/PSICOLÓGICA DOS DISCENTES.

Doroti Maria Miranda Ragassi (Graduada em Psicologia/UFSC e formação em Psicologia Fenomenológica Existencialista/NUCA, Florianópolis/SC); Lara Beatriz Fuck (Doutora em Educação PPGE/UFSC/NUCA, Florianópolis/SC).

contato: dorotimr@gmail.com/ larabeatrizf@gmail.com

RESUMO

Trata-se de um trabalho de formação continuada, desenvolvido pela Direção de Ensino de Graduação no ano de 2018, junto aos professores dos Departamentos, um grupo de técnicos universitários e de terceirizados do CEART. A Direção de Ensino, por meio do Edital PRAPEG Nº 01/2017 – Programa de Apoio ao Ensino de Graduação, contratou a assessoria de uma profissional da área de psicologia com formação em educação, que coordenou as reuniões pedagógicas com cada um dos Departamentos. A necessidade do trabalho de formação continuada surgiu de um diagnóstico sobre o crescimento, pelo menos no campo da visibilidade institucional, de acontecimentos como acessos emocionais, situações de ansiedade, desamparo, solidão, carências econômicas extremas entre os estudantes. As organizações estudantis já vinham pautando em suas reivindicações a necessidade de ampliação do apoio da Universidade nessas questões. Havia, ainda, a dificuldade por parte de professores e técnicos em lidar com as situações mais graves, tornando-se necessário criar protocolos para orientá-los de forma que se sentissem seguros em relação às suas ações e responsabilidades diante desses acontecimentos. Esta formação continuada ocorreu em duas etapas, sendo uma em 2018 e outra em 2019. Na primeira, objetivou-se conhecer a situação singular de cada grupo de docentes, e a partir deste singular, trabalhou-se subsídios teóricos para instrumentalizá-los. No fechamento pode-se delinear as questões recorrentes que delinearão os pontos a serem abordados na segunda etapa, bem como a apresentação e esclarecimento do protocolo formalizado para auxiliar os docentes e técnicos. Contemporaneamente, evidencia-se o sofrimento emocional/psicológico no contexto acadêmico envolvendo uma série de determinantes, e este trabalho formulado com base teórico-metodológico na produção sartreana, objetivou-se como instrumental na formação de docentes e técnicos para enfrentar situações emocionais dos discentes, com maior segurança, responsabilidade e benefício à saúde psicológica/emocional dos discentes.

Palavras-chave: Sofrimento emocional de discentes. Formação docente. Formação Continuada. Psicologia Científica-Existencialista. Teoria das emoções.



O PONTO DE VISTA DO PACIENTE SOBRE O PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO EXISTENCIALISTA

Raquel Wzorek, (Programa de Pós-graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, UFSC, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Mayara Floriani (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial - PSICLIN, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Veronica Candaten Furini, (Programa de Pós-graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, UFSC, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Zuleica Pretto (Programa de Graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, UFSC, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Daniela Ribeiro Schneider (Programa de Pós-graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, UFSC, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil).

contato: quelwzorek@yahoo.com.br

RESUMO

A filosofia existencialista, conforme elaborada por Jean-Paul Sartre, fornece um novo arcabouço teórico-metodológico para a psicologia clínica, conforme tem sido desenvolvida por psicólogos em diferentes partes do mundo e, fortemente, no Brasil. A psicoterapia existencialista objetiva mediar processos de mudança na vida dos pacientes, meta comum, na verdade, à vários tipos de psicoterapia. Para tanto, faz-se necessário compreender o que produz esta mudança, ou seja, como ocorre o processo terapêutico. Este estudo buscou identificar os elementos do processo psicoterapêutico existencialista que os pacientes consideram contribuintes para suas mudanças ou a eficácia do processo. Se caracterizou como uma pesquisa exploratória, descritiva, transversal e de método mistos. Cinquenta e sete sujeitos que estavam em processo de psicoterapia existencialista há pelo menos seis meses, provenientes de diversas regiões do país, participaram da pesquisa. Os dados foram coletados por meio de questionários online e o projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da UFSC. Os resultados abordam a análise das respostas relacionadas as questões: 1) “*Você acha que o processo psicoterapêutico existencialista o ajudou a se sentir melhor? Se sim, como? Se não, por quê?*” 2) “*Escreva aqui como você percebe os principais resultados que você tem alcançado com o processo psicoterapêutico existencialista?*” Foram analisadas oitenta e uma respostas escritas. Essas respostas se agruparam em três grandes eixos: psicoterapia com um processo de aprendizagem, mudanças clínicas e psicoterapia como um processo de fortalecimento de vínculo. Dessas categorias surgiram nove subcategorias e delas, trinta e um elementos de análise das 208 citações. Os pacientes participantes desta pesquisa demonstraram uma percepção de mudanças salutares conquistadas a partir da proposta teórico metodológica dessa psicoterapia. Indicaram aprendizagens diversas que possibilitaram a abertura para novas ações e novas formas de experimentar o mundo e a si mesmo, em movimentos estratégicos para contornar e ultrapassar seus sofrimentos viabilizando-se em seus diferentes perfis de ser.

Palavras-chave: Psicoterapia. Existencialismo. Avaliação de Avaliação de Processo.



PARADOXO ENTRE DIAGNÓSTICO E COMPREENSÃO PSICOTERAPÊUTICA NA CLÍNICA EXISTENCIALISTA E SEUS DESDOBRAMENTOS PARA A PERSONALIZAÇÃO

Roseli Terezinha Kuhnen (psicóloga e psicoterapeuta); Sérgio Roberto Monteiro Dias.
(psicólogo e psicoterapeuta).

contato: rozizaa@gmail.com; sergio@perfispsicologia.com.br

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo de caso clínico embasado na psicologia fenomenológica e existencialista sartriana, enfocando uma paciente adulta diagnosticada com autismo. O tratamento proposto ilumina a intersecção entre compreensão existencialista e os desdobramentos desta abordagem no processo de personalização da paciente. Elucidou-se como a complicação psicológica da paciente foi estruturada por dinâmicas sócio-históricas, antropológicas e familiares, que contribuíram para um vazio em seu "dever-ser", obstruindo sua sociabilização e desenvolvimento pessoal. A análise crítica dos limites impostos pelo diagnóstico revelou como a definição médica pode confinar a identidade do indivíduo ao seu passado e presente, alienando-o do potencial de um futuro autodeterminado. Ao explorar a evolução da personalidade da paciente e o contexto de racionalidade sociológica que permeia seu ambiente familiar, observou-se que a paciente estava imersa em um regime de cuidados sociais e administrativos, repleto de exigências e proteções excessivas que limitavam sua expressão de ser e agir no mundo, essenciais para a formação de sua identidade pessoal. As intervenções terapêuticas foram realizadas por meio de sínteses compreensivas sistemáticas e a integração do aspecto psicofísico com o corpo, através de reciclagem psicomotora. Este processo possibilitou a reconstituição da agência e autonomia da paciente, permitindo o resgate de sua capacidade de definir sua própria identidade. Este caso sublinha a importância de transcender a abordagem diagnóstica convencional - cuja definição do problema dá em termos diagnósticos (doença) que encerra a pessoa no passado e presente lhe retirando o futuro de suas mãos - em psicoterapia existencialista, promovendo uma prática clínica que enfatiza a personalização e reconhece o paciente como um sujeito ativo, capaz de redefinir seu lugar no mundo através de um processo terapêutico que restaura a possibilidade de ser e de se tornar sujeito de sua própria história.

Palavras-chaves: Personalidade. Autismo. Diagnóstico. Caso clínico. Intervenção.



PROCESSOS CLÍNICOS DA PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIALISTA NA PERSPECTIVA DOS PSICOTERAPEUTAS

Milene Strelow, (Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Núcleo de Pesquisa em Clínica da Atenção Psicossocial – PSICLIN – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Florianópolis-Santa Catarina-Brasil); Daniela Ribeiro Schneider, professora orientadora (Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Núcleo de Pesquisa em Clínica da Atenção Psicossocial – PSICLIN – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Florianópolis-Santa Catarina-Brasil).

contato: milene.strelow@gmail.com

RESUMO

A Psicoterapia Fenomenológica-Existencialista é uma proposta teórico-metodológica que vem sendo desenvolvida por psicoterapeutas em diferentes partes do mundo, em especial no Brasil, onde há um movimento muito consistente. Como prática psicoterápica, também deve passar pelas exigências de avaliação de sua eficácia. Apesar dos avanços ocorridos no campo das práticas psicoterapêuticas nas últimas décadas, ainda há um hiato deste com as exigências da investigação científica e produção de evidências. Especificamente nas psicologias de base fenomenológica, essa lacuna é ainda maior. Em particular à psicologia fenomenológica-existencialista, não se tem ainda muita literatura sistematizada disponível na área da avaliação de processo, tampouco dos seus processos clínicos em si. Diante disto, este estudo objetivou compreender quais são os processos clínicos e os indicadores de resultados da psicoterapia fenomenológico-existencialista desenvolvida e realizada no Brasil, na perspectiva dos psicoterapeutas. Realizou-se uma pesquisa de natureza qualitativa com 12 psicólogos com reconhecida atuação nesta abordagem, tanto no âmbito da produção científica quanto da prática, em diferentes regiões brasileiras. Como instrumento foi utilizada uma entrevista semidirigida. Os dados foram organizados com o auxílio do *software* Atlas.ti e submetidos à análise de conteúdo proposta por Ruiz-Olabuenaga. Como resultados, tivemos, inicialmente, a categorização dos participantes em termos de gênero, raça, cidades de atuação, tempo de experiência como psicoterapeuta, formações acadêmicas e específicas no existencialismo e principais influências. Do roteiro da entrevista e suas respostas, emergiram cinco categorias: a) organização de uma metodologia psicoterapêutica existencialista; b) o processo psicoterapêutico em si; c) entendimento de seus resultados e indicadores; d) relação terapêutica; e) racional/inteligibilidade do trabalho clínico. Há muitos elementos comuns que unificam esta prática clínica sob um mesmo arcabouço teórico. Por outro lado, há também, posições distintas entre os profissionais que eles próprios definiram como escolas de psicologia fenomenológica-existencialista no Brasil: a catarinense e a carioca. A catarinense concebe um posicionamento metodológico mais estruturado, visando a desalienação e transformação da dinâmica psicológica dos pacientes; a carioca traz um posicionamento mais crítico sobre um método estruturado, propondo uma maior fluidez no encontro com o paciente, objetivando o acompanhamento de seu desenvolvimento psicossocial e o autoconhecimento. O estudo possibilitou maior compreensão acerca dos processos clínicos e dos indicadores de resultados da psicologia fenomenológica-existencialista realizada por psicoterapeutas brasileiros e uma contribuição para pensar o início de uma sistematização destes processos, de modo a fomentar pesquisas futuras de sua eficácia e fundamentar o ensino da metodologia para psicoterapeutas em formação interessados nesta orientação teórica.



Palavras-chave: Psicoterapia Fenomenológica-Existencialista. Processos Clínicos. Psicoterapeutas. Jean-Paul Sartre.

PROJETO DE SER E RESPONSABILIDADE: GAMIFICAÇÃO COMO FACILITADORA NO DESENVOLVIMENTO DE ADOLESCENTES COM TDAH

Gabriel de Oliveira (Mestrado Profissional em Psicologia, da Universidade do Vale do Itajaí - Univali, Bolsista Fapesc, Itajaí, Santa Catarina, Brasil); Carina Nunes Bossardi, professora orientadora, (Coordenadora do Mestrado Profissional em Psicologia, da Universidade do Vale do Itajaí – Univali, Itajaí, Santa Catarina, Brasil).

contato: gabriel.sull@hotmail.com

RESUMO

O presente estudo, parte integrante do projeto "Epigenética, experiência e responsabilidade: implicações para distúrbios do neurodesenvolvimento", liderado pela professora Kristien Hens e vinculado ao grupo de pesquisa NeuroEpigenEthics, visa desenvolver uma estratégia de gamificação para atender às necessidades interativas de adolescentes diagnosticados com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Utilizando a metodologia de Revisão de Escopo, o estudo categoriza e analisa publicações nacionais e internacionais sobre a interação entre o ambiente biológico e social de indivíduos com TDAH e seus pais/responsáveis. A pesquisa já avançou em etapas significativas, incluindo entrevistas semiestruturadas com pais de adolescentes, adolescentes e profissionais de saúde que lidam com o TDAH. Como objetivo principal da pesquisa de mestrado, busca-se desenvolver uma estratégia de gamificação que identifique elementos motivadores para aplicação nas técnicas de jogos, com o intuito de estimular a interação dos indivíduos com TDAH em suas atividades cotidianas. Além de contribuir para o desenvolvimento de intervenções mais integrativas e eficazes para adolescentes com TDAH, considerando não apenas os aspectos clínicos do transtorno, mas também suas dimensões socioemocionais e existenciais, o estudo pretende fornecer ideias e práticas sobre a aplicação da gamificação e da filosofia existencial no contexto do TDAH. Nesse sentido, as noções de liberdade, responsabilidade, situação e projeto de ser, conforme propostos por Jean-Paul Sartre, serão incorporadas na abordagem, visando ampliar o conhecimento e as abordagens terapêuticas disponíveis para essa população. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, utilizando métodos como revisão bibliográfica, entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo da literatura, em colaboração com especialistas em psicologia, saúde, educação e tecnologia, considerando os aspectos existenciais e éticos inerentes ao processo de desenvolvimento socioemocional dos adolescentes com TDAH.

Palavras-chave: Adolescentes com TDAH. Existencialismo sartriano. Desenvolvimento socioemocional. Gamificação.



PSICOLOGIA DA INFÂNCIA E DA ADOLESCÊNCIA: FAMÍLIA E ESCOLA

Lara Beatriz Fuck (Doutora em Educação PPGE/UFSC, NUCA, Florianópolis, SC, Brasil).

contato: larabeatrizf@gmail.com

RESUMO

Pretende-se apresentar aspectos fundamentais da intervenção clínica em Psicologia da Infância e da Adolescência construída a partir das bases teóricas sartreanas e operacionalizadas em metodologia de intervenção por Bertolino, filósofo e antropólogo estudioso da obra sartreana; e como esta metodologia nos permite intervir e cuidar das crianças e da/os adolescentes sem que se produza ou reproduza a violência medicalizante. Destacaremos o método compreensivo em distinção a um interpretativo (base para medicalização); a interdisciplinaridade tanto para etapa do diagnóstico, como na intervenção; a articulação com a escola e o trabalho com a família. Neste processo como os instrumentos (relatórios, modelos, literatura) são utilizados e suas finalidades. Por fim, a possibilidade de controle de resultados, que beneficiem as crianças e adolescentes na superação de impasses emocionais, ou na prevenção do surgimento deles, viabilizando ou mediando, a constituição de adultos sem os mesmos. Em obras como sua autobiografia “As Palavras” e estudos biográficos “O Idiota da Família” e “Saint Genet, Ator e Mártir”; e o romance “A infância de um chefe” Sartre evidencia a sua compreensão sobre a importância da infância. Neste período nos estruturamos como personalidades. Nossas experiências vividas em episódios no contexto familiar, na escola e comunidade são determinantes para a constituição de nossa personalidade. David Cooper e Ronald Laing na década de 1950, já haviam indicado como revolucionárias as contribuições do pensamento do Sartre para o campo da nova psiquiatria ou antipsiquiatria em “Razão e Violência” em oposição da psiquiatria nosológica. Ao longo da década de 1990, o filósofo e antropólogo Pedro Bertolino operacionalizou a produção de Sartre com a finalidade de prática de intervenção em Psicoterapia, e na Psicologia da Infância e da Adolescência, as quais, são bem-vindas quando assistimos ao aumento do número de crianças e adolescentes em sofrimento emocional com os ditos transtornos de ansiedade, depressão, episódios de automutilação, o aumento estatístico de suicídio. Por outro lado, o crescimento da medicalização da infância, que se constitui em uma forma contemporânea de violência, dissimulada em cuidado, alcança cada vez mais crianças, em sua tenra infância, dado o crescente número de diagnósticos de TEA, TDAH, TOD, entre outros. Sartre nos oferece instrumental teórico para cuidar dos sofrimentos emocionais sem medicalizar.

Palavras-chave: Psicologia Infantil. Psicoterapia com Adolescentes. Metodologia de Intervenção em Sartre. Prática não-medicalizante. Interdisciplinaridade.



PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIALISTA: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA BASE CONCEITUAL DE REFERÊNCIA

Paulo Roberto Francisco, (Instituto Nexis, Blumenau-SC, Brasil); Marisa de SThiago Rosa (Instituto Nexis, Blumenau-SC, Brasil).

contato: paulo.r.francisco@gmail.com

RESUMO

Tendo em vista a superação do modelo reducionista psiquiátrico, pretende-se com este trabalho contribuir para a construção de um quadro de referência capaz de instrumentalizar a prática clínica de orientação fenomenológica existencialista na demarcação diagnóstica do sofrimento psíquico, tendo por base não mais o sintoma entendido como expressão de um corpo doente, mas o sentido existencial destes mesmos sintomas, bem como do sofrimento em si mesmo e de seus elementos constitutivos. Não se trata de negar a importância do fisiológico na elucidação do problema, mas considerá-lo como parte constitutiva de uma totalidade sintética, cuja dimensão existencial tem sido relegada ao lugar de mero efeito colateral. Estudos de casos clínicos à luz da antropologia estrutural e histórica formulada por Sartre, permitem demarcar quatro regularidades distintas de funcionamento psicoemocional que definem os principais tipos de impasses psicológicos que podemos esperar encontrar na realidade humana, impasses esses que redundam nas mais diversas categorias classificatórias do DSM e em padrões comportamentais eventualmente registrados por uma análise comportamental. Com foco no dinamismo psicofísico, esses quadros se dividem conforme a afetação psicofísica dominante neste dinamismo. Assim, um dinamismo caracterizado pela *tensão* terá como afetação dominante a *cólera*; na base de um funcionamento *ansioso* está o *medo*; na *melancolia*, verifica-se a *tristeza* como afetação dominante e um dinamismo de *indiferença* é marcado pelo *embotamento afetivo*. Cada um destes dinamismos psicofísicos encontra suas condições de possibilidade nos dinamismos sociológicos correspondentes, que denominaremos respectivamente de *divisão*, *exclusão*, *perda das mediações* e *instrumentalização*. Tais dinamismos têm sua origem num contexto socioantropológico atravessado por uma inteligibilidade maniqueísta e pela crença em uma suposta natureza superior de uns em relação a outros, que justificam as relações de submissão e violência. Com efeito, defende-se que a evidenciação de tais regularidades permite suprir as exigências de previsibilidade e controle de resultados necessários à elaboração e consolidação de um método de investigação e intervenção psicoterapêutica fenomenológica existencialista capaz de operar nos principais sofrimentos psíquicos, encontrando os meios de superá-lo.

Palavras-chave: Psicoterapia. Psicodiagnóstico. Clínica. Fenomenologia. Existencialismo.



ROMPENDO O CICLO: COMO A TEORIA EXISTENCIALISTA SARTRIANA PODE SER EFETIVA NO DESENVOLVIMENTO DE GRUPOS PARA AUTORES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER

Ana Claudia Kissner Batista. (Psicóloga clínica e jurídica. Docente na UNIPAR – Universidade Paranaense, campus Cascavel-PR. Docente no Centro Universitário UNIVEL).

contato: anakissner@outlook.com

RESUMO

É notável, no Brasil, o aumento significativo de casos envolvendo violência doméstica e familiar contra a mulher. Muitos são os programas de atendimento voltados à essas vítimas, contudo, entendendo ser uma problemática social que necessita de um olhar holístico, pensou-se no desenvolvimento de um grupo de apoio psicológico, recuperação e reeducação para os autores dessas violências. O presente trabalho, volta-se ao relato de experiência do desenvolvimento do projeto “Rompendo o ciclo”, que ocorre na comarca de Catanduvas-PR. A proposta do projeto é oferecer um espaço de acolhimento e escuta, visando a reflexão acerca do que se entende por violência doméstica e familiar contra a mulher, buscando a promoção de um senso de auto responsabilização e por consequência, diminuição da reincidência dos casos de violência doméstica na região. As intervenções psicoterapêuticas são pensadas e elaboradas com base na teoria existencialista sartriana e na sua perspectiva de mediação grupal, onde se abordam para além de questões como liberdade, angústia, escolhas e projeto, diversos assuntos voltados às questões de gênero, relacionamentos e masculinidades, bem como às perspectivas legais que envolvem o cometimento da violência. O projeto tem sido desenvolvido há dois anos, estando no momento com seu sétimo grupo ativo; no primeiro semestre de desenvolvimento, partindo de uma análise do juizado da comarca, observou-se a diminuição da reincidência dos casos de violência doméstica em 60%, já no momento, analisando o número de denúncias e encaminhamento dos apenados à participação do grupo, podemos observar que nenhum é reincidente. É evidente que os desafios ao combate da violência doméstica e familiar contra a mulher são muitos e continuam a cada dia emergindo de diferentes formas em nosso contexto social, fazendo-se assim, necessário que reflitamos sobre o papel da psicologia nesse contexto. Nesse sentido e com base nos resultados alcançados pelo projeto, evidenciamos que a psicologia existencial fundamentada no pensamento de Sartre, que resgata o olhar para as condições sócio-históricas e para a situação dos sujeitos nelas inseridas, pode contribuir na mediação dessas relações interpessoais e dessa problemática.

Palavras-chave: Psicologia existencial. Mediação grupal. Pensamento crítico. Violência doméstica.



SOFRIMENTO PSÍQUICO PSICOPATOLÓGICO: CONTRADIÇÃO VIVIDA COMO INSUPERÁVEL

Marisa de São Thiago Rosa (Fundação Universidade Regional de Blumenau, Blumenau-SC, Brasil; Instituto Nexis, Blumenau-SC, Brasil); Paulo Roberto Francisco, (Instituto Nexis, Blumenau-SC, Brasil).

contato: marisa.stiago@gmail.com

RESUMO

A problemática da intervenção psicoterapêutica baseada no existencialismo sartriano está em pauta entre os estudiosos do tema, seja pela busca de uma unidade metodológica interventiva, seja pela necessidade premente de evidenciar que um método (caminho) e uma metodologia (conjunto de procedimentos) não estariam na contramão da concepção de sujeito livre, existente por toda parte na obra sartriana. Visando contribuir para essa discussão, parte-se do olhar fenomenológico sobre a relação psicoterapêutica, encontro entre um ser humano em sofrimento psíquico - reativo ou psicopatológico - e outro ser humano que busca compreendê-lo, sem desconsiderar a condição de sujeito livre de ambos. Para tanto, abordaremos o sofrimento psíquico psicopatológico enquanto perda da dialeticidade sujeito/mundo, ou aprisionamento na contradição - tese ou antítese - constitutivas do movimento vivo, inviabilizando-se enquanto projeto humano. Trata-se de uma relação em que o sujeito que cuida se vale da compreensão da situação de ser desse outro, mas também de um conhecimento, utilizado como instrumento de localização do paciente, por dentro de cada situação trabalhada, a cada encontro, conforme necessidade técnica, tornando-se - compreensão e conhecimento - instrumentos de intervenção no fenômeno antropológico/sociológico e sua dimensão psicológica. A ressonância psicológica e psicofísica esperada como desdobramento desse conjunto de intervenções propostas e articuladas em torno de um projeto terapêutico singularizado, se daria na forma de inúmeras metamorfoses - destotalizações, retotalizações - na totalização psicofísica que é o Ego do paciente, a partir das quais poderá vivenciar suas relações em outros termos, escolhendo-se, agora, de modo menos alienado ou mais crítico, saindo da contradição enlouquecedora. Discutir-se-á também, que sem encontrar o elemento unificador dessa compreensão totalizadora - o projeto fundamental ou projeto original - eleito na infância, entre os outros e as coisas, o psicoterapeuta não enxergará o sujeito concreto encarnado em sofrimento e seu dinamismo psíquico e psicofísico, o qual o sujeito que padece não consegue modificar sem as intervenções psicoterapêuticas, por mais que se esforce. Abordar-se-á, enquanto momento necessário ao processo psicoterapêutico, a demarcação da razão constitutiva de um dinamismo psíquico/psicofísico singular, que inclui elementos empíricos como os sintomas, permitindo-nos incluí-los enquanto evidências desse sofrimento, rompendo porém, com a racionalidade biomédica e reducionista da psiquiatria, ao tomá-los enquanto expressão humana, ao mesmo tempo que saída inventada em momento de desespero, ultrapassando dialeticamente a tese psiquiatrizante e a antítese despsiquiatrizante, concretizando-se numa síntese pós-psiquiatrizante.

Palavras-chave: Psicoterapia. Dinamismo Psíquico. Psicopatologia. Fenomenologia. Existencialismo.



TEMPORALIZAÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO DA ANSIEDADE DIANTE DO MUNDO DO TRABALHO

Andréa Luiza da Silveira (Psicoterapeuta, Dra. Psicologia Social e Institucional/ UFRG; Mestre Eng. de Produção/UFSC; Especialista em Psicologia Clínica Sartreana/NUCAFE; Profissional Especialista em Psicologia Organizacional e do Trabalho/CFP).

contato: deasilveira@gmail.com

RESUMO

Neste trabalho objetivamos mostrar a ansiedade como um estado constitutivo do Ego, marcado pela inviabilização do projeto de ser no presente, sobretudo, no âmbito profissional. Preparamos um estudo de caso com base num arquivo de 50 sessões e de um relatório psicológico. Organizamos o registo e arquivo dos atendimentos, planejamento e avaliação conjunta com o paciente até a finalização. Mostramos como o conceito de temporalização mobilizado por Sartre no livro *O idiota da família – Gustave Flaubert* proporcionou a compreensão psicoterapêutica. Apresentamos o desenvolvimento do processo psicoterapêutico desde as entrevistas iniciais e diagnóstico – descrição e análise das situações de sofrimento psíquico relacionado ao trabalho - até a técnica de intervenção diante do campo dos possíveis e avaliação do processo psicoterapêutico focado na localização do paciente diante da ansiedade e o seu movimento no mundo do trabalho visando superá-la. À medida que desenvolvemos as descrições da ansiedade, a personalização do paciente constituída por antecipações catastróficas movidas pelo medo, deu lugar à reflexão considerando a historicidade e seu campo dos possíveis. Os impasses sociais são analisados, localizando a experimentação da ansiedade em situações vividas de tal modo que encerravam o ser do paciente como fracassado e inseguro. As suas perspectivas profissionais, outrora experimentadas como inviabilizadas, passam a ser analisadas a partir do trabalho na sua função psíquica e social como mediação para realização do desejo de ser profissional seguro e competente operado num projeto de ser. Contemplando os aspectos éticos da divulgação científica este estudo visa contribuir com a psicoterapia existencialista sartreana, reunindo teoria, método e prática.

Palavras-chave: Psicoterapia. Trabalho. Emoção. Ego.



TORNAR-SE PSICOTERAPEUTA EXISTENCIALISTA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ian Norberto Sena da Silva (Departamento de Psicologia, Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial - PSICLIN, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, Brasil); Carlo Carminatti Pissaia (Departamento de Psicologia, Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial - PSICLIN, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, Brasil); Leticia de Souza Mazzuco (Departamento de Psicologia, Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial - PSICLIN, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, Brasil); Yara Alexandre Reynaldo (Departamento de Psicologia, Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial - PSICLIN, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, Brasil); Zuleica Pretto (Departamento de Psicologia, Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial - PSICLIN, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, Brasil).

contato:ian.sena@grad.ufsc.br

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compartilhar as vivências de estágio em Psicologia Clínica sob orientação da perspectiva fenomenológica existencialista sartriana, realizado num Serviço-Escola por quatro estagiários, portanto, psicólogos em formação e psicoterapeutas iniciantes. Localizado na UFSC, em Florianópolis, o Serviço-Escola oferece serviços gratuitos à comunidade, a partir de atendimentos psicológicos na forma de acolhimentos, psicoterapia, grupos psicoterapêuticos, entre outras ações. A supervisão das atividades acontece semanalmente e de forma coletiva, quando são compartilhados estudos teórico-metodológicos, centrados na ontologia, antropologia, psicologia e epistemologia sartriana em diálogo com análises interdisciplinares e interseccionais, bem como os estudos dos casos em atendimento. Alguns aspectos surgiram nessa trajetória, destaca-se inicialmente, a importância da construção de uma segurança teórico-metodológica, alcançada por meio de estudos sistemáticos. Além disso, há a percepção de que a prática profissional é coletiva, manifestando-se na compreensão das situações encontradas em grupo e em análises ou problematizações conjuntas, identificando-a como conjunta e relacional. Outro aspecto relevante é a abertura para trabalhar com a diversidade presente no Serviço, considerando diferentes problemáticas vivenciadas, faixas etárias, pertencimentos étnico-raciais, nacionalidades, religiões, etc. Demarca-se a necessidade de construir, juntamente com os indivíduos que acessam esse espaço, um entendimento que seja verdadeiramente voltado às suas biografias, projetos de ser e situações concretas. Nesse sentido, a psicoterapia caracteriza-se como atividade política, a qual requer um olhar sensível e de legitimação da diversidade humana. Também é reconhecido que a psicologia, bem como cada psicoterapeuta, são atravessados pelas condições históricas — no que toca a sua condição interseccional e às suas afetações, expectativas, frustrações e reflexões decorrentes do processo de atendimento, em especial no caso das/os/es psicoterapeutas iniciantes. Com essa direção, ressalta-se que tornar-se psicoterapeuta existencialista exige um constante “trabalhar-se” e a construção de um caminho de compromisso técnico-científico e ético-político.

Palavras-chave: Psicoterapia Existencialista. Formação em Psicologia. Serviço-Escola. Compromisso ético-político.



UM ENTENDIMENTO SOBRE O PROCESSO TRANSFERENCIAL PACIENTE-TERAPEUTA DE UM PONTO DE VISTA SARTREANO

Eduardo Camillo K. Ferreira (Graduando em Psicologia FMU, São Paulo – SP, Brasil).

contato: eduardo.ckf@gmail.com

RESUMO

O fenômeno da transferência preconizado na psicanálise freudiana possui ampla aceitação pelas diversas linhas da Psicologia, ainda que cada uma reinterprete seu conteúdo e funcionamento de acordo com os próprios princípios epistemológicos. Em nosso trabalho, buscamos entender tal acontecimento de um ponto de vista sartreano, mas numa perspectiva teórico-filosófica, pouco ancorado em prática clínica. Entendendo a transferência como uma alocação afetiva da(o) paciente sobre a(o) terapeuta e que normalmente repetem padrões de afetividade da vida da pessoa, seu funcionamento por princípio ampara-se n’*O Olhar*, seja numa busca de objetivação por parte do paciente – num movimento de má-fé de se ver reconhecido de determinada maneira –, seja objetivando a(o) terapeuta – num movimento reativo de enrijecimento de certo papel atribuído à(o) profissional. As nuances desse movimento revelam algo do *Projeto de Ser* da pessoa, e, logo, pode tornar-se terapêuticamente útil por proporcionar um momento de Reflexão Pura, ou seja, de apreciação do fenômeno em presença, diferentemente de relatos de outros momentos da vida, que se fazem por Reflexão Impura, uma vez que partem de algo já vivenciado, significado e apenas re-presentado no relato. Quando tal posição de objeto/sujeito atribuída é sustentada pela(o) terapeuta, permite-se que sejam revelados aspectos acionais e intencionais dessa afeição. Quando vivido conjuntamente a certo ímpeto emocional, segundo a teoria sartriana das emoções, enseja observar “em tempo real” a afetação fenomênica que a consciência imputa por sobre o vivido, de forma a lidar com o que lhe é colocado pelo mundo e revelar, assim, a direção desse afeto e o que ele busca ocultar ou viver de maneira ativa. Sendo esta, ainda, uma situação construída pela própria liberdade da pessoa, proporciona a interpretação de algum sentido do que tal alocação afetiva busca para o *Projeto Original* daquela, frente a sua história. Concluindo, atentar-se à transferência como um tipo específico de fenômeno que se manifesta no processo terapêutico dentre todos trazidos pela(o) paciente, possibilita-se observar em primeira pessoa aspectos que de outra forma não emergiriam, e nisso reside sua virtude.

Palavras-chave: Transferência. Psicologia existencialista. Jean-Paul Sartre.



CISMAS E REPETIÇÕES COMO TENTATIVA DE ENFRENTAR OS MEDOS – RELATO DE CASO.

Ana Claudia de Souza (graduada em psicologia pela UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina, especialização em Psicologia Científica Existencialista pelo Núcleo Castor: estudos e atividades em existencialismo, psicóloga inscrita no Conselho Regional de Psicologia – CRP 12/01567, associada ao nuca – Núcleo Castor: estudos e atividades em existencialismo, Florianópolis - SC, Brasil.)

Contato: ana.relacoes@gmail.com

RESUMO

O caso: CISMAS E REPETIÇÕES COMO TENTATIVA DE ENFRENTAR OS MEDOS, expõe o processo psicoterapêutico concluído de um homem de 30 anos, que padecia de Transtorno obsessivo compulsivo (TOC), manifestado por uma variedade de repetições como uma tentativa de prevenir-se contra o enlouquecimento. Este caso foi abordado dentro do contexto de uma intervenção psicoterapêutica interdisciplinar, com o objetivo de expor o processo seguindo uma ordem cronológica, permitindo uma compreensão da metodologia aplicada, desde o momento da admissão do paciente até a conclusão do processo. O caso é fundamentado na pesquisa e sistematização da filosofia de Jean-Paul Sartre para fins de aplicação metodológica em psicologia e psicoterapia, desenvolvidas pelo Professor Pedro Bertolino. O aspecto do sentimento religioso, que desempenhou um papel significativo neste caso, juntamente com a abordagem interdisciplinar, foram adaptações desenvolvidas pelo Professor, tornando a metodologia ainda mais específica. Ao início da psicoterapia, o paciente tinha formação superior, estava noivo e tinha uma família estável, mas sofria de ansiedade intensa e um medo de enlouquecer que o levava a repetir gestos. A metodologia foi aplicada para investigar os estados emocionais atuais, buscar medicação para reduzir a ansiedade, descrever os episódios psicológicos da infância e adolescência e, assim, alcançar uma compreensão psicoterapêutica do caso: **Seu ‘transtorno obsessivo/compulsivo’ ou ‘TOC’ era do medo de enlouquecer e quanto mais tentava fugir de estar enlouquecendo, mais o medo aumentava, gerando mais ansiedades e mais compulsão.** Apresentamos aqui a compreensão existencialista de que a existência precede a essência, com a personalidade sendo estruturada na infância e adolescência, detalhando como a metodologia de intervenção é aplicada para além de uma simples compreensão biográfica, buscando uma intervenção psicoterapêutica com resultados efetivos e replicáveis em outros casos. Estes resultados são inclusive expostos no mesmo livro no qual este caso é discutido. É importante ressaltar que a situação do paciente era desproporcional ao contexto em que vivia, sendo construída a partir de experiências da infância e adolescência, dentro de um clima antropológico e sociológico onde o medo da loucura era fortemente presente. Muitas pessoas ao seu redor apresentavam sintomas semelhantes de ansiedade e insônia, refletindo a influência do ambiente na complicação psicológica do paciente. Por conseguinte, o problema, construído através da apropriação de padrões de comportamento dos pais, do clima de medo no qual vivia, demonstra claramente que o problema não é crônico e pode ser superado, refutando a noção de doença mental.

Palavras-chave: Psicoterapia. Existencialismo. Interdisciplinaridade. Metodologia. Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC).



HISTÓRIA DE VIDA E SOFRIMENTO PSÍQUICO GRAVE NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA EXISTENCIALISTA: NARRATIVAS EXISTENCIAIS

Carolina Beckert Polli (Programa de Pós-graduação em psicologia; Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial – PSICLIN; Departamento de psicologia; Universidade Federal de Santa Catarina; Florianópolis-Santa Catarina, Brasil.). Daniela Ribeiro Schneider (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial - PSICLIN, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, Brasil)

contato: carolinabpolli@gmail.com

RESUMO

A presente pesquisa teve como proposta investigar as histórias de vida de usuários em sofrimento psíquico grave da Rede de Atenção Psicossocial de uma cidade ao norte do Estado de Santa Catarina, para posteriormente elucidá-las pela perspectiva da Psicologia Existencialista, desenvolvida pelo filósofo francês Jean-Paul Sartre no percurso de sua obra. Delineou-se como pesquisa qualitativa de caráter exploratório-descritivo. A problemática de que partiu este estudo é o entendimento das relações entre a história de vida e a constituição do processo de sofrimento psíquico grave por dentro de uma biografia existencial. Por sofrimento psíquico grave entende-se, em oposição a uma psicopatologia centralmente nosográfica e sintomatológica, um modo de estar no mundo. Elegeu-se tal constructo em consonância com a acepção fenomenológica e existencialista. A entrevista narrativa seguiu um roteiro adaptado do instrumento life history interview delineado por McAdams (2012). As narrativas autobiográficas foram gravadas e posteriormente transcritas e analisadas à luz da fenomenologia existencialista sartriana, por considerar que sua ontologia e metodologia clínica, retoma o sujeito na sua constituição dialética e temporal. Foi possível reunir as narrativas em eixos de significados comuns, seguindo as temáticas suscitadas pelo roteiro, a saber: história de vida, acontecimentos-chaves como pontos alto, baixo e de viragem; trajetória do cuidado e história futura. Conclui-se pela análise das narrativas, que tal método associado a perspectiva existencialista se configura enquanto uma potente ferramenta para a compreensão do sofrimento, apesar das limitações desse estudo quanto ao tempo e ao número reduzido de participantes. Ademais, compreendeu-se que fatores antropológicos e sociológicos se vinculam consideravelmente às experiências comuns de sofrimento desses sujeitos, ainda que tomadas de maneira singular por cada um. Considera-se, por fim, que a lógica da clínica ampliada associada a uma compreensão existencialista do sofrimento humano, pode viabilizar a construção de práticas emancipadoras no território, rompendo de fato com a lógica biomédica de cunho apenas curativo.

Palavras-chave: Método biográfico. Sofrimento psíquico grave. Entrevista narrativa. Psicologia existencialista

EIXO VI

LITERATURA, ARTE E COMPREENSÃO DA CONTEMPORANEIDADE EM SARTRE.





A CONCEPÇÃO DA AVENTURA ENQUANTO IRREALIZÁVEL: UMA LEITURA DE A NÁUSEA A PARTIR DE ALGUMAS REFLEXÕES DO *DIÁRIO DE UMA GUERRA ESTRANHA*

Vinicius Xavier Hoste (Pós doutorando no Programa de Pós-graduação em Filosofia da UNIFESP / Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos – SP, Brasil).

contato: vini17hoste@gmail.com

RESUMO

Em seu romance *A náusea* – publicado em 1938 –, Sartre apresenta os diários de um historiador, Antoine Roquentin. Entre tantos acontecimentos registrados nos diários, destaca-se a noção de aventura, já que em vários momentos do texto o personagem principal acredita *estar-em* uma aventura. Na aventura, Roquentin apreende no real uma certa finalidade, como se o mundo se transformasse, enquanto dura a aventura, em uma obra de arte, afinal, tudo se mostra com um sentido até então inexistente. Já no *Diário de uma guerra estranha* – escrito entre setembro de 1939 – março de 1940, mas publicado apenas em 1983 – não é um personagem que registra seus pensamentos cotidianos na forma de diário, mas é o próprio Sartre que, ao ser convocado para a segunda guerra, decide documentar sua experiência. Nesses diários, com efeito, o autor francês desenvolve a noção de irrealizável, visando explicar seus próprios sentimentos diante da guerra. O irrealizável não é simplesmente algo que não se pode realizar, mas algo que se mostra como realizável, apesar de não o sê-lo. Tem-se nessa experiência um desejo de que a vida se assemelhe a arte, de que o mundo assuma uma beleza que não é compatível com ele. Dito isso, o objetivo desta apresentação é, primeiro, elucidar a noção de aventura a partir daquilo que é descrito por Roquentin, para, em seguida, explicar o que Sartre entende em seus diários quando aborda o irrealizável; por fim, com base nessas duas definições, tentar-se-á mostrar que, mesmo anterior à noção de irrealizável, a aventura pode ser, de fato, entendida como um irrealizável.

Palavras-chave: Aventura. Náusea. Guerra. Irrealizável. Arte.



A IMPOSSIBILIDADE DE ESTETIZAR A PRÓPRIA VIDA: ROQUENTIN E O SOFRER MELÓDICO

Ágatha Victória Cavallari Ferreira, (Programa de Pós-graduação em Filosofia, CAPES, Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo - USP, São Paulo-SP, Brasil).

contato:agatha.cavallari@usp.br

RESUMO

Nos últimos momentos de “O imaginário”, obra de 1940, Jean-Paul Sartre se debruça sobre a problemática tocante ao objeto artístico. Assim, o filósofo francês apresenta os elementos que permitem atestar que a obra de arte pertence ao âmbito da consciência imaginante, sem desconsiderar a dependência que a criação artística sustenta com real. Mas, sobretudo, salta aos olhos a posição que Sartre assume em relação à pretensa sobreposição da beleza ao mundo circundante, a qual incide sobre um aspecto importante da caracterização de Roquentin. Tendo em vista que o “belo” é um valor exclusivamente aplicável ao imaginário, Sartre critica a pretensa tomada de uma atitude estética perante a vida, uma vez que isso seria equivalente à incompreensão da diferença irreduzível entre o real e o imaginário. Todavia, ao direcionarmos nosso olhar para “A náusea”, o protagonista sartriano parece almejar o contrário daquilo que as letras de “O imaginário” esclarecem. Como se sabe, no romance de 1938, Antoine Roquentin, assolado pelo advento da náusea, narra a passagem de seus dias em meio ao incômodo desconcertante que o acomete. A clarificação do sentido da náusea, por parte do protagonista, desemboca na descoberta da contingência como o aspecto constitutivo do real. Todavia, junto a esse desagradável desvelamento, destaca-se a presença da música de jazz “*Some of these days*”, ao longo da trama do personagem. Por um lado, salientamos a afirmação de Roquentin sobre sua vontade de constituir a própria vida à maneira de uma melodia, nos dias subsequentes à escuta da canção jazzística. Por outro lado, nota-se que, ao final do livro, o protagonista expressa o seu desejo de sofrer em compasso, tal como a melodia de jazz tocada no café de Bouville. Ora, não estaria Roquentin a ansiar pela estetização de sua vida, sobretudo pela possibilidade vislumbrada de superar os sofrimentos dados no desenrolar do real? À luz da explicação sartriana posta em sua obra de 1940, almejamos mostrar como as circunstâncias descritas no romance sartriano permitem a atribuição de uma resposta positiva à questão posta. Para tanto, concentramos nossa exposição na quarta parte e na conclusão de “O imaginário” e em passagens importantes do romance inaugural de Sartre.

Palavras-chave: Sartre. Náusea. Música. Irreal. Contingência.



ATELIÊ PSICOLOGIA E LITERATURA: TECENDO ANÁLISES EXISTENCIALISTAS SOBRE TEMAS CONTEMPORÂNEOS

Yara Alexandre Reynaldo, (Programa de Graduação em Psicologia, Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial - PSICLIN, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Ian Norberto Sena da Silva (Programa de Graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, UFSC, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Mayara Floriani (Programa de Pós-graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, UFSC, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Verônica Candaten Furini, (Programa de Pós-graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, UFSC, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Zuleica Pretto (Programa de Graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, UFSC, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil)

contato: yarareynaldo@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho visa apresentar um relato da experiência proveniente do projeto de extensão universitária intitulado ‘Ateliê Psicologia e Literatura: tecendo análises existencialistas sobre temas contemporâneos’. Este projeto acontece na UFSC, é vinculado ao Curso de Psicologia através do Núcleo de Pesquisa em clínica da Atenção Psicossocial (PSICLIN), é conduzido por uma professora coordenadora e quatro extensionistas, e conta com um público participante constituído por, em média, 20 pessoas. A atividade é aberta para a comunidade em geral, com uma concentração de estudantes e profissionais de Psicologia, Filosofia e Literatura. Desenvolvido a partir da modalidade grupal, com encontros semanais, o projeto tem entre seus objetivos contribuir com a formação acadêmica/profissional e com o desenvolvimento de análises críticas da comunidade acerca de questões contemporâneas. A partir da leitura coletiva de obras literárias clássicas e contemporâneas, o grupo debate temas atuais tendo como norte os fundamentos epistemológicos e conceituais existencialistas. Estes embasam as análises de biografias singulares e de grupos, ou de situações vividas expostas nas obras, garantindo uma interface entre psicologia e literatura e, igualmente, as trocas entre campos de conhecimento. Os temas abordados no projeto de extensão assumem eixos diversos, propostos pelos organizadores e pelos participantes. Como exemplo, cita-se a discussão sobre as infâncias e adolescências, haja vista a necessidade de superação de perspectivas naturalizantes e universalizantes sobre esses grupos geracionais, associadas a situações de sofrimento registradas no campo da saúde e o processo de psicopatologização e medicalização crescentes de crianças e jovens; sobre as vidas deslegitimadas e desvalorizadas pelo contexto sociopolítico, vinculadas a escassez sociomaterial, a questões raciais e de gênero, marcadas por diversas formas de preconceito racial, principalmente relacionadas com os efeitos psicossociais produzidos pela discriminação, onde se observa o apagamento existencial dos sujeitos. Para estes temas foram trabalhadas as obras ‘Carta ao Pai’ de Franz Kafka, ‘Eleanor & Park’ de Rainbow Rowell e ‘Quarto de Despejo’ de Carolina Maria de Jesus, articulados com estudos da obra de Jean-Paul Sartre. Percebe-se que a extensão se configura como uma forma interessante e produtiva de aprendizagem, de estudos sobre o existencialismo e de engajamento ético-político a questões de nosso tempo.

Palavras-chave: Psicologia Existencialista Sartriana. Literatura. Contemporaneidade.



CONSIDERAÇÕES ESTÉTICO-METODOLÓGICAS SOBRE O TINTORETTO DE SARTRE

Deise Quintiliano Pereira – (Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ, com bolsa Prociência de pesquisa e fomentos da FAPERJ, Departamento de Letras Neolatinas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, Brasil).

Contato: deisequintiliano@uol.com.br

RESUMO

Os desdobramentos de análises concernentes ao projeto autobiográfico de Sartre me conduziram ao contato com suas reflexões estéticas – um valioso tesouro disseminado em textos, fragmentos, catálogos de exposição, ensaios e anotações compiladas em caderno de viagem. A atual fase dessa perquirição, lançando luz sobre uma poderosa crítica de arte, relativamente pouco explorada no âmbito dos estudos sartrianos, notadamente no Brasil, passa em revista obras de artistas escrutinadas pelo arguto olhar do esteta. O objetivo dessa intervenção é tomar algumas passagens sobre o Tintoretto como fio condutor de considerações que permitem fazer o projeto estético dialogar com o autobiográfico, demonstrando como em Sartre o método não preexiste à análise, mas nela se descobre para modificá-la retroativamente. Nesse sentido, por se situar historicamente na charneira entre as monografias existencialistas *Baudelaire* (1946); *Saint Genet* (1951) e o advento de seu tratado de psicanálise existencial, *L'idiot de la famille* (1971-72), os primeiros estudos dedicados a Jacopo Robusti podem conter os embriões da gestação do método “progressivo-regressivo”, que seria plenamente aplicado apenas no estudo de Flaubert. A ausência do método explicaria, em parte, o desconforto sentido pelo autor ao justificar o abandono do projeto inicial do Tintoretto quando já se encontrava quase concluído porque “não estava satisfeito com o seu estilo”. De fato, contemporâneos à publicação de *Questão de método* (1957), os excertos reunidos em *Le séquestré de Venise* e publicados em *Les Temps Modernes* (1957) – (o fragmento “Venise de ma fenêtre” o precede, tendo sido publicado na revista *Verve*, em 1953; em 1961, o autor escreveria uma nova versão de seu estudo, sendo publicado na revista *Arc*, em 1966) – atestam uma mutação em consonância com o percurso que Sartre viria a percorrer posteriormente, num indício de que a obsessão que o acometeria no seu estudo sobre Gustave Flaubert encontrava-se em estado de latência nas observações estéticas das obras do filho do tintureiro da “Sereníssima”, fundamentando o título que lhe dedica Pierre Campion: “Sartre à Venise: le séquestré du Tintoret” (2012).

Palavras-chave: Jean-Paul Sartre. Artes. Método. Crítica. Fragmento.



EXISTENCIALISMO E TROPICÁLIA: APROXIMAÇÕES E APROPRIAÇÕES DO MOVIMENTO CONTRACULTURAL BRASILEIRO E A FILOSOFIA DE SARTRE

Rafael Garcia Vasconcelos (Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ, Rio de Janeiro-RJ, Brasil); Maria Eduarda Pires de Souza Silva (Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ, Rio de Janeiro-RJ, Brasil); Alice Barbosa Cordeiro (Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ, Rio de Janeiro-RJ, Brasil) Rodolfo Rodrigues de Souza (Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ, Rio de Janeiro-RJ, Brasil).

contato: leafargarciavasconcelos@gmail.com

RESUMO

O existencialismo de Sartre exerceu grande influência nos movimentos de contracultura ao redor do mundo. Em um contexto pós-guerra onde os “tristes trópicos” foram exaustivamente assediados por ditaduras, a filosofia existencialista serviu de combustível para as mais variadas expressões artísticas de contestação, tendo na América Latina uma posição de destaque. A proposta deste trabalho é acompanhar e discutir as apropriações e aproximações da filosofia sartreana em timbres brasileiros e como o movimento tropicalista pode ser compreendido nesse contexto. Ao chegar no Brasil, ainda que disforme em fragmentos, a filosofia sartreana trouxe consigo uma série de ideias provocativas que impactaram diversas esferas da cultura nacional. Influenciando toda uma geração, essa “moda existencialista” foi marcada pela apropriação da liberdade individual e uma rebeldia crítica às normas sociais. Esse movimento teve desdobramentos notáveis no cinema brasileiro, no teatro e em instalações artísticas como os parangolés de Hélio Oiticica em seu projeto estético-político. De maneira similar, sem lenço e documento, a Tropicália surgida na década de 1960, se movimenta na vereda em busca à liberdade de expressão e uma rejeição às normas estéticas e sociais vigentes. Caetano Veloso nos confessa em seu livro Verdade Tropical que “foi, em grande parte, inspirada na rebeldia de Sartre que a contracultura se manifestou em mim”. Artistas como Gilberto Gil, Os Mutantes, Gal Costa, Tom Zé, entre outros, propuseram uma antropofagia de influências musicais, visuais e literárias, desafiando as convenções no horizonte da época e buscando romper com as hierarquias culturais, além de questionar as ideias pré-concebidas sobre a identidade brasileira e o engajamento da arte. Ao beberem dos ideais dessa filosofia, as expressões artísticas foram sendo colocadas como manifestações políticas, o que acabou por posicionar e orientar a atitude do coletivo. No âmbito do Tropicalismo, não só as inspirações filosóficas de Sartre como as de Heidegger e Nietzsche se mesclaram com referências literárias, como Proust, Beauvoir e Camus. Demonstrando uma afinação com as filosofias da existência, esses autores se revelam como sendo fundamentais para a elaboração de uma linguagem estilística, presente nas letras e apresentações. O movimento, sustentado pela ideia de que “tudo é político” e provocado por Mautner na indagação sobre o Ser dos seres e a luta de classes, vai ganhando cada vez mais corpo, sabores e cores tropicais. Neste sentido, esse trabalho busca retomar aspectos dessa influência refletindo sobre como o pensamento existencialista foi fundamental para o movimento de contracultura no Brasil.

Palavras-chave: Existencialismo. Contracultura. Tropicália.



EXISTIR NA ADOLESCÊNCIA: DILEMA E REALIDADE

Mateus Trzeciak Gomes – Voluntário do projeto de Iniciação Científica: Victor Frankl e Sartre: um encontro possível. discente do curso técnico em química integrado ao ensino médio, Instituto Federal do Paraná, Campus Umuarama, PR, Brasil–. Tiago Soares dos Santos – Coordenador do projeto de Iniciação Científica: Victor Frankl e Sartre: um encontro possível. Instituto Federal do Paraná, Campus Umuarama, PR, Brasil. Nesse momento o projeto é voluntariado por parte do aluno, porém, está em processo de seleção para concessão de bolsas junto ao CNPQ – via editais institucionais.

contato: mateustrzeciakgomes@gmail.com

RESUMO

No mundo contemporâneo no qual vivemos, os jovens concluintes do ensino médio e possíveis ingressantes do mundo acadêmico e profissional estão imersos em diversos conflitos gerados pela insustentável responsabilidade do próprio futuro. Essa responsabilidade é mimetizada pela angústia vivida por Roquentin, personagem da novela sartriana *A Náusea*. O enredo da trama retrata, por meio das experiências vividas da personagem desde os conceitos expostos em seu livro *O existencialismo é um Humanismo*, e se projeta analogamente na angústia vivida por nossa geração de jovens que estão em transição para a vida adulta. Partindo da pesquisa bibliográfica das obras *O existencialismo é um Humanismo* e de *A Náusea* de Sartre, pretende-se compreender, analisar e relacionar os seguintes conceitos: homem, liberdade, Náusea e projeto. A seguir, relacionar as experiências narradas por Antoine Roquentin com os dilemas enfrentados pelos jovens no mundo contemporâneo, resultando, assim, em produção de material bibliográfico que possa ajudar a compreendermos os diversos sentimentos e medos pelos quais os jovens estão submetidos e promover um bem-estar psíquico e social. Ao analisar o conceito de Náusea, podemos compreender um sentimento mediador do conhecimento do indivíduo para com seu ser. Concebemos, dessa forma, que a náusea vivenciada por Roquentin foi necessária para seu amadurecimento e para o estabelecimento de um projeto de vida que visa uma vida mais autêntica. Conclui-se que a angústia que assola os jovens pode ser tida como mediadora para um maior contato entre o jovem e seu ego, resultando em uma maior satisfação para com sua vida profissional e acadêmica, podendo vir a ser usada também para estabelecer um projeto de vida que atenda os desejos do sujeito não siga apenas um *ethos* idealizado pelo capitalismo.

Palavras-chave: Sartre. Angústia. Existencialismo. Náusea. Liberdade.



INIBIÇÃO MELANCÓLICA E A OBRA “A NÁUSEA”: UMA INTERFACE ENTRE A LITERATURA DE SARTRE E A PSICANÁLISE DE FREUD

Larissa Fiuza Miranda. Centro Universitário Faesa, Vitória – Espírito Santo, Brasil.

Contato: fiuzalare@gmail.com

RESUMO

A *Náusea* foi considerada um dos mais importantes romances do século XX, sua melancolia alude à tristeza do mundo europeu, prestes a se desagregar. A obra, escrita por Jean-Paul Sartre, retrata as anotações sob a forma de diário de um historiador e personagem principal, Antoine Roquentin, cuja história se situa num cenário entreguerras vivido pela França. O pesquisador se depara com a perda de sentido da existência por conta de uma sociedade conformista e decadente. Dessa forma, passa a enxergar o mundo como uma sucessão homogênea de pessoas e fatos vazios. O romance sartreano tem início a partir de uma tomada dessa consciência abrupta sobre a existência das coisas, denominada contingência. O diário do narrador-personagem remonta um explorar do psiquismo tal como um processo psicoterapêutico. É possível notar que em sua narração há situações em que seu quadro melancólico é evidenciado através de sua constante solidão e crises existenciais. O “vazio de ser” é representado com descrições eloquentes e extensas por Sartre, possibilitando aproximações com a melancolia tal qual teorizada por Freud. Sabe-se que a necessidade do melancólico é debruçar-se justamente sobre o objeto de seu sofrimento, o que dá a seu discurso a andadura de uma problemática existencial. Dessa maneira, o objeto de dedicação passa a ser si próprio e a sua injustificada gratuidade existencial. Nesse contexto, o conteúdo deste estudo associa o personagem Roquentin com o perfil melancólico por meio de uma interface entre os textos-base *A Náusea*, de Sartre, e *Luto e Melancolia*, de Freud. Arquiteta-se a hipótese de que é curta a distância entre a angústia existencial sentida pelo personagem de Sartre e a proposição conceitual de melancolia de Freud. Logo, a teorização de que ambos se debruçam sobre o mesmo objeto de estudo se torna uma via de pesquisa para o aprofundamento da temática de forma sintética e exploratória.

Palavras-chave: Sartre. Náusea. Psicanálise. Angústia.



NÓS E OS OUTROS: A PSICOLOGIA CIENTÍFICA EXISTENCIALISTA EM CENA

Luciana Cesconetto Fernandes da Silva, (Instituto Federal de Santa Catarina, Joinville – Santa Catarina, Brasil); Ana Cláudia de Souza, (Clínica Relações, Florianópolis – Santa Catarina, Brasil).

contato: luciana.cesconetto@ifsc.edu.br

RESUMO

Nós e os outros: A psicologia científica existencialista em cena foi um projeto de extensão realizado em 2023 no IFSC - Câmpus Joinville, com alunos do ensino médio da Escola de Educação Básica Arnaldo Moreira Douat (Joinville). O projeto foi realizado em parceria com a psicóloga Ana Cláudia de Souza e contou com a colaboração de Letícia da Silveira, aluna do Curso Técnico Concomitante em Teatro (Câmpus Joinville). Com este projeto nos propusemos a implementar uma oficina de montagem teatral e que desenvolvesse a temática das relações humanas: seus impasses e possibilidades. O trabalho foi estruturado a partir do estudo de um texto não teatral: *Caso 03*, presente no livro *Nós e os Outros - Psicologia Científica Existencialista - Casos psicoterapêuticos trabalhados*, de Ana Cláudia de Souza. Implicou exercícios corporais e vocais; jogos teatrais; leitura do texto; diálogo sobre o texto lido; improvisação e composição de cenas; escrita do texto teatral, ensaios, divulgação, apresentação do trabalho finalizado e realização de diálogo com a plateia ao fim da apresentação. Além da mostra teatral, o projeto contou com uma palestra proferida por Ana Cláudia de Souza - *A construção da personalidade*, e que foi seguida de um bate-papo. Finalizamos com a sessão de autógrafos do Livro *Nós e os Outros*. O processo de montagem teatral viabilizou uma compreensão bastante aprofundada do caso relatado. Ao trabalhar sobre o texto, os alunos debateram as situações, brincaram, colocaram suas compreensões, suas avaliações sobre a realidade do personagem, relataram semelhanças com suas próprias vidas. À coordenadora do projeto coube a função de mediar a compreensão deste texto para que não se perdessem em julgamentos morais e compreendessem concretamente as relações descritas, o sofrimento do personagem, o caminho de sua complicação e a superação mediada pelo método da psicoterapia existencialista. Através do processo teatral, que é um processo teórico-prático, compreenderam objetivamente como é possível uma pessoa se complicar emocionalmente em sua vida de relações. As conversas que mediamos após a mostra da peça e após a apresentação da palestra proporcionaram ao público presente (professores, familiares e amigos dos alunos) que expusessem suas dúvidas e impressões. A mostra teatral atraiu as pessoas e proporcionou, de forma leve e lúdica, que se aproximassem da compreensão existencialista científica da personalidade. O projeto funcionou como um protótipo que precisa ser promovido. Pelas características intrínsecas do teatro, ele atinge poucas pessoas em sua realização, porém de forma bastante aprofundada.

Palavras-chave : Teatro-educação. Teatro-sanidade. Psicologia existencialista.



UMA COMPREENSÃO INTERSUBJETIVA DE OBRAS ARTÍSTICAS: DIÁLOGOS ENTRE NISE DA SILVEIRA, JEAN-PAUL SARTRE E SIMONE DE BEAUVOIR

Daniel Vasconcelos de Araujo (Núcleo DESCUBRA, Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, Brasil); Lara Brito de Menezes (Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, Brasil); Rodolfo Rodrigues de Souza (Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, Brasil).

contato: danielvasconcelos.da@gmail.com

RESUMO

A partir da experiência vivida em atuação no Museu de Imagens do Inconsciente, instituição fundada por Nise da Silveira, buscamos a construção de pontes entre o que se entende como “método” da revolucionária psiquiatra brasileira e as filosofias de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Em função da nossa orientação fenomenológico-existencialista, entendemos que uma articulação pode ser construída no caminho de um fazer clínico horizontal e intersubjetivo, somando os aportes teóricos do existencialismo francês ao já dominante pensamento analítico de Carl Gustav Jung — principal inspiração niseana — no campo da produção artística em saúde mental. Nise da Silveira não nos deixou uma metodologia, ou mesmo uma obra em que dissecava suas práticas. O que chamamos de “método”, trata-se de noções fundamentais para uma atuação clínica junto à loucura em dispositivos de saúde pública. O “afeto catalisador” é uma dessas noções, que, como outras, são aplicadas há 72 anos nos ateliês e demais espaços de criação do Museu. Na prática, esse afeto se materializa na presença ativa da terapeuta no mesmo espaço físico da pessoa que ali produz. Não se trata de interferência ou coautoria da obra em questão, mas da pura presença como combustível de criação. Embora a produção seja realizada a partir de uma lógica relacional, sua interpretação ocorre de maneira distanciada de quem a produz e em momento posterior à conclusão da obra. Nesse sentido, os diálogos com o pensamento de Sartre e Beauvoir nos auxiliam com reflexões que permitem estender a autoria da pessoa criadora para além do campo da produção, considerando suas próprias articulações de sentido como centrais na compreensão de cada obra. A partir de Sartre e Beauvoir, entendemos que a relação com o outro é uma dimensão insuperável do existir, o que coloca em cena o conflito da alteridade, constante e indepassável no desdobrar de cada projeto existencial. Essa dimensão também se faz presente no âmbito da produção artística, afinal, como indica Sartre em *O que é a Literatura*, a obra se faz “por e para outrem”. O Outro que nos constitui também se manifesta em cada escolha criativa. Reafirmamos, assim, o caráter intersubjetivo como fundamental em todas as etapas da produção artística, inclusive na compreensão da mesma, nos afastando de qualquer ação interpretativa descolada de quem produz a obra. Com as reflexões que propomos aqui, desejamos fomentar o diálogo entre as diferentes teorias para que novas rotas de atuação possam emergir.

Palavras-chave: Jean-Paul Sartre. Simone de Beauvoir. Nise da Silveira. Fenomenologia-existencialista. Saúde mental.



RESUMOS EXPANDIDOS



EIXO I

**COLONIALIDADE, DIREITOS
HUMANOS E TERRITÓRIO EM
DIÁLOGO COM JEAN-PAUL SARTRE**





ANÁLISE DE UM MOVIMENTO SOCIAL EM DIÁLOGO COM SARTRE

Alex Navarro Vasconcellos, (Programa de Pós-graduação em Psicologia – PPGP / UFRJ, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ). Thaís de Sá Oliveira (Doutoranda em Filosofia pela Universidade da Beira Interior - Covilhã, Portugal). Orientador: Professor doutor Fernando José Gastal de Castro, Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGP), Instituto de Psicologia (IP), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro-RJ, Brasil.

contato: psi.alexvasconcellos@gmail.com

Esse breve texto é um pequeno recorte de uma dissertação em andamento, tendo a intenção de contribuir com o esforço compreensivo acerca da complexidade da dinâmica grupal em nosso tempo histórico. Com esse intuito buscamos relacionar alguns elementos do estudo sobre grupos realizado por Jean-Paul Sartre, em “Crítica da razão dialética” (1960), a partir do Método Progressivo-Regressivo, com a experiência singular de um Movimento Social, vigente desde meados do século XX e ativo até hoje: O Movimento das Comunidades Populares (MCP).

O Movimento Social, aqui analisado, apresenta uma longevidade incomum, tendo iniciado suas atividades em 1969. Nos 55 anos de sua longa trajetória passou por diferentes conjunturas históricas, cada uma configurando desafios e demandas específicas, que culminaram em mudanças de estratégia, consolidadas em diferentes fases do Movimento (cada qual com sua nomenclatura própria), sendo elas: Juventude Agrária Católica (JAC), entre 1969 e 1972; Movimento de Evangelização Rural (MER), entre 1972 e 1986; Corrente dos Trabalhadores Independentes (CTI), entre 1986 e 1992; Movimento das Comissões de Luta (MCL), entre 1992 e 2011; Movimento das Comunidades Populares (MCP), atual fase do Movimento (Jornal Voz das Comunidades, 2023).

É importante destacar que o movimento entende haver mais continuidades do que rupturas, valorizando o acúmulo de experiência de cada uma de suas fases, entendidas como etapas de seu desenvolvimento. Por isso, apesar das mudanças de nomenclatura, considera a si mesmo como um único Movimento. Cada uma dessas mudanças foi realizada a partir de análises conjunturais acerca das transformações sociais e das novas demandas que surgiram historicamente, bem como de reflexões e autocríticas do Movimento sobre sua própria atuação, tendo como ponto de partida e principal pilar seu trabalho de base.

Com o advento da ditadura empresarial-militar brasileira (DREIFUSS, 2006), alguns membros da JAC começam a ter contato com grupos de esquerda. Em 1969 é organizado um



encontro entre as lideranças da JAC no qual a perspectiva marxista é apresentada e aceita com entusiasmo pelos presentes. A leitura de conjuntura realizada nesse momento considerou que tanto a ditadura quanto os principais problemas enfrentados pelo povo trabalhador mais pobre eram originados no capitalismo. Dessa forma, o objetivo do Movimento a longo prazo passa ser superar o capitalismo. A ideia a partir dali era difundir essa nova perspectiva, fundamentada no marxismo, nas bases. É a partir dessa mudança radical que o Movimento reivindica o marco inicial de sua História enquanto movimento social. Antes um Movimento da Igreja ligado a questões sociais agora passa a ser um Movimento Social ligado à Igreja.²

Indo do geral para o particular, ao tomarmos como ponto de partida a fenomenologia, adotamos como pressuposto que a experiência humana é vivida através de constante relação de intencionalidade com o mundo. Segundo Sartre, em diálogo com Marx, essa relação ocorre mediada pela escassez do mundo material. À luz dessa perspectiva, a escassez se configura tanto como limite material (já que os recursos disponíveis não são suficientes para atender às necessidades de todos) como estrutura original (que limita, condiciona, e molda ações individuais e relações sociais – diante dos riscos, conflitos e disputas desses recursos insuficientes). Seguindo essa linha de pensamento, a história humana também pode ser interpretada e escrita como uma epopeia da forma como indivíduos e grupos se organizam para superar essas limitações.

Ao analisarmos nosso tempo histórico observamos que a sociedade na qual vivemos (e nos fazemos, em um constante processo de totalização em curso) apresenta uma maneira muito específica de organizar a vida material, o capitalismo. Esse modelo societário fomenta, estimula e valoriza o desejo e o planejamento civilizatório voltados para a produção e consumo de mercadorias, que se configuram como ponto de partida e de chegada fundamental. Essa lógica, é baseada na alienação humana, produz empobrecimento de experiências existenciais e corrói o humano como sujeito histórico. Circunscritas à essa dinâmica, as ações humanas são formatadas e configuradas em um padrão hermeticamente fechado, constituindo, dessa forma, a serialidade³ da sociedade do capital e o campo prático-inerte. Nesse cenário, Sartre aponta a potência dos grupos para atuarem como sujeitos históricos. Destacam-se aqui, na linha desse raciocínio, as categorias grupais “grupo em fusão” e “grupo organizado”.

² O desvinculamento oficial com a Igreja Católica ocorre somente em 1986, com o estabelecimento do *princípio da independência* no Movimento.

³ Utilizamos aqui as noções de serialidade e campo prático-inerte assim como descrita por Jean-Paul Sartre em *Crítica da razão dialética* (1960).



Grupo é uma espécie de destotalização, de ruptura. Onde se cria uma nova forma de sociabilidade aonde o centro do movimento coletivo não está mais no prático-inerte anterior, mas está na própria **reciprocidade** que se dá entre as pessoas do grupo, que se juntam em prol de um objetivo em comum. (...) A gente cria relações sociais novas quando consegue constituir grupos em oposição à dialética da impotência da série. Portanto quem faz a história são os grupos. (...) Então, é uma forma de reciprocidade que não são as formas verticalizadas do prático-inerte ditando o dever e o lugar para cada um no coletivo. São formas que são criadoras de existências novas na medida que você estabelece uma ruptura com aquelas estruturas. (...) Esse conceito de grupo de Sartre é fundamental para pensar a história como a dialética de grupos entre si e com as estruturas serializadas. (CASTRO, 2019b) (Grifo nosso)

É a partir dessa chave de leitura que analisamos o grupo que constitui o MCP, buscando refletir sobre algumas de suas características. Dados os limites dessa comunicação, focaremos em dois aspectos da experiência singular do MCP: o fato de o Movimento ter passado por diferentes etapas ao longo de sua trajetória histórica, consolidadas em nomenclaturas distintas; e sua metodologia de trabalho de base, o chamado “Método Linha de Massas” (ou Democracia Participativa). Destacamos esses dois elementos porque consideramos que permitem traçar possíveis paralelos com o pensamento sartriano, especialmente no que diz respeito ao “grupo em fusão” que, diante da serialidade, pode promover novas formas de existência possíveis baseadas na reciprocidade.

Os grupos, como fusão das *práxis* individuais em relações recíprocas e comuns, são, portanto, agentes de transformação histórica em níveis diversos e os responsáveis pelo vir a ser das estruturas e por suas metamorfoses. São os grupos em fusão e organizados e a dialética entre grupos em luta contra a serialidade, os responsáveis por novas totalizações históricas que não simplesmente reproduzem as estruturas instituídas. Reencontramos aqui a subjetividade não mais serializada, mas descobrindo novas possibilidades de ser mediação entre o estado atual do mundo e seu porvir, ao romper com a relação unívoca e não recíproca que a liga ao poder das estruturas prático-inertes instituídas e recriando-se o mundo a partir de uma *práxis* grupal e recíproca. (CASTRO, 2019a, p.41-42)

O “grupo em fusão” se forma a partir de uma ameaça externa, imposta pela realidade material, frente à qual se reúnem pessoas com o objetivo em comum de enfrentá-la. É nesse contexto que o grupo apresenta a possibilidade de quebrar a serialidade e estabelecer relações de reciprocidade, o que é constantemente ameaçado pelo retorno à serialidade inicial. Após a ameaça inicial ser enfrentada e vencida a tendência é que ocorra a dissolução desse grupo. Para evitar essa tendência de dissolução o grupo pode se rearranjar sob a forma de “grupo organizado”, de maneira a manter sua unidade e coesão.



Podemos traçar um paralelo possível dessa repactuação a partir da experiência do MCP ao levarmos em conta os processos relacionados às suas mudanças de etapas e seu “Método”. Nesse sentido, as mudanças de nomenclatura podem ser entendidas como meio para evitar a dissolução do grupo e promover sua coesão interna, na medida que sua estratégia é modificada para adaptar a luta política à nova realidade histórica, de maneira a continuar a busca por seus objetivos. Isso só é possível por meio de seu “Método”.

O Método Linha de Massas tem origem nas contribuições de Mao Tsé-Tung e de Paulo Freire. Trata-se de uma metodologia para se trabalhar junto às massas, onde o militante político não se coloca nem acima nem abaixo das massas, mas sim junto a elas, simbolizado no lema “Antes de ensinar o povo, devemos aprender com ele” (JVC, Ano 5, número 13, 2011, p.5). Isso significa que o MCP considera que é importante compreender o mundo desde a perspectiva do seu interlocutor. Ao partir da realidade dessas pessoas, busca elevar seu nível de consciência política, de maneira que se compreenda a necessidade de transformação da sociedade. Dessa forma, cria as condições para que possa haver uma organização nesse sentido.

O Método é composto por dois aspectos fundamentais, o aspecto ideológico (postura crítica ao capitalismo), e o aspecto prático, baseado nas seguintes perguntas (a serem pesquisadas junto às bases): “1. *Quais são os nossos problemas?* 2. *Por que existem estes problemas?* 3. *O que já fizemos para resolver?* 4. *O que vamos fazer?*” (PNLA, 2012, p.6 – Griffó do original). A proposta do MCP aqui é, ao seguir todas as etapas do Método articulando aspectos ideológicos e aspectos práticos, desenvolver um trabalho de base orgânico. À luz dessa perspectiva a expectativa é a de que, ao se reconhecer como voz ativa e fundamental no processo de escolha das ações propostas, exista uma possibilidade maior de a comunidade assumir o plano de ação, por ser construído coletivamente.

Dessa forma concluímos que, ao colocar em prática essa dinâmica de trabalho de base, o MCP recupera um elemento fundamental que caracteriza o grupo em fusão, a unidade frente a um problema comum. Nos permitindo alguma liberdade criativa, consideramos que essas vivências experienciadas pela histórica singular do MCP podem ser interpretadas como processos de “*refusão*” desse grupo. É possível que a longevidade do Movimento esteja relacionada à repetição reiterada esse processo.

Palavras-chave: **Palavras-chave:** Jean-Paul Sartre. Método Progressivo-Regressivo. Grupo em fusão. Grupo organizado. Movimento das Comunidades Populares (MCP).

Referências



CASTRO, Fernando José Gastal de. **Marx e o século XXI: notas para uma teoria crítica da sociedade**. Fernando Gastal de Castro – Editora Lutas anticapital, Marília: 2019a.

CASTRO, Fernando José Gastal de. Articulações metodológicas entre marxismo e existencialismo. Núcleo Interdisciplinar de Fenomenologia e Clínica de Situações Contemporâneas do Instituto de Psicologia da UFRJ. **Aula 2 - Curso de Metodologia do PPGP da UFRJ Prof. Fernando Gastal de Castro**. 10 de set. de 2019b. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2pl8StFCeQk&feature=youtu.be>. Acesso em 01/01/21.

DREIFUSS, Rene. **1964**. A conquista do Estado, Vozes, 2006.

JORNAL VOZ DA COMUNIDADE. Brasil, (Ano 5, nº13, março de 2011)

PENNA, Mariana Affonso “**À procura da comunidade perdida**”: histórias e memórias do movimento das comunidades populares. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2016.

PLANO NACIONAL DE LUTAS E ATIVIDADES. **Movimento das Comunidades Populares**, 2012.

SARTRE, J.-P. **Crítica da razão dialética: precedido por Questões de método**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.



REDEMOCRATIZAÇÃO BRASILEIRA E O SER E O NADA

Autor: Bernardo Rocha de Farias (Programa de Pós-graduação em Psicologia Social - PPGPS, CAPES, Departamento de Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro-RJ, Brasil); Orientador: Ronald João Jacques Arendt (Programa de Pós-graduação em Psicologia Social - PPGPS, CAPES, Departamento de Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro-RJ, Brasil).

contato: bernardoroch@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO

O ano de 1988 se constitui como um marco na esfera sócio-política brasileira. Na década de 80, juntamente com outros países da América Latina, o Brasil viveu seu período de desenlace do regime político ditatorial que o orientou por mais de vinte anos, formalizando a redemocratização do país. Será, portanto, em outubro de 1988 que o país alcançará o ápice de sua transição, apresentando à sociedade brasileira e aos povos do globo o símbolo máximo desse novo panorama sociopolítico, a saber, a Constituição Federal de 1988.

Contudo, juntamente com a nova Constituição, a sexta de seu período republicano, emergem imensos desafios para o engendramento de seu projeto ético-político. A dimensão hercúlea de tais desafios reside no ineditismo e na radicalidade, ao menos em solo brasileiro, dos termos exigidos para sua efetiva operacionalização. Pautada nos termos do neoconstitucionalismo, a atual Carta Magna brasileira exige, como horizonte hermenêutico, a interpretação da realidade social como temporal, singular e mutável. Isso, como forma de análise para sustentação de um tecido social plural, fraterno e sem preconceitos. Exatamente tais premissas fundamentam os desafios na execução do novo projeto de país, porquanto, requerem uma compreensão ética, ontológica e epistemológica tradicionalmente distinta das que erigiram a nação brasileira do período colonial até o momento em questão. O que significa dizer que historicamente partimos de um outro horizonte, distinto do que, agora, é exigido em nosso maior documento de organização sociopolítica.

O presente trabalho visa expor a diferença que reside em ambas as perspectivas, percorrendo, para tanto, os princípios e fundamentos que sustentam o nosso atual projeto político; e, posteriormente, elucidando o nosso processo de construção nacional, a partir da colonização portuguesa, destacando os fundamentos ontológicos que aportaram junto aos portugueses e como eles se desenvolveram e se alargaram em nosso território. Assim, quando realizarmos este



movimento, veremos que há uma determinada compreensão da realidade humana, assumida como *imutável, universal e atemporal*, que prepondera nos segmentos dominantes da sociedade brasileira, seja nos segmentos dirigentes, seja nos segmentos intelectuais. Tal compreensão concerne, especialmente, à ontologia cristã, que se pauta em uma perspectiva metafísica e identitária da realidade humana.

Destarte, diante desse prisma compreensivo, a legitimação das realizações existenciais, e da própria História, à grosso modo, reduzem-se à aproximação ou afastamento dessa identidade suprema, metafisicamente estabelecida, que estabiliza o mundo e suas dinâmicas. É, portanto, essa identidade suprema condição necessária para validação de qualquer medida e compreensão do *real*. Desta maneira, ao coadunar com tal premissa ontológica, isto é, ao buscar interpretar a realidade à luz de certa identidade absoluta, instaurou-se no desenvolvimento da sociedade brasileira, como consequência necessária, uma série de práticas de controle, cerceamento e correção de performances existenciais dissonantes à tal identidade. Portanto, foi mesmo pela instituição de violentas práticas de supressão da diferença que edificamos nosso tecido social até o momento da redemocratização nacional.

Tais princípios se desdobraram ao longo de nossa história de muitas maneiras, transformando-se à medida que permeavam os discursos, que se difundiam e marcavam cada época. Entretanto, como destacado anteriormente, o que se busca ressaltar de forma mais fundamental com tal percurso é a radical distinção do projeto que moveu a sociedade brasileira até o momento de sua redemocratização. É neste sentido que o presente trabalho visa elucidar as bases ontológicas em que a nossa sociedade historicamente se estruturou, de modo que, assim, possamos visualizar os caminhos trilhados até então, e os caminhos que, agora, almejamos, buscando haurir outras possibilidades compreensivas para a efetivação de nosso projeto e compromisso ético-político-social.

Posto isso, em um terceiro momento, o presente trabalho procurará apresentar de que forma e até que ponto a obra de 1943, *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*, do pensador francês Jean-Paul Sartre, oferece instrumentos que respondam às exigências do atual projeto ético-político brasileiro. Em *O ser e o nada*, Jean-Paul Sartre parte da tradição fenomenológica - que, todavia, ultrapassa-a - oferecendo-nos uma compreensão ontológica original, possibilitando-nos depreender também certas bases epistemológicas, que levam a tradição metafísica ao limite, pervertendo-a e inaugurando um outro horizonte compreensivo da realidade humana.



A transgressão da tradição metafísica, por sua vez, é o ponto central que sustenta nosso interesse na obra sartriana de 1943, como possibilidade para se pensar os desafios advindos com as exigências formais da redemocratização brasileira, a partir da Constituição Federal de 1988. Pois, foi mesmo a tradição metafísica que conformou o tecido social brasileiro desde seu período colonial, e que de diversos modos se exauriu, exigindo uma nova aurora para o pensamento nacional.

Palavras-chave: Brasil. Fenomenologia. História. Política. Sartre.

Referências

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. In: COL. Os pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004.
- AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus**. 2. ed. Lisboa: Editora Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- AGRA, Walber de Moura. **Curso de direito constitucional**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- AQUINO, São Tomás de. **Suma teológica**. 2001. Disponível em: <https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2019.
- BASTOS, Celso Ribeiro. **Comentários à Constituição do Brasil**. 2. vol. São Paulo: Editora Saraiva, 1989.
- BASTOS, Aguinaldo de; CABRAL, Alexandre Marques; RESENDE, Jonas. **Ontologia da violência: o enigma da crueldade**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BARROSO, Luís Roberto. Neoconstitucionalismo e constitucionalização do Direito (O triunfo tardio do direito constitucional no Brasil). **Revista Forense**, Rio de Janeiro, v. 102, n. 384, p. 71-104, mar./abr. 2006.
- BORNHEIM, Gerd. **Sartre: metafísica e existencialismo**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 23 dez. 2017.
- CABRAL, Alexandre Marques. **Morte e ressurreição dos deuses: ensaio de crítica ao monótono-teísmo metafísico cristão**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015.
- CABRAL, Alexandre Marques. **Psicologia pós-identitária: da resistência existencial à crítica das matrizes cristãs da psicologia clínica moderna**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2018.



CHAUI, Marilena. Brasil: mito fundador e sociedade autoritária. In: ROCHA, André (org.). **Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013. p. 147-238.

CHAUI, Marilena. Cultura popular e autoritarismo. In: ROCHA, André (org.). **Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013b. p. 257-286.

FAITANIN, Paulo. A vocação ontológica à sabedoria em Tomás de Aquino. **Aquinato**, n. 1, p. 1-8, 2005.

FINGER, Julio Cesar. Constituição e direito privado: algumas notas sobre a chamada constitucionalização do direito civil. In: SARLET, Ingo Wolfgang (org.). **A Constituição concretizada: construindo pontes com o público e o privado**. Porto Alegre: Advogado Editora, 2000.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SARTRE, Jean-Paul. **Questão de método**. 4. ed. São Paulo: Difel, 1979.

SILVA, Walfrido Vianna Vital da Silva. A Constituição de 1988 e a nova ordem social: a efetivação dos princípios da igualdade e dignidade da pessoa humana. **Revista de Informação Legislativa**, ano 50, n. 200, p. 297-320, 2013.

TEIXEIRA, José Horácio Meirelles. **Curso de direito constitucional**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.



TERRITORIALIDADE ÀS MARGENS: INFÂNCIAS E RESISTÊNCIAS EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA

Adria de Lima Sousa, (Professora da Faculdade de Psicologia e Programa de Pós-graduação em Psicologia - UFAM, membro do projeto de pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisas - CNPQ e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - EDITAL N. 006/2024 - MULHER FAZ CIÊNCIA - FAPEAM); Edson Jader Ribeiro Cabo Verde Junior (Discente da Faculdade de Psicologia - UFAM - Universidade Federal do Amazonas); Iolete Ribeiro da Silva (Professora da Faculdade de Psicologia - UFAM, Programa de Pós-graduação em Psicologia, membro do projeto de pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisas - CNPQ - Universidade Federal do Amazonas, Manaus-Amazonas, Brasil e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - EDITAL N. 006/2024 - MULHER FAZ CIÊNCIA - FAPEAM).

contato: adria.sousa@ufam.edu.br

RESUMO EXPANDIDO

A vida acontece nos territórios de existência nos quais são atribuídos sentidos, significados e afetos que constituem territorialidades, uma forma interseccional de compreender a realidade (Sousa et al., 2020). Em suas obras, especialmente na obra “O Ser e o Nada” (SARTRE, 2021), Sartre destaca o caráter sensível da existência mediada pela materialidade das situações concretas dos arredores e dos lugares nos quais as pessoas habitam e constituem a vida. Essas noções permitem colocar o espaço vivido como ponto de partida para compreensão da existência em confluência com o território.

A noção de território, concebida a partir da obra do geógrafo Milton Santos (2020), é fortemente influenciada pelo existencialismo ao afirmar a importância de compreender os territórios como campo da ação concreta. Na filosofia existencialista, a infância também é fundamental no processo de análise para compreensão de fenômenos da existência humana visto que as experiências ocorridas nessa fase são elementos chaves na constituição e eleição do projeto de ser, que envolve possibilidades do presente, passado e futuro e materializa-se no fazer cotidiano (SARTRE, 2021). Em relação ao tempo, em uma perspectiva contemporânea e decolonial, Santos (2015) considera que “o presente atua como interlocutor do passado e, consecutivamente, como locutor do futuro” (p. 19), ou seja, não se trata somente da formulação e aplicação de uma teoria, mas sim a cosmopercepção de trajetórias comunitárias, familiares e da infância que vivem em



atuação política constante e cotidiana ao existirem enquanto corpos-territórios frente à realidade colonial.

Assim, é válido frisar que esse estudo se refere a um recorte de uma pesquisa de amplitude nacional que reconhece a necessidade de olhar para infâncias em territórios quilombolas, trata-se de um projeto de pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisas – CNPQ e intitulada: Desenvolvimento de tecnologias para a promoção de parentalidade saudável e combate à violência na primeira infância. Soma-se ainda um recorte específico a pesquisas realizadas especificamente na região do Estado do Amazonas, vinculada ao projeto de pesquisa financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas -FAPEAM - EDITAL N. 006/2024 - MULHER FAZ CIÊNCIA - FAPEAM- intitulado: Práticas parentais na primeira infância: subsídios para o desenvolvimento de política pública no estado do Amazonas.

Um dos objetivos desse estudo é caracterizar as práticas parentais nos primeiros anos de vida, na região Norte, para diferentes grupos étnico-raciais e sociais incluindo as comunidades quilombolas, povos de ancestralidade do continente africano e em diáspora à América Latina (GONZALEZ, 2020). O estudo enfoca territorialidades de crianças quilombolas em uma comunidade quilombola amazônica, às margens do rio Andirá, lugar que abriga no seu entorno outros quilombos que representam tais territorialidades. Utilizou-se da metodologia participativa dos mapas afetivos e o método fenomenológico auxiliou nas análises. O método dos mapas afetivos é um recurso utilizado para criar vínculos com a comunidade a partir da utilização do desenho como técnica social para mediar afetos e expressar sentidos e vivências relacionadas a experiência com o território, seja ele a partir da cidade, da comunidade, de uma escola ou das diversas possibilidades de espacialidades como modo de vida (BOMFIM, 2023). Assim, ao entrar em contato com as crianças da comunidade, mediante a solicitação de que elas desenhassem os mapas afetivos, inserindo o que representava aquele lugar para elas, identificou-se possibilidades no brincar e no modo de vivenciar o território por meio da própria dimensão do corpo e das espacialidades, mediante a presença dos rios, da possibilidade de nadar, andar de canoa (remar), da floresta, do jogar e brincar de bola nos campos de futebol e vôlei, da vivência cotidiana na escola e demais espaços de sociabilidade comunitária.

A presença do brincar, do lazer, das trocas e até mesmo de igrejas como locais de encontros emergiram nos desenhos das crianças, assim como histórias de fantasias, de assombrações e encantamentos da floresta e dos rios. A narrativa de crianças se confunde com a narrativa de pais e comunitários passando a tradição oral a partir do brincar. A territorialidade revela uma forma de comunicação entre as pessoas, famílias, seres não humanos, grupos e com o mundo, em um



atravessamento constante dos dispositivos socialmente estruturados do contexto brasileiro, como a raça, gênero, sexualidade, classe e o território (AKOTIRENE, 2019; BERTH, 2021).

No território quilombola, desde a infância, organiza-se a partir dos moradores, lideranças e profissionais da escola, uma educação voltada para um lugar de resistência do povo quilombola, comunicando e transmitindo as heranças do modo de viver e existir mediante o corpo-território. Imersos em elementos da vivência cultural quilombola, as crianças mantêm a tradição, luta e voz desses povos ao serem resistência diante das imposições de modos de vida estruturados pela colonização e a lógica normativa, padrões estes gerados para apagar, silenciar e invisibilizar determinadas trajetórias e histórias, desde a invasão de Portugal à exclusão dos quilombos enquanto espaços a serem respeitados e significados como territórios com direitos humanos (MISSIATTO, 2021).

A narrativa de lideranças quilombolas é importante para compreender a partir da vivência real nesse território e ao utilizarem o desenho a partir dos mapas afetivos, as crianças puderam expressar essa relação. Nesse sentido, a relação afetiva das crianças com o território quilombola também emerge na narrativa de uma importante liderança quilombola da comunidade visitada. No vídeo produzido pelo Laboratório de Pesquisa em Psicologia do Desenvolvimento Humano e Educação da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas (LADHU/FAPSI/UFAM), durante uma das etapas da pesquisa de campo, a mesma autoriza a gravação do vídeo pois quer ser ouvida e traz uma perspectiva de futuro para as crianças quilombolas, pensada desde um movimento comunitário de mobilização dos moradores e parentes para a afirmação e construção sólida dos direitos humanos infantil, até a construção identitária das crianças para o entendimento e pertencimento como remanescentes quilombolas, traçando alternativas epistêmicas, cosmopercepções e afro-confluências territoriais para o debate através do brincar, do lazer, das rodas de conversa e desenhos (@ladhuufam,2024). Esses aspectos perpassam por importantes reflexões que promovem o engajamento e abrem possibilidade para crianças como sujeitos políticos e protagonistas das transformações nesse território. E tudo isso é possível a partir da vivência no e com o corpo-território.

Diante disso, percebeu-se a dinâmica circular de começo-meio-começo elaborado pelo quilombola Nêgo Bispo (Santos, 2015) acerca da particular relação do tempo das pessoas quilombolas. Nisso, ao propor para as crianças atividades de desenho sobre o cotidiano e os principais espaços afetivos de interação, demonstra-se que ao desenhar no papel em branco os lugares de importância quilombola, expõe-se a cosmopercepção de mundo afro-confluentes, questionando tanto o paradigma eurocêntrico hegemônico, quanto afirmando a relação próxima



da natureza, pensada na preservação do ambiente como parte do corpo-território quilombola. Assim, observa-se a urgência de confluir e valorizar os saberes, culturas e práticas ancestrais em escolas públicas e espaços ocupados por crianças, quilombolas ou não, para pensar acerca dos projetos de vida saudáveis, diversificadas e afetivas (SANTOS, 2015).

Portanto, territorialidades permeadas por afetos vão além da ocupação e de fronteiras físicas do espaço e confluem corpos-resistência, resgatando na história brasileira o contexto quilombola e recorte regional nortista como lugar de luta, produção de mundo, educação e formação de existências fronteiriças, um saber preenchido de floresta e chão. Ao reverberar suas territorialidades com acesso à educação e saúde no território por vezes negligenciado, reivindica-se os direitos humanos como sendo fundamentais para as crianças, ao mesmo tempo em que nega os regimes de pensamento ocidental presentes no sistema educacional ao reivindicar um giro contracolonial, isto é, um movimento circular que pauta a diversidade, posicionamento político, espaços enunciativos e reivindicativos do povo e do território quilombola. Ao enfrentar o processo histórico de colonialidade diante da valorização do viver, brincar e o agir coletivamente, as comunidades constroem o seu lugar no mundo como corpos-territórios de resistência e nos ensinam com a pedagogia de suas (r)existências transgressoras para articular enfrentamento, luta, afeto, projeto de vida e futuro e resgate dos direitos, constituindo territorialidades políticas, conscientes de seu pertencimento comunitário e promovendo infâncias contracoloniais em diálogo com a vida em território.

Destarte, reconhece-se sobremaneira, as implicações da noção de territorialidade, em diálogo com pressupostos existencialistas Sartrianos que buscam olhar e fundamentar a realidade concreta sobre a lógica da ação engajada, compromissada e transformadora. Em tempos nos quais, o direito à vida e ao bem-viver de comunidades quilombolas são constantemente ameaçados por disputas territoriais, bem como as infâncias e os afetos que permeiam, é fundamental reconhecer esse aspecto como elemento fundamental ao direito a existência.

Palavras-chave: Territorialidades. Primeira Infância. Quilombolas. Colonialidade. Direitos Humanos

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen Produção Editorial, 2019.

BERTH, Joice. **Se a cidade fosse nossa**. São Paulo: Paz e Terra, 2023.

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. **Cidade e afetividade**. 2023.



GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

@LADHUUFAM. **Dona Amélia, liderança quilombola, sobre o futuro das crianças**.

Disponível em:

https://www.instagram.com/reel/C9YMHj8PDI1/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 11 dez. 2024.

MISSIATTO, Leandro Aparecido Fonseca. **Colonialidade normativa**. Curitiba: Editora Appris, 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significados**. Brasília: INCTI/UnB, 2020. 5 p.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. (Vol. 8, Coleção Estudos Urbanos). São Paulo: Edusp, 2020.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. São Paulo: Leya, 2021.

SOUSA, Adria De Lima et al. Diálogos da psicologia existencialista com o conceito de território. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 26, n. 3, p. 339-349, 2020.



NA TRILHA DA JUVENTUDE CARIOCA: A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NAS POLÍTICAS PÚBLICAS COM JOVENS DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

Pamella Rothstein (Programa de Pós-graduação em Psicologia - PPGP/UFRJ, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil)

contato: pamellarothstein@gmail.com

O presente trabalho propõe apresentar um relato de experiência profissional da inserção da psicologia e das práticas orientadas pelo existencialismo sartriano no projeto Pacto Pela Juventude (PPJ), uma parceria entre a Secretaria Especial da Juventude Carioca (JUV-Rio) e a UNESCO. O projeto surge no contexto da construção e implementação de políticas públicas cujo alvo é a juventude carioca, após uma sequência de pesquisas mapeando o perfil dessa juventude (Rio de Janeiro, 2022).

Assim, o Pacto Pela Juventude se estrutura com o objetivo de formar jovens lideranças comunitárias em favelas e outros territórios de vulnerabilidade socioeconômica da cidade do Rio de Janeiro, contemplando jovens na faixa etária de 15 a 29 anos os quais são alocados em núcleos com no máximo 10 jovens, totalizando 60 núcleos espalhados pela cidade. Os jovens recebem uma bolsa auxílio mensal durante a participação do ciclo do projeto, ciclo o qual tem a previsão de duração de seis meses. Cada núcleo do projeto é orientado por uma das três trilhas temáticas — sustentabilidade, cultura e esportes — as quais compõem a formação, dividida em uma parte prática e outra teórica. Em seus núcleos, os jovens participam de aulas com o conteúdo da trilha formativa designada ao seu núcleo, identificam demandas e possíveis intervenções no seu território dentro do escopo da trilha temática, e, ao final do ciclo de aulas e intervenções, apresentam como projeto final uma intervenção consistente e possível de ser realizada para solucionar ou lidar com alguma demanda local.

A equipe do projeto se divide em duas, a equipe territorial, composta por assistentes, coordenadores e agentes de núcleo, os quais facilitam a entrada do projeto no território e acompanham os jovens cotidianamente, uma vez que habitam o mesmo território; e a equipe pedagógica, multidisciplinar e composta por psicólogas, pedagogas e tutores das trilhas formativas, sendo esses de diferentes áreas de formação — educação física, geografia, ciências sociais, química, entre outros —. O projeto atualmente está no seu 4º ciclo e possui uma equipe de psicologia composta por 6 psicólogas, as quais têm o trabalho organizado pela Área de



Planejamento (AP) — forma de divisão administrativa municipal do Rio de Janeiro — e se tornam referência dos núcleos da AP para a qual foram designadas.

O trabalho exercido pela psicologia no Pacto Pela Juventude é abrangente e habita o campo da psicologia social, na medida em que se organiza prioritariamente por intervenções coletivas com os jovens, as quais consideram a sua relação com o território, com os demais jovens, e com outras instituições presentes em seu cotidiano. Integram o trabalho do psicólogo no projeto a mobilização de redes comunitárias, os acolhimentos individuais e grupais, as atividades coletivas como rodas de conversa e aulas coletivas para todos os núcleos de uma mesma Área de Planejamento (AP), bem como o suporte às construções de atividades coletivas idealizadas pelos jovens.

O cenário encontrado durante o trabalho com os jovens é constituído pela ampla escassez de recursos materiais, falta de espaços de convivência, ausência de rede de apoio e responsabilização desses jovens pelos cuidados e sustento da família, bem como a desassistência nos campos da saúde, educação, trabalho e assistência social. Tais elementos se apresentam a partir de observações realizadas durante as intervenções nas quais, enquanto psicóloga responsável, pude conduzir e mediar as trocas entre jovens, assistentes e coordenadores de núcleos. A ordenação do prático-inerte vivido pelos jovens a partir desses elementos faz emergir certas experiências subjetivas particulares, como o sofrimento psíquico — em suas diversas expressões e intensidades —, a restrição da perspectiva de futuro, a solidão e o isolamento, bem como a desconfiança e a hostilidade nas relações com o outro. A emergência dessas formas de ser, sentir, se relacionar e viver podem ser associadas à realidade vivida pela juventude acompanhada no PPJ, uma realidade profundamente marcada pela escassez, seja ela material, relacional ou subjetiva.

Nessas circunstâncias, o trabalho exercido pela equipe de psicologia tem priorizado a promoção da saúde por meio do incentivo à grupalidade e ao fortalecimento dos vínculos entre os jovens do núcleo e do projeto. Além das aulas coletivas cujas temáticas são definidas antes do início de cada ciclo e ocorrem com todos os núcleos da AP juntos, a equipe de psicologia mapeia as temáticas de interesse dos jovens e realiza rodas de conversa com cada um dos núcleos, abordando assuntos significativos para a juventude, como saúde mental, diversidade sexual, religiosidade, conflitos familiares, relacionamentos, violência(s) entre



outros. Essas intervenções permitem espaços de escuta entre os pares, as trocas de experiências, percepções e, frequentemente, a identificação dos fatores e situações comuns na vivência dos jovens. Durante os encontros, busca-se costurar a relação entre esses fatores comuns às vivências, a vida no território habitado e os determinantes sociais da saúde, possibilitando aos jovens e a equipe a compreensão da experiência singular e concreta como parte da totalidade do território — físico, social e existencial — habitado.

Historicamente, a psicologia é marcada pela normatividade e disciplinarização dos sujeitos (Nascimento; Mandelbaum, 2020; Bizarro et al. 2021), o que inevitavelmente aparece no andamento do projeto conforme à solicitação da intervenção da psicologia pelo restante da equipe em cenários de desobediência durante as aulas, desinteresse explícito ou suspeitas de quadros atípicos. Somado a isso, a presença da psicologia na equipe do PPJ é recente e iniciou no 3º ciclo de realização do projeto, sendo importante pontuar o processo contínuo de construção do lugar da psicologia em meio às demais disciplinas que constituem o PPJ e o lugar das psicólogas frente às expectativas e demandas institucionais. A posição atribuída às psicólogas no projeto frequentemente se assemelha à posição corretiva e adaptativa abraçada pelas formas de saber e fazer psicologia desde sua gênese histórica no país.

O trabalho institucionalmente prescrito para a equipe da psicologia, em contradição com a experiência vivida rotineiramente como psicóloga no projeto, se organiza pela perspectiva da clínica ampliada, considerando noções fundamentais para a psicologia social como a promoção de saúde, território e grupalidade. Em contrapartida ao prático-inerte emergente na perspectiva do ser e fazer psicologia em instituições, a equipe frequentemente recorre às noções e ferramentas as quais possibilitem o desvio desse lugar institucional cristalizado. Nesse sentido, a pluralidade de abordagens teórico-metodológicas das psicólogas que compõem a equipe amplia o arcabouço de possibilidades na construção dessas ferramentas, encontrando-se inclusive nessa pluralidade o existencialismo sartriano.

Convergindo com a perspectiva existencialista, as intervenções, especialmente as grupais, são construídas conforme as necessidades e interesses singulares dos jovens acompanhados pelo projeto, evitando o estabelecimento de formatos e temáticas definitivas. A postura aberta ao encontro e aos múltiplos sentidos que surgem durante o espaço de troca com os jovens facilita a formação de vínculo entre eles e com as psicólogas, tal qual incentiva a apropriação das rodas de conversa como espaços de compartilhamento e troca em vez de espaços pedagógicos de aprendizado. As intervenções, como as rodas e as aulas coletivas, se diferenciam das demais tarefas do projeto na medida em que buscam exercitar essa apreensão de si, dos pares e da realidade, estimulando os jovens a refletirem sobre as experiências e



percepções relatadas nos encontros. Alguns conceitos, como situação, projeto de ser (Castro; Ehrlich, 2016), a noção sartriana de grupalidade e serialidade, bem como a descrição fenomenológica, parte do método progressivo-regressivo (Sartre, 2002), são adotadas enquanto referencial para a formulação de intervenções e atividades durante as aulas coletivas e as rodas.

O cenário composto pelo prático-inerte já apresentado, apesar de desafiador, também é constituído pelo retorno positivo dos jovens quanto às intervenções, em especial às rodas de conversas e as aulas coletivas cujas manifestações artísticas e culturais são a atividade proposta. As rodas aparecem como espaços de elaboração das experiências vividas, identificação com os pares, diminuição da individualização do sofrimento e da solidão, fortalecimento das relações recíprocas, assim como alargamento do campo de possíveis dos jovens frente aos desafios enfrentados. Dessa forma, a psicologia existencial atua como mediadora do encontro dos jovens consigo, com os pares e com o próprio território, contribuindo com o propósito de formação de jovens lideranças comunitárias e transformação social vislumbrado no projeto Pacto Pela Juventude.

Palavras-chave Política Pública. Psicologia Social. Território. Convívio Social. Existencialismo Sartriano.

Referências

BIZARRO, Bruna O. et al. Habitando o território da Psicologia: relato do Coletivo Convivências. In: MELICIO, Thiago Benedito Livramento; ALVAREZ, Ariadna Patricia Estevez (orgs.). **Centros de convivência: arte, cultura e trabalho potencializando a vida**. 1. ed. Rio de Janeiro: CRP-RJ, 2021. p. 304-327. Disponível em: http://www.crprj.org.br/site/wp-content/uploads/2021/12/centros_convivencia.pdf.

CASTRO, Fernando J. G. de; EHRLICH, Irene F. **Introdução à psicanálise existencial: Existencialismo, Fenomenologia e Projeto de Ser**. Curitiba: Editora Juruá, 2016.

NASCIMENTO, Fernando A. F. do; MANDELBAUM, Belinda P. H. A invenção da norma: a psicologia na Liga Brasileira de Higiene Mental. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, p. 1149-1167, out.-dez. 2020.

RIO DE JANEIRO, Secretaria Especial da Juventude Carioca (JUVRio). **Pesquisa Perfil Juventude Carioca**. Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.data.rio/documents/PCRJ::pesquisa-perfil-juventude-carioca-2022/explore>.

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da razão dialética: precedido por Questões de método**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

EIXO II

QUESTÕES INTERSECCIONAIS EM DIÁLOGO COM JEAN-PAUL SARTRE





A MATERNIDADE A PARTIR DA ESCOLHA DE ADOÇÃO MONOPARENTAL

Bruna Horn Meira Leonel (LANCE – Laboratório de Neuropsicologia Cognitiva e Escolar; Universidade Federal de Santa Catarina; Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Zuleica Pretto (Curso de Graduação em Psicologia; Departamento de Psicologia; Núcleo de pesquisa em Clínica da Atenção Psicossocial – PSICLIN; Universidade Federal de Santa Catarina; Florianópolis-Santa Catarina, Brasil).

contato: brunahornmeira@gmail.com

1. Introdução

A pesquisa aqui retratada, realizada em caráter de conclusão de curso em Psicologia de uma das autoras, teve como objetivo geral compreender as vivências da monoparentalidade feminina, decorrentes da adoção, segundo a compreensão de mulheres que adotaram. A monoparentalidade diz respeito à criação do filho biológico ou adotante, por um único adulto, seja mãe ou pai. A permissão da adoção por pessoas com estado civil definidas como solteiras foi promulgada na Lei 8.069, em 1990, no Estatuto da Criança e do Adolescente, sendo que este um tipo de adoção abrange 10% das adoções efetivadas no Brasil (Leão et al., 2017).

A adoção monoparental feminina é recente no Brasil e ainda pouco explorada em pesquisas. Sua prática é complexa e associada a transformações socioculturais de diferentes ordens. Desse modo, a experiência monoparental feminina aponta para uma nova forma das mulheres escolherem a constituição da família, a reprodução, a própria vivência de corporeidade e da maternidade, ou seja, de construírem, numa perspectiva sartriana, os seus projetos de ser.

Para uma mulher ter o direito a adoção monoparental, foi necessário, e ainda é, um caminho de lutas, enfrentamentos e conquistas históricas marcados por contraditos ao sistema patriarcal. Este coloca as mulheres como dependentes dos homens e incapazes de gerir aspectos importantes de suas vidas, em que os homens ocupam configuram a autoridade, e a mulher e a criança uma condição de submissão, como avaliou Simone de Beauvoir, ainda em 1949, em sua obra *O Segundo Sexo*. Este sistema que tem marcado profundamente as possibilidades das mulheres e crianças, as relações familiares e a vida social.



Com base em estudos interdisciplinares no campo da adoção e na psicologia existencialista inspirada em Jean-Paul Sartre, em especial a partir de noções como projeto-de-ser, mediações, contexto existencial e do aporte metodológico do método biográfico, buscou-se conhecer as experiências de mulheres no referente a adoção e a maternidade monoparental. De modo específico, os aspectos investigados incluíram o processo de adoção, a convivência com os filhos, as motivações, as dificuldades e as potencialidades encontradas nessa experiência.

Para compreender o fenômeno, foram entrevistadas, de forma on-line e partir de roteiro, quatro mulheres mães que adotaram crianças, com idades entre 44 e 62 anos, residentes em Florianópolis. A estas mulheres, com percursos distintos e contextos variados, foram dados nomes fictícios: Gabi, Eli, Pat e Marli. Gabi e Eli adotaram uma criança cada uma, ambas com 8 anos; Pat e Marli adotaram irmãos, sendo que Pat adotou 2 crianças, de 6 e 10 anos e Marli passou pelo processo de adoção três vezes e adotou dois pares de irmãos biológicos, adotados com 1 ano e 7 meses, 5 anos, 7 anos e 10 anos.

A análise temática das narrativas das entrevistadas, foi organizada mediante categorizações alinhadas aos objetivos do estudo, sendo seu conteúdo compreendido a partir do método biográfico sartriano, fenomenológico e dialético. Sustentado na concepção de que cada sujeito é ao mesmo tempo coletivo/universal e único/singular, o método biográfico é entendido como um recurso para compreender o sujeito no mundo. Ou seja, a compreensão de um fenômeno pressupõe as vivências singulares em correlação direta com o contexto social mais amplo, uma dimensão esclarecendo a outra, num “vai-e-vem” constante (Sartre, 2002).

2. Resultados

Uma das categorias analisadas foi relativa ao **momento de espera pela criança e o processo de adoção**. As participantes da pesquisa relataram que o período de espera pela chegada do/a filho/a foi difícil e desafiador. Embora para cada uma esse momento tenha tido contornos específicos, os processos burocráticos precedentes à adoção como o preenchimento da ficha de inscrição, o curso preparatório e a demora no processo, foram frustrantes, geraram ansiedade, estresse e sofrimento, o que coaduna com a literatura produzida sobre o tema (Porta et al., 2019). Ao mesmo tempo, para as entrevistadas, esse momento também proporcionou a chance de se prepararem, emocionalmente e materialmente, para a parentalidade.



Sobre as **motivações para a adoção monoparental feminina**, Lévy e Carneiro (2002) identificaram em seus estudos o desejo de ser mãe ligado ao medo da solidão, a expectativa de dar sentido a uma vida pobre de relações, a perda de um filho, a esterilidade, e a necessidade de suprir uma falta ligada a feminilidade. Essa visão reitera ideias preconceituosas e universalizantes sobre as mulheres cujo projeto, para ser verdadeiro, necessariamente e naturalmente, estaria associado ao casamento e a reprodução, o que levaria a uma vivência pessoal de “dever ser”, de determinação (Beauvoir, 1980).

Entretanto, por meio do relato das entrevistadas, é possível afirmar que suas experiências contradizem a visão tradicional de que a adoção se reduz a um último recurso devido à infertilidade ou solidão - nenhuma delas optou pela adoção por não ter condições biológicas para gerar um filho, três delas já passaram por longos relacionamentos amorosos. A escolha por adotarem sozinhas não se deu por ser a “única opção restante” ou como efeito de vínculos precários, mas por diferentes aspirações. Eli, Gabi, Pat e Marli mostram que seu desejo de maternidade é autônomo e fundamentado em suas próprias histórias de vida, e revelam outras formas de se fazer mulher e de viver a maternidade.

Segundo Schneider (2011), o “*dever ser*” é caracterizado pelo determinismo e a racionalidade ocidental cartesiana e moralista, enquanto o “*poder ser*” diz respeito aquele que não vive seu ser como tarefa/destino, mas como um conjunto de possibilidades numa situação vivida. Sob a ótica do existencialismo, entende-se que o projeto de ser refere-se ao processo de transcender o que está dado, em direção ao futuro. Através da ampliação da rede de relações, o sujeito é capaz de realizar reflexões críticas e, portanto, relativizar o processo de mediações, tornando-se, assim, capaz de romper com perceptivas dadas pelos padrões sociais gerais. Nesse sentido, compreende-se que há um processo de superação de um “dever ser” para um “poder ser” expresso nas narrativas das entrevistadas.

Quanto aos **desafios da monoparentalidade**, as mães enfrentam desafios específicos ao gerenciar a monoparentalidade, tais como assumir responsabilidades extensas, confrontos com estigma social e navegar por barreiras burocráticas. Duas participantes compartilharam que foram questionadas sobre a decisão pela adoção por sua rede de relações, chamadas de “loucas”, vítimas de “sermões” de familiares, o que demonstra o estranhamento social sobre essa configuração familiar e opção de vida, ligadas ao feminino.

As entrevistadas indicaram como desafios, as pressões financeiras, a ausência de suporte sistêmico, a sobrecarga de responsabilidades, a articulação entre trabalho e família e o



exercício diário da monoparentalidade, como indicam também as pesquisas de Baliana (2013). O sentimento decorrente desse contexto leva as mulheres a se sentirem em constante dívida com as/os filhos e a duvidar se são ou não boas mães. A visão tradicional acerca do feminino colabora para essa experimentação, já que conecta a vida da mulher, e seu projeto existencial, a esses laços de cuidado.

No contexto da adoção, existem desafios específicos em relação a maternidade. As quatro mulheres adotaram crianças que haviam vivido um duplo abandono, por parte da família de origem e da família adotiva, isto é, foram crianças além de “retiradas” de seu lar original, foram “devolvidas” a casa de acolhimento após uma adoção. Lidar com o sofrimento vivido pela criança na sua história pregressa à entrada na nova família é percebido como complexo e doloroso, exigindo um esforço emocional e reflexivo significativo. As mulheres confessam que antes da adoção não imaginavam que as situações seriam tão “pesadas” e que tornaria a adaptação das crianças tão difícil. Elas atestam que se esforçam para reconhecer e não negar a história passada das crianças, que buscam maneiras para que superem as marcas históricas e consigam perceber um mundo diferente. Essa realidade fez com que buscassem algum tipo de apoio psicológico após a adoção, para elas para os/as filhos/as.

Independente da configuração familiar em questão, a vivência da parentalidade e da maternidade implica um processo de aprendizagem denso, continuado e inacabado. As experiências partilhadas pelas mulheres revelam que, mesmo com as dificuldades, constroem laços afetivos fortes com os/as filhos/as. Elas definem **ser mãe** como algo profundamente significativo que envolve amor, cuidado e a transmissão de valores. Alimentam expectativas de futuro que incluem ver seus filhos realizados e felizes e ter com eles/as uma relação de parceria.

É possível constatar que com o afeto que é investido por essas mães no projeto de parentalidade, a experiência da maternidade se faz transformadora. Com base em Sartre, Maheirie (2002) discorre que a afetividade, construída especialmente via corpo, emoções e sentimentos, deve ser analisada no contexto psicossocial de cada um, pois pode fazer transcender ou aprisionar os sujeitos, possibilitando reflexões libertadoras ou cerceadoras da existência humana. No caso das vivências de maternidade discutidas nessa pesquisa, pode-se perceber que estas tendem a produzir positivamente a transcendência dos sujeitos, possibilitando a existência de reflexões e afetos libertadores, resultando em potencialidades em suas vidas.



3. Considerações Finais

É preciso destacar que, embora possa haver semelhanças, cada mulher irá se distinguir em suas formas de vivenciar a monoparentalidade. Na perspectiva do existencialismo de Sartre, podemos refletir que as motivações, expectativas e medos, as dificuldades e potencialidades nessas vivências estão relacionadas às diferentes condições socioculturais e biográficas. Isto é, esse processo variará de acordo com cada projeto de ser, com a forma como cada um constrói as suas possibilidades existenciais e se lança para um futuro, na dialética com um certo campo de possibilidades objetivas, históricas (Sartre, 2002). Este projeto pessoal não existe sem a história coletiva, sem o contexto antropológico do qual cada um é parte, o que exige debater essas vivências à luz dos significados sociais e históricos, da relação intersubjetiva e das relações materiais concretas.

O estudo mostra que a experiência da maternidade monoparental por meio da adoção também é um ato de amor e escolha crítica. As participantes não se veem como "carentes" ou "faltantes" em suas histórias, mas sim como pessoas que optaram por um caminho que traz suas próprias riquezas e dificuldades, movidos por projetos e desejos únicos.

Palavras-chave: Monoparentalidade Feminina. Adoção. Famílias. Mulheres. Existencialismo.

4. Referências

BIZARRO, Bruna O. et al. Habitando o território da Psicologia: relato do Coletivo Convivências. In: MELICIO, Thiago Bedito Livramento; ALVAREZ, Ariadna Patricia Estevez (orgs.). **Centros de convivência: arte, cultura e trabalho potencializando a vida**. 1. ed. Rio de Janeiro: CRP-RJ, 2021. p. 304-327. Disponível em: http://www.crprj.org.br/site/wp-content/uploads/2021/12/centros_convivencia.pdf.

CASTRO, Fernando J. G. de; EHRLICH, Irene F. **Introdução à psicanálise existencial: Existencialismo, Fenomenologia e Projeto de Ser**. Curitiba: Editora Juruá, 2016.

NASCIMENTO, Fernando A. F. do; MANDELBAUM, Belinda P. H. A invenção da norma: a psicologia na Liga Brasileira de Higiene Mental. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, p. 1149-1167, out.-dez. 2020.

RIO DE JANEIRO, Secretaria Especial da Juventude Carioca (JUVRio). **Pesquisa Perfil Juventude Carioca**. Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.data.rio/documents/PCRJ::pesquisa-perfil-juventude-carioca-2022/explore>.



SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da razão dialética: precedido por Questões de método**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.



A TEORIA DA ESSENCIALIDADE EM JEAN-PAUL SARTRE: REFLEXÕES SOBRE HISTORICIDADE E O DIREITO MODERNO

Jullie Catherine Furtado (Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, Maringá/PR, Brasil); Gustavo Akio Mizuno Tamura (Programa de Pós-graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, Brasil).

contato: jullie.furtado@gmail.com

1. Introdução

A presente pesquisa bibliográfica tem como objetivo relacionar o conceito de “essencialidade” no pensamento de Jean Paul Sartre, ou seja, a ideia de que a existência precede a essência, com a crítica ao pensamento jurídico moderno, de matriz juspositivista. Para tanto, utiliza-se de uma abordagem necessariamente interdisciplinar e crítica-reflexiva, ao se confrontar conceitos e elaborações de um autor do campo da psicologia e da filosofia com os saberes jurídicos, para pensar criticamente como o fenômeno jurídico se apresenta na modernidade.

Foi realizado levantamento bibliográfico de algumas obras de Jean Paul Sartre, para se conceituar e elaborar o que se entende como “essencialidade”, e para a reflexão crítica acerca do direito, aproveita-se de escritos de autores do campo crítico jurídico, como o jus-historiador Paolo Grossi e o jurista Antônio Carlos Wolkmer, bem como outras fontes que possibilitem a compreensão sobre o fenômeno jurídico moderno.

Assim, para o desenvolvimento do trabalho, divide-se em duas principais partes: 1) exposição do que se entende como essencialidade e a sua relação com a historicidade, em Sartre; e 2) reflexões sobre o Direito Moderno em Sartre, a partir de um trecho da conferência “O existencialismo é um humanismo”.

2. Desenvolvimento e discussões

2.1 Essencialidade e historicidade no pensamento de Sartre

Jean-Paul Sartre, principal representante da vertente fenomenológica-existencialista da psicologia, defende que o existencialismo é a única doutrina que torna a vida humana possível,



incumbindo a responsabilidades das ações aos próprios indivíduos enquanto entende que todas essas ações implicam na construção da subjetividade do sujeito - sejam elas feitas pelo sujeito em si, ou pelos outros, admitindo a influência do contexto em que vivemos na formação de nossa identidade (Sartre, 1946/2014).

Dentro de sua teoria, há alguns princípios fundamentais: de que somos “condenados a ser livres”, onde a liberdade é característica inerente ao homem e a sua condição humana - Sartre não concebe nenhum tipo de determinismo, pois o homem é a própria liberdade; que somos indivíduos em eterna construção, buscando sempre a transcendência do ser e que existimos dentro de uma sociedade, dentro de um contexto para então nos individualizarmos, expresso pela célebre frase: a existência precede a essência.

Dizer que “a existência precede a essência” nada mais é do que afirmar que o homem existe primeiro no mundo, surge dentro deste mundo e deste meio, o internaliza e então se define de maneira individual - inicialmente, ele não é nada, se tornando aquilo que irá se tornar (Sartre, 1946/2014). A ideia de “essência” se constrói a partir de um processo histórico, e não de uma essência universal, concebida por um deus, pré-determinada ou inata. A “essência humana” pode ser considerada uma construção temporal, pois o sujeito é lançado em um mundo de significações a partir das quais ele constrói sua subjetividade. Desta forma, o homem não é responsável apenas por si mesmo, mas também por todos os homens, pois quando o homem escolhe por si ele também escolhe por todos os outros: ao criarmos o ser que queremos ser, criamos uma imagem, uma expectativa do que o homem deve ser. Ao moldar a imagem individual, esta imagem se torna válida para todos - e para toda uma mesma época (Sartre, 1946/2014).

Os outros são tão importantes em nossa constituição quanto nós mesmos, sendo indispensável para a existência e para o autoconhecimento. Sartre (1946/2014) afirma que “para observar qualquer verdade sobre mim é necessário que eu passe pelo outro”, porque apesar de não haver uma natureza humana universal, há uma condição humana que é universal. Por “condição” pode ser entendido um conjunto de limites a priori que delineiam a situação do indivíduo no universo, ou seja, o contexto, o meio em que ele é inserido e as influências deste meio na construção da subjetividade e a partir de qual lugar ele se individualiza, a partir de qual condição de existência ele constrói sua essência (Sartre, 1946/2014).



A partir disto, todo projeto que é individual, toda essência, é também um projeto com valores universais, com valores pautados em uma existência e seus limites. Não é um determinismo, pois não afirma que este projeto condena o homem e o define para sempre, mas que esse projeto pode ser reencontrado por outro indivíduo (Sartre, 1946/2014). Desta forma, afirma-se que há uma universalidade humana, que não é dada, nem estática, mas permanentemente construída - assim como o ser individualmente.

2.2. Reflexões sobre o pensamento de Sartre e o Direito Moderno

Dentro desse quadro apresentado, para os fins deste trabalho, ressalta-se o caráter histórico da “essência”. Ou seja, encontra-se que as construções de uma “essência”, em realidade, têm suas raízes arraigadas na história e não de uma universalidade transcendental ou natural. As categorias essenciais não são fixas e imutáveis, mas sim móveis e dinâmicas, em direto contato com o agir humano, jogado em suas condições materiais e históricas.

Essa visão tem efeitos em diversos campos do conhecimento, como o jurídico. Sartre, em sua conferência “Existencialismo é um humanismo”, quando está tratando sobre a questão do existencialismo ateu e a ideia da “existência precede a essência”, Sartre traz uma pontuação acertada.

Ao explicar que a ideia de uma essência humana está diretamente atrelada à ideia de um Deus criador, ou seja, ao se falar que há uma essência determinista do que é ser humano, deve-se pressupor, conseqüentemente, que há um Deus criador que atua enquanto “artífice superior” (Sartre, 2014, p.18).

Assim, o conceito de homem, no espírito de Deus, é assimilável ao conceito de corta-papel, no espírito do industrial; e Deus produz o homem segundo determinadas técnicas e em função de determinada concepção, exatamente como o artífice fabrica um corta-papel segundo uma definição e uma técnica (Sartre, 2014, p.18).

O autor ainda expõe como a filosofia, mesmo com a abolição da noção de Deus, pelos ateístas, ainda insistem em manter a ideia de que a essência precederia a existência, com todas as elaborações sobre “natureza humana”, exemplificando por meio dos iluministas. Essa questão, no entanto, pode ser verificada também no campo jurídico.

A experiência jurídica moderna ocidental inicia-se com o fim da experiência jurídica medieval. Com ela, vai se estabelecendo valores fundantes da modernidade em diversos



momentos fundamentais para a sedimentação do direito hodierno (Grossi, 2004). Pontua-se aqui as elaborações dos contratualistas e suas elaborações sobre a natureza humana, o período das revoluções burguesas e o conseqüente movimento das grandes codificações e, por fim, o juspositivismo normativista hegemônico. Essa experiência jurídica, como pontua Antônio Carlos Wolkmer (2017, p. 24), é fruto de um direito de matriz eurocêntrica, de adequação burguesa, capitalista, com uma vertente ideológica liberal-individualista sob uma organização estatal-soberana, que se mantém estável até a atualidade.

Essas características do Direito Moderno se expressam de diversas formas, mas são dois os fenômenos que interessam ao trabalho. Um direito que não é arraigado de historicidade, ou seja, está desconexo do devir histórico e do magma social, expresso pela forma de Lei, e um sujeito de direito que tem em si elementos de uma “essência que precede à existência”. Um exemplo claro dos dois fenômenos está encartado no *Code Civil* napoleônico, trata-se de um direito imobilizado e insensível às mudanças históricas que traz consigo direitos essenciais do sujeito, o da liberdade (econômica) e a da igualdade (formal, isonomia) (Staut *et al*, 2015), .

Ora, o que se encontra é uma essência dada ao sujeito de direito, imobilizado na história. Trazer a ideia de essencialidade e historicidade no debate de Sartre pode ser bastante frutífero, em especial no campo da teoria do direito. Trata-se de pensar um direito que aceite o devir histórico, sensível às mudanças de valores e às dinâmicas sociais, ao mesmo tempo que não reduz o sujeito a uma abstração contido em uma norma universalista estabilizada no momento de sua promulgação, dando-lhe autonomia em seu projeto de vida.

3. Considerações finais

A utilização da teoria da essencialidade em Sartre para o Direito Moderno se mostra necessária para a construção de um Direito não somente crítico mas histórico-dialético, admitindo o indivíduo como sujeito ativo em sua própria história ao passo que evita a individualização extrema e reconhece o papel do meio socioeconômico e cultural na subjetividade. Um direito ahistórico, intradisciplinar e inexorável se mostra ultrapassado, pois o sujeito só pode ser compreendido dentro das construções socioculturais e econômicas em que se encontra, sendo produzido por estar condições para então poder ser lançado no mundo. O Existencialismo torna o naturalismo jurídico inviável, expondo que não há natureza ou essência



humana inata, clamando por um aparato jurídico que compreenda o ser de forma fenomenológica e sua experiência transcendental contínua.

Palavras-chave: Jean-Paul Sartre. Existencialismo. Direito moderno. Psicologia.

Referências

GROSSI, Paolo. **Mitologias jurídicas da modernidade**. Tradução: Arno Dal Ri Júnior. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes de Bolso, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. **O que é a subjetividade?** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

STAUT JÚNIOR, S. S. Legisladores, juristas e os princípios jurídicos: quem tem o poder de direito em sociedade. **Revista Jurídica Luso-Brasileira**, v. 1, n. 5, p. 1343-1358, 2015.

WOLKMER, Antonio Carlos. **Pluralismo jurídico: fundamentos de uma nova cultura do Direito**. 4. ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2015.



PERSPECTIVAS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO SOBRE O AUMENTO NO PADRÃO DE USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS EM ADOLESCENTES DO GÊNERO FEMININO: CONEXÕES COM A PSICOLOGIA EXISTENCIALISTA

Veronica Candaten Furini, (Programa de Pós-graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Mayara Floriani (Programa de Pós-graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Raquel Wzorek (Programa de Pós-graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Zuleica Pretto (Programa de Graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Daniela Ribeiro Schneider (Programa de Pós-graduação em Psicologia, PSICLIN, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil).

contato: veronicafurini54@gmail.com

1. Introdução

A adolescência é um período da vida em que o sujeito passa por processos de escolhas que se dão em uma estrutura de mediação sociológica (microsocial) e antropológica (macrossocial), momento chave de assunção da responsabilização por sua trajetória e totalização de seu projeto de ser, ou seja, definição daquilo que deseja fazer de si. Sendo assim, a pessoa adolescente também é um ser em relação com o mundo, o qual pode ser atravessado por meio de variadas dimensões: materialidade, espacialidade, relações interpessoais, experiências subjetivas, nas quais aparecem as reflexões, emoções (SCHNEIDER, 2011). Essa fase, implicada em uma expansão das relações, para além do âmbito da família, e experimentações do ser-no-mundo, também apresenta desafios, sendo um deles a mediação de comportamentos de risco à saúde. O movimento de experimentação amplia o rol de interesses dos adolescentes, podendo levar à exposição ao abuso do uso de álcool e drogas (ALMEIDA & LANA, 2020), sendo uma pauta que gerou atenção nos últimos anos, por ser um fator de risco à saúde nessa faixa etária.



Existe uma relação entre a utilização de álcool e o comportamento de uso abusivo de substâncias psicoativas como um fator de risco, que pode gerar o desencadeamento de vulnerabilidades psicossociais, e afetar elementos do sujeito que são essenciais na transição entre infância e a vida adulta (MOLA *et al.*, 2022). Sendo assim, os fatores de risco definem certos campos de possibilidades de ser, podendo afetar a construção do projeto de ser dos adolescentes, que se encontram no momento crucial de definições existenciais (SARTRE, 2014; SCHNEIDER, 2002).

O adolescente percorre um processo vivencial e reflexivo de tomar o seu futuro em suas mãos, apropriando-se de seu projeto de ser, até então construído na alienação, tornando-se sujeito de seu destino. Este processo é chamado de nascimento existencial, pois deverá fazer alguma coisa do que os outros, em seu processo de mediação social, fizeram dele (SCHNEIDER, 2002). Este processo é sempre mediado pela família, pelos amigos, pelos professores, assim como pelas condições materiais e culturais em que tem acesso, que lhe descortinam um campo de possibilidades de ser. Entre estas possibilidades está a oferta de substâncias psicoativas, com seus efeitos de alteração da sensopercepção, das emoções e da relação com o mundo. A relação com o álcool e outras drogas é mais uma das escolhas possíveis para o adolescente, servindo de mediador para inserir-se em muitos ambientes sociais, mas comprometendo seu ser em determinada direção escolhida.

Beauvoir (1967) discute a condição feminina em livro escrito no início do século XX, antecipando a necessidade das transformações no campo do gênero que acontecerão ao final deste século, trazendo novos desafios para a mulher na contemporaneidade. Naquele contexto, a existencialista já discutia que a adolescência é para a mulher um momento difícil e decisivo:

Até então, ela era um indivíduo autônomo: cumpre-lhe renunciar à sua soberania. Não somente ela é cruelmente atormentada entre o passado e o futuro, mas ainda um conflito se estabelece entre sua reivindicação original, que é de ser indivíduo em atividade, liberdade, e suas tendências eróticas e solicitações sociais que a convidam a se assumir como objeto passivo. Ela se apreende espontaneamente como o essencial, de que maneira, pois, poderá concordar em tornar-se o inessencial? Mas se não posso realizar-me enquanto Outro, como renunciarei a meu Eu? Eis o angustiante dilema em face do qual a mulher em formação se debate (BEAUVOIR, 1967, p. 74).

Estes dilemas acentuam-se na contemporaneidade onde as diferenças sociais entre papéis femininos e masculinos se minimizam, ainda que as condições estruturais do patriarcado e do poder masculino se preservam de forma velada, materializando-se na preservação da



violência de gênero. Tal cenário hodierno, composto por muitas ambiguidades, contribui para que as adolescentes, no processo de definição de seu ser, busquem se igualar aos meninos, inclusive na exposição aos riscos, como no abuso de drogas.

2. Método

Este estudo faz parte de uma pesquisa guarda-chuva do PSICLIN/UFSC com adolescentes escolares, realizada em Florianópolis, no ano de 2022, na qual se constatou que meninas estão consumindo mais álcool (74%) e outras drogas (maconha – 21%, LSD – 7%, cigarro – 39%) que meninos. Sendo assim, diante desses resultados quantitativos, foi construída a atual pesquisa qualitativa, de características descritivo-exploratória.

Foram selecionadas duas escolas para participar da pesquisa: uma escola pública, e outra escola privada. Os participantes da pesquisa foram estudantes do primeiro ano do ensino médio. Foi utilizado o método de grupo focal para realizar a coleta de dados. Para a seleção por conveniência dos escolares, foram convidados estudantes presentes na sala de aula no dia da atividade, que tivessem participado da pesquisa em 2022, e que tinham a autorização de seus responsáveis legais para participar. Critérios de Exclusão: não ter respondido ao questionário da pesquisa em 2022 ou qualquer outro fator emocional ou comportamental que impedisse a participação nas atividades do grupo focal.

A análise dos dados foi realizada a partir da compreensão da Análise Temática de Braun & Clarke (2012). Esse método identifica e organiza conteúdos, para a identificação de significados que possibilitam a criação de temas. A análise dos dados se estruturou a partir de um processo de leitura das transcrições das falas dos adolescentes participantes. O período de leitura e releitura resultou em cinquenta e oito códigos. Foram construídas sete categorias, sendo que descreveremos dois temas centrais aqui: *Consumo e Gênero*.

3. Resultados e Discussão

O tema sobre “Consumo” disse respeito aos discursos produzidos relacionados ao consumo de álcool e outras drogas, significados e razões atribuídas para o comportamento de consumo. Foram detalhadas reflexões sobre as vivências desses adolescentes e a forma como se experimentam no mundo, além dos lugares onde observam o consumo acontecer, discutindo



este aumento significativo do consumo de drogas pelas adolescentes. As razões atribuídas para o consumo de álcool pelas jovens adolescentes foram interligada à sensação de pertencimento a um grupo, por influências da família (observar um familiar consumindo álcool/outra droga), e por influência midiática.

Essas razões foram atravessadas por um recorte de gênero, em que adolescentes compreendem o consumo de substâncias como um ato de liberdade, de realização de suas próprias escolhas, corroborando com as discussões apontadas por Beauvoir (1967). Ainda assim, elas têm presente os riscos aumentados que correm quando sob o efeito tornam-se mais vulneráveis à violência contra a mulher, com a presença de relatos de experiência. Entretanto, nem sempre se faz presente para estas meninas os condicionantes socioculturais por detrás desta reprodução de velhos modelos masculinos, como o enfrentamento de condições sociais e emocionais através da embriaguez.

Outros estudos discutem que meninas que têm padrões mais elevados de álcool e outras drogas mostraram-se mais sensíveis às normas e relações com os pares e experimentaram-se mais influenciadas pela atitude de aprovação do grupo quanto ao comportamento de beber. Também para elas o uso de bebida esteve mais estreitamente associado à dinâmica familiar de maior vulnerabilidade e risco social (BENITES, 2012), demonstrando a importância dos vínculos familiares e sociais como fatores de risco ou proteção, a depender das circunstâncias.

4. Considerações finais

O presente estudo buscou compreender as perspectivas de adolescentes sobre o aumento no consumo de álcool e outras drogas por pessoas do gênero feminino. Os resultados mostram que, aumento no consumo de álcool e outras drogas por parte de jovens que se identificam com o gênero feminino possui influências das transformações do contexto sociocultural, influência social dos pares, bem como está relacionada às condições de saúde mental. As discussões dos grupos focais mostram que o consumo de álcool e outras drogas está articulado com o desejo de pertencer a um grupo; com o movimento de utilizar uma substância como forma de lidar com sentimentos considerados negativos pelas próprias adolescentes; e com o direito da mulher em realizar comportamentos que digam respeito à sua emancipação no mundo.



Diante desses resultados, foi constatado que formas de prevenir o abuso de álcool e outras drogas na adolescência é por meio de trabalhos intersetoriais que envolvam escola, comunidade e família, fortalecendo processos de mediação social. Esse esforço interdisciplinar também pode impactar na saúde mental dos adolescentes, aspecto analisado na coleta de dados. Possibilidades devem ser pensadas para que as emoções desses jovens possam ser expressas e valorizadas, tendo em vista que estão enfrentando um período de ambiguidades e definições, em virtude de suas vivências singulares, mas que acarretam a definição de um futuro e a consolidação de seu projeto de ser. Sendo assim, é fundamental fortalecer a construção do projeto de vida e a reflexão crítica sobre a sua condição como mulher na conjuntura atual, como fatores de proteção em termos de saúde mental e uso de drogas.

Por fim, esse estudo pode servir de contribuição para futuras pesquisas sobre consumo de álcool e outras drogas pelos adolescentes, bem como na facilitação de definições de um plano de ação preventivo ao uso de substâncias a ser desenvolvido. Diante do cenário desenhado, entende-se a necessidade de uma implementação adequada de um sistema de prevenção que considere as etapas do processo de desenvolvimento psicossocial e as questões de gênero como elementos cruciais na compreensão e intervenção no fenômeno do uso de drogas.

Palavras-chave: Adolescência. Prevenção. Uso de drogas. Gênero. Existencialismo.

Referências

ALMEIDA, C. S.; LANA, F. C. F. Vivências dos adolescentes acerca das substâncias psicoativas e sua interface com gênero, políticas e media. **Revista de Enfermagem**, v. 5, n. 3, p. 1-8, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12707/RV20035>.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: 2. A experiência vivida**. Lisboa: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BENITES, A. P. O. **A influência da família no consumo de bebidas alcoólicas em adolescentes do sexo feminino**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.



BRAUN, V.; CLARKE, V. Thematic analysis. In: COOPER, H. (org.). **Handbook of research methods in psychology**. 2. ed. v. 4. Washington, DC: American Psychological Association, 2012. p. 57-71.

FERREIRA, B. V. O. et al. Atitudes de adolescentes escolares sobre o consumo de álcool e outras drogas: Estudo transversal. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 36, n. 44908, p. 1-11, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.18471/rbe.v36.44908>.

MOLA, R.; ARAÚJO, R. C.; BARBOSA, S. A.; ALMEIDA, L. S.; PITANGUI, A. C. R. Trends in consuming alcoholic beverages among adolescents and young adults of school age: sex differences. **Jornal de Pediatria**, v. 99, n. 1, p. 72-78, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jped.2022.06.003>.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes de Bolso, 2014.

SCHNEIDER, D. R. Nascimento existencial: O salto qualitativo da infância para a adolescência. In: **Anais do III Congresso Nacional de Reorientação Curricular**, Blumenau, 2002.

SCHNEIDER, D. R. **Sartre e a psicologia clínica**. Florianópolis: EDUFSC, 2011.

EIXO III

O PENSAMENTO SARTRIANO E AS SITUAÇÕES CONTEMPORÂNEAS - QUESTÕES TEÓRICAS E EPISTEMOLÓGICA





ANÁLISE DO FENÔMENO DAS FAKE NEWS COM BASE NAS NOÇÕES DE MENTIRA E VIOLÊNCIA DE SARTRE

Gabriela Araújo Fornari (Programa de Pós-graduação em Psicologia, pesquisa com bolsa parcial da CAPES no Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior, Departamento de Psicologia, Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisa em Psicologia, Fenomenologia e Existencialismo da Universidade Estadual de Maringá Maringá-PR, Brasil); Sylvia Mara Pires de Freitas (Professora Orientadora no Programa de Pós-graduação em Psicologia, Departamento de Psicologia, Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisa em Psicologia, Fenomenologia e Existencialismo da Universidade Estadual de Maringá; Maringá-PR, Brasil).

contato: gabifornari.fornari@gmail.com

1. Introdução

Este trabalho é um recorte da pesquisa de doutorado, em andamento, sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Universidade Estadual de Maringá, Paraná. Propõem-se, a princípio, apresentar as concepções de Sartre sobre violência e mentira, e suas relações, trabalhadas nos *Cadernos para uma Moral*, publicado originalmente em 1983, e em demais textos do autor. Com base nessas noções objetivamos analisar o fenômeno das *fake news* enquanto um instrumento que....., por julgarmos necessária uma compreensão deste quadro cada vez mais presente nas relações sociais virtuais nacional e internacional.

2. Mentira e violência

Com relação à concepção de Sartre (1983) sobre a violência, o autor a entende como uma ação que visa romper ou desestabilizar as leis do sujeito, ou seja, a sua liberdade, uma vez que ele é liberdade. Nesse sentido, a **liberdade** é o elemento central da violência, pois apenas pela liberdade a pessoa pode optar por uma ação violenta, e somete outra pessoa livre para eleger suas ações pode ser alvo dessa violência. Assim, entendemos a violência ontologicamente no campo do Para-si, em que uma liberdade violenta outra liberdade, sendo ambas não determinadas *a priori*.



Constatamos então que a liberdade é o objeto sobre o qual a violência atua. A liberdade, por sua vez, não pode ser atingida meramente de forma externa, como com torturas ou privações, pois essa estratégia consistiria apenas numa negação exterior. O que a violência visa é a negação da liberdade do outro, num nível interno, pois, como afirma Barata (2017), “ou a violência é uma relação de interioridade ou não é violência, e é-o precisamente para destruir” (p. 143).

Ao discorrer sobre a mentira, Sartre (1983) afirma que consiste em apresentar uma situação imaginária como real para outra pessoa ou um grupo. A mentira é utilizada para provocar outra pessoa a fazer algo que a pessoa mentirosa deseja, ou a não fazer algo que ela não queira – sua intencionalidade perpassa a expectativa de ação do outro. Essa dinâmica aponta a certeza do fracasso do desejo de quem mente, uma vez que parte da ideia de que, caso o outro saiba a verdade, ele agirá contra o desejo da pessoa mentirosa.

Com a mentira, a pessoa enganada mantém sua liberdade para tomar suas decisões, mas as premissas que ela terá como base para suas ações serão falsas. Assim, se as ações da outra pessoa forem consoantes a mentira, elas partirão de uma premissa falsa e se tornarão totalmente ineficazes sobre a realidade “verdadeira”, pois ocorrerão no modo de “como se”, num mundo de faz de conta, visto que, ao perseguir um objetivo imaginário, ela agirá no mundo concreto sem o modificar.

Sartre (1983) entende que a pessoa enganada não está mais em um mundo onde os instrumentos que dispõe são efetivos para sua operação no mundo, ele passa a ser coisa (não-liberdade). O mundo onde o enganado passa a viver é distorcido, falso e, ao mesmo tempo, contido no universo total que compreende essas duas realidades: a distorcida e a real.

Portanto, a mentira suspende a liberdade do outro, obstruindo-a. A liberdade não é eliminada, mas é isolada do mundo concreto – este é seu elemento de destruição. Na violência física nos apropriamos da liberdade do outro e recusamos a realidade humana no meio do mundo, fazendo-a ser esmagada pela positividade do mundo, afirmando a superioridade do mundo sobre a consciência; em contraponto, na mentira nos apropriamos da liberdade do outro ao destruir o mundo na consciência do outro, ou seja, destruímos esse mundo na medida em que o escondemos por meio da consciência imaginária.

Ambas as situações (violência e mentira) possuem similaridades, pois emergem de uma lógica formal de superioridade do Ser; buscam alcançar determinado fim imediatamente e independente dos meios; surgem de um fracasso real ou previsto.



Poderíamos dizer que a mentira é uma forma bastante eficaz de violência por, na maioria das vezes, não ser contestada ou imediatamente identificada como violência. Sartre (1983) não chega a fixar diretamente a mentira como violência, mas ao analisarmos minuciosamente os aspectos fenomenológicos de ambas, encontramos similaridades suficientemente para tratarmos a mentira como sendo uma forma de violência, apesar de conter em si algumas particularidades.

3. *Fake News*

Sobre as *fake news*, a própria denominação designa “notícias falsas”, desenvolvidas por pessoas e/ou grupos e compartilhadas especialmente nas mídias sociais. O objetivo com as *fake news* é de difundir conteúdos enganosos, espalhar boatos para garantir poderes econômicos e/ou políticos. Aquela pessoa ou grupo que elabora uma história falsa e a difunde como verdadeira, sabe que ela é mentirosa, pelo menos parcialmente, pois a elabora justamente por ser uma mentira que a favorece. As notícias produzidas costumeiramente são misturadas às verdades já conhecidas, com o intuito de se mascarar de verdade e aumentar o nível de credibilidade e crença nessa mentira produzida. A tentativa de mascarar a verdade também é apoiada pelo uso da roupagem jornalística (noção de novidade/notícia – “news”) em sua construção e divulgação.

Apesar de geralmente serem propagadas no meio virtual, Gomes e Dourado (2019) ressaltam que as pessoas não necessitam deste meio para mentir ou inventar histórias – podem fazê-lo em suas vidas não-virtuais –, e igualmente não há algo inerente aos equipamentos virtuais que determina as pessoas à essa ação. Podemos pensar, sobre esse aspecto, as noções de instrumentalidade, apresentadas por Sartre (2002) na *Crítica da Razão Dialética*: ao criarmos meios digitais para a circulação de informações, este também se torna um campo para a divulgação de notícias falsas. De outro modo, podemos afirmar que o processo crescente de dataficação da vida inclui a virtualização de todas as facetas da vida humana, inclusive a ação de falsificar ou alterar histórias para manipular outras pessoas.

Desta forma, as *fake news*, ao apresentarem uma realidade falsa para as pessoas, induzem que elas ajam conforme o interesse da pessoa e/ou do grupo “mentiroso”, alienando ações alheias conforme seu projeto. Pessoas que acreditam que as *fake news* são verdadeiras tendem a identificar seus interesses nelas e/ou por ignorância da realidade dos fatos. Outro



ponto relevante para esse processo de adesão às *fake news* se refere ao momento cultural, científico e social da pós-verdade, que denota que contemporaneamente os fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião coletiva do que os apelos à emoção e à crença pessoal.

Podemos tomar como exemplo as *fake news* propagadas durante a pandemia do Coronavírus. Não foi incomum nos depararmos com informações distorcidas sobre a vacinação, como a possibilidade de mudanças no DNA (molécula que armazena e transmite informações genéticas de um organismo) daquelas pessoas que fossem imunizadas. A recusa almejada favorecia negociações comerciais entre indústrias farmacêuticas e líderes dos países de compra – ou seja, entre donos de indústrias e alguns políticos. As ações das pessoas que se basearam nessas informações contemplavam se esquivar das mudanças no DNA, agindo concretamente no mundo ao não tomar a vacina. O resultado buscado por essa ação é fantasioso, uma vez que as vacinas não possuem a capacidade de promover determinada modificação. Entretanto, a ação concreta produziu resultados na realidade do mundo, como complicações de saúde que poderiam ser evitadas para essas pessoas, e a facilitação de negociações superfaturadas entre os grupos soberanos mencionados.

4. Considerações Finais

Com o desenvolvimento da pesquisa, podemos afirmar que a arquitetura do uso de *fake news* apresenta a mentira como instrumento de violência, por buscar, por meio da mentira, ratificar um conhecimento equivocado sobre os fatos, para então controlar a liberdade alheia, favorecendo grupos soberanos.

À vista disto, concluímos que tanto a mentira quanto a violência caracterizam a disseminação de *fake news*, pois buscam atingir um objetivo particular através da negação da liberdade alheia. Seguindo a lógica sartriana, consideramos que a opção pela violência decorre da constatação da possibilidade de determinados grupos fracassarem em seus objetivos iniciais, e sentirem-se no direito de agirem violentamente sobre toda uma população para alcançarem os resultados particulares almejados.

Destarte, pela mentira há um mundo distorcido apresentado ao outro, o que se configura como violência por visar atacar a liberdade do outro para então subjugar-la em proveito próprio. O sujeito ou uma população que estão à mercê de *fake news* têm sua liberdade suspensa, dominada e uma propensão a agirem de maneira estéril no mundo concreto em relação aos



objetivos imaginados – suas ações podem modificar o mundo, mas dificilmente atingirão o objetivo pensado para tal, por serem baseadas em uma realidade fantasiosa.

Palavras-chave: Sartre. Existencialismo. Liberdade. Violência.

Referências

GOMES, W. da S.; DOURADO, T. Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 16, n. 2, p. 33-45, 11 nov. 2019.

SARTRE, Jean-Paul. **Cahiers pour une morale**. Paris: Gallimard, 1983.

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da razão dialética**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.



ANÁLISE EXISTENCIALISTA DA PRÁXIS E DA ALIENAÇÃO NO METAVERSO

Dante Luis Tonezer, (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisa em Psicologia, Fenomenologia e Existencialismo – LIEPPFEX, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil); Sylvia Mara Pires de Freitas (Programa de Pós-graduação em Psicologia, LIEPPFEX, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil).

contato: dante.tonezer@gmail.com

1. Introdução

Os avanços tecnológicos contemporâneos têm proporcionado transformações na maneira como compreendemos e interagimos com o mundo. Nesse contexto, o conceito de Metaverso se destaca não apenas como uma inovação digital, mas como um fenômeno que propõe uma nova configuração das relações sociais e das experiências subjetivas. Longe de ser apenas um ambiente virtual, o Metaverso é apresentado como um espaço que promete redefinir as formas de trabalho, lazer, comunicação e identidade, e assim, dissolver as fronteiras entre o físico e o digital (Lee et al., 2022).

O termo “Metaverso” foi cunhado na obra de ficção científica *Snow Crash*, de Neal Stephenson, em 1992, e desde então tem avançado para descrever uma plataforma virtual que transpõe as interações em ambientes já bem estabelecidos, como redes sociais e videogames. Diferente das plataformas atuais, o Metaverso é projetado como um ambiente persistente, que permanece ativo mesmo quando o(a) usuário(a) está desconectado(a) (Lee et al., 2022). Nesse espaço, o(a) usuário(a) se representa por meio de um(a) avatar⁴ com o(a) qual poderá explorar, criar e participar de experiências que replicam o mundo físico, ao mesmo tempo em que inserem elementos fantásticos para ampliar as possibilidades de interação.

Essa complexa arquitetura digital, com suas inúmeras possibilidades de personalização e interação não surge espontaneamente, ou seja, ela depende de infraestruturas tecnológicas

⁴ Tem sua origem no hinduísmo se referindo à manifestação de uma divindade na Terra; no contexto digital, o conceito ganhou popularidade e passou a designar a representação visual do(a) usuário(a) em ambientes virtuais, atuando como uma extensão da identidade do(a) usuário(a) em plataformas digitais, funcionando como um mediador de suas ações e interações nesse espaço (Lee et al., 2022).



sofisticadas e grandes investimentos, sobretudo das *Big Techs*, grandes corporações de tecnologia como Meta, Microsoft e Google, as quais projetam e controlam as infraestruturas e softwares fundamentais para sua existência. Além de desenvolverem as tecnologias que possibilitam o acesso ao Metaverso, essas empresas regulam os termos de acesso, controlam o fluxo de informações e estabelecem os limites das interações (Lee et al., 2022).

Embora promovam o Metaverso como um espaço onde o(a) usuário(a) tem a possibilidade de ser quem quiser⁵ e interagir sem limitações com os ambientes virtuais, essa visão mascara uma dinâmica de poder muito mais complexa. A promessa de uma *liberdade* na qual o indivíduo controla totalmente suas ações e identidade digital, revela-se, na realidade, condicionada por regras e restrições estabelecidas pelas *Big Techs*. Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é refletir sobre algumas contradições que permeiam o Metaverso a partir da teoria de Jean-Paul Sartre.

2. Entre a práxis e a alienação na construção de coletivos seriais

A liberdade no Metaverso, amplamente promovida pelas *Big Techs*, está longe de ser absoluta. Ela é regida por algoritmos⁶, termos de serviço e políticas que determinam o que é permitido ou restrito nesses ambientes virtuais (Lee et al., 2022). Embora o(a) usuário(a) possa customizar seu(sua) avatar e explorar diferentes espaços, suas ações estão inevitavelmente circunscritas pelas regras estabelecidas pelas corporações que gerenciam a infraestrutura tecnológica. Dessa forma, a liberdade oferecida no Metaverso pode atuar como uma forma de alienação do(a) usuário(a), enquanto este(a) interagirá com um sistema que dita os termos de sua experiência, mesmo quando ele(a) acredita estar exercendo plena autonomia.

Para Sartre (2002), a alienação ocorre quando o sujeito perde a autonomia sobre suas ações e o produto de sua práxis e age em prol do projeto de outrem. No Metaverso, essa alienação poderá se manifestar de diversas formas, pois, embora o(a) usuário(a) exerça sua liberdade ao personalizar seu avatar ou criar ambientes virtuais, sua ação é limitada pelos mecanismos de controle que operam nas plataformas.

⁵ Liberdade: 'No metaverso qualquer um pode escolher quem quer Ser', destaca fundador do *The Sandbox* (2022). Retirado de <https://br.cointelegraph.com/news/freedom-in-the-metaverse-anyone-can-choose-who-they-want-to-be-highlights-founder-of-the-sandbox>.

⁶ Sequências de instruções finitas e bem definidas, projetadas para resolver problemas ou executar tarefas específicas de maneira automatizada, operando a partir de um conjunto de regras lógicas (Sichman, 2021).



A liberdade, como define Sartre (2011), é uma condição ontológica do ser humano pela qual o indivíduo se faz humano à medida que age ao longo de sua vida, em um movimento dialético de transformação do mundo e de ser transformado por ele. Entretanto, essa liberdade é sempre situada, isto é, a ação humana se manifesta em uma estrutura de escolhas delimitadas pelas condições concretas do sujeito. Portanto, a liberdade nunca é ilimitada; ela consiste na possibilidade do ser humano de transcender sua condição e ressignificar o mundo a partir de situações (Sartre, 2011).

Na *Crítica da Razão Dialética*, Sartre (2002) amplia essa noção ao introduzir o conceito de práxis como um processo social e histórico. A práxis é a maneira pela qual o ser humano se engaja no mundo e o transforma: é a ação intencional e específica do ser humano que reorganiza a materialidade e alcançar um determinado objetivo. No entanto, segundo Sartre, essa ação está em constante tensão com as estruturas materiais e sociais existentes, as quais podem a limitar e alienar. No Metaverso, esse movimento poderá se manifestar pela criação de novos conteúdos e pela interação com os(as) outros(as) usuários(as) e o sistema. Contudo, essa possibilidade é cerceada pelas condições impostas pelas plataformas tecnológicas que limitam a criação e estabelecem regras para interação.

As corporações que controlam o Metaverso também determinam como os(as) usuários(as) acessam e utilizam a plataforma e impõem requisitos tecnológicos e regras de conduta (Lee et al., 2022). A práxis do(a) usuário(a), portanto, poderá ser limitada tanto pela infraestrutura tecnológica quanto pelas normas estabelecidas. Além disso, as plataformas poderão exigir dos(as) usuários(as) o modo como elas devem ser utilizadas e, a partir disso, definir não apenas o que é permitido fazer, mas também como se deve fazer. Por exemplo, para criar um certo objeto no Metaverso, será necessário utilizar uma determinada ferramenta fornecida pela corporação ou entrar em um determinado espaço criado por ela.

Sartre (2002) define esse fenômeno como campo prático-inerte, o qual corresponde a uma estrutura que, ao ser criada, regula as ações e interações dos sujeitos. No Metaverso, o campo prático-inerte será constituído pelas plataformas digitais e pelas regras que governam esse ambiente virtual. Ainda que o(a) usuário(a) possa criar e explorar, suas ações serão mediadas por estruturas tecnológicas e regulatórias que moldam suas interações.

Esse campo prático-inerte se revela na própria estrutura do Metaverso, que, apesar de prometer interação imersiva, também impõe limites e condições. Assim como no mundo físico, as interações no Metaverso serão, presumivelmente, condicionadas por finalidades



estabelecidas pelas corporações. Para participar plenamente, o(a) usuário(a) deverá seguir padrões, utilizar as ferramentas fornecidas pelas corporações e consumir produtos ou atualizações para permanecer ativo(a) no ecossistema.

À vista disso, o Metaverso parece se apresentar como um espaço propício para a serialização dos(as) usuários(as). Sartre (2002) define a serialidade como um estado em que indivíduos, reunidos em um coletivo, permanecem isolados em suas ações, compondo uma série em que cada um é apenas um número, um elemento dentro de uma estrutura pré-determinada. No Metaverso, essa serialização poderá se manifestar tendo em vista que os(as) usuários(as) sigam padrões estabelecidos pelas plataformas, como mencionado.

No entanto, a serialidade no Metaverso não se resume apenas à obediência a normas tecnológicas. Ela também implica um distanciamento entre os(as) usuários(as) que, apesar de reunidos em um ambiente virtual coletivo, tendem a não compartilhar uma práxis grupal revolucionária. Em vez disso, eles(as) interagem passivamente, sem questionar ou transformar o ambiente no qual estão inseridos. Essa passividade caracteriza a alienação, uma vez que os(as) usuários(as), enquanto acreditam estar exercendo sua liberdade, estão, na realidade, operando no interior de uma estrutura que restringe sua capacidade de ação. Assim, a promessa de liberdade no Metaverso se revela como um mecanismo de controle e serialização que transforma sujeitos em elementos isolados de um sistema regulado.

Ao mesmo tempo, essa serialidade abre espaço para a superação. Como Sartre (2002) argumenta, a alienação não é um destino inevitável. Por meio da práxis, os(as) indivíduos podem romper com a inércia da serialidade e buscar a transformação do ambiente em que estão inseridos. No caso do Metaverso, isso significa o uso das plataformas como uma forma de superar as limitações impostas e construir novas formas de interação e experiência.

3. Considerações finais

A liberdade no Metaverso, como no mundo físico, é uma liberdade situada, como define Sartre (2011; 2002). As escolhas oferecidas ao(à) usuário(a) são moldadas pelos interesses das corporações que controlam a plataforma. Longe de ser *totalmente livre*, o(a) usuário(a) poderá ser condicionado por mecanismos que determinam as circunstâncias de sua experiência. Contudo, mesmo com limitações impostas pelas estruturas materiais e pelo campo prático-



inerte, a liberdade persiste como a capacidade de transcender essas condições e criar novas possibilidades de existência.

Assim, as condições do Metaverso podem limitar o(a) usuário(a), mas é ele(a) também quem, por meio de suas ações (práxis), pode transformar o ambiente virtual. Portanto, a dialética entre alienação e práxis (superação de uma dada condição anterior) continua presente no Metaverso, assim como em qualquer outro contexto histórico. Ainda, diante das restrições impostas, a liberdade é a possibilidade de transcender rumo a um futuro, cabendo ao indivíduo encontrar meios de exercer sua práxis, transformando o ambiente que está inserido. O Metaverso, então, se configura como um espaço que, apesar de suas limitações, também oferece potencial criativo e de transformação.

Palavras-chave: Metaverso. Existencialismo. Liberdade. Serialidade.

Referências

LEE, L. H. et al. All one needs to know about Metaverse: a complete survey on technological singularity, virtual ecosystem, and research agenda. **Journal of Latex Class Files**, v. 14, n. 8, out. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.11200.05124/8>. Acesso em: 30 set. 2024.

SARTRE, J. P. **Crítica da razão dialética**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Petrópolis: Vozes, 2011.

SICHMAN, J. S. Inteligência artificial e sociedade: avanços e riscos. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 34, n. 10, p. 37-49, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2021.35101.004>. Acesso em: 30 set. 2024.



UMA ANÁLISE EXISTENCIAL DA TRAJETÓRIA SOCIOPROFISSIONAL DO ESTUDO DO CASO EDDY M

Marina Gomes Coelho de Souza Schwartz (UNIP- Universidade Paulista, São Paulo – SP, Brasil)

Raquel Favretto (UNIP- Universidade Paulista, São Paulo – SP, Brasil)

marina.schwartz@docente.unip.br

raquel.favretto@docente.unip.br

Pretendemos, por meio deste trabalho, apresentar possibilidades de compreensão acerca de uma trajetória socioprofissional ancorada na perspectiva existencialista sartreana. A partir da análise de um estudo de caso, buscaremos explicitar as contribuições do conceito de projeto de ser da teoria existencialista sartreana para a temática do projeto profissional, bem como sublinhar a importância de uma prática psicológica que se utilize destes subsídios. Entendemos que a dimensão do futuro abordada nesta teoria é de importância fundamental ao se pensar o projeto profissional, razão pela qual recorreremos a seus pressupostos.

O presente trabalho contextualiza e relata a trajetória socioprofissional de Eddy M. Para compreender essa trajetória (de um homem concreto, ativo e vivo no mundo) utilizou-se das narrativas da história de vida do mesmo. O homem é um ser histórico, dialético e social, assim, deve-se compreender a sua história em sua totalidade. Visando esse fim utilizamos o método progressivo-regressivo que permite uma compreensão do homem, sua subjetivação e objetivação no mundo (PRETTO et al; 2022).

Falar de trajetória socioprofissional é compreender uma série de acontecimentos de uma existência individual que perpassa um coletivo, a vida estabelecida como uma história, em uma ordem cronológica, com início, meio e fim. Discorrer sobre trajetória é pelo menos pressupor que a vida é composta por um trajeto, com ou sem cruzamentos, que comportam etapas com objetivos, com projetos originais, com eventos históricos, pressupondo que a vida é uma história (BOURDIEU, 2014).

A história é a totalização de uma trajetória que está em uma produção constante, e a cada vez que ocorre uma nova relação com o outro, modifica-se algo, no sujeito e no mundo. Assim, para entender a história de cada ser deve-se “partir do conhecimento de que o homem é produto de seu produto, quer dizer, ele faz a história, gera seus produtos, mas, por sua vez,



estes o condicionam, ou seja, a história também o faz” (SARTRE, 1960, p.56). O homem transforma o mundo, como também é modificado por ele, pelo seu trabalho, pelo meio social, uma vez que, cada sujeito passa por diversas experiências e essas vão significativamente edificando o homem.

Partindo dessa máxima, o existencialismo sartreano compreende que a relação do sujeito com o mundo, o ser-para-outro é uma característica essencial e tem como papel fundamental a mediação entre o sujeito e a sociedade, entre o sujeito e as coisas, entre o sujeito e o seu corpo, ou seja, o eu e o outro, indivíduo/sociedade. É nesse movimento com o mundo, que se compreendem aspectos da trajetória de vida e constituição do projeto de ser do homem, sendo nessa dialética que o outro se apresenta, assim, quando o outro me observa, torno-me objeto para ele (SCHNEIDER, 2011). Para Schneider (2011) o homem no mundo, se faz indivíduo, permeado pela temporalidade, projeto de ser, desejo de ser e liberdade humana.

As influências que ocorrem na constituição de cada ser estão diretamente ligadas pelo período histórico-cultural no qual cada sujeito vivenciou sua trajetória socioprofissional. A psicologia existencialista debate a importância de se conhecer o contexto antropológico, sociológico e psicológico de cada sujeito. Para compreender um indivíduo é preciso ir além daquilo que ele narra ou elucubra sobre si, é preciso descrever seu projeto de ser, sua práxis, suas escolhas. Sem deixar de entender todo o contexto no qual o sujeito está inserido (SARTRE, 2002). Não há como compreender o homem só pela sua narrativa, pois esse é ativo e vivo, assim, suas ações também precisam ser entendidas.

Entendemos que a forma como o tempo é experienciado pelos sujeitos tem implicações para compreensão de sua ação no mundo e sua trajetória socioprofissional, neste sentido, a noção de futuro ganha destaque. A trajetória profissional se delinea a partir da facticidade da situação concreta que a pessoa é, o que implica a compreensão das dimensões do passado, presente e futuro. É importante frisar que não se trata da simples adição das três dimensões, mas sim de uma conexão ontológica que necessita ser esclarecida. Um presente existe com um passado atrás de si, projetando-se para um futuro. Este movimento de transcendência do que está dado em direção ao porvir é o que Sartre (1997) denomina de projeto de ser.

Visando ilustrar uma possibilidade de compreensão sartreana acerca da temática da relação homem-trabalho, apresentamos uma análise da trajetória socioprofissional de E.M. E.M nasce no estado de São Paulo em 1964, em meio a duas culturas diferentes, pai descendente de italianos e mãe de sírios. Começando seu tecimento em duas famílias com



crenças e valores distintos e mesclados com a cultura brasileira. E.M cresce em uma família já composta por dois filhos que precisam trabalhar para o sustento de todos os familiares.

O pai de E.M, trabalha em uma indústria, especializando-se em manutenção de máquinas de tecelagem, e nessa mesma indústria, a mãe de E.M, começa a trabalhar como costureira. A união dos pais ocorreu em 1950, e, 03 filhos nasceram.

E.M teve uma infância simples e narra que cada conquista dos pais na compra de móveis e eletros era muito comemorada pela família. Entre a infância e adolescência de E.M mudanças políticas e econômicas ocorriam no Brasil, o consumismo se fortaleceu na década de 70, emergindo uma nova geração que confrontou as tradições das famílias de E.M. Esse choque cultural resultou na separação de seus pais, principalmente pela dificuldade financeira da família. Assim, com 11 anos Eddy vivenciou a separação dos pais.

Seu pai mudou-se para outro estado, os filhos ficaram com a mãe que teve uma história difícil a partir da separação. Sua mãe começa a vender cosméticos para sustentar a família, nesse momento Eddy começa a auxiliar sua mãe financeiramente, fazendo atividades como verificação de pagamentos, depósitos e afins. Ele estudava no período vespertino e era responsável pela realização da janta da família. E.M descreve que muitas vezes viu sua mãe chorar por não conseguir honrar os débitos da família.

É nesse berço familiar que Eddy começa a construir seu projeto de ser. Pois, o projeto é construído pelo homem a partir da sua história e das relações que nela desenvolveu. Eddy teve como primeiras mediações a família, pais, irmãos, tios e avós.

A necessidade de ajudar sua mãe despertou seu interesse em trabalhar numa instituição bancária. Assim, no ano de 1983 começa a trabalhar em uma agência bancária, conseguindo seu primeiro emprego. Nesse mesmo período Eddy se casa e ao longo dessa união, teve dois filhos. Há 12 anos Eddy trabalha comercializando resinas plásticas, e nesse processo encontrou oportunidades de crescimento profissional, pois precisou de conhecimento técnico do produto, como também falar línguas estrangeiras.

Em sua trajetória E.M foi constituindo-se, moldando-se e remoldando-se, nessa dialética entre seu passado e seu desejo de futuro. Na sua infância, dentro da estrutura familiar, dos grupos primários Eddy demonstrou sentimentos, emoções e atitudes que ele foi interiorizando no processo de totalização e destotalização. Posteriormente E.M começou a tecer-se em outros grupos, como na escola, com professores e alunos. Os grupos emergiram no decorrer de sua trajetória, como grupos na faculdade, onde Eddy descobre outras culturas, por



socializar, concomitantemente ocorre o tecimento em novos grupos, como o de trabalho que se destaca como central na vida de Eddy.

Essa centralidade está diretamente ligada à sua biografia. Sendo assim, o projeto é a junção do em-si-para-si, corpo/consciência, passado/presente, do sujeito. O projeto é essencial, pois é o meu ser, ou seja, são as escolhas realizadas. O projeto é constantemente constituído nas relações, pois vai definindo-se e redefinindo-se diariamente. O ato de escolher, não significa um escolher individual, pois quando se realiza as escolhas referentes ao projeto, não se escolhe só individualmente, escolhe-se também para o outro, assim, “a escolha de cada sujeito implica em uma escolha para todos os homens, pois ao realizarmos o homem que queremos ser, estamos abrindo uma possibilidade humana” (SCHNEIDER, 2011, p.95).

No que tange a compreensão sobre a centralidade do trabalho na vida de Eddy, essa está ligada a três fatores: a cultura dos pais (italianos e sírios), as comemorações com a aquisição dos bens materiais para família e a separação dos seus pais. Em sua infância após a separação o menino presenciou o sofrimento da mãe por não conseguir emprego, e das dificuldades passadas para pagar as contas.

Esses acontecimentos, e o tecimento familiar, fizeram com que Eddy colocasse o trabalho como central em sua vida, pois é por meio desse, que ele conseguiu e consegue todos os seus bens materiais. Em suas falas o trabalho foi uma constante, aparecendo a todo o momento. A centralidade do trabalho em sua trajetória fica evidente, uma vez que, em todos os instantes de perguntas realizadas ou dinâmicas Eddy trazia sempre como exemplo o seu trabalho, ou seja, quando era necessário falar do passado, o sujeito relatava sobre os labores desenvolvidos em sua trajetória, no que concerne o presente, o mesmo aconteceu e em relação ao seu futuro, o trabalho é destaque.

Essa centralidade do trabalho está também diretamente ligada à dinâmica temporal, pois o passado implica constantemente no futuro, ou seja, o desejo de Eddy em não mais passar necessidade, fez com que ele atribuísse esse valor ao trabalho. Sendo assim, como afirma Schneider (2011) não é o passado que movimenta o presente e sim o futuro que move a história. O desejo de E.M de não passar mais por certas situações o moveu a buscar trabalhos que lhe proporcionassem ganhos financeiros. O futuro, ou o desejo de algo, remete ao passado, para que ocorra a verificação de como era, o que está modificado e o que permaneceu, uma vez que, o projeto é formado ao longo da trajetória.



Eddy busca no trabalho a realização do seu ser, e é também no trabalho que ocorre a constituição da sua personalidade, não só pelo trabalho, mas por todas as mediações que vão efetuando-se ao longo da história. Contudo, destaca-se que não existe homem sem projeto, pois mesmo não tendo um projeto, ainda é um projeto. E esse é consolidado pelo seu desejo de ser, é esse desejo que move, que lança o homem para o mundo, para o campo de possíveis. O projeto só é concretizado pelo desejo de ser, sendo esse o combustível, como o projeto, o desejo de ser, não é a priori, esse é constituindo no dia a dia, por meios das escolhas, ações (SCHNEIDER, 2011). Eddy lançou-se ao campo de possíveis, buscou por trabalhos que lhe proporcionassem uma renda financeira significativa. E nesses diferentes empregos ele teve diversas experiências. E dessas experiências singulares e coletivas o sujeito se constituiu. Construimos nossa identidade na medida em que nos relacionamos com os outros, com as coisas, com o tempo, a partir das relações. Assim, o homem constrói-se historicamente, movimentando-se no mundo, realizando suas histórias no plano individual e coletivo, e sendo produto e produtor de sua vida e sua trajetória (MAHEIRIE, 1994).

A trajetória socioprofissional de Eddy nos possibilita discutir as contribuições do conceito de projeto de ser desenvolvido por Sartre fornecendo um olhar e instrumentos que auxiliem a compreensão dos modos de ser dos sujeitos e possibilitando uma atuação na direção de sua emancipação e qualidade de vida.

Palavras-chave: Trajetória Socioprofissional. Projeto de Ser. Análise Existencial. Teoria sartreana.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 11 ed. São Paulo: Papirus, 2014.

MAHEIRIE, Kátia. **Agenor no mundo: um estudo psicossocial da identidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1994.

PRETTO, Zuleica et al. **Psicoterapia existencialista: princípios metodológicos**. 1. ed. Curitiba: Juruá Editora, 2022.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: ensaios de ontologia fenomenológica**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da razão dialética**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. **Critique de la raison dialectique (précédé de Question de méthode)**. Paris: Gallimard, 1960.

SCHNEIDER, Daniela, R. **Sartre e a psicologia clínica**. 1. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.



ALTERIDADE E GENEROSIDADE NAS OBRAS DE SARTRE: PERPASSANDO PELA LIBERDADE DO OUTRO E A NOSSA RESPONSABILIDADE COM OS DEMAIS

Davi Dias Moreira Júnior, (IFILO) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-Minas Gerais, Brasil);

Fábio Coelho da Silva, (IFILO) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-Minas Gerais, Brasil).

contato: davidiasmjr@ufu.br

Este trabalho propõe uma análise dos conceitos de alteridade nas obras de Jean-Paul Sartre. O objetivo principal é investigar como o filósofo francês aborda e fundamenta a ideia de alteridade a partir da relação com as noções de liberdade e de responsabilidade. Em primeiro lugar, examinamos que a perspectiva sartreana, existencialista com ênfase sobre a liberdade, tem influências de uma ontologia fenomenológica e vislumbra uma reflexão moral.

Sartre defende que a liberdade está intrinsicamente ligada ao modo humano de estar no mundo, ou melhor, à própria estruturação da consciência, e que, portanto, não é possível alcançá-la como se fosse uma meta ou, até mesmo, como se estivesse ao alcance das mãos. A base teórica fenomenológica do autor parte de Husserl, com a ideia do mundo ser constituído pela interação da subjetividade de todos, e assim, haveria uma “intersubjetividade” que aprofundaremos utilizando a realidade do escritor com seu público.

A autora Deise Quintiliano Pereira expressa essa influência muito bem em seu artigo “Sartre fenomenólogo”, tendo em vista a seguinte passagem:

Ainda como Husserl, Sartre propõe um retorno ao *eidós*, isto é, ao estudo das coisas nelas e por elas mesmas, na sua manifestação concreta, tais quais se apresentam no mundo, suprimindo todos os conceitos estabelecidos “a priori” sobre as coisas. Nessa perspectiva, a introdução do “outro” é condição indispensável para a constituição do mundo e para escapar ao solipsismo, uma vez que não há nada mais real e concreto do que a existência do outro. Para Sartre, cada homem existe no mundo com os outros homens. (Pereira, 2008, p. 278).

O conceito de “intersubjetividade”, a ideia de que a realização e existência de um indivíduo está intimamente ligada com os outros seres humanos, é percebida na obra “O Ser e o Nada” de Sartre, e em “Fenomenologia do Espírito” de Hegel, outra influência fenomenológica do autor.



Georg Wilhelm Friedrich Hegel, utilizando do exemplo do senhor e do servo, demonstra uma dialética do reconhecimento, um empenho existencial e enfrentamento de duas consciências em que: o senhor é reconhecido, mas não reconhece aquele que o legitima. Assim, o senhor é para si, enquanto o servo é visto como um ser para o outro, uma coisa. Este ser desprovido de essência atua como elo entre o senhor e o objeto de seu desejo (a satisfação de ser reconhecido como tal)⁷. Uma consciência livre (senhor) vê a outra (servo) não como igual, mas a interpreta como objeto.

Após esta breve exposição da base teórica do autor, abordaremos como esta pesquisa pretendeu estabelecer, a partir dos livros “O Ser e o Nada”, “Que é a Literatura?” e demais obras, uma relação entre a concepção sartreana de alteridade e o posicionamento político do escritor em relação à condição daquele que escreve em um mundo de consciências frente a outras consciências. Isto é, analisar como o homem, em específico o que escolhe ser escritor, situado concretamente no mundo, em sua historicidade, é levado a exercer sua liberdade de maneira engajada e generosa em relação ao Outro (no caso, o público leitor).

A obra sartreana é perpassada pelo momento histórico do século XX, na qual foram trabalhados os conceitos de liberdade e alteridade, especialmente no ensaio de ontologia fenomenológica (O Ser e o Nada), de 1943. Com o fim da II Guerra Mundial, Sartre propôs articular os temas de sua perspectiva filosófica a partir de seu horizonte histórico, atribuindo maior ênfase à história⁸.

Ao debruçarmo-nos sobre a alteridade, foi perceptível que qualquer conhecimento sobre a subjetividade alheia, o Outro em si, são impossíveis de se analisar de forma ontológica. Isto porque, segundo o autor, na herança cartesiana o *cogito* reconhece as demais consciências como pura negação externa do eu (*ego*). Assim, qualquer apreensão da alteridade em si seria infrutífera, mas ainda se faz possível investigar o tipo de relação que há com ela.

Se há uma apreensão do Outro na medida em que experimentamos os limites de nosso ser, esta relação se configura como algo situacional. Relação que pode ser assim vista como uma conexão fundamental de consciências que, se definem em relação concreta ao mundo e de forma intersubjetiva, sendo “por princípio, aquele que me olha” (Sartre, 2015, p. 332).

⁷ Para maior elucidação visitar o artigo “A Dialética do Senhor e do Escravo e sua Repercussão no Marxismo e na Psicanálise Lacaniana” escrito por Marcio Gimenes de Paula, de 2019.

⁸ Sobre esse tema da ênfase sobre a história, cf. Mendonça, 2006.



A questão do olhar em “O Ser e o Nada” e nos demais livros do autor demonstra um problema filosófico concreto, que expressa uma preocupação com o tempo histórico da obra e a limitação, de origem externa, da própria liberdade do ser. Essa conexão histórica é expressa por Cristina Diniz Mendonça em seu artigo “A dessublimação emancipadora de Sartre”:

É durante a Guerra e a Ocupação que a experiência da opressão do olhar do Outro – esse olhar que nos devassa e torna a existência absurda e insuportável (“o inferno são os Outros”) – transforma-se em problema filosófico para Sartre. Nas palavras do próprio autor, referindo-se a *Huis Clos*: “eu não esquecia o sentimento que tivera no campo de prisioneiros ao viver constantemente, totalmente, sob o olhar dos outros, e o inferno que daí decorre” (SARTRE, 1968, pp. 33-34). Esse “sentimento” foi alçado à condição de forma filosófica em SN, onde se lê: “Constantemente, onde quer que eu esteja, alguém me olha” (SARTRE, 1943a, p. 329). (Mendonça, 2006, p. 108)

O Outro percebido como fuga e ausência de mim mesmo no mundo, algo que observo externamente mas que não é somente objeto, faz com que possamos analisar essa relação através da eterna possibilidade de ser visto pelo outro. O olhar aqui define os limites da liberdade, não estamos em solipsismo, somos vistos como seres-sujeitos.

A importância do olhar, que pode tanto reforçar quanto rechaçar uma atitude, é vista na peça sartreana “Entre quatro paredes”. Um só olhar tem a imponência e expressividade de uma multidão inteira, e é motivo suficiente para que o inferno sartreano seja tão eficaz, conhecido pela máxima “O inferno são os outros”⁹. Ser visto através do olhar dos demais, acarreta uma constante fixidez e vulnerabilidade do ser observado, trazido ao tempo presente e às suas próprias ações.

Na ontologia sartreana, é inescapável a condição de dependência das circunstâncias e liberdades alheias, ser um humano frente aos demais. Isso atribuído à realidade do escritor pode ser visto como um propósito político, o uso responsável de sua liberdade criativa. Em “Que é a Literatura?” Sartre pretende definir o que significa escrever, a razão por que se escreve e para quem; reflexões essas que permitem caracterizar o que é literatura e, mais especificamente, o que seria a literatura engajada (com responsabilidade).

Nomeando a conduta de um indivíduo, nós a revelamos a ele; ele se vê. E como ao mesmo tempo a nomeamos para todos os outros, no momento em que ele se vê, sabe que está sendo visto; seu gesto furtivo, que dele passava despercebido, passa a existir enormemente, a existir para todos [...] (Sartre, 2004, p. 20).

⁹ Essa notável afirmação sartreana está presente na peça de teatro “Entre quatro paredes”, de 1944



A passagem acima exemplifica a importância de usar a linguagem para agir no mundo desvelando algo, já que uma coisa após ser nomeada já não é mais inteiramente a mesma; ela perde sua inocência. Assim, o propósito do escritor é o desvelamento da realidade com o intuito de que seus leitores assumam integralmente a responsabilidade por suas vidas. Ao revelar que as atitudes, pensamentos e demais sentimentos estão sendo observados, não há a possibilidade de se considerar isento de responsabilidade por ser inocente diante do mundo.

Com isso, escrever é um ato criativo e expressivo, perpassado por uma série de escolhas e decisões por parte do escritor, que assume uma ação, inevitavelmente, política. Para Sartre, a operação de escrever implica a de ler, em uma relação dialética entre dois agentes distintos. Tal relação escritor-leitor é marcada pelo apelo à liberdade alheia, se faz literatura através e pelo outro. E ao lidar com outra liberdade é preciso responsabilidade.

Ainda em “Que é a Literatura?”, o autor define uma literatura com responsabilidade e a leitura como um exercício de generosidade. Já que é demandada ao leitor a doação de toda a sua pessoa, com suas paixões, suas simpatias, sua escala de valores. A generosidade faz com que seja possível a transformação de nossa sensibilidade pela literatura.

Os escritores escrevem para um público, mesmo que esse seja apenas imaginado. E com isso, é acarretada a responsabilidade de se expressar autenticamente, transmitindo suas ideias de forma clara e honesta, ao saber que o falar é agir, é uma ação política. Assim como o não agir também se configura como escolha, uma ação.

Com isso em mente, aquele que escreve tem responsabilidade sobre aquilo que deixa de falar, denunciar e mostrar a seus leitores. Por isso, Sartre defende uma literatura engajada que seja histórica ao expressar a realidade do escritor, que seja meio para a libertar o homem do próprio homem. Literatura essa que é norteadas pelas lutas sociais, visando combater as injustiças ao expressar um viés político-social, para que toda a potencialidade humana seja realizada quando cada ser humano exerça sua liberdade de modo concreto.

É importante ressaltar que, a literatura engajada não é necessariamente partidária ou panfletária, visto que o próprio autor tecia críticas ao partido comunista francês (*Parti Communiste Français*). A literatura engajada não pode ser focada no lucro (literatura caça-níqueis), e muito menos isenta de responsabilidade, coercitiva e autoritária ao se fechar somente para o autor e suas ideias. Sartre defende que o engajamento se dá ao quebrarmos a ilusão humanista da natureza humana, demonstrando os horrores que permeiam a época do escritor, tendo como foco a conscientização dos leitores e de quem lhes escreve ao instigar a



liberdade de ambos, assim como seus ânimos para a mudança social de seu tempo. Em suma, não é preciso que o escritor seja exclusivamente um realista, mas que ele transmita em suas obras reflexões sobre a condição humana, que seja concreto, situado historicamente e não ceda ao silêncio em relação aos problemas de sua época. É preciso ser responsável com aqueles que depositam seu ser, de forma generosa, na leitura de suas obras.

Palavras-chave: Sartre. Liberdade. Alteridade. Engajamento. Responsabilidade.

Referências

- GIMENES DE PAULA, Márcio. A dialética do senhor e do escravo e sua repercussão no marxismo e na psicanálise lacaniana. **Psicanálise & Barroco em Revista**, [S. l.], v. 8, n. 1, 2019. DOI: 10.9789/1679-9887.2010.v8i1.%p. Disponível em: <https://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/8778>. Acesso em: 03 set. 2024.
- MENDONÇA, Cristina Diniz. A dessublimação emancipadora de Sartre. **DoisPontos**, [S. l.], out. 2006. ISSN 2179-7412. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/view/6505/4688>. Acesso em: 09 set. 2024.
- PEREIRA, Deise Quintiliano. Sartre fenomenólogo. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 277–288, 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/10744>. Acesso em: 12 ago. 2024.
- SARTRE, Jean-Paul. **Entre quatro paredes**. 2. ed. Tradução de Alcione Araújo e Pedro Hussak. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- SARTRE, Jean-Paul. **La responsabilité de l'écrivain**. Vendôme: Editora Verdier, 1998.
- SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução de Paulo Perdigão. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.



“ENTRE QUATRO PAREDES” VIRTUAL: AS RELAÇÕES NO TWITTER¹⁰ EM ARTICULAÇÃO COM O PENSAMENTO DE SARTRE

Giulia Radicetti Riedlinger Abbate (IFEN, Rio de Janeiro - RJ, Brasil); Rodolfo Rodrigues de Souza (UERJ, Rio de Janeiro - RJ, Brasil); Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ, Rio de Janeiro - RJ, Brasil).

contato: giuliaradicettipsi@gmail.com

1. Introdução

Com a popularização da internet nos anos 2000, as redes sociais chegaram para facilitar a conexão entre as pessoas e o acesso à informação. Hoje, elas são o centro do universo digital e, em meio aos avanços tecnológicos, superaram expectativas ao impactar a maneira como interagimos, consumimos e compreendemos a nós mesmos. O Twitter, por exemplo, é uma rede que, em seus primórdios, ficou conhecida como um diário virtual. A autoexposição incitada pela plataforma, porém, teve consideráveis consequências, especialmente no que diz respeito às relações interpessoais.

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a seguinte questão: “o que move uma subjetividade a se objetivar?” (Santos e Cypriano, 2014, p. 693). Para isso, exploraremos o Twitter em si para relacioná-lo à peça “Entre quatro paredes” (Sartre, 1944), recorrendo antes ao regime de informação de Byung-Chul Han (2022) e à extimidade virtual por Carolina Mendes-Campos (2015) e posteriormente à noção sartriana do Outro desenvolvida em “O ser e o nada” (1943).

2. O Twitter

Fundado em 2006, o Twitter sempre teve como principal objetivo “servir ao debate público” (Twitter Inc., 2020, p. 4). Inspirando-se no ditado “um passarinho me contou”, a rede

¹⁰ Este trabalho se baseia em uma pesquisa realizada entre 2021 e 2023. Durante esse período, embora o nome da rede tenha mudado para X após a aquisição por Elon Musk, escolhemos manter a nomenclatura original para fins de clareza e contextualização e também porque “Twitter” permanece como referência popular.



era representada por um pássaro e cada *tweet*¹¹ equivalia a uma publicação. Nele, as pessoas poderiam compartilhar o que quer que estivesse acontecendo no momento.¹²

Dessa maneira, o Twitter revolucionou a forma como as pessoas acessavam informações e se conectavam entre si. Sua notável dinamicidade devido ao limite de 140 caracteres por *tweet* era o grande atrativo da rede, disseminando notícias em tempo real. Isso também fez do Twitter uma espécie de diário virtual, onde as pessoas compartilhavam o que pensavam e sentiam.

Buscando compreender os motivos que levam os usuários a compartilharem informações tão particulares em um espaço público, Dias e Couto (2011) entendem que no “‘o que está’ coloca-se o foco da constituição no ‘outro’ (aquilo que está fora, mas que é constitutivo do sujeito) e não no ‘eu’ (o sujeito em sua essência)” (p. 639). Com o tempo, essa exposição deixou de ser bem recebida, fazendo com que muitos deles desejassem deixar a rede, sem fazê-lo de fato.

A intensificação do comportamento agressivo levou o próprio Twitter a se posicionar publicamente. Em seu *2020 Global Impact Report* (Twitter Inc., 2020), a empresa ressalta a intenção de “promover conversas saudáveis” (p. 4), adotando mudanças para “reduzir o fardo sobre as pessoas usando o Twitter” (p. 7). A principal delas foi o aumento para 280 caracteres por publicação e a criação das *threads* (sequência de *tweets* formando uma espécie de texto contínuo). Tais medidas, no entanto, não pareciam ser suficientes.

Han (2022) considera que “argumentos e fundamentações não cabem em tuítes” (p. 45-46). Dessa forma, “a informação a ser processada se tornou tão volumosa que ultrapassou a ‘racionalidade limitada’ dos indivíduos” (Han, 2022, p. 63), dando lugar a uma comunicação regida pelas emoções. Estas, por sua vez, são capturadas pela inteligência artificial da plataforma para incitar o consumismo, algo comum na “infocracia” (Han, 2022) na qual estamos inseridos.

3. Regime de informação

O chamado *regime de informação* ou *infocracia* é definido por Han (2022) como “a forma de dominação na qual informações e seu processamento por algoritmos e inteligência

¹¹ “Pio”, em inglês.

¹² O mote da rede era justamente “o que está acontecendo agora?”



artificial determinam decisivamente processos sociais, econômicos e políticos” (p. 7). Na prática, dentro das mídias sociais, o algoritmo analisa nossos dados e hábitos online para nos oferecer conteúdos personalizados, visando apenas aumentar o consumo numa busca desenfreada pelo lucro característica do neoliberalismo. Ela se infiltra no nosso cotidiano de tal maneira que a própria noção de identidade vira também uma mercadoria (Han, 2022).

Tudo isso implica no desvanecimento da esfera pública, uma vez que a inteligência artificial só mostra aquilo que é próximo de mim, excluindo qualquer vestígio de alteridade. O mundo é apenas aquilo que eu quero ver. As redes sociais nada mais são do que “câmaras de eco, nas quais eu escuto sobretudo a mim mesmo falar” (Han, 2022, p. 52).

4. Extimidade virtual

A dissolução dos limites entre o público e o privado também é explorado pela psicóloga Carolina Mendes-Campos ao investigar, com base na filosofia de Sartre, como as relações interpessoais entre casais são influenciadas pelas dinâmicas das redes sociais, em específico o Facebook. Analisando a dinâmica de exposição pública da própria vida íntima que a rede convida a fazer, a autora chega ao termo “extimidade virtual”, entendido como

[...] esse marcante desejo de compartilhar informações, de expor a si mesmo [...], bem como essa nova possibilidade de estabelecer contatos fortes no espaço íntimo da rede. Quando falamos de extimidade virtual estamos, igualmente, apontando para a atual condição de estarmos sós e acompanhados, ao mesmo tempo. Compartilhar a extimidade na internet não é simplesmente estar diante de uma máquina, uma vez que buscamos através dela o olhar do outro virtual (Mendes-Campos, 2015, p. 80).

Em outras palavras, “a extimidade virtual pode ser entendida como uma tentativa de vivenciar tudo aquilo que se almeja nas relações íntimas, sem que os riscos e tensões estejam em cena” (Mendes-Campos, 2015, p. 91). Ao compartilhar informações pessoais online, buscamos o olhar do outro ao mesmo tempo em que queremos nos proteger dele.

5. “Entre Quatro Paredes” Virtual

A peça “Entre quatro paredes” (1944), de Jean-Paul Sartre, retrata um inferno inusual onde três personagens, aprisionados em um salão claustrofóbico, são forçados a confrontar a si mesmos através dos outros. O ponto central é a ideia de que o inferno não é um lugar físico,



mas sim o angustiante fato de que eu só sou porque o outro é. A consciência que tenho de mim passa necessariamente pela existência do outro e vice-versa.

Atentando-nos às características tanto dos personagens quanto do cenário da peça, é possível encontrar semelhanças com os usuários e o espaço virtual oferecido pelo Twitter. São elas: o ambiente anguloso pouco agradável; a ausência de interrupções (pisar é impossível em um, o fluxo de informações é incessante em outro); em ambos, há uma constante observação ou exposição mútua; tanto os personagens quanto os usuários se perguntam o porquê de estarem ali; e, por fim, há a possibilidade de irem embora, mas nunca ou dificilmente o fazem. O que os leva, então, a continuar ali?

6. O Outro em Sartre

Em “O ser e o nada” (1943), Sartre diferencia o ser-Em-si – o mundo em essência, a natureza, os objetos – do ser-Para-si – a consciência sem essência pré-definida, livre para se constituir através de suas próprias escolhas, responsabilizando-se e angustiando-se por suas consequências, já que cada escolha significa renunciar a outras. O ser-Para-si busca, então, ser-Em-si como uma forma de fugir da angústia inerente à sua liberdade de escolher. Ser-Para-outro é a única maneira de encontrar essa forma fixa, uma vez que é pelo olhar do outro que eu me vejo e me percebo como existente, ainda que isso não me agrade. Em um *magnetismo paradoxal*, o “outro nos fornece uma faceta, plena e acabada, que gostaríamos de possuir” ao mesmo tempo em que “nos tornamos escravos limitados em nossa liberdade por essa outra liberdade que nos vê de fora” (Mendes-Campos, 2015, p. 97).

Em outras palavras, eu e o outro somos indissociáveis. Uma subjetividade busca se objetivar porque não há outra opção. Deixo o Twitter para trás querendo me livrar do outro, que no entanto sempre estará presente. A princípio, tal constatação pode parecer mesmo infernal, mas Sartre esclarece em uma entrevista de 1965:

Quando pensamos sobre nós, [...], no fundo usamos os conhecimentos que os outros já tem sobre nós. [...] se minhas relações são ruins, coloco-me em total dependência dos outros. [...] E existe uma quantidade de pessoas no mundo que estão no inferno porque elas dependem demais do julgamento dos outros. Mas isso não quer de modo algum dizer que não possamos ter outras relações com os outros. Isso marca simplesmente a importância capital de todos os outros para cada um de nós (Sartre, 1973, p. 238, tradução livre).



Ao revisitar a frase, Sartre esclarece que as relações humanas não são intrinsecamente negativas, mas sim que a dependência do olhar do outro para pensarmos sobre nós mesmos é que pode nos aprisionar e fazer da vida que conhecemos um inferno. Assim, ainda que o conflito com o outro seja inevitável, determinante é o que escolheremos fazer desse conflito.

7. Considerações finais

O presente trabalho aborda a dinâmica do Twitter, uma rede social que conecta pessoas por meio de diálogos instantâneos, tendo a alteridade como base. Os usuários são instigados à autoexposição por vezes desagradável diante da percepção do outro, levando ao desejo de se afastar da rede, sem efetivamente realizá-lo. Essa ambivalência aponta para a importância do outro na formação da subjetividade e a complexidade das relações interpessoais. Nesse sentido, podemos pensar que o que move uma subjetividade à objetivação é a impossibilidade de ser de outro jeito, uma vez que sujeito e objeto são intrinsecamente relacionados. O Twitter é apenas uma das possibilidades dessa objetivação. Diante disso, que outras relações podemos estabelecer no Twitter, nas demais redes e no ambiente virtual, também já tão inseparável do real?

Palavras-chave: Twitter. Rede social. Sartre. Existencialismo. Intersubjetividade.

Referências

DIAS, C.; COUTO, O. As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias. **Linguagem Em (Dis)curso**, v. 11, n. 3, p. 631–648, 2011.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: digitalização e a crise da democracia**. Petrópolis: Vozes, 2022.

MENDES-CAMPOS, C. **Extimidade virtual na conjugalidade: um estudo sartriano sobre a nova perspectiva da intimidade**. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SANTOS, F.; CYPRIANO, C. Produção de subjetividade em blogs e microblogs. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 3, p. 685–695, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Petrópolis: Vozes, 2015.



SARTRE, Jean-Paul. **Entre quatro paredes**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.

SARTRE, Jean-Paul. **Un théâtre de situations**. Paris: Gallimard, 1973.

TWITTER, INC. Introducing Twitter’s Global Impact Report. **Twitter Blog**, 7 abr. 2021. Disponível em: <https://about.twitter.com/content/dam/about-twitter/en/company/global-impact-2020.pdf>. Acesso em: 04 maio 2024.



“DESVELANDO LA CONTINGENCIA: LA NÁUSEA DE SARTRE Y SU RELACIÓN CON LA NOCIÓN DE CONTINGENCIA”

Angela Hernández, (Universidad Del Atlántico, Puerto Colombia- Atlántico, Colombia).

contacto: aghernandez@mail.uniatlantico.edu.co

La siguiente ponencia tiene como propósito presentar una de las nociones más fundamentales en el pensamiento de Jean-Paul Sartre, especialmente en su primera etapa filosófica: la contingencia. Este concepto está en el centro de su obra temprana, *La Náusea*, y se convierte en un eje clave para la comprensión de su filosofía del absurdo: “Lo contingente refiere al hecho de que la existencia carece de justificación, en otras palabras, no hay una razón “necesaria” para que algo exista o de deje de existir; simplemente, la existencia es un hecho fortuito” (CARDOZO, 2023, p.2)

En su novela, Sartre pone en escena, a través del protagonista Antoine Roquentin, una profunda reflexión sobre la falta de justificación de la existencia y el inevitable encuentro con la náusea, un sentimiento existencial que revela la gratuidad del ser. (SARTRE, 1984, p.163).

El interés de este trabajo es mostrar cómo este sentimiento y la noción de contingencia no son solo episodios narrativos, sino las bases de la crítica sartreana al esencialismo y su propuesta existencialista. Para ello, además de trabajar con la novela *La Nausea*, y algunos apartados del *Ser y la nada*, seguiré los puntos desarrollados en el análisis realizado por Arturo Cardozo, quien en su trabajo “*La Nada y la Contingencia*” examina detalladamente esta evolución de Sartre desde sus primeros escritos hasta “*El Ser y la Nada*”. Empezaremos por analizar la idea de contingencia, seguida del sentimiento de la náusea y finalmente exploraremos la crítica que hace Sartre a la esencia humana y su propuesta de libertad radical.

1. Parte I: La Contingencia y su Rol en la Filosofía Sartreana

La contingencia es la idea de que la existencia es, por naturaleza, un hecho sin fundamento, sin razón necesaria. Para Sartre, esta idea aparece ya en sus primeros trabajos filosóficos, cuando asiste a las clases de León Brunschvicg en 1926 (Cf, COHEN-SOLAL, 1990; CABESTAN & TOMES, 2001; CARDOZO, 2023). Allí, Sartre comienza a explorar lo



que luego se convertirá en el pilar de su pensamiento: que la existencia precede a la esencia: (SARTRE, 1973 p. 3). Esto quiere decir que no hay ninguna justificación previa para que algo exista o deje de existir.

Esta noción de contingencia se desarrolla con más detalle en *La Náusea* (1938), donde el protagonista Roquentin experimenta una serie de eventos que lo llevan a cuestionar no solo su vida, sino la existencia misma. Roquentin se da cuenta de que todo lo que lo rodea, desde los objetos hasta su propia vida, carece de una razón de ser profunda. Hay un pasaje clave en la novela donde describe cómo el simple hecho de sostener una piedra le provoca una náusea. Esa piedra, que en apariencia es solo un objeto inerte, se revela como algo absolutamente gratuito. Su existencia no tiene justificación, no es necesaria. (SARTRE, 1984, p.21).

Sartre profundiza este concepto en su tratado filosófico "El Ser y la Nada" (1943), donde la contingencia aparece como la clave para entender la relación entre el ser humano y el mundo. Según Sartre, la realidad humana se instala en la nada precisamente porque es consciente de que el mundo es contingente, de que no hay ninguna necesidad para que las cosas sean como son. De esta forma, la contingencia revela la falta de un fundamento último para la existencia. (SARTRE, 1993, p.54).

2. Parte II: La Náusea como Experiencia del Absurdo

En *La Náusea*, Sartre utiliza el sentimiento de náusea para simbolizar el choque existencial entre el ser humano y esta verdad contingente. Roquentin no solo descubre que las cosas carecen de sentido, sino que esto le provoca un malestar físico y emocional. La náusea no es simplemente un síntoma de desesperación, sino la manifestación de una toma de conciencia brutal: el ser está de más. (SARTRE, 1984, p.119).

Roquentin se enfrenta, por ejemplo, a la raíz de un árbol. La observa y, por primera vez, la ve tal como es, sin mediaciones conceptuales o categorías previas. Es solo una masa informe, carente de significado. La existencia de la raíz no tiene ningún propósito ni esencia más allá de su simple hecho de estar ahí. Sartre describe este momento como una revelación casi mística: la realidad aparece en su estado más desnudo, sin ninguna de las capas de sentido que normalmente utilizamos para hacer la vida soportable. Es en este encuentro con lo absurdo donde Roquentin siente el verdadero peso de la existencia. (SARTRE, 1984, p.163).



Este sentimiento de lo absurdo, que Sartre desarrolla en *La Náusea*, tiene un claro paralelismo con la noción del absurdo en Albert Camus, especialmente en su obra "El Mito de Sísifo". Para ambos filósofos, el absurdo emerge cuando el ser humano busca un significado en un universo que no lo tiene. Sin embargo, mientras que Camus encuentra en la rebelión una respuesta al absurdo, Sartre lo hace en la libertad.

3. Parte III: Crítica a la Filosofía Esencialista

Uno de los puntos más interesantes de la obra de Sartre es su crítica a la filosofía esencialista, que ha dominado la historia del pensamiento occidental. Esta corriente afirma que la esencia precede a la existencia, lo que significa que todo ser humano posee una naturaleza fija e inmutable que define su propósito en el mundo. Sartre rechaza esta idea de manera radical. (SARTRE, 1973, p.3).

En *La Náusea*, la crítica al esencialismo se desarrolla a través de varios personajes. Un ejemplo claro es el Autodidacta, un personaje obsesionado con el conocimiento abstracto, quien cree que hay una verdad universal detrás de todas las cosas. Sin embargo, su vida es un ejemplo de desconexión con la realidad: no ama a nadie en concreto, sino que dice amar a "la humanidad", una idea abstracta que nunca se materializa en un individuo real. Para Sartre, este tipo de amor es falso, porque no se enfrenta a la contingencia del ser humano real (CARDOZO, 2023, p.14).

El mismo Roquentin sufre esta decepción cuando se da cuenta de que ha vivido una vida en búsqueda de una esencia aventurera que nunca ha existido realmente. Todos sus viajes, experiencias y logros carecen de sentido cuando los confronta con la cruda realidad de que no hay ningún "hombre aventurero" predestinado a vivir una vida gloriosa. Él mismo no es más que el resultado de sus decisiones libres y contingentes (Sartre, 1984, p.21).

4. Parte IV: La Libertad como Respuesta Existencial

La respuesta que Sartre ofrece ante esta falta de sentido es la libertad. Si no hay una esencia que defina al ser humano, entonces cada persona está condenada a ser libre. Esta libertad no es simplemente la posibilidad de hacer lo que uno quiera; es mucho más radical. La libertad sartreana implica que no podemos escapar de la responsabilidad de nuestras elecciones. (SARTRE, 1973, p.49).



Esto queda claro en la forma en que Roquentin, hacia el final de *La Náusea*, decide abandonar todos sus proyectos anteriores, incluyendo la biografía del marqués de Rolleston, y acepta que no hay ningún destino, ningún propósito predeterminado. Lo único que le queda es elegir cómo vivir su vida, a pesar de que esa elección no esté fundada en nada más que en su propia voluntad.

5. Conclusiones

En conclusión, la contingencia en la filosofía de Sartre nos revela que no hay nada detrás de la existencia que la justifique o la haga necesaria. Esta idea es aterradora, pero también liberadora, ya que implica que cada ser humano tiene la capacidad y la responsabilidad de crear su propia esencia a través de sus elecciones. La náusea que experimenta Roquentin no es más que el descubrimiento de esta verdad, una verdad que pone en cuestión todas las categorías tradicionales del pensamiento, desde la esencia humana hasta el propósito de la vida misma. Lo que Sartre nos deja es una filosofía que, lejos de resignarse al sinsentido, lo abraza para reivindicar la libertad humana.

Muchas gracias.

Palavras-chave: Náusea. Existencia. Consciencia. Libertad.

Referências

CARDOZO, A. A. La náusea y la contingencia: Filosofía de lo absurdo en el “primer Sartre”. *Kalagatos*, v. 20, n. 3, p. 01–21, 2023. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9334346>. Acesso em: 12 dez. 2024.

SARTRE, J. P. **El ser y la nada**. Tradução de J. Valmar. Madrid: Alianza Editorial, 1993.

SARTRE, J. P. **La náusea**. Tradução de A. Bernández. Madrid: Alianza Losada, 1984.

SARTRE, J. P. **El existencialismo es un humanismo**. Facultad de Filosofía de San Dámaso, 1973.



O RISCO DO APAGAMENTO DO PROJETO ANTIPSIQUIÁTRICO NA HISTÓRIA: UMA LEITURA A PARTIR DA DIALÉTICA DE GRUPOS EM SARTRE

Beatriz Dutra Rosa (Grupo de Estudos em Fenomenologia e Existencialismo, Departamento de Psicologia, Residência Técnica de Gestão em Saúde Pública, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Sylvia Mara Pires de Freitas (Departamento de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Grupo de Estudos em Fenomenologia e Existencialismo, Laboratório Interinstitucional em Estudos e Pesquisa em Psicologia, Fenomenologia e Existencialismo, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil).

contato: biadutrar@gmail.com

A Política Nacional de Saúde Mental no Brasil tem como seu marco legislativo a Lei 10.216, de abril de 2001 (Brasil, 2001), que trata da proteção e dos direitos das pessoas com transtornos mentais, bem como redireciona o modelo assistencial em saúde mental do país. A promulgação dessa lei representa um marco na garantia de direitos, bem como uma conquista política impulsionada por grupos de profissionais, usuários (do, até então, recém estruturado) Sistema Único de Saúde e familiares de pessoas com transtornos mentais, que se engajaram em uma luta comum pela conquista desses direitos. Tem-se como gênese do movimento de Reforma Psiquiátrica Brasileira (RPB) o 1º Congresso Nacional de Trabalhadores da Saúde Mental, que ocorreu em 18 de maio de 1985, décadas antes da promulgação da lei.

A legitimidade conferida pelas legislações e pelas portarias subsequentes ao longo desses 23 anos da Lei 10.216 contribuíram para o desenvolvimento do modelo assistencial estabelecido hoje. O objetivo central deste modelo é o redirecionamento do cuidado de pessoas com transtornos mentais para uma rede de cuidados que promovam autonomia e vínculos comunitários, ao invés de amontoar esses indivíduos em instituições hospitalares. O modelo substitutivo foi oficializado em 2011 pela Portaria n.º 3.088, sendo representado pela Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) constituída pelos Centros de Atenção Psicossociais (CAPS), Unidades Básicas de Saúde (UBS), Serviços Residenciais Terapêuticos (SRTs), leitos de saúde mental em hospitais gerais (usados para estabilização de momentos de crise), entre outros pontos de atenção em saúde (Brasil, 2011).



Escrever sobre saúde mental no ano de 2024 parte de uma perspectiva histórica na qual a RAPS já está consolidada, em funcionamento, e inúmeros profissionais já contribuíram para escrever e reescrever essa história. Nesse sentido, esse trabalho tem como propósito refletir sobre como movimentos diacrônicos de grupos tendem a desviar projetos precursores de grupos sincrônicos na história – no caso, o projeto originado pela Reforma Psiquiátrica Brasileira (RPB). Para tanto, nos balizaremos nos respectivos conceitos de Sartre (totalização sincrônica e diacrônica) expostos na *Crítica da Razão Dialética*, Tomo I - Teoria dos Conjuntos Práticos (2002) e II - A Inteligibilidade da História (1985), por uma perspectiva dialética e histórica.

Segundo Sartre (1985), o grupo sincrônico pode ser definido como a unificação de multiplicidades simultâneas em vista de um objetivo comum que estabelece o campo contingente para as gerações futuras, enquanto o grupo diacrônico surge inserido nas contingências construídas pelos grupos anteriores e se relaciona com a contingência ao modo de um distanciamento temporal e contextual. Partimos da compreensão de que o processo histórico é constituído de múltiplas singularidades que se totalizam historicamente situados em determinado contexto. A história, ao mesmo passo que é feita por cada um, também nos determina uma vez que delimita os horizontes das nossas possibilidades. Para tanto, segundo Sartre (2002),

convém renunciar à ideia de que a humanidade se historializa no decorrer da mesma temporalização começada com “os primeiros homens” e que terminará com “os últimos”: a experiência dialética prova que, ainda aqui, na ausência de hiperorganismo temporal, conferimos à totalização diacrônica a figura de uma livre temporalização individual (p. 742).

Ou seja, o que Sartre alerta é que não nos cabe olhar para a história como um processo linear, na qual a humanidade caminha em via ascendente e unidirecional. Pensando no escopo de nosso trabalho, da mesma maneira, não podemos assumir que a RPB e as leis vigentes oferecem uma garantia vitalícia de que o modelo manicomial e hospitalocêntrico foi superado em nosso país, tampouco que todas as condutas profissionais em saúde, ou seja, *práxis* individuais nesse campo de trabalho estão em consonância com os pressupostos éticos da reforma. Reconhecemos, portanto, as contradições presentes no processo histórico. Segundo Sartre (2002, p. 742), “o grupo é a negação da impotência, seu sucesso é condicionado pela



relação de forças que se enfrentam. [...] o objeto produzido [pelo grupo] é, por si só, pluridimensional e nada garante que essas diferentes significações não serão contraditórias”.

Os impulsionadores da reforma psiquiátrica brasileira, pela impotência individual diante das violações de direitos que ocorriam nos Hospitais Psiquiátricos, a baixa eficácia no tratamento e a objetificação da pessoa com transtornos mentais graves, mobilizaram-se formando um grupo de luta (em fusão) contra essa condição desumanizante. Na época, a psiquiatria tradicional concebia cada indivíduo apenas pelo prisma de sua patologia e, conforme Basaglia (2010, p. 62), “os diagnósticos psiquiátricos adquiriram um valor de categoria no sentido que correspondem a um etiquetamento, além do qual não existe mais possibilidade ou saída”. Ainda que estejamos falando do movimento brasileiro, este foi um dos ecos de outro movimento internacional – o movimento antipsiquiátrico que visou contestar o olhar desumanizador da psiquiatria tradicional.

Esses dois grupos estão completamente entrelaçados, mas por questões didáticas vamos diferenciá-los¹³ enquanto o movimento nacional para reconstrução do modelo brasileiro (a RPB) e o movimento que estrutura pressupostos éticos, epistemológicos e teóricos de uma nova conduta em saúde mental: o movimento antipsiquiátrico. Segundo Spohr e Schneider (2009, p. 117), “a filosofia existencialista de Sartre, que, em conjunto com a fenomenologia, forneceram bases epistemológicas à reformulação teórica e metodológica do modelo psiquiátrico, com claros impactos no movimento antipsiquiátrico”.

Enquanto uma reformulação teórica e, principalmente, **ética** do contato com o paciente de saúde mental, os valores da antipsiquiatria atravessam o processo histórico e são até hoje reafirmados nas *práxis* individuais dos profissionais da ponta e da gestão, ainda que o quesito temporal distancie o grupo sincrônico – os impulsionadores da reforma – dos grupos que os sucederam (diacrônicos), a identificação ética pode iluminar as totalizações singulares com certa afinidade. Ou seja, as ações na saúde mental são orientadas por valores éticos individuais que transcendem qualquer legislação, ainda que a lei pareça soberana. A célebre frase de Basaglia (2010) nos ajuda a traçar a diferença entre a visão da psiquiatria tradicional, e da antipsiquiatria, bem como reiterar as influências da fenomenologia:

¹³ Trata-se de uma distinção didática. Ao nos referirmos ao grupo da RPB nos referenciamos ao grupo em fusão; no entanto, não pretendemos reduzir o movimento de RPB apenas à reorientação do modelo assistencial.



se quisermos enfrentar cientificamente o problema do doente mental será preciso, em primeiro lugar, pôr ‘entre parênteses’ a doença e o modo pelo qual ela foi classificada para considerar o doente no desdobramento em modalidades humanas que – justamente enquanto tais – nos pareçam abordáveis (p. 36, grifo nosso).

Portanto, ao falar da RPB estamos diante de um grupo sincrônico que tinham um envolvimento biográfico, pessoal ou profissional com o cuidado de pessoas com transtornos mentais graves. Orientados por valores éticos, engajaram-se em um projeto comum para transformar a realidade herdada das gerações anteriores. Como nos revela Sartre (2002): o “passado superado, faz parte necessariamente de nossa *práxis* presente como sua profundidade diacrônica” (p. 173). É necessário pontuar que outros grupos contemporâneos à RPB não compartilhavam dos mesmos pressupostos e antagonizavam a mudança para o modelo psicossocial. Apesar dos avanços conquistados por seus antecessores, esses grupos continuam presentes no cenário brasileiro, seja por estarem ancorados em práticas tradicionais e desconsiderarem a dimensão ética da saúde mental, seja por se beneficiarem de alguma forma do modelo hospitalocêntrico.

À vista disto, assim como a geração da RPB superou o horizonte histórico anterior, totalizando um novo contexto, hoje o campo da SM brasileira já se constitui diacronicamente ao grupo que estabeleceu o modelo de atenção à saúde vigente. Isso significa que profissionais que compõem grupos diacrônicos são suscetíveis a reinteriorizações próprias dessa política pública, tanto na assistência quanto na gestão, podendo, por meio de sua *práxis*, reafirmar uma conduta ética antipsiquiátrica e humanizada de modo a fortalecer e ampliar as conquistas da RPB ou sucumbir novamente à psiquiatria tradicional, e reatar com a lógica manicomial e hospitalocêntrica. Afinal, nos diz Sartre (2002), que

A temporalização viva [...] que o produziu se transforma, pela *práxis* superante dos recém-vindos, em determinação inerte e passada da temporalidade (como processo forjado e unidade diacrônica). Produzidos pela *práxis* dos pais, os filhos reinteriorizam tal *práxis*, **distorcem-na, superam-na** e a tomam outra por seus novos resultados: **roubaram-na**. E nada prova que os grupos vencidos, na própria mudança operada em razão de sua derrota, não produzirão filhos que hão de se beneficiar dela para **aniquilar os vencedores** (p. 743, grifos nossos).

Esse cenário fica ainda mais tensionado com o subfinanciamento crônico da RAPS que cerceia suas possibilidades, já que impacta, de acordo com Nunes *et al.* (2019, p. 4492-4493), “tanto na refração da expansão da rede como na deterioração de serviços já existentes, o que compromete a eficiência da própria reforma, que passa a receber críticas contundentes de



setores contrários”. Essa escassez no campo das políticas públicas relaciona-se, principalmente, com grupos soberanos reacionários que atuam no cenário político contemporâneo. Produções como as de Chiabotto *et al.* (2022) e Nunes *et al.* (2019) já nomeiam a existência de uma contrarreforma psiquiátrica, que antagoniza as conquistas da RPB e fragiliza, cada vez mais, a rede assistencial instituída.

Diante do exposto, compreende-se que as conquistas de políticas públicas, ainda que tenham sido construídas a partir da *práxis* de um grupo sincrônico específico, escapam a esses precursores na medida em que são concretizadas em curso por grupos diacrônicos. Estes as ressignificam e sugerem designar outros caminhos para o cuidado da saúde mental dos brasileiros, aventando um horizonte que pode resultar gradativamente em um apagamento da ideia original do projeto antipsiquiátrico.

Palavras-chave: Reforma Psiquiátrica Brasileira. Existencialismo. Antipsiquiatria. Saúde Pública.

Referências

BASAGLIA, F. **Escritos Selecionados de Saúde Mental e Reforma Psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

BRASIL. Lei n.º 10.216, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 9 abr. 2001. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110216.htm. Acesso em: 12 dez. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n.º 3.088, de 23 de dezembro de 2011. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 2011. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.htm. Acesso em: 12 dez. 2024.



CHIABOTTO, C. C.; NUNES, I. S.; AGUIAR, K. S. P. Contrarreforma psiquiátrica e seus reflexos no cuidado ao usuário e à família. **Revista em Pauta**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 49, p. 81–94, 2022.

NUNES, M. O.; LIMA JÚNIOR, J. M.; PORTUGAL, C. M.; TORRENTÉ, M. Reforma e contrarreforma psiquiátrica: análise de uma crise sociopolítica e sanitária a nível nacional e regional. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 12, 2019.

SARTRE, J-P. **Critique de la raison dialectique. Tome II (inachevé). L'intelligibilité de l'Histoire**. Paris: Gallimard, 1985.

SARTRE, J-P. **Crítica da razão dialética**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

SPOHR, B.; SCHNEIDER, D. R. Bases epistemológicas da antipsiquiatria: a influência do Existencialismo de Sartre. **Revista Abordagem Gestalt**, v. 15, n. 2, p. 115–125, 2009.

EIXO IV

O PENSAMENTO SARTRIANO E AS SITUAÇÕES CONTEMPORÂNEAS - QUESTÕES METODOLÓGICAS





A CORRELAÇÃO NECESSÁRIA E IRREDUTÍVEL ENTRE A “VIDA REAL” E A “VIDA IMAGINÁRIA” NA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA DE SARTRE

Gabriel Gurae Guedes Paes (Professor temporário na UECE, doutor em Filosofia pela UFSCar com período sanduíche pela Paris I Panthéon-Sorbonne)

contato: ggurae@yahoo.com.br

A impossibilidade de abarcar a totalidade do mundo que só pode ser dado de uma perspectiva finita em relação à qual as coisas transbordam (*déborden*), anuncia também o inacabamento do sujeito que a todo o momento é “chamado” a colocar as coisas de outra perspectiva. Há inconstância e indeterminação em um mundo de faces imprevisíveis e constantemente por se revelarem. É por isso que Sartre diz em *O imaginário* (1940) que as coisas são exigentes. A impossibilidade de prevermos totalmente como o mundo será dado, quando a realidade chega para quebrar nossas expectativas imaginárias, exige a mudança de estratégias práticas ou mesmo o abandono do que planejamos. O mundo dado à percepção, contingente e sempre nos exigindo atitudes a tomar, pode levar alguns indivíduos a viverem o que Sartre denomina “vida imaginária”. Podemos pensar em classificar os indivíduos em duas categorias, segundo a preferência que demonstram em levar uma “vida imaginária” ou uma “vida real” (SARTRE, 1996, p.193-194). Há uma tensão entre essas duas formas de conduta que entram em conflito mesmo em um único indivíduo: se, por um lado, não nos satisfazemos com a simples projeção em imagem de nossos desejos e queremos viver a riqueza da imprevisibilidade da realidade percebida com sua “vasta aura de possibilidades” em encontros reais, por outro, esta mesma riqueza de possibilidades, pode frear a ação pelo medo do que é imprevisto e pela “dificuldade” de agir em situação que demandam ações que não foram planejadas. No segundo caso, preferimos viver a “vida imaginária”, mesmo com a pobreza essencial dessa vida que não é mais do que o correlato daquilo que constituímos.

Há uma irredutibilidade entre a “vida imaginária” e a “vida real” que não podem coabitar em um mesmo plano. No entanto, na conclusão de *O imaginário*, compreendemos que a imagem só é possível a partir do ponto de vista das situações que Sartre expressa como “os diferentes modos imediatos de apreensão do real como mundo” (SARTRE, 1996, p. 242). Nesse sentido, “uma imagem não é *o mundo negado*, pura e simplesmente, ela é *o mundo*



negado de um certo ponto de vista, exatamente aquele que permite colocar a ausência ou a inexistência de um determinado objeto” (SARTRE, 1996, p. 240). A imagem coloca como presente o ausente, mas, ao mesmo tempo, nos faz compreender a própria situação real. Assim, por exemplo, colocar em imagem o amigo ausente como presença irreal é, ao mesmo tempo, posicionar o próprio mundo real como ausência do amigo. Neste processo, uma ausência no mundo que não era posicionada, torna-se explícita quando imaginamos o que falta. É por isso que “o imaginário representa a cada instante o sentido implícito do real” (SARTRE, 1996, p. 244). O amigo imaginado é irreal, não ocupa o espaço do mundo, mas nos faz compreender o próprio mundo em que a imagem não pode ocupar.

Deste modo, já que a imagem é necessariamente relação com a realidade, não seria contraditório dizer que a “vida imaginária” se constitui fora do real? Argumentamos que não há contradição se assumirmos que a “vida imaginária”, apesar de irreduzível à “vida real”, se faz sempre em relação com um fundo real de situações concretas. Como consequência dessa posição, podemos compreender que há entre a “vida imaginária” e “vida real” uma multiplicidade de nuances e composições possíveis, variando de acordo com as situações concretas vividas por cada sujeito singular.

As relações entre realidade e imaginação se dão de múltiplas e distintas maneiras, seja na esquizofrenia, na criação artística ou na lembrança e antecipação de acontecimentos quando produzimos imagens mentais em nosso dia-a-dia. Há diferentes nuances de relação entre a “vida “imaginária” e a “vida real”, esses dois âmbitos irreduzíveis um ao outro. Há a “vida imaginária” do nostálgico amoroso que busca incessantemente viver em imagem um passado que não se relaciona mais com as demandas concretas da realidade presente, onde a imaginação é insuficiente para preencher o vazio de alguém ausente. Neste caso, o objeto imaginado não nos dá nada, é apenas o reflexo de nosso próprio desejo. Por outro lado, a imaginação artística é comunicação com pessoas reais, uma atividade que demanda ações reais e que, ao compartilhar em imaginação o reflexo dos próprios desejos impreenchíveis, pode fazer o público explicitar as mesmas faltas e ausências do mundo compreendido pelo artista. Assim, a “vida imaginaria” do artista que “pode pôr-se como fora do mundo se visar objetos inexistentes” (LEOPOLDO E SILVA, 2004, p. 104) pode tornar-se “a única possibilidade de atribuir um sentido a si mesmo e à realidade” a única possibilidade de “ser constituído pelo outro e assim estar ligado à sociedade e ancorado no mundo” (NOUDEL MANN, 2013, p. 275).



Com isso, reforçamos que são múltiplas e distintas as relações entre a “vida “imaginária” e a “vida real” em cada situação concreta vivida por cada sujeito singular. Tal ambiguidade de “mundos irreduzíveis” que se correlacionam necessariamente expressa a ambiguidade da própria consciência imaginante que só pode se dar em situações concretas, que cria seu objeto fora do mundo desvendando um sentido implícito no mundo e que constitui o objeto irreal através de um *anagon* real.

Palavras-chave: Sartre, fenomenologia, imaginário, afetividade, desejo.

Referências

- CABESTAN, Philippe. **Qui suis-je ? Sartre et la question du sujet**. Paris: Hermann, 2015.
- HOSTE, Vinícios X. A arte em Sartre: uma instável relação entre real e imaginário. **Kínesis**, v. 10, n. 22, p. 267–280, jul. 2018.
- LEOPOLDO e SILVA, Franklin. **Ética e literatura em Sartre: ensaios introdutórios**. São Paulo: UNESP, 2004.
- NOUDELMANN, François; PHILIPPE, Gilles. (Org.). **Dictionnaire Sartre**. Paris: Honoré Champion.
- SARTRE, Jean-Paul. **A náusea**. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- SARTRE, Jean-Paul. **O imaginário: psicologia fenomenológica da imaginação**. Tradução de Duda Machado. São Paulo: Ática, 1996.
- _____. **L’imaginaire**. Paris: Gallimard, 2005.
- SOUZA, Thana Mara de. **Sartre e a literatura engajada: espelho crítico e a consciência infeliz**. São Paulo: EDUSP, 2008.



A RADICALIZAÇÃO DO MÉTODO REFLEXIVO

Tássia Vianna de Carvalho (Mestra e Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ – Brasil, com bolsa de pesquisa pela CAPES); orientada pelo Prof. Dr. Paulo Mendes Taddei (Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia Universidade Federal do Rio de Janeiro, Professor Adjunto do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, RJ - Brasil).

contato: tassiasete@gmail.com

Em *A Transcendência do Ego*, Sartre levanta sua tese de que a consciência irrefletida, a modalidade primária da consciência, seria radicalmente impessoal: não haveria um Eu atuante como polo de unificação necessário para os nossos vividos; a consciência já seria ela própria auto-unificante, de modo que a multiplicidade de aparições de um mesmo objeto se unificaria internamente pelo próprio fluxo temporal, e externamente no polo objetivo. Deste modo, o Ego Psíquico seria então produto de uma modificação reflexiva, e nossa consciência nos enganaria, levando-nos a crer que o Ego estaria presente à consciência anteriormente à própria reflexão que o produz.

No entanto, esta tese levaria a um problema fundamental, como Pedro Alves nota em seu prefácio à edição portuguesa da *Transcendência do Ego*: se a reflexão modifica os nossos vividos a ponto de fazer surgir um objeto que não estava presente à consciência anteriormente à reflexão, como esta nos poderia assegurar um teor de confiabilidade que a autorize a ser adotada como método de investigação privilegiado da fenomenologia?

Sabendo ainda que, como Husserl nos mostrara anteriormente, a reflexão é o único modo de acesso às nossas vivências que nos permite realizar uma descrição dos objetos tal como nos são revelados. Para tanto, em suas *Ideias Para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica* (1912), Husserl nos apresenta o recurso metodológico da *redução fenomenológica*, o que permite à fenomenologia descobrir um novo campo de investigação: o campo transcendental. Após a suspensão da atitude natural pela *epoché*, efetuando a



parentização dos juízos de existência sobre as coisas, poderíamos então realizar uma *recondução* (*re-ducere*) da atenção à esfera de imanência, onde encontramos o domínio da consciência absoluta, constitutiva dos seus correlatos objetivos – objeto de investigação da fenomenologia. Tal tarefa só seria possível com um recurso metodológico muito específico: uma reflexão transcendentalmente purificada, dirigida à imanência da consciência absoluta, que seja capaz de descobrir e descrever a consciência em suas estruturas.

Esta reflexão fenomenológica voltada para a consciência constitutiva se dirige sobre o próprio *ato* da consciência, em sua indissociabilidade com seu *correlato*. Entretanto, na medida em que a reflexão é sempre uma reflexão sobre uma vivência passada, ao se tornar *passada* esta sofreria um teor de modificação retencional, o que implicaria em uma perda de *atualidade*. Husserl, por sua vez, não desconsideraria o problema da modificação reflexiva, mas compreenderia que esta não representaria um impedimento para a investigação fenomenológica – resguardando, por sua vez, uma certeza inerente ao ato reflexivo – ainda que, adotando como válidos para a sua investigação diversos graus de evidência.

No entanto, Sartre parece considerar tal metodologia insuficiente para uma investigação que se proponha a realizar um retorno radical ao dado fenomenológico. Em vista deste obstáculo metodológico com o qual somos deparados, Sartre é levado à necessidade de reformular o seu método investigativo na direção de uma *radicalização* da fenomenologia. Esta radicalização, operada por Sartre, ressoa a necessidade de princípio já anteriormente estabelecida por Husserl, que faz da fenomenologia uma ciência de *fatos*, na medida em que esta estaria comprometida a realizar uma descrição do fenômeno tal como aparece, somente nos limites daquilo que aparece – sem manifestar pretensões quando ao passado e quanto ao futuro.

A partir disso, Sartre constata uma insuficiência do método fenomenológico adotado por seu mestre, a saber, a reflexão fenomenológica; o que levaria o francês à necessidade de desenvolver um método de investigação próprio que permanecerá ao longo do desenvolvimento de suas obras posteriores: a *reflexão pura* – que, como Sartre nos mostra, “não é, no entanto, forçosamente a reflexão fenomenológica” (SARTRE, 1995, p. 61). No entanto, no que esta noção se distinguiria da *reflexão transcendental* adotada por Husserl em *Ideias I*?



Sartre realiza pela primeira vez, em *A Transcendência do Ego*, uma distinção fundamental entre *reflexão pura* e *reflexão impura* que se mostrará essencial para o desdobramento do pensamento sartriano, permanecendo presente em *O Ser e o Nada*, até em obras posteriores, como seus *Cadernos para uma Moral*. A *reflexão pura* possui o teor de descobrir a consciência em seu dado fenomenológico puro, sem operar as modificações reflexivas que nos levariam a conceber a consciência em termos de algo que ela não é.

Como aponta Sartre, a *reflexão pura*, por sua vez, “atém-se ao dado sem manifestar protensões quanto ao vivido” (SARTRE, [1936] 1994, p. 61), não afirma além do próprio vivido instantâneo, sem conferir-lhe tendência a perdurar indefinidamente, nem como estando já ali, anteriormente ao momento da apreensão. A *reflexão impura*, por outro lado, afirma o vivido como tendo uma existência que perdura, temporalmente, ultrapassando a instantaneidade própria à consciência; nesse sentido, concebemos que a *reflexão impura* afirma demais. Portanto, a *reflexão pura* possuiria uma função de se ater à descrição do vivido, tal como aparece na imanência do fluxo da consciência. Se reflito sobre uma vivência de repulsão, não ultrapasso os dados de minha consciência.

Deste modo, a *reflexão pura* nos revelaria a pura vivência instantânea, em sua íntima relação de imanência ao fluxo da consciência, enquanto a *reflexão impura* constituiria um objeto ideal que transcenderia a instantaneidade da vivência e perduraria no fluxo temporal; aparecendo como polo ideal de unificação da multiplicidade das vivências repulsivas; no caso em questão, o estado de *ódio* constitui-se como polo transcendente de unificação das vivências de repulsa.

O recurso à *reflexão pura* permitira a Sartre constatar que uma investigação minuciosa do plano irrefletido, agora liberto de qualquer modificação reflexiva que pudesse contaminar os nossos vividos, nos revelaria que o plano irrefletido se mostraria radicalmente impessoal; completamente desprovido de qualquer instância egológica. Nesse sentido, compreendemos que a *reflexão* cumpriria uma função metodológica fundamental, que licita a Sartre resguardar ao domínio da *reflexão* seu teor de confiabilidade, descrevendo a vivência sem nenhum teor de modificação. Assim, a *reflexão* estaria apta a atuar como método de investigação propriamente fenomenológico.



Enquanto Husserl, a seu turno, consideraria como válidos diversos graus de evidência em sua investigação – considerando que a consciência absoluta permaneceria como dado inquestionável para além de qualquer dúvida possível que possa recair sobre a existência das transcendências – Sartre realizaria um movimento de radicalização do método fenomenológico, provindo da fenomenologia de origem husserliana, só aceitando como válida uma evidência plenamente adequada. Sartre, por sua vez, considera que conferir um teor de fixação temporal a uma vivência, implicaria em uma modificação que violaria a adequação necessária ao teor elucidativo de uma reflexão que devesse servir como método de investigação para uma ciência de rigor. Para isso, Sartre lançaria mão do recurso à *reflexão pura* como uma alternativa à *reflexão fenomenológica* adotada por Husserl, visando alcançar a vivência tal como ela se daria originariamente, sem o seu teor de modificação temporal, em seu teor *instantaneidade*.

Palavras-chave: Sartre. Husserl. Reflexão. Modificação Reflexiva. Fenomenologia.

Referências

HUSSERL, E. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura.** Ideias & Letras, 2016.

SARTRE, J. P. **A Transcendência do Ego.** Colibri, [1936] 1994.

SARTRE, J. P. **La Transcendance de l’Ego et Conscience de Soi et Connaissance de Soi, précédés de Une Idée Fondamentale de la Phénoménologie de Husserl : l’Intentionnalité.** Librairie Philosophique J. VRIN. 2003.

SARTRE, J. P. **A Transcendência do Ego.** Vozes, [1936] 2015.

SARTRE, J. P. **O Ser e o Nada.** Vozes, [1943] 2015b.



APORTE TEÓRICO E PRÁTICO DO MÉTODO BIOGRÁFICO SARTRIANO PARA AS PESQUISAS EM SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Ana Cláudia Wendt dos Santos (NUCA – Núcleo Castor: Estudos e Atividades em Existencialismo, Florianópolis – SC, Brasil); Fábio Machado Pinto, (Programa de Pós-graduação em Educação UFSC, Núcleo de Estudos e Pesquisa Educação e Sociedade Contemporânea, Grupo de Estudos Biográficos Sartriano, Professor Titular da ESEF/UFPel.).

contato: aclws@hotmail.com

As atividades executadas ao longo do pós-doutorado que resultou neste trabalho, estavam inseridas num projeto maior, que tem como objetivo geral contribuir para o avanço dos estudos em Sociologia da Educação, ao identificar como o método biográfico pode servir de ferramenta teórica e metodológica para se compreender como se dão os processos de desigualdades sociais na escola, como se estabelece as relações com os saberes, como se dá a formação de professores, entre outros. Como objetivo específico do estudo de pós-doutorado, buscou-se apresentar como conceitos como os de projeto e desejo de ser, contexto antropológico e sociológico afetam as situações de aprendizagem dos sujeitos e são imprescindíveis para a sua formação, de modo a torná-los ferramentas úteis, especificamente através do uso dos modelos científicos, para a aplicação do método biográfico progressivo-regressivo exposto por Jean-Paul Sartre em sua obra *Questão de Método* (1987).

Para tanto, analisou-se o material produzido pelo filósofo e professor Pedro Bertolino, que estuda a obra de Sartre há pelo menos 50 anos e aplica as noções e os conceitos da teoria existencialista na prática em psicologia clínica e escolar. Referido material pode ser encontrado no site do NUCA (Núcleo Castor), grupo que existe há mais de 20 anos de estudos e atividades em Psicologia e Psicoterapia Científica Existencialista, fundado pelo próprio Pedro Bertolino. Em todo o seu tempo de existência, o NUCA produziu textos, comunicações científicas, vídeos-aulas, estudos de casos, modelos científicos (como da descrição ontológica do sociológico; do processo de constituição do saber de ser; das evoluções internas da personalidade humana), que contribuem para que as pesquisas avancem na investigação e no esclarecimento dos fenômenos da área da psicologia e da sociologia educação, assim como na efetiva intervenção sobre os mesmos. A teoria sartriana é uma abordagem relacional que



considera os sujeitos como protagonistas de sua história, de seus modos de socialização, de suas práticas e da relação que estabelece consigo mesmo e com os que estão à sua volta, estando a aprendizagem no cerne do processo de subjetivação (personalização). Portanto, considerando a personalidade como resultado do processo de relações na realidade, ela pode ser estudada, observada, descrita e alterada com recurso aos próprios componentes que a compõem e através das ferramentas metodológicas apropriadas para intervir nas dificuldades de aprendizagem e na vida de relações de modo geral.

Principais Atividades Executadas/Produção Intelectual

1. Publicado artigo intitulado “O biográfico em Sartre: noções e questões de método” nos Cadernos de Estudos Culturais – Ensaio Biográfico (INSSN: 1984-7785), v. 1 n. 23 (2020). Autores: Fábio Machado Pinto, Ana Cláudia Wendt dos Santos e Justina Inês Sponchiado.

A partir de um esforço em conjunto com o professor e doutor Fábio Machado Pinto e Justina Inês Sponchiado (do GEBIOS, Grupo de Estudos Biográfico Sartriano), buscamos através deste artigo esclarecer os aspectos teóricos e metodológicos do método biográfico sartriano e as consequências da utilização de tal método para a vida concreta das pessoas. Destacamos, desde o início, dois conceitos fundamentais da obra de Sartre, que são liberdade e esperança como fundamentos primordiais para a concepção de ser humano como uma espécie que pode se modificar a qualquer tempo de sua história, já que a personalidade não é inata e mesmo quando constituída, pode ser transformada, pois uma pessoa primeiro existe para depois essencializar-se, e essa essência é dependente de um contexto antropológico e sociológico para se manter como se formou ou para se constituir com outras nuances e especificidades.

Assim, para a construção de uma biografia, constatou-se que é preciso ir em direção das coisas mesmas, ou seja, de fontes fidedignas que nos apresente quem aquela pessoa foi em vida (caso não esteja viva) ou de quem está sendo: documentos, cartas, entrevistas (com o próprio biografado, parentes, amigos), artigos ou poemas escritos, onde viveu quando criança e adolescência, em qual contexto histórico, etc., a quantidade de detalhes é grande, mas está ao alcance do pesquisador/escritor. O método progressivo-regressivo exposto por Sartre no “Questão de Método” é imprescindível para esta tarefa, já que nos faz compreender o sujeito inserido em certa época e entender a época a partir desse mesmo sujeito, num vai e vem constante e necessário para se chegar à compreensão de quem é ou quem foi o biografado.



2. Apresentação no V Encontro do Projeto de Extensão Gebios do trabalho intitulado “Contribuições de Jean-Paul Sartre e Pedro Bertolino para a pesquisa (Auto)biográfica”, realizado em 25 de março de 2021, juntamente com Fábio Machado Pinto, Lara Beatriz Fuck e Ana Cláudia de Souza, promovido por NEPESC/CED/UFSC, Gebios e NUCA (Núcleo Castor).

O principal objetivo desta apresentação foi expor algumas obras e o trabalho do professor Pedro Bertolino que, por mais de 60 anos, estuda, analisa, compreende e transmite toda a obra de Jean-Paul Sartre. Especificamente para este encontro, o enfoque se deu ao estudo biográfico e o método progressivo-regressivo proposto por Sartre e aplicado por Bertolino em uma de suas obras literárias, “Viagens com Maura” (ANO), e a importância desse método para a compreensão de acontecimentos históricos, sociais, sociológicos, psicológicos, entre outros.

Neste livro, Bertolino nos mostra como é possível construir uma biografia a partir do objeto e da fonte original (documentos, poesias, publicações em jornais, etc.), onde encontramos não apenas com Maura, mas com todo o contexto cultural e literário da época em que viveu, ou seja, vai do singular (Maura) ao universal, destacando as influências em Maura, que tinham a ver com o fato de residir na Ilha de Santa Catarina.

De todos os trabalhos importantes que o professor Pedro produziu, um dos mais relevantes foi ter conseguido extrair da obra de Sartre uma psicologia e uma metodologia que possibilita a intervenção em psicoterapia, tornando possível a superação da complicação psicológica de quem procura tratamento, rompendo com o subjetivismo. Para tanto, reproduziu em modelos científicos o que a teoria sartriana ensina sobre a constituição da personalidade, como ocorre a emoção, o processo de enlouquecimento, o imaginário, entre outros.

3. Organização do material produzido pelo professor Pedro Bertolino até aquele presente momento, para a produção de um documentário a respeito do referido professor. Bertolino é um estudioso há mais de 60 anos da obra de Jean-Paul Sartre, portanto um intelectual fundamental para a compreensão e entendimento da obra do existencialista, além de ter um vasto e profundo conhecimento nas áreas de Filosofia, Antropologia e Psicologia.

Além disso, houve a contribuição para a atualização e organização do site do NUCA (Núcleo Castor de estudos e atividades em Existencialismo); estudo e análise dos livros, textos, artigos e modelos científicos publicados no site e das obras de Jean-Paul Sartre e Pedro Bertolino; escrita para postagem no Instagram, listagem das vídeos-aulas acessíveis no



Youtube do referido núcleo. Também aumentamos a quantidade de postagens publicadas no Instagram e no Facebook com citações diversas feitas por Sartre e Simone de Beauvoir.

Tais iniciativas fizeram crescer o alcance do NUCA nas redes sociais, havendo o incremento do número de visualizações e interações no Instagram, Facebook e Youtube, e a procura por material escrito para o aprofundamento dos temas apresentados, assim como pela formação em Psicologia Existencialista Científica. Trata-se de atividades que permanecerão sendo oferecidas por referido núcleo, pois sempre haverá quem tenha interesse pela teoria, ou para aprofundar seu arcabouço teórico, ou para aliviar seu sofrimento emocional assistindo as lives e/ou lendo as postagens, assim como buscando a cura de suas complicações psicológicas através da mediação da psicoterapia.

Outras Atividades Executadas

a) Participação como expositora no XVIII Encuentro Nacional XIII Internacional de Investigadores em Educación Física IV Encuentro de Extensión: “Educación Física: entre Prácticas y Políticas”, realizado entre 21 e 23 de outubro de 2020 na Universidad de La República Uruguay, juntamente com Fábio Machado Pinto e Lara Beatriz Fuck do trabalho intitulado: “Epistemologia e educação do corpo: o mito da doença mental e os crimes de abuso infantil na etiologia da psicanálise”.

b) Participação como expositora no XVIII Encuentro Nacional XIII Internacional de Investigadores em Educación Física IV Encuentro de Extensión: “Educación Física: entre Prácticas y Políticas”, realizado entre 21 e 23 de outubro de 2020 na Universidad de La República Uruguay, juntamente com Fábio Machado Pinto e Marcio Rogério Delfes Branco do trabalho intitulado: “Projeto e desejo de ser mestre de capoeira: contribuições do estudo autobiográfico às ciências sociais e a educação do corpo”.

c) Participação dos encontros do Curso de Extensão “Estudos (Auto)biográficos, memórias e narrativas de si”, ofertado pelo Centro de Educação da UFSC, realizado a partir do mês de outubro de 2020, organizado em 05 encontros de 02 horas, totalizando 30 horas, coordenado pelo professor Fábio Machado Pinto.

d) Participação na Ação de Extensão Estudos (Auto)biográficos de Jogadores(as) de Futebol Brasileiro, com carga horária de 64 horas, coordenada pelo professor Ari Lassarotti



Filho, promovida pela Faculdade de Educação Física e Dança (Universidade Federal de Goiás) no período de 12 de abril a 27 de junho de 2021.

Palavras-chave: Método Progressivo-regressivo. Jean-Paul Sartre. Relação com os saberes. Núcleo Castor. Pedro Bertolino.

Referências

BERTOLINO, P. **Antropologia da Loucura: atentados a crianças, mulheres e trabalhadores**. Volume I. Florianópolis: Editora Insular, 2015.

BERTOLINO, P et al. **A personalidade**. Florianópolis: NUCA Edições Independentes, 1998.

BERTOLINO, P. **Viagens com Maura**. Florianópolis: Editora ACL, 1993.

SARTRE, J. P. **O Idiota Da Família Volume 1**. 1ª edição. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

SARTRE, J. P. **Situações 1: Críticas Literárias**. Editora Cosac Naify, 2005. (p.55-57).

SARTRE, J. P. **O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica**. Petrópolis: Vozes, 1997.

SARTRE, J. P. **O imaginário**. São Paulo: Editora Ática S. A., 1996.

SARTRE, J. P. **Questão de Método**. Tradução de Bento Prado Junior. 3a edição. São Paulo: Nova Cultura, 1987. (p. 110-191).

SARTRE, J. P. **La Transcendência Del Ego**. Ediciones Caldén, 1982.

SARTRE, J. P. **Esboço para uma teoria das emoções**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.



“ESTAR COM” É DIFERENTE DE SER INCLUÍDO: AS AULAS DE ARTE/TEATRO E O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO EM DIÁLOGO COM O PENSAMENTO SARTREANO

Celida Salume Mendonça, (Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas (PPGAC); Mestrado Profissional (Stricto sensu) em Artes (PROFARTES), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador - Bahia, Brasil).

contato: celidasm@gmail.com

A ação, seja ela qual for, modifica aquilo que é, em nome daquilo que ainda não é.
Sartre em Saint Genet (2002, p.35)

Cada vez mais as escolas regulares de ensino básico têm recebido estudantes que apresentam algum diagnóstico de deficiência, ou Transtorno do Espectro Autista (TEA), ou Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), entre outros, que impliquem em dificuldade de socialização e/ou aprendizagem. No Brasil, o que se denomina por Educação Inclusiva começou a fundamentar-se em 1994 a partir da Conferência Mundial de Educação Especial, quando foi proclamada a Declaração de Salamanca, e implementada pelo MEC em 2003 como Programa Educação Inclusiva. Conforme dados do Censo Escolar 2023 divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), o percentual de alunos com deficiência e transtornos do espectro autista matriculados no ensino regular tem aumentado gradualmente para a maioria das etapas de ensino.

Reconheço aqui entre as situações contemporâneas, esse movimento e/ou tentativa de “inclusão” de pessoas com deficiência e/ou atraso no desenvolvimento da personalidade no ensino regular. Como professora pesquisadora da área da Pedagogia das Artes Cênicas, atuando no curso de Licenciatura em Teatro da UFBA e no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, venho acompanhando há alguns anos processos de estágio curricular na rede pública de ensino, além de orientar trabalhos de mestrado e doutorado de estudantes e pesquisadoras/es que atuam com crianças, adolescentes e jovens com deficiência no contexto educacional. Assim, a proposta deste trabalho, é apontar de que forma as aulas de Arte/Teatro podem facilitar o processo de socialização destas crianças, adolescentes ou jovens, quando mediadas no contexto escolar.



Em 2019, enquanto desenvolvia minha pesquisa de pós-doutoramento (Portugal), passei por uma experiência em que o processo de “inclusão” de crianças autistas, em uma escola pública, ia na contramão do processo de socialização das mesmas. O termo inclusão encontra-se entre aspas e não será utilizado no decorrer do texto, por seu significado não traduzir o que é fundamental além de permitir que estes/as estudantes frequentem o ensino regular. *Include*, em seu significado etimológico remete a: “fechar (alguém ou algo), cercar, aprisionar, confinar, inserir”, “ter (algo) como parte integrante”. Entretanto, incluir não se resume a colocar todos/as juntos/as na mesma sala, não os/as faz se sentirem pertencendo a esse grupo. Mona Rikumbi, mulher negra cadeirante, bailarina, atriz e militante, destaca a sua aversão pela palavra inclusão: “Quando eu falo que quero incluir, eu não estou colocando a outra pessoa dentro. Se eu tenho que incluir, significa que eu estou aqui e ela está lá fora. Precisamos de pertencimento” (RIKUMBI, Mona. 2022, p.69,70). Para a performer, o nome seria pertencimento, pois quando falamos de pertencimento, nos sentimos fazendo parte.

Entre as ações de desenvolvimento dessa pesquisa estava a minha participação como professora de Expressão Dramática juntamente com outro professor e artista do Projeto MUS-E Associação Menuhin na Escola Básica da Cruz da Picada em Évora (Portugal). A escola de educação básica apresentava população escolar socialmente desfavorecida, o que incluía crianças com problemas de aprendizagem e socialização. No interior da escola funcionava uma Unidade de Ensino Estruturado (UEE) para alunos com Perturbação do Espectro do Autismo (PEA). Na Escola da Cruz da Picada, como em outras escolas brasileiras, muitas crianças sofrem situações de abandono e de maus tratos e vivem em ambientes desajustados. Encontramos também nessas escolas crianças portuguesas, brasileiras, ciganas, emigradas, crianças com dificuldades de aprendizagem e de relação, algumas diagnosticadas com autismo e outras ainda, sem diagnóstico preciso. Sabemos a priori que a maioria dos/das professores/as não se sentem preparados/as para fazerem a mediação adequada destes/as estudantes em suas aulas. No que diz respeito às crianças com autismo, que frequentam a Unidade de Ensino Estruturado na referida escola, e que nem sempre participam da rotina de sala de aula, foi verificado que as aulas de Expressão Dramática não eram consideradas fundamentais para o seu desenvolvimento.

Na perspectiva dessas unidades, conforme revelam as professoras Dídya Lourenço e Teresa Leite (2015), “o processo de inclusão na turma do ER deve ser gradual e feito entre o



professor da turma e o docente de EE, guiando o aluno, passo a passo, através das atividades”. No artigo Práticas de Inclusão de Alunos com Perturbações do Espectro do Autismo, elas revelam que à medida que os/as estudantes vão dominando as atividades, os adultos vão se retirando gradualmente. As unidades permitem, portanto, que esses/as estudantes frequentem a sala de aula apenas em alguns períodos e de forma gradual.

A proposta do presente trabalho, é apontar de que forma as aulas de Arte/Teatro no Brasil e de Expressão Dramática em Portugal, podem facilitar o processo de socialização destas crianças, sinalizando o equívoco na abordagem metodológica da instituição de ensino frente ao pensamento sartreano. Muitas instituições educacionais buscam a ordem, a disciplina e a homogeneidade, sem a influência do/a outro/a, o que não propicia uma relação diferenciada com o próprio espaço e com os/as envolvidos/as, e não colabora para um processo de socialização, e posteriormente, de sociologização.

Nas aulas de Teatro, o uso intencional de diferentes materialidades nos percursos de criação mobiliza os/as envolvidos/as ajudando-os/as a reagir às experiências instauradas, o que abre perspectivas para o processo criativo e de aprendizagem passar pelo meu corpo e o do outro, concebendo de modo mais amplo a alteridade. No processo teatral desenvolvido em contextos educacionais a alteridade é identificada como forma de visibilidade, de escuta e de tecimento na trama de relações dos/as participantes entre si.

Em uma dessas aulas de Expressão Dramática, ao ser inserido em um processo criativo que estava sendo desenvolvido, o estudante M.¹⁴ recebeu do professor a função de acompanhar o personagem do rei, mas sempre que tentava se aproximar do menino que representava a majestade, este era rejeitado, repellido e ofendido. Nessa circunstância, M. se descontrolava e começava a chorar, gritar e a correr pela sala, traduzindo em sua reação o sofrimento da rejeição. Como educadora que acompanhava o processo junto ao outro professor, era visível constatar que os/as estudantes da turma não se aproximavam do colega, nem permitiam que este o fizesse, parte pela estranheza de tê-lo entre eles apenas em situações esporádicas, parte por apresentar comportamento atípico. A dificuldade nas relações não se restringia apenas a essas crianças, mas até mesmo na formação de um círculo de mãos dadas, muitos mudavam de

¹⁴ M. é um dos estudantes do 4o ano da Escola Básica da Cruz da Picada com diagnóstico de autismo, que frequenta a Unidade de Ensino Estruturado para a Educação de Alunos com Perturbações do Espectro do Autismo.



lugar, negando-se a pegar na mão do colega de turma. Com uma maior frequência na participação desta criança nas aulas e mediação constante nessas circunstâncias, esses encontros poderiam se converter num espaço profícuo para se trabalhar as relações interpessoais, o respeito e a empatia. E para que, aos poucos, ele pudesse se sentir fazendo parte deste grupo. No que diz respeito às crianças com autismo, que frequentam a Unidade de Ensino Estruturado para a Educação de Alunos com Perturbações do Espectro do Autismo (PEA) na referida escola, foi verificado que elas nem sempre participavam dessas aulas.

Em trabalho realizado no Brasil com crianças com autismo, comprovei em trabalho psicopedagógico¹⁵ e artístico que, quando mediadas, essas crianças se inserem mais facilmente nas brincadeiras, jogos e atividades em grupo, desenvolvem a linguagem e tem a possibilidade de trabalhar ludicamente a expressividade do seu corpo; o que é de fundamental importância para lançarem-se em oportunidades de aprendizagem e de socialização; o que trouxe resultados objetivos e maior facilidade para moverem-se nesse processo. O mesmo avanço foi observado quando ministrava aulas de Teatro na Escola Sarapiquá (Florianópolis/SC) e tinha em sala um adolescente diagnosticado com autismo que, inicialmente, participava das aulas acompanhado por uma psicopedagoga. N. não fixava o olhar, praticamente não interagia com as outras crianças e ficava sentado durante as aulas fazendo atividades como recortar e colar, com o auxílio de sua acompanhante. Aos poucos, parte da mediação de sua participação nas aulas de Teatro passou a ser feita pelas próprias crianças da turma, diminuindo sua dependência e ampliando sua autonomia, o que possibilitou, mesmo com suas limitações em relação à fala, uma integração maior com os colegas. À medida que essas crianças e/ou adolescentes vão conhecendo e experienciando diferentes ambientes, suas expectativas relativamente a esses espaços, e aos acontecimentos nesses, passam a ter a mediação da realidade e de encontros mais afetivos que possibilitam terem segurança de ser, diminuir a sua ansiedade e sair da dispersão; o que geralmente ocorre em função do desconhecido, e de situações de rejeição, como as que são observadas nas aulas, por falta de mediação adequada dos/as profissionais envolvidos/as.

¹⁵ Trabalho psicopedagógico e artístico realizado em termos de articulação interdisciplinar com o Grupo Mediações de estudos de casos clínicos do NUCA Núcleo Castor de Estudos e Atividades em Existencialismo em Florianópolis SC.



Assim, não podemos reduzir a criança autista ao determinismo biológico, como alertam Pecoraro e Oliveira (2023): “[...], visto que no mundo há uma abertura de possibilidades para que esse sujeito se construa. E tal construção não acontece de forma fechada e irreversível, por isso é primordial não se apegar apenas ao diagnóstico”. Sylvio e Gleicyane destacam esse olhar para o sujeito e suas possibilidades como uma das potencialidades da clínica existencial com o autismo, abordagem que dispõe de diversos modos de intervenção.

Em seu livro *Sartre e a psicologia clínica*, a professora Daniela Schneider esclarece que o autista é “uma pessoa que não conseguiu desenvolver alteridade, nem reciprocidade, não se sociologizou (não se viu implicado no meio dos outros, nem comprometeu seu ser com o ser dos outros); por isso mesmo, não se fez sujeito” (2011, p.228). Em Sartre, a única possibilidade de ser sujeito é fazer-se num tecido de ser que é histórico, sociológico. A criança autista encontra-se em uma situação de irregularidade no seu desenvolvimento, enquanto o regular seria ela desenvolver alteridade, reciprocidade e empatia. Na perspectiva do pensamento sartreano, teríamos que verificar as relações em que ela está inserida e buscar compreender o que a está impedindo de se tecer aos outros, de se ver implicada no meio de outras pessoas. Em algumas situações como a descrita na escola, mediações inviabilizadoras ou a falta delas dificulta a socialização dessas crianças. Em diálogo com o pensamento sartreano, ao conseguirmos nos demarcar em termos de alteridade estamos sendo afetados e implicados com pessoas e coisas que viabilizam nosso movimento concreto no mundo. A aprendizagem das crianças vem em consequência da virada sociológica, da possibilidade de sociologização, a partir da relação de mediação do adulto. Assim, com a mediação adequada, as crianças que passam a ter contato com alunos/as que apresentam essas dificuldades, tendem a acolher, a se conscientizar, ampliar o respeito pelo outro/a e pela diversidade, tornando-se indivíduos melhores.

Referências

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica, 2023**. Resumo Técnico. Brasília-DF, 2024. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2023.pdf. Acesso em: maio 2024.



LOURENCO, Dídia; LEITE, Teresa. Práticas de inclusão de alunos com perturbações do espectro do autismo. **Investigação Práticas**, [online], v. 5, n. 2, p. 63–86, 2015. ISSN 2182-1372.

MENDONÇA, Celida Salume; BEZELGA, Isabel Maria Gonçalves. Um olhar sobre o impacto da experiência teatral no exercício da alteridade e no processo de socialização de crianças em contextos educacionais. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 16, n. 4, p. 143–165, 2020. DOI: 10.5965/198431781642020143. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/17957>. Acesso em: maio 2024.

PECORARO, Sylvio; OLIVEIRA, Gleicyane Aparecida de. **As possibilidades da clínica existencial nas experiências com crianças diagnosticadas com autismo**. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/SCUNIFASEFMP2023/714160-AS-POSSIBILIDADES-DA-CLINICA-EXISTENCIAL-NAS-EXPERIENCIAS-COM-CRIANCAS-DIAGNOSTICADAS-COM-AUTISMO>. Acesso em: maio 2024.

RICUMBI, Mona. Eu não posso estar feliz se os outros também não estiverem felizes: uma reflexão sobre acessibilidade e pertencimento a partir de minha trajetória como artista. In: ALVES, Jefferson Fernandes; SILVA, Carlos Alberto Ferreira da; BERSELLI, Marcia (orgs.). **Artes cênicas e acessibilidade cultural: contextos de desaprendizagens**. 1. ed. Natal: SEDIS – UFRN, 2022.

SARTRE, Jean-Paul. **Saint Genet: ator e mártir**. Tradução de Lucy Magalhães. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. **Sartre e a psicologia clínica**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.



DESAFIOS E OPORTUNIDADES NO NOVO ENSINO MÉDIO: REFLEXÕES SOBRE O ITINERÁRIO PROJETOS DE VIDA À LUZ DO CONCEITO SARTRIANO DE PROJETO DE SER

Mayara Floriani (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial - PSICLIN, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis-Santa Catarina (SC), Brasil); Daniela Ribeiro Schneider (Programa de Pós-graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, UFSC, Florianópolis-SC, Brasil); Zuleica Pretto (Programa de Graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, UFSC, Florianópolis-SC, Brasil); Veronica Candaten Furini, (Programa de Pós-graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, UFSC, Florianópolis-SC, Brasil); Raquel Wzorek, (Programa de Pós-graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, UFSC, Florianópolis-SC, Brasil).

contato: psimayara.floriani@gmail.com

1. Introdução

A reforma do ensino médio brasileiro introduziu mudanças significativas no currículo escolar, especificamente com o itinerário "Projetos de Vida", destacando-se pelo objetivo de integrar diversas áreas do conhecimento e promover uma educação mais conectada à realidade e às perspectivas futuras dos estudantes (BRASIL, 2017; SED/SC, 2021). No entanto, essa proposta tem suscitado uma série de debates e críticas no meio educacional e acadêmico (CASTRO et al., 2022; MONCAU, 2023). Através de uma revisão bibliográfica e análise documental, a proposta deste estudo é contribuir para a compreensão das implicações dessa reforma curricular, considerando seus desafios e oportunidades bem como explorar as potencialidades deste itinerário como um componente pedagógico, a partir de uma perspectiva crítica e fundamentada na teoria existencialista.

2. Desenvolvimento

O Novo Ensino Médio no Brasil foi implementado como uma resposta aos desafios históricos enfrentados nessa etapa de ensino, como a evasão escolar, a defasagem idade-série e os baixos índices de aprendizagem. Também existe a percepção de estudantes, professores e pesquisadores da educação sobre a significativa desconexão entre o ambiente escolar e a



realidade dos alunos, incluindo seus estilos de vida e perspectivas de futuro (SED/SC, 2021). O processo de mudança ocorreu em um contexto político marcado pela gestão do governo Temer (2016/2018) e posteriormente continuado por Bolsonaro (2019/2022), em meio a uma atmosfera de mudanças educacionais pautados em debates sobre a proposta da Escola sem Partido e outras questões conservadoras, como a diminuição de disciplinas de humanidades, fundamentais para uma formação crítica e reflexiva (DA SILVA & BOUTIN, 2018)

Em 2017, modificações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) resultaram na Lei nº 13.415/2017, que modificou a estrutura curricular e a abordagem educacional. Uma das principais mudanças foi o aumento da carga horária anual e a reorganização do currículo, que agora é orientado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O novo modelo curricular divide-se em duas partes: a formação geral básica, que abrange as quatro áreas do conhecimento definidas pela BNCC (linguagens, matemática, ciências da natureza e ciências humanas), e a parte flexível, composta pelos itinerários formativos. Esses itinerários, teoricamente, permitem aos estudantes escolherem atividades educativas que aprofundam seus conhecimentos em determinadas áreas ou oferecem formação técnica e profissional, conforme seus interesses e objetivos (BRASIL, 2017).

Os itinerários formativos incluem diversos componentes, entre eles o Projeto de Vida, que atua como um elo entre as áreas do conhecimento. Ele busca conectar as experiências e aprendizagens dos alunos dentro e fora da escola, promovendo o desenvolvimento de competências socioemocionais, autoconhecimento, resiliência e planejamento para o futuro (BRASIL, 2017).

De acordo com o Caderno 1, do Currículo Base do Ensino Médio do Território Catarinense,

(...) o componente Projeto de Vida caracteriza-se como um espaço para os jovens desenvolverem as competências socioemocionais, de modo a se compreenderem a si mesmos e ao seu papel no mundo social, de tal forma que constitua um espaço de acolhimento das múltiplas juventudes, considerando suas singularidades e as interseccionalidades que compõem suas identidades. O trabalho pedagógico neste componente curricular deve priorizar o desenvolvimento integral dos estudantes em seus vários aspectos – cognitivo, emocional, físico, social e cultural –, valorizando as identidades, o direito e o respeito às diferenças e a suas aspirações, ampliando suas dimensões – a pessoal, a cidadã e a profissional (SED/SC, 2020, p. 63).

A definição de Projeto de Vida adotada pelo componente curricular baseia-se na definição de Danza (2019), compreende-o como um planejamento orientado por princípios



éticos para alcançar objetivos pessoais, cidadãos e profissionais, fortalecendo o vínculo com a identidade dos jovens. Dessa forma, o trabalho nesse componente visa o desenvolvimento integral dos(as) estudantes em todos os seus aspectos - valorizando suas identidades e respeitando suas aspirações e diferenças - e devem ser trabalhadas de forma complementar e inter-relacionadas.

No entanto, para além do Componente Projeto de Vida, o Novo Ensino Médio também enfrenta críticas e debates. Entre os pontos mais discutidos estão a suposta liberdade de escolha dos(as) estudantes - que se revela limitada na prática - a substituição de disciplinas essenciais por matérias consideradas irrelevantes, o aumento da carga horária que entra como um ponto de alerta no aumento da evasão escolar, e a pressão pelo empreendedorismo dentro do contexto escolar. Outro aspecto relevante é a disparidade entre escolas públicas e de menor porte, que frequentemente carecem de recursos e estrutura para implementar as mudanças propostas, em comparação às escolas privadas e grandes conglomerados educacionais, que conseguem manter a mesma grade curricular base e adicionar os itinerários com relativa facilidade. Essa disparidade de condições acaba por acentuar ainda mais as desigualdades educacionais no país (MONCAU, 2023).

De acordo com uma análise realizada por Castro et al. (2022) nos documentos norteadores do Novo Ensino Médio, discute-se uma conexão direta entre o objetivo de ampliar habilidades relacionadas ao autoconhecimento, empreendedorismo, projeto de vida e a imposição de uma lógica empreendedora. Essa lógica é marcada por um “forte componente emocional, tendo em vista a necessidade burguesa de envolver/capturar/produzir novas subjetividades da classe trabalhadora” (CASTRO et al., 2022, p. 17). A proposta do Novo Ensino Médio, então, concentra-se no desenvolvimento de competências como autoconhecimento, coaching e a responsabilização individual pelos problemas sociais, com uma ênfase significativa na dimensão do controle emocional. Nessa abordagem, o autoconhecimento não é encarado como um meio para que o sujeito se engaje ativamente na sociedade com o objetivo de promover transformações significativas, mas sim como uma estratégia de conformação, promovendo valores como resiliência e proatividade que reforçam a aceitação passiva da realidade social (CASTRO et al., 2022).

Esse modelo educacional contribui para a despolarização dos sujeitos ao transferir a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso exclusivamente para o indivíduo. Assim, quem não atinge as expectativas impostas são vistos como os únicos responsáveis por sua situação,



gerando intensa pressão psicológica e contribuindo para o agravamento do sofrimento psíquico relacionado ao trabalho e à vida social. Por tanto, o Novo Ensino Médio, ao adotar essa lógica, reforça a ideologia neoliberal da autorresponsabilização e ignora as complexas interações entre os indivíduos e o ambiente, perpetuando desigualdades e o sofrimento psíquico (CASTRO et al., 2022).

Para que o componente Projeto de Vida forme estudantes críticos e protagonistas, a participação dos professores é essencial. De acordo com o Currículo Base do Ensino Médio do Território Catarinense (SEC, 2020) é necessário que demonstrem flexibilidade, resiliência, empatia e adotem uma postura dialógica, criando um ambiente acolhedor e participativo. Além disso, precisam atuar como mediadores do conhecimento, incentivando a interação, em vez de apenas transmitir conteúdo. De acordo com Moncau (2023), há críticas sobre a falta de capacitação adequada, pois muitos(as) docentes ministram conteúdos fora de sua formação e enfrentam demandas socioemocionais sem o suporte necessário.

3. Considerações finais

Na obra *A Crítica da razão dialética*, Sartre (2002) desenvolve uma antropologia que integra aspectos estruturais e históricos, oferecendo subsídios para a superação do reducionismo epistemológico sobre a concepção de sujeito. Ele argumenta que o ser humano deve ser compreendido em sua complexidade, como uma constante produção dinâmica e dialética. Esse processo envolve trajetórias de totalização, destotalização e retotalização, orientadas pelo projeto-de-ser.

A noção de projeto de ser é descrita como uma busca constante, na qual o sujeito se projeta e é definido por seu movimento em direção ao futuro, em um processo contínuo de constituição de si. Este projeto não é estático e imutável, pois as escolhas, mediações e as relações estabelecidas com o mundo podem alterá-lo. A existência se projeta para o futuro, pois é este que dá sentido para as vivências presentes e passadas. Assim, o sujeito é definido pelas suas ações no mundo e pelo que faz em busca do que deseja ser, ou seja, o sujeito é o seu próprio projeto de Ser (SARTRES, 2015; SCHNEIDER, 2011).

Embora a noção existencialista de projeto de Ser se diferencie do conceito de projeto de vida, as contribuições existencialistas deste conceito podem expandir a visão sobre o que é um projeto de vida. Dessa forma, embora exista a necessidade de considerar essas críticas, é



essencial reconhecer as potencialidades que este espaço pedagógico oferece para o desenvolvimento dos(as) estudantes. O componente Projeto de Vida, quando bem fundamentado, não só apoia os(as) estudantes na construção de seus projetos de vida, como também fortalece seu desenvolvimento psicossocial, proporcionando um espaço viabilizador para que estes(as) estudantes explorem suas biografias, desejos e projeções futuras. Para alcançar esse objetivo, é fundamental contar com subsídios críticos, que discutam a noção de projeto em uma outra ótica diferente do empreendedorismo de si, como a que nos possibilita a teoria existencialista.

Palavras-chave: Escola. Existencialismo. Sartre.

Referências

BRASIL. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017.** Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e nº 11.494, de 20 de junho de 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Diário Oficial da União, seção 1, Brasília, DF, 16 fev. 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm#art1. Acesso em: maio 2024.

CASTRO, Matheus Rufino; GAWRYSZEWSKI, Bruno; DIAS, Catarina Azevedo. A ideologia do empreendedorismo na reforma do ensino médio brasileiro. **Revista Trabalho Necessário**, v. 20, n. 42, p. 01–25, 2022.

DANZA, Hanna Cebel. **Conservação e mudança dos projetos de vida de jovens: um estudo longitudinal sobre educação em valores.** 2019. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

DA SILVA, Karen Cristina Jensen Ruppel; BOUTIN, Aldimara Catarina. Novo ensino médio e educação integral: contextos, conceitos e polêmicas sobre a reforma. **Educação** (Santa Maria. Online), v. 43, n. 3, p. 521–534, 2018.

MONCAU, Gabriela. Entenda o que é o Novo Ensino Médio, alvo de protestos por revogação e tema polêmico no MEC. **Brasil de Fato**, 23 mar. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/03/23/entenda-o-que-e-o-novo-ensino-medio-alvo-de-protestos-por-revogacao-e-tema-polemico-no-mec>. Acesso em: maio 2024.



SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação. **Currículo base do ensino médio do território catarinense**. Santa Catarina, 2020. Disponível em: <http://www.cee.sc.gov.br/index.php/curriculo-base-do-territorio-catarinense>. Acesso em: maio 2024.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação. **Roteiros pedagógicos do componente de projeto de vida**. Santa Catarina, 2021. Disponível em: <https://sites.google.com/sed.sc.gov.br/nem-sedsc/projeto-de-vida>. Acesso em: maio 2024.

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da razão dialética: questões de método, Da práxis individual ao prático-inerte, do grupo à história**. Rio de Janeiro: dp&a, 2002. (Original publicado em 1960).

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. (Original publicado em 1943).

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. **Sartre e a psicologia clínica**. Florianópolis: EDUFSC, 2011.



PESQUISAS BIOGRÁFICAS SOBRE A MEDICALIZAÇÃO DA INFÂNCIA: REFLEXÕES SOBRE O MÉTODO DE PESQUISA

Fábio Machado Pinto (Doutor em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil).
Clarívia Fontana Possamai (Doutora em Educação PPGE/UFSC, Escola Superior de Criciúma – ESUCRI, Criciúma, SC, Brasil); Lara Beatriz Fuck (Doutora em Educação PPGE/UFSC, NUCA, Florianópolis, SC, Brasil).

contato: fabiobage@yahoo.com.br

1. Introdução

Pretende-se apresentar resultados e aspectos teórico-metodológicos de pesquisas sobre a medicalização da Educação em ambientes educacionais no Sul do Brasil que se utilizam do método progressivo-regressivo formulado por Jean-Paul Sartre em Questão de Método. Trata-se de duas teses de doutorado realizadas no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC nos anos de 2019 a 2024, que estudaram a medicalização e patologização da criança em processos formativos na educação escolar: forma contemporânea de violência velada contra crianças, cada vez mais presente nos contextos escolares. As pesquisas utilizam uma abordagem qualitativa-quantitativa e (auto)biográfica. Neste sentido destaca-se a noção sartriana de sujeito em situação ou sujeito concreto; o caráter singular-universal do fenômeno. Por isso, a ênfase nesta apresentação será sobre os instrumentos metodológicos que nos permitam empreender uma investigação do singular circunscrito no universal, a busca pelo sujeito em situação, ultrapassando o narrativo e declarativo, que via de regra são os elementos advindos das entrevistas e questionários, a análise de instrumentos que nos auxiliam a chegar ao sujeito concreto. A partir desta primeira etapa de verificações, segue-se ao processo de construção de uma compreensão, seguindo a proposição do método compreensivo sartriano, o qual se distingue de uma análise interpretativa. Assim, a partir das singularidades das duas pesquisas, pretende-se evidenciar o que lhes é universal. Ambas buscaram demarcar os processos de medicalização nos municípios de Criciúma e Florianópolis, Santa Catarina, e retrocederam ao singular, selecionando-se três crianças que vivenciaram processos de medicalização no contexto escolar. Buscou-se construir a compreensão destes singulares realizando o movimento de situá-los no contexto sócio-histórico contemporâneo (universal).



2. A medicalização da educação no ensino fundamental: situação da rede municipal de Florianópolis/SC

Esta pesquisa, de característica quali-quanti, no campo da sociologia e história da educação, tomou como objeto a presença (ou não) do saber medicalizante nas escolas básicas públicas municipais de Florianópolis (SC). Demarcamos o quadro empírico entre o universal, conjunto de unidades escolares e o singular, uma unidade escolar específica, na qual se inventaria o caso de duas crianças encaminhadas pela escola, através do Programa Saúde na Escola. Na revisão de literatura de estudos sobre a Medicalização no Brasil, especialmente sobre as pesquisas no contexto escolar, destaca-se os estudos da psicologia escolar crítica de Patto (1972, 1987) e a psicologia histórico-cultural como fundamento teórico-metodológicos de caráter qualitativo e Estudos de caso. Nestes estudos evidencia-se a tendência de os agentes educadores elaborarem a situação da criança sem considerar os aspectos pedagógicos na escola, a formação dos professores e o surgimento do medicamento como solução dentro da racionalidade medicalizante já estabelecida. Em nosso estudo, a sociologia crítica contemporânea e método progressivo-regressivo proposto por Jean-Paul Sartre (1978), se articulam a uma abordagem compreensiva da psiquiatria fenomenológica de Karl Jaspers (Rodrigues, 2005) e os anti-psiquiatras David Cooper e Ronald Laing (1976). O estudo da Medicalização da educação nas unidades escolares, a escolha da unidade escolar a ser estudada e o estudo e análise das situações, documentos, entrevistas (agentes educadores e crianças) e observações se constituem em fontes para a compreensão dos processos medicalizantes. Evidencia-se como público preponderantemente encaminhado para avaliação diagnóstica, os meninos entre sete e oito anos, na segunda ou terceira série do ensino fundamental, indicando a atenção especial de políticas de prevenção à não-medicalização. Destaca-se como a estrutura intersetorial e multidisciplinar se evidenciam como fatores favoráveis a práticas não-medicalizantes. Objetiva-se a necessidade de aprimoramento em mecanismos para melhor articulação e comunicação entre os vários setores envolvidos no cuidado das crianças. Para favorecer práticas não medicalizantes nas escolas, atenção as condições dignas de trabalho e formação da equipe pedagógica, numa perspectiva coletiva e cooperativa, visando a preparação para uma abordagem compreensiva e uma apropriação crítica de conhecimentos sobre a infância. E uma mudança nas relações interprofissionais entre profissionais da educação e



profissionais da saúde, para uma abordagem interdisciplinar com aprofundamento das bases epistemológicas e ontológicas que fundamentem métodos e teorias.

3. A medicalização da educação no ensino fundamental: situação da rede municipal de Florianópolis/SC

O estudo das implicações da medicalização e patologização no processo formativo de uma criança na Educação Infantil, utilizou a pesquisa (auto)biográfica de abordagem qualitativa-quantitativa, realizada por meio do método progressivo/regressivo (Sartre, 1978). Este método permitiu compreender fenômenos relacionados à educação na infância tomando a criança *em-situação*, constituindo-se num contexto sócio-histórico em que os processos de medicalização da educação ganham forma. Tomamos como referência os estudos históricos e sobre o panorama da medicalização no Brasil, bem como as políticas da Educação Infantil e o desenvolvimento infantil a partir das obras Vigotski (2001, 2009), em diálogo com a sociologia de Bernard Charlot (2000). O levantamento dos processos de (não)medicalização do Departamento de Educação Infantil da Associação Feminina de Assistência Social de Criciúma estiveram na base do estudo (auto)biográfico, realizado com uma criança que vivenciava processos de medicalização no contexto escolar. Recorremos a entrevistas semiestruturadas e observação, isso que nos permitiu compreender os processos de medicalização na educação relacionados à influência de um saber médico-higienista que se perpetua na sociedade há séculos, manifestando-se na esfera da Educação Infantil, marcando práticas pedagógicas das professoras e, conseqüentemente, exercendo um impacto significativo no processo formativo das crianças. Joaquim, a criança protagonista desta pesquisa, depois de enfrentar complicações de saúde respiratória e adenoide, que geraram conseqüências no desenvolvimento da fala e comportamento irritadiço, vivencia os impactos da medicalização e patologização. As professoras a reconhecem como uma criança agitada e que não participava das atividades pedagógicas. As implicações no processo formativo (totalizações em curso) envolvem desde questões psíquicas no processo de formação do seu saber-de-ser, nas relações interpessoais e afetivas, enquanto ser social que aprende a cuidar de si e dos outros, até aspectos da aprendizagem, por não ser incluso nas atividades e, assim, não estabelecer uma relação agradável com o saber escolar.



4. Considerações Finais

A medicalização da educação, sobretudo na infância, está relacionada a questões mais amplas, como as políticas educacionais, as noções de infância e os processos de escolarização. Para propostas de superação, considera-se importante haver formações pedagógicas que promovam reflexões críticas a respeito dos processos de (não) medicalização e sua interferência no desenvolvimento e aprendizagem das crianças, considerando a necessidade de ampliar recursos humanos e pedagógicos, além de condições favoráveis para realização do trabalho docente.

Palavras-chave: Pesquisa autobiográfica. Método progressivo-regressivo. Medicalização da infância. Patologização da infância.

Referências

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**. Elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

COOPER, D. e LAING, R. **Razão e Violência. Uma década da filosofia de Sartre (1950-1960)** Coleção Psicanálise, Vol. XV. Petropolis: Editora Vozes Ltda. 1976.

PATTO, M. H. S. **Psicologia e Ideologia: uma introdução crítica à psicologia escolar**. (1972)

PATTO, M. H. S. **A produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia**. (1987)

RODRIGUES, A.C.T. **Karl Jaspers e a abordagem fenomenológica em psicopatologia**. Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental, ano VIII, n. 4, p 754-768, dez/2005.

SARTRE, J. P. **A questão de método**. In: SARTRE, J. P. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Texto original publicado em 1926).

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores**. Tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

EIXO V

O PENSAMENTO SARTRIANO E AS SITUAÇÕES CONTEMPORÂNEAS - QUESTÕES METODOLÓGICAS





O PONTO DE VISTA DO PACIENTE SOBRE O PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO EXISTENCIALISTA

Raquel Wzorek, (Programa de Pós-graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, UFSC, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Mayara Floriani (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial - PSICLIN, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Veronica Candaten Furini, (Programa de Pós-graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, UFSC, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Zuleica Pretto (Programa de Graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, UFSC, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Daniela Ribeiro Schneider (Programa de Pós-graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, UFSC, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil).

contato: quelwzorek@yahoo.com.br

1. Introdução

Este trabalho objetiva apresentar um recorte da pesquisa de mestrado intitulada *O ponto de vista do paciente sobre o processo psicoterapêutico existencialista* (2024), a qual investigou, tanto de maneira quantitativa quanto qualitativa, a perspectiva do paciente sobre o fenômeno. Este texto abordará a análise dos dados qualitativos realizados no estudo, onde os pacientes relataram aspectos do processo psicoterapêutico que consideram fundamentais para a superação de seus sofrimentos e para efetivas transformações desejadas em suas vidas. Participaram da pesquisa cinquenta e sete sujeitos que estavam em processo de psicoterapia existencialista há pelo menos seis meses, provenientes de diversas regiões do país.

A psicoterapia existencialista, concebida como uma prática clínica que tem suas bases teórico-metodológicas nas obras técnicas e literárias de Jean-Paul Sartre, tem como aspecto fundamental a assertiva de que ninguém nasce determinado, com o ser definido “a priori”. A personalidade é resultante de um processo histórico de relações, “realizado através do jogo dialético entre a objetividade (outros, sociedade, materialidade) e a subjetividade (o sujeito, com suas emoções, seu imaginário, suas ações, suas qualidades)”, como sintetiza Schneider, (2011, p. 165). Lembrando que Sartre ao longo de suas obras atribui dois sentidos ao termo subjetividade, o primeiro é ontológico (1942/2012), e o segundo é antropológico (1960/2002).

A partir dessa compreensão, a clínica existencialista se apoia no método fenomenológico e dialético, que se caracteriza por ser interrogativo e descritivo (Sartre, 2002).



A partir da descrição recompõe-se tanto às situações atuais como as passadas a partir da experiência do sujeito, buscando desvelar e compreender os impasses em seu projeto de ser. Ao mesmo tempo, essa prática auxilia o sujeito a encontrar o campo de possíveis que abrirá perspectivas de futuro condizentes com seu desejo de ser.

A investigação psicoterapêutica envolve desenhar os coletivos que atravessaram a constituição do sujeito, em suas condições materiais e afetivas, e que tem correspondência com as bases antropológicas que marcam a sua história, bem como compreender como o sujeito se apropria singularmente dessas condições, em um “vaivém” entre o sentido subjetivo e as condições objetivas das vivências (Sartre, 2002, p. 104). O objetivo da psicoterapia existencialista, diante disso, é mediar processos de mudança na vida dos pacientes, o que é comum, na verdade, à vários tipos de psicoterapia. Sendo assim, faz-se necessário compreender como se produz esta mudança, ou seja, como ocorre o processo terapêutico.

Os resultados aqui apresentados abordam a análise das respostas relacionadas às questões: 1) “*Você acha que o processo psicoterapêutico existencialista o ajudou a se sentir melhor? Se sim, como? Se não, por quê?*”; 2) “*Escreva aqui como você percebe os principais resultados que você tem alcançado com o processo psicoterapêutico existencialista?*”. Foram analisadas oitenta e uma respostas escritas. Essas respostas se agruparam em três grandes eixos: psicoterapia com um processo de aprendizagem, mudanças clínicas e psicoterapia como um processo de fortalecimento de vínculo e de retomada do projeto de ser.

2. Resultados

Os pacientes destacaram **a psicoterapia como um processo de aprendizagem**. Uma das aprendizagens mais significativas foi a compreensão de si e, compondo esse aspecto, a compreensão sobre as suas emoções. Engelbert (2017) aponta que Sartre nos possibilita entender que uma emoção não existe de forma isolada, é um fenômeno humano e como tal é sempre relacional e significada pelo sujeito que a vive. O autor chama atenção de que o filósofo, além de levar isso em consideração nos alerta para o “papel da emoção” ou seja, a ação mágica de transformação do mundo, e que esse mundo não é um mundo indiferenciado, mas sim o da situação do paciente. As descrições efetuadas em sessões remontam às circunstâncias vividas na emoção, o que proporciona à terapeuta e à paciente entender as correlações entre aspectos situacionais, realizadas de modo irrefletido. Entender as experiências emocionadoras do sujeito



caracteriza momentos importantes no processo de psicoterapia, que vão possibilitando, por um lado, para o terapeuta elementos para intervenções, e para o sujeito a compreensão da sua dinâmica psicológica, a localização do seu sofrimento e o empoderamento do manejo de suas experiências. Quando uma pessoa é tomada pela mesma emoção com muita frequência, estados constitutivos de seu ser acabam por se tornar qualidades objetivas e transcendentais do seu ser (SARTRE, 2010). A partir das verificações dos fenômenos vividos, no conjunto do método progressivo regressivo, almeja-se “a descobertas dos processos de adaptação colocados em prática pelo sujeito para ultrapassar a situação e os obstáculos com que se defronta” (ENGLEBERT, 2017, p.98). Ou seja, visa-se a compreensão da dinâmica psíquica, “da noção de que os atos do sujeito têm significados que remetem à sua constituição psicológica, ganhando uma dinâmica transcendente às condições sócio materiais que a geraram” (SCHNEIDER, 2006, p.289).

A psicoterapia é entendida pelos participantes como um processo de aprendizagem, no qual o sujeito passa a compreender melhor a si mesmo dentro do conjunto de suas relações. Ao longo desse processo, a pessoa passa a conhecer e entender suas emoções e ao longo do processo de reconhecer a sua história de modo dialético, bem como suas ações e comportamentos. Isso leva ao desenvolvimento de estratégias e caminhos para mudança, como a identificação de “gatilhos” em determinadas situações, postura crítica diante dos acontecimentos, planejamento mais efetivo de suas ações e revisão de suas prioridades e objetivos. Com isso, ocorrem constatações de racionalidades que o sujeito se baseia e, mediante isso, a construção de novos horizontes de racionalidade, com certo enriquecimento na forma de ver e ser no mundo, o que aparecerá na sua relação com os outros. Como menciona a participante: “*Aprendi (...) em momentos de conflito separar o que é meu e o que é do outro (...) Julgo menos os outros, agora.*”, desse modo, pode assumir criticamente sua liberdade e a responsabilidade inerente a ela.

Nesse sentido, os sujeitos da pesquisa apontaram a psicoterapia existencialista como mediadora para a ampliação de suas experiências viabilizadoras que compõe aspectos como o desenvolvimento de assertividade, empoderamento para lidar com situações desafiadoras e inesperadas, desenvolvimento na vida profissional e valorização de si (autoestima e cuidado de si).

As **mudanças clínicas** que se evidenciaram neste processo são reconhecidas e descritas pelos participantes da pesquisa com a constatação de que mediados pelo processo



psicoterapêutico, constata também uma redução do sofrimento, com redução e superação dos sintomas. Alguns participantes mencionaram também a superação de ideação suicida. Nas palavras do participante: *“Eu comecei o processo terapêutico, pois estava me sentindo muito mal e estava sofrendo com ideias suicidas. Hoje, me sinto muito mais estável e viabilizado.”*

A estabilidade emocional compreendida neste estudo é relativa às experiências psicofísicas que ocorrem sem ir aos extremos em termos emocionais em relação à intensidade, frequência e amplitude, mas não a ausência de emoções. Ficou evidente que essa estabilidade é um aspecto positivo e desejado pelos pacientes, pois suas respostas qualitativas revelaram experiências de bem-estar, como segurança, leveza, alegria, etc. De modo semelhante, maior domínio sobre as experiências emocionais, foram anunciadas como positivas nas respostas quando relacionadas a um passado de sofrimento. Outro aspecto importante que mudou na perspectiva dos participantes da pesquisa foi a forma de se relacionar com os outros, incluindo a família, amigos e as relações de maneira geral.

O fortalecimento do vínculo entre psicoterapeuta e paciente se estabelece por diferentes intervenções no processo psicoterapêutico. O processo terapêutico foi mencionado como apoio para lidar com situações tensionadoras e de sofrimento, como nesta fala da participante: *“Para mim é fundamental a mediação da psicóloga nas minhas situações de sofrimento intenso. Passei (...) situações de extremo sofrimento, crises de sentido de vida, lutos por falecimento de pai, projetos de família (etc.).”*

Essa fala nos direciona a considerar que acontecimentos significativos podem acontecer na vida do paciente no decorrer do processo, portanto, ter a sensibilidade de acolher a dor do acontecimento contemporâneo e dar suporte ao sofrimento, possibilitando compreensões e ressignificações, pois independente da fase ou momento do processo que o paciente se encontra, o terapeuta pode ser se colocar como suporte. Foi mencionado também admiração e gratidão ao terapeuta.

Por fim, esse processo parece ter levado à **retomada do projeto de ser**, com certo redirecionamento ou apropriação crítica do projeto. Segue relato da paciente:

“Acreditando que só me era possível uma forma de viver, quando meu projeto de vida ruiu eu quebrei com ele. E a psicoterapia me trouxe de volta esse sentido de viver, de uma forma muito melhor e consciente.”

Esses dados da pesquisa corroboram com as afirmações de Schneider (2006) acerca de que a psicoterapia existencialista possibilita ao paciente, condições para que possa



redimensionar sua vida e projeto de ser, na medida em que assume o controle de seu ser e tornando sujeito da sua história.

3. Considerações finais

A conquista de poder voltar a experimentar a vida no modo espontâneo, rompendo as amarras e absolutizações produzidas na trajetória existencial é um trabalho cotidiano no qual o paciente tem que se responsabilizar e se reconhecer nessa ampliação de seus horizontes de possíveis. Na medida em que isso acontece ocorre uma mudança de estatuto na sua subjetividade, como entendemos com Sartre (2015), no sentido antropológico e psicológico do termo. O paciente, ao se abrir para transformações, modifica o seu modo de ser, pois sua subjetividade/consciência (no sentido ontológico) está sempre a “estourar” para o mundo, e por meio de novas experimentações, emoções, reflexões e apropriações seu projeto de ser pode se realizar simultaneamente ao seu desejo de ser (SARTRE, 2002).

Os participantes desta pesquisa demonstraram uma percepção de mudanças salutares conquistadas a partir da proposta teórico metodológica dessa psicoterapia. Indicaram aprendizagens diversas que possibilitaram a abertura para novas formas de experimentar o mundo e a si mesmo, em movimentos estratégicos para contornar e ultrapassar seus sofrimentos viabilizando-se em seus diferentes perfis de ser.

Palavras-chave: Psicoterapia Existencialista. Psicologia Clínica. Avaliação de Psicoterapia. Ponto de vista do paciente.

Referências

SARTRE, J. P. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. (Trabalho original publicado em 1943).

SARTRE, J. P. **O que é a subjetividade?** Trad. E. S. Abreu. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. (Trabalho original publicado em 2013).

SARTRE, Jean-Paul. A transcendência do ego – esboço de uma descrição fenomenológica. **Cadernos Espinosanos**, São Paulo, v. XXII, p. 184-185, 2010.

SCHNEIDER, D. R. **Sartre e a psicologia clínica**. Florianópolis: EDUFSC, 2011.

COLINSAR



ANAIS DO IV COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE SARTRE: “Situações contemporâneas: rupturas sociais, sofrimento e engajamento” UFSC/Florianópolis/SC – 06, 07 e 08 de novembro de 2024 - ISSN 2596-0032 - <https://www.ivcoloquiosartre.com.br/anaisdoevento>

SCHNEIDER, D. R. Liberdade e dinâmica psicológica em Sartre. **Natureza Humana**, v. 8, n. 2, p. 283-314, 2006.



A FUNÇÃO DOS GRUPOS DE TRABALHO NA PROTEÇÃO DA RACIONALIDADE DO PROCESSO CIENTÍFICO

Sandra Aparecida Resende Dalmaso (Consultório Perfis Psicologia e Psicoterapia Existencialista, Florianópolis-SC, Brasil); Marina Silveira Soares (Consultório Perfis Psicologia e Psicoterapia Existencialista, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, Brasil); Sérgio Roberto Monteiro Dias (Consultório Perfis Psicologia e Psicoterapia Existencialista, Florianópolis-SC, Brasil).

contato: sanpsiresende@gmail.com

Recentemente aflorou a discussão acerca da necessidade de respaldos científicos que comprovem a eficácia de tratamentos não médicos como requisito mínimo para cobertura dos Planos de Saúde. Mesmo sendo a Psicologia uma ciência e profissão devidamente regulamentadas no Brasil desde 1962, profissionais da saúde mental reconhecem a existência de múltiplas Psicologias, visto a larga gama de abordagens oriundas de diferentes concepções ontológicas e antropológicas.

Jean-Paul Sartre (1905-1980), partindo da fenomenologia husserliana, desenvolveu uma nova forma de compreender o ser humano e o mundo, e a relação dialética entre eles, denominada Psicanálise Existencial. Fundamentou uma compreensão sobre a consciência, a personalidade, as emoções, o imaginário, o grupo e outros conceitos fundamentais que superam o mentalismo e/ou o empirismo de sua época (Sartre, 2015). Conceituações essas que possibilitaram, posteriormente, a construção de técnicas e estratégias interventivas para uma psicoterapia existencialista fundamentada em um método científico que buscava compreender as condições de possibilidades de ocorrência de um fenômeno psicológico - a Psicoterapia Existencialista. Coube aos psicólogos/psicoterapeutas existencialistas a tarefa e desafio profissional “de estudar, conhecer e converter, ou fazer a transposição da psicanálise existencial para a psicoterapia existencialista” (Dias, 2022, pg. 67).

Psicoterapeutas que se firmam na prática clínica amparados na abordagem fenomenológica existencialista sartreana comprometem-se com a fidelidade à racionalidade do processo científico, utilizando protocolos metodológicos nos quais o processo terapêutico é estruturado em etapas claramente definidas, desde a demarcação do fenômeno, o reconhecimento das variáveis, o planejamento da intervenção e a análise crítica dos resultados,



além de uma avaliação crítica contínua de cada etapa do processo. Ou seja, com começo, meio e fim, esta abordagem assegura que cada fase do tratamento seja avaliada e refletida criticamente, garantindo a eficiência e a eficácia do processo terapêutico com o objetivo de devolver ao paciente sua condição de sujeito titular de sua história na vida concreta de relações.

O presente trabalho tem por objetivo relatar a experiência vivenciada dentro de um Grupo de Trabalho Psicoterapêutico (GT), também conhecido como Grupo de Orientação Metodológica, composto por psicólogas formadas atuantes na psicoterapia existencialista sartreana, sob orientação de um psicólogo professor/orientador¹⁶. O referido GT é atuante desde 2015, com encontros quinzenais, de duas horas de duração, nos quais os terapeutas expõem de forma sistemática os casos em acompanhamento (relato descritivo da situação atual e histórica dos pacientes evidenciando seus projetos e seus sofrimentos para o exercício da elaboração e planejamento visando um psicodiagnóstico seguido da compreensão psicoterapêutica com a teoria do problema e do plano de intervenção) e de forma complementar o desenvolvimento de seminários com reflexões e aprofundamento teórico-metodológico. O grupo nasceu com a proposta de ensinar e treinar a metodologia existencialista, objetivando o desenvolvimento da autonomia intelectual do psicoterapeuta em sua prática clínica à luz da aplicação dos Princípios Fenomenológico-dialéticos de Sartre (2002).

Para Sartre o grupo se constitui numa luta constante contra a serialidade e a alienação pela superação das mesmas, o que gera uma unificação das liberdades e com ela a relação de reciprocidade (Rubini, 1999). Os encontros do GT são momentos de práxis, onde os psicoterapeutas, ao compartilhar e discutir seus casos, engajam-se em uma ação coletiva que visa a transformação e aprimoramento contínuo de suas práticas clínicas. Esta práxis coletiva permite a superação da serialidade, onde os terapeutas, inicialmente isolados em suas práticas individuais, se unem em torno de um objetivo comum: a excelência no cuidado terapêutico.

Durante os encontros, ocorre a fusão de perspectivas e conhecimentos. A fusão ou nascimento do grupo é o momento da tomada de consciência de uma tarefa comum - a partir da necessidade - onde cada um depende dos demais. Este processo é caracterizado pela

¹⁶ Filósofo e Psicólogo Sérgio Roberto Monteiro Dias, com Formação na Clínica Existencialista pelo Núcleo Castor, atua como Professor/Orientador de Grupos de Aplicação da Metodologia Psicoterapêutica Existencialista desde 1993.



solidariedade entre os membros do grupo, que compartilham suas experiências e reflexões de maneira colaborativa, contribuindo para a construção coletiva do conhecimento.

Outra característica da metodologia sartreana é a ênfase na importância da autonomia intelectual e da responsabilidade individual, comprometidas com a racionalidade existencialista dialética ou método descritivo-compreensivo. O GT promove um ambiente onde cada terapeuta é incentivado a desenvolver-se no manejo clínico amparado e mediado no horizonte teórico-metodológico sartreano, singularizando sua compreensão e aplicação dos conceitos existencialistas, ao mesmo tempo em que é responsável pela avaliação crítica de suas práticas.

O GT funciona como um espaço dialético, onde as ideias e práticas são constantemente questionadas e reformuladas. Este processo dialético é essencial para o desenvolvimento de uma psicoterapia que seja tanto cientificamente rigorosa quanto existencialmente relevante.

A abordagem fenomenológica existencialista sartreana, ao ser aplicada metodicamente no GT, assegura que a prática clínica se mantenha fiel aos princípios científicos. A estruturação em etapas definidas e a avaliação crítica contínua garantem que o processo terapêutico seja racional, objetivo e verificável. Isso protege a racionalidade do processo científico na psicologia, ao mesmo tempo em que promove uma prática clínica que respeita a complexidade e a singularidade da experiência humana.

A vivência no Grupo possibilita, conforme seu objetivo, a conversão do conhecimento em saber, traçando uma amarração da teoria na prática psicoterapêutica. O grupo proporciona o contato com princípios reguladores e norteadores amplamente debatidos a partir de um caso concreto, proporcionando coerência e segurança técnica para a intervenção clínica.

Para além do aprimoramento prático-teórico, o GT tem se mostrado uma valiosa ferramenta para psicoterapeutas, especialmente para os que estão iniciando sua jornada na clínica sartreana, atuando na prevenção de desvios ou imprecisões metodológicas. Ou seja, torna-se fundamental para que psicoterapeutas não se percam entre os extremos do positivismo científico ou do subjetivismo metafísico.

O Grupo de Trabalho em questão tornou-se não só um aprimoramento da formação acadêmica, mas também de regulação entre os pares que mantém os psicoterapeutas atentos à



metodologia proposta pela abordagem, buscando garantir qualidade e eficácia do trabalho terapêutico realizado, desenvolvendo, protegendo e fortalecendo ao mesmo tempo o profissional psicólogo e a abordagem existencialista sartreana.

Palavras-chave: Grupos de Trabalho, Psicoterapia Existencialista Sartreana, Treinamento Teórico-metodológico.

Referências

DIAS, S. R. M. Finalidade e possibilidades práticas da metodologia psicoterapêutica existencialista sartreana. *In*: PRETTO, Z. [et al.] **Psicoterapia Existencialista: Princípios Metodológicos**. Curitiba: Juruá, 2022.

RUBINI, C. Dialética dos grupos: contribuições de Sartre a compreensão dos grupos. **Rev. bras. psicodrama**; 7(2): 35-46, 1999.

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da Razão Dialética**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada** – ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.



ENTRE MARX E SARTRE: A CONTRIBUIÇÃO DE QUESTÃO DE MÉTODO PARA COMPREENDER O SENTIDO DO TRABALHO FLEXÍVEL

André Diogo Resende (Programa de Pós-graduação em Psicologia, CAPES, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil).

contato: resende@gmail.com

Este trabalho busca elucidar criticamente o método utilizado na compreensão dos sentidos do trabalho flexibilizado, a partir das contribuições de *Questão de Método*, de Sartre.

Para Richard Sennett, a reorganização do mundo do trabalho ocorrida a partir da década de 1970, em superação ao fordismo, passou a exigir do trabalhador mais agilidade e flexibilidade, esperando-se polivalência, prontidão para assumir riscos e capacidade de lidar com prazos curtíssimos. Impôs ideais de versatilidade às mudanças na incessante busca por resultados.

Como compreender esta categoria, o *trabalho flexível*, a partir das contradições do capital e da revolução das telecomunicações, sem perder de vista a singularidade vivida por estes trabalhadores? Em *Questão de Método*, Sartre nos auxilia ao esboçar um método que retome o potencial heurístico e crítico da filosofia de Marx. Para ele, é fundamental situar o indivíduo em seu mundo, situando as experiências particulares ao processo sócio-histórico em curso. Sartre critica o marxismo dogmático por sua incapacidade de apreender a singularidade dos processos sociais e históricos, tanto do ponto de vista universal da totalização do Capital quanto do singular.

1. Uma breve contextualização do trabalho flexível

Longe de representar uma conquista em termos de autonomia e liberdade, como sonhava o futuro do trabalho o sociólogo italiano Domenico De Masi, o trabalho flexível e seus impactos na constituição do sujeito contemporâneo, configuram-se como um sofisticado mecanismo de gestão da produtividade do trabalho, aprofundando as contradições da relação capital-trabalho. Para tanto, partimos da análise da gênese do capitalismo flexível, contextualizando-o como resposta à crise do modelo taylorista-fordista a partir da década de 1970, culminando na ascensão do regime de acumulação flexível (HARVEY, 2008).

Nesse novo panorama, impulsionado pela financeirização da economia, pela intensificação da reestruturação produtiva e pelos avanços tecnológicos, a flexibilização do



trabalho emerge como estratégia para aumentar a competitividade, reduzir custos e maximizar lucros. O toyotismo, com sua ênfase na produção enxuta, na flexibilidade e na adaptabilidade às demandas voláteis do mercado (ANTUNES, 2011), ascende como modelo paradigmático, inaugurando um cenário de intensificação do trabalho e de corrosão dos direitos trabalhistas.

Contudo, a flexibilização transcende a esfera meramente produtiva e se infiltra no tecido social, moldando as relações interpessoais e subjetivas, configurando-se como uma ideologia dominante (SENNETT, 2016). A ênfase na flexibilidade, na mobilidade, na adaptabilidade, na performance individual e na busca incessante por resultados transforma o trabalhador em um sujeito flexível, desprovido de vínculos sólidos, garantias e direitos, suscetível às oscilações e inseguranças do mercado (GAULEJAC, 2007).

Para aprofundar a análise do trabalho flexível e seus impactos na subjetividade, recorremos à categoria marxiana de trabalho abstrato (KURZ, 1990). Para Marx, no capitalismo o trabalho é reduzido a uma abstração quantitativa, mensurável em termos de tempo e de valor de troca. A subjetividade, as habilidades, a criatividade e o sentido existencial do trabalho são relegados a um segundo plano, desconsiderando a integralidade do ser humano e sua necessidade de encontrar sentido e propósito no trabalho (CASTRO, 2020).

No contexto da flexibilização, o trabalho abstrato assume novas nuances, caracterizando-se pelo individualismo, pela instabilidade, pela fragilização das mediações sociais e pela perda da consciência de classe. As novas formas de gestão, com sua ênfase na performance individual, na competitividade e na hiperatividade produtiva (ANTUNES, 2009), intensificam a competição entre os próprios trabalhadores, enfraquecendo os laços de solidariedade e de identificação de classe.

As inovações tecnológicas, em especial a automação e a inteligência artificial, longe de representar uma ameaça apenas ao trabalho manual e repetitivo, intensificam a abstração e a alienação do trabalho em diversas esferas produtivas (KURZ, 1992). O trabalho humano, cada vez mais fragmentado, repetitivo e controlado por algoritmos, torna-se indistinguível da própria máquina, aprisionando o trabalhador em uma lógica produtiva desumanizante. Pode-se compreender que o paradoxo do trabalho flexível reside na contradição entre o discurso de autonomia e flexibilidade e a realidade de controle, pressão e insegurança vivenciada pelos trabalhadores. A fronteira entre trabalho e vida pessoal se dissolve completamente, gerando uma sobrecarga sem precedentes, que culmina em quadros de esgotamento psíquico cada vez mais presente na contemporaneidade (EHRENBERG, 2010).



As exigências contraditórias e irrealizáveis, em um contexto de intensificação do trabalho e de perda de direitos, geram sofrimento psíquico, ansiedade, depressão, síndromes de burnout e uma sensação generalizada de esgotamento (GAULEJAC, 2007). A busca por performance e produtividade a qualquer custo, estimulada pela lógica competitiva do capitalismo tardio, leva a um esvaziamento das experiências subjetivas, à perda do sentido da vida, à fragilização dos laços sociais e ao sentimento de vazio existencial, cada vez mais presente em nossa sociedade (ANTUNES, 2018).

Tendo em vista este panorama, como então alcançar fenomenologicamente os sentidos do trabalhador flexível, sem perder de vista a totalidade do tempo sócio-histórico do capitalismo flexível? Para Sartre, o marxismo é a insuperável filosofia de nosso tempo. Mas como reencontrar em Marx os meios de constituir uma antropologia do trabalho flexível, superando o engessamento do marxismo histórico? Sartre compreende a ideologia da existência e seu método “compreensivo” como “um território encravado no próprio marxismo que a engendra e, simultaneamente, a recusa”.

2. Sartre contra o marxismo dogmático.

Para Sartre, o existencialismo e o marxismo visam o mesmo objeto, mas o segundo reabsorveu o homem na ideia, enquanto o primeiro o procura por toda parte onde ele está, em seu trabalho, em sua casa, na rua. Em sua compreensão, o que conferiu ao marxismo sua força e riqueza foi o fato de ele ter sido a tentativa mais radical de iluminar o processo histórico em sua totalidade. Para muitos dos marxistas de sua época, pensar significava aspirar à totalização e, sob essa justificativa, substituir o particular pelo universal; significa pretender reconduzir-nos ao concreto, mas, ao fazê-lo, acabam por apresentar determinações fundamentais, embora abstratas.

Sartre sublinha que não há história sem homens vivos. O existencialismo, ao preencher as lacunas deixadas pelos marxistas, tem como objeto o homem singular inserido no campo social, situado em sua classe, no meio de objetos coletivos e de outros homens singulares de nosso tempo, o indivíduo alienado, reificado, mistificado pela divisão do trabalho e pela abstração do valor.

Sartre entende que a filosofia deve situar o agente ou o acontecimento no conjunto histórico, defini-lo em relação à orientação do devir, e, ao mesmo tempo, determinar com precisão o sentido do presente em si mesmo. O método marxista é progressivo porque resulta



de longas análises realizadas por Marx; contudo, a “progressão sintética atual é perigosa: os marxistas preguiçosos a utilizam para constituir o real a priori” (SARTRE, 2002).

Sartre compreende o marxismo vivo como simultaneamente, regressivo e progressivo. Sua primeira preocupação é situar o homem em seu contexto. Neste caminho, partindo de Lefebvre, Sartre busca em três tempos delinear um método que permita revelar a singularidade dos fenômenos dentro de totalizações mais amplas do tempo histórico:

1) O primeiro passo seria a descrição fenomenológica do objeto a ser conhecido, buscando apreender a singularidade fenomênica a partir da experiência;

2) o segundo momento, Sartre denomina analítico-regressivo, visando transcender o aspecto fenomênico do objeto em direção aos fatos, eventos e informações passadas ligadas à sua historicidade, capazes de fornecer uma primeira aproximação do vir-a-ser do fenômeno investigado;

3) o terceiro momento do método é o progressivo-sintético, pois busca redescobrir, a partir dos fatos e eventos analisados pelo momento regressivo, a síntese presente que estes formam, iluminada por seu processo histórico.

Palavras-chave: Marxismo. Progressivo-regressivo. Sujeito flexível.

Referências

- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018. GAULEJAC, V. *Travail: les raisons de la colère*. Paris: Seuil. 2011.
- CASTRO, Fernando Gastal. **A subjetividade sem valor: Trabalho e formas subjetivas no tempo histórico capitalista**. Curitiba: Appris, 2020.
- EHRENBERG, A. **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa**. São Paulo, Ideias & Letras. 2010.
- GAULEJAC, V. *Travail: les raisons de la colère*. Paris: Seuil. 2011.
- HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. 16. ed. São Paulo: Loyola. 2008.
- KURZ, R. **O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial**. São Paulo: Paz e Terra. 1990.
- SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da Razão Dialética**. dp&a, 2002.
- SENNETT, Richard. **The Moral Bankruptcy of New Capitalism**. Aftershocks: Economic Crisis and Institutional Choice. 2009.



COMO NASCER DEPOIS DE CRESCIDA: UM ESTUDO DE CASO A LUZ DAS CONTRIBUIÇÕES DE JEAN-PAUL SARTRE PARA A PSICOLOGIA CLÍNICA

Leticia Rossi Bianchessi (Treinamento em serviço/ UNICAMP, NUCAFE, Campinas- São Paulo, Brasil); Mailson Nogueira Alves (UFPA, NUCAFE, Belém- Pará, Brasil); Rodolfo Rodrigues de Souza (Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia/ UERJ, Rio de Janeiro- Rio de Janeiro, Brasil).

contato: leticiarossibianchessi@gmail.com

O presente trabalho se inspira em experiência vivida no Hospital das Clínicas (HC) da Universidade Estadual de Campina (UNICAMP). Parte-se de um caso ficcional construído a partir de um amálgama de situações vividas neste espaço para refletir sobre a clínica psicológica em diálogo com o existencialismo de Jean-Paul Sartre, sobretudo com as noções de má-fé, espírito de seriedade e ser-para-outro.

O filósofo aponta que uma das implicações do ser visto é ser objetificado. Saber-se percebido, enquanto consciência, leva o sujeito se perceber, recordando que ocupa o mundo de uma determinada maneira, o que se articula com a máxima “o inferno são os outros” (SARTRE, 2014). Constata-se, então, que é o outro tem papel central na possibilidade de me dê conta de que existo. Sartre destaca o jogo entre alteridade e alienação, conforme dois sujeitos alternam os papéis de ser objeto e fazer do outro seu objeto em um movimento que, a partir de Hegel, o pensador nomeia de dialética do senhor e do escravo (SARTRE, 2016). Ressaltamos aqui que a objetificação do outro é uma tentativa, pois é entendido que a liberdade é condição indissociável da realidade humana.

Às tentativas de fingir para si mesmo que não se é originariamente uma liberdade em curso, atribuindo determinações a si ou aos outros, como se estas justificassem nossas escolhas ao modo de um destino prévio, Sartre nomeia de má-fé (SARTRE, 2016). Uma das atitudes de má-fé descrita pelo filósofo é por ele nomeada de *espírito de seriedade*. Como bem explicita Dhein (2019, p. 176), “por meio dele [do espírito de seriedade], tomamos os valores e as referências mundanas como objetos em si, prescritivos e imperativos”.

Isso posto, passemos à consideração da situação clínica estabelecida para a reflexão que aqui empreendemos. Em meados da pandemia de COVID-19, recebemos para atendimento no HC, Sônia, uma mulher de 26 anos, em função de tentativa de suicídio, que a deixara com



graves comprometimentos de saúde. Desde o primeiro encontro com Sônia, ela referia experimentar uma ansiedade extrema ao ser convocada a estar em relação com outras pessoas, como, por exemplo, nas oficinas de ateliê em contexto da internação. Além da situação grupal, na descrição da história familiar, Sônia coloca em cena o quanto sua mãe e sua avó, figuras principais de cuidado da paciente, costumemente dirigem a ela frases e condutas depreciativas. Seu pai, por outro lado, é uma presença que evidencia uma preocupação com o *status* social e com como a filha será percebida, buscando definir posições prescritivas sobre o que é ser mulher. Na descrição que Sônia faz sobre sua história familiar, é difícil encontrar um elogio dirigido a ela. Essa falta de reafirmações parece ter impacto significativo no modo como Sônia se percebe no mundo e em suas relações.

Se, como já exposto, ser visto é se deparar consigo mesma e reconhecer-se no olhar do outro, o que acontece quando o olhar do outro é, durante muito tempo, um olhar de reprovação? Que “Eu” se reconhece a partir disso? Compreendemos que a noção de “eu” a partir de Sartre não é uma posição de interioridade, mas justamente aquilo que está em jogo como objeto no mundo (SARTRE, 2013). Pode-se arriscar um palpite no que nos mostra Sônia ao dizer que prefere “morrer do que dizer aos meus familiares como me sinto”. Sartre (1973, p. 238), em uma entrevista concedida em 1965, comentando a peça *Entre quatro paredes*, afirma:

Quando pensamos em nós, quando tentamos nos conhecer, no fundo, partimos de conhecimentos que os outros já têm sobre nós. Nós nos julgamos com os meios que os outros têm, nos deram para nos julgar. O que quer que eu diga sobre mim, sempre o julgamento do outro já está aí embutido. O que quer que eu sinta em mim, o julgamento do outro lá está. Isso quer dizer que, se minhas relações são ruins, coloco-me na total dependência dos Outros. E então, em verdade, estou no inferno. E há uma quantidade de pessoas no mundo que estão no inferno pois dependem largamente do juízo alheio. Mas isso não significa de modo algum que não possamos ter outras relações com os outros. Isso apenas marca a importância capital de todos os outros para cada um de nós.

Sônia demonstrava lidar com esses juízos que recebia tanto por meio de uma autoexigência muito pronunciada quanto por um controle excessivo de seus modos de se colocar diante dos outros, o que a punha em constante conflito frente a descrença em suas próprias possibilidades. Cita, em uma construção paradoxal, a falta de sentido e até uma aversão ao “roteiro de vida” mantido pelo *status quo* (estudar, trabalhar, casar, ter filhos...) vivenciado como possibilidade única, ou, pelo menos, como o “caminho mais fácil”, enquanto o “mais aceitável socialmente”. Via-se distante desse ideal ao mesmo tempo em que assumia que os outros o executavam com naturalidade e se questionava sobre sua possibilidade de realizar o mesmo caminho. Esse conflito reforça sua sensação de não pertencimento à vida



humana: “sou um ser de outro planeta”. Sônia vivia assombrada por valores imperativos, externos e impossíveis.

Tal configuração nos remete ao espírito de seriedade, Sônia tomando os valores que seus “heróis” afirmam no mundo – como aqueles anunciados por seus familiares – como sendo universais previamente dados diante dos quais não caberiam escolhas. Frequentemente, ela se queixava nas sessões: “não sei como todos conseguem fazer tudo tão certo”. Ao que lhe devolvia a pergunta sobre se de fato conseguem.

Referia repulsa à autoimagem e tentava, por meio de cirurgias plásticas, uma solução: “ainda que tosco, é necessário”. E emendava concluindo que “queria ser qualquer coisa menos o que sou”. Um elemento central no atendimento de Sônia parece ser exatamente essa questão: *O que sou?* Um ser inacabado, em meio a tantos outros que, conforme olho, parecem plenos. Expressava aflição frente a certeza das conclusões que tirariam ao vê-la, conclusões das quais ela mesma não participaria. O que aparece nessa situação clínica é bem apresentado por Perdigão (1995, p. 144), ao afirmar que “Por me captar não só como sujeito, mas também como totalidade acabada, o Outro me designa dessa ou daquela maneira, suprimindo os meus possíveis (que, para mim, acham-se sempre em aberto, por se fazer).”

Posta essa angústia, Sônia via-se na necessidade de sustentar uma performance normativa, contemplando sua fala costumeira sobre “tentar parecer normal”, ou, na nossa compreensão desta situação clínica, tentar não transparecer seu inacabamento, em um esforço exaustivo e vão. A situação nos permite compreender o que Sartre propõe quando diz que “é para e por uma liberdade, e somente para e por ela, que meus possíveis podem ser limitados e determinados” (Sartre, 2016, p. 347). Sônia então se aliena a uma expectativa que assume como universal conforme “[v]ê a si mesm[a] pelos olhos dos outros e age de acordo com essa imagem (...) assume postura de em-si” (Penha, 1982, p. 82).

Ela apresentava a ideia de que, para suportar se ver diante dos outros, deveria “fingir ser quem eu acho que os outros querem que eu seja”. Nessa atitude grifamos o viés masoquista, conforme apelidado por Sartre (2016), a fim de ilustrar o fascínio do sujeito por sua condição de objeto. É nessa perspectiva que Sônia diz, com uma dose de orgulho: “sou muito boa em fingir”. A tentativa, porém, é fracassada, pois, para se realizar seria necessária uma “apreensão intuitiva desse objeto tal como é para o Outro, o que é, por princípio, impossível” (Sartre, 2016, p. 471). Dito de outro modo, esse projeto de seriedade fracassa, pois mesmo ao supor ser o que o outro espera de si, Sônia só pode ser o que ela supõe ser esse olhar alheio.



Diante da esvaziada esperança de poder conquistar o outro, ela recorre a uma segunda atitude, compreendida pelo pensamento de Sartre como “sádica”: tenta objetificar uma liberdade, não vendo o outro enquanto subjetividade, mas como uma possibilidade fechada numa concepção própria. Furtando do outro a possibilidade de ter impressões próprias, Sônia se apressa em assumir que o outro concluirá, precisamente, algo ruim, errado, inadequado, de seu ser. E é através desse caminho que ela traça uma saída de emergência desse inferno: a indiferença, somente possível a partir de uma política de “chumbo trocado”: assumindo que essa pessoa não gosta de mim, posso com facilidade também desgostar dela. Qualquer uma das duas atitudes é uma espécie de fuga, pois Sônia não se coloca como autora desses fazeres, mas como tendo de fazer em função dos outros. Quando percebe isso, se envergonha. Afinal, a má-fé como fuga ainda não escapa à possibilidade de perceber-se como aquela que foge (Sartre, 2016).

Pode-se dizer que é neste ponto, frente a consecutivas tentativas vãs de se proteger, que o caso se torna uma questão de vida ou morte. Com apoio de Ferreira podemos pensar o sentido dessa consequência. Refletindo a partir de Sartre sobre a relação com os outros, escreve que “se ignoro o Outro a ponto de fazê-lo desaparecer, eu mesmo estou ameaçado de desaparecer, pois, a existência do Outro é fundamental para o meu ser” (Ferreira, 2019, p. 99).

Como experiência de impossibilidades na relação com os outros, Sônia havia tentado o suicídio, o que, como evidenciado, a levou ao HC. Uma das intervenções em encontros com ela foi, por exemplo, a exploração da possibilidade de experimentar outros modos de relação com o outro, consigo e com o mundo, e o quanto isso seria importante para ela poder decidir o que gostaria de fazer com a própria existência. A referida intervenção se mostrou um divisor de águas. Detendo-se nessa reflexão, Sônia se deu mais tempo. Era preciso se assumir. A experiência dela diante dos outros sempre apareceu marcada pela vergonha, elemento fundamental da relação com o olhar do outro (Sartre, 2016).

O que acontece é que não há saída dentro de quatro paredes. Quando perguntada do sentido de sua tentativa de se matar, Sônia diz ser a morte “o único lugar que sinto ter a liberdade de escolher o que fazer, independente dos outros”. No entanto, o caminho de nossas reflexões nas sessões, ao mesmo tempo que desvelou um mundo restrito de sentidos e possibilidades, também revelou o quanto Sônia, sem se dar conta, reafirma em seu existir essas mesmas restrições. Além disso, o que ela poderia escolher de diferente depois de morta? É comunicando à Sônia a importância de se pôr em relação, sendo a situação em que vive – noção



sartreana que inclui os outros (Sartre, 2016) – algo sempre presente e com o quê tem de lidar na busca por se fazer ser. Sustentar a possibilidade de que ela encontre outros modos de se colocar no mundo em relação é um dos caminhos que tem aparecido nessa relação terapêutica. Sônia segue apostando em ampliar suas possibilidades em situação.

Palavras-chave: Psicologia clínica. Psicoterapia. Estudo de caso. Ser-Para-Outro. Jean-Paul Sartre.

Referências

FERREIRA, Thúlio. Olhar e ser visto: A afirmação e alienação da existência a partir da ontologia fenomenológica do olhar em Jean-Paul Sartre. 2019. 131 (Ética)- Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2019.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada: ensaio de uma ontologia fenomenológica**. Tradução de Paulo Perdigão. 24ª ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

SARTRE, Jean-Paul. **Entre quatro paredes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. **A transcendência do Ego**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

PENHA, João. **O que é existencialismo?** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

PERDIGÃO, Paulo. **Existência & liberdade: uma introdução a filosofia de Sartre**. Porto Alegre: L&PM, 1995.



PARADOXO ENTRE DIAGNÓSTICO E COMPREENSÃO PSICOTERAPÊUTICA NA CLÍNICA EXISTENCIALISTA E SEUS DESDOBRAMENTOS PARA A PERSONALIZAÇÃO

Roseli Terezinha Kuhnen (psicóloga e psicoterapeuta); Sérgio Roberto Monteiro Dias. (psicólogo e psicoterapeuta).

contato: rozizaa@gmail.com; sergio@perfispsicologia.com.br

1. Introdução

Este estudo explora os desafios e paradoxos envolvidos na interação entre diagnóstico médico-psiquiátrico e compreensão psicoterapêutica dentro da clínica existencialista, utilizando a psicologia fenomenológica e existencialista sartreana como base teórica. O foco recai sobre um estudo de caso envolvendo uma paciente adulta autodiagnosticada com autismo, tendo feito Terapia Cognitivo Comportamental (TCC) e cujas dificuldades emocionais e relacionais são analisadas à luz de suas condições sócio-históricas, culturais e familiares. O objetivo central é demonstrar como uma abordagem existencialista, quando aplicada à prática psicoterapêutica, pode ir além das limitações impostas por diagnósticos formais, abrindo espaço para o resgate da subjetividade e da agência pessoal do paciente.

2. Apresentando a paciente

Trata-se de uma mulher de 36 anos e que chegou à terapia já tendo passado por 4 profissionais da TCC, sendo que o último tinha dado alta e logo após o problema tendo voltado, ela desacreditou do processo terapêutico.

A paciente afirma que lutou a vida inteira contra a depressão e a ansiedade, sendo que no momento de maior desespero tinha ideias e tentativas de suicídio. Apresentou um conjunto de queixas relativas as suas dificuldades e impasses na sua vida de relações. Podemos sintetizá-las em 3 eixos fundamentais: 1) dificuldade de compreensão e comunicação em contextos concretos e de entender sarcasmo, ironia, piadas, acreditando literalmente no que as pessoas falam; 2) dificuldade de sair e entrar em contextos e atmosferas, tendo que ter tudo pesando, metodicamente organizado e quando algo sai do esperado entra em tensão e ansiedade; 3) dificuldade de noção espacial e de coordenação psicomotora. Os gatilhos de seus acessos emocionais ocorriam predominantemente na relação com os pais em momentos de cobranças e exigências. Segundo a paciente ouvir essa frase “você tem que” me levava para a irritação e



para a depressão, eu entrava num redemoinho e ia para o fundo do poço, ficando sufocada, me sentindo um ser que não devia estar ali, que não tem sentido de existir e que está só atrapalhando”.

3. A dimensão sócio-histórica e antropológica

As verificações detalhadas das queixas nos devidos contextos e atmosfera nos mostraram que o contexto socioantropológico familiar de gênese e atual era predominantemente de cuidados, providências, exigências e pouca mediação. Além disso, os pais faziam brincadeiras e ironias com as dificuldades da paciente e a confundiam num processo de comunicação na dúvida e na ambiguidade. Nessas situações, ela apresentava uma forte tensão e ansiedade na tentativa de decifrar, ficando refém dessa expectativa que sempre era levado a sério.

Portanto, o estudo de caso também evidenciou como as dinâmicas sociais, culturais e familiares da paciente influenciaram profundamente sua construção de identidade. A abordagem existencialista valoriza a análise do contexto histórico e interpessoal em que o indivíduo está inserido, considerando como tais fatores constituem o ser no mundo. No caso em questão, a paciente estava inserida em um regime familiar de pouco espaço ontológico para personalizar-se, que acabou por inibir sua capacidade de experimentar a vida de forma autônoma. As expectativas sociais e as dinâmicas familiares, associadas ao autodiagnóstico de autismo, geraram um tipo de cuidado que, embora bem-intencionado, acabou por reforçar uma forma de alienação existencial.

3. Diagnóstico e personalização: um conflito latente

As práticas diagnósticas convencionais muitas vezes restringem a visão sobre o paciente ao enfatizar excessivamente aspectos patológicos e determinísticos. No caso apresentado, o diagnóstico de autismo, embora forneça uma orientação inicial para o tratamento, tende a fixar a identidade da paciente em uma definição que olha predominantemente para seu passado e presente, ignorando o futuro potencial de autodeterminação. A perspectiva existencialista sartreana rejeita qualquer tipo de essencialismo e busca entender o ser humano a partir de sua liberdade e de suas possibilidades, oferece uma alternativa a essa postura reducionista.



Ao invés de ver o diagnóstico como uma sentença final, o trabalho propõe que o terapeuta existencialista deve enxergar a pessoa para além das categorias diagnósticas, focalizando suas escolhas e sua capacidade de transcender as condições impostas. A paciente, inicialmente imersa em um ambiente altamente normativo e protetor, teve sua autonomia e capacidade de agir no mundo restringidas, o que dificultava a construção de uma identidade plena e autêntica. Esse tipo de cuidado excessivo e a internalização de rótulos associados ao diagnóstico contribuíram para a criação de um "vazio" existencial, bloqueando sua capacidade de desenvolver um "poder-ser" autêntico e um Eu psicofísico.

4. Intervenções terapêuticas: da compreensão à personalização

A intervenção terapêutica descrita foi realizada por meio de um processo de síntese compreensiva, no qual o psicoterapeuta buscou entender a paciente a partir de suas vivências concretas e subjetivas, ao invés de limitar-se a categorias diagnósticas. O tratamento envolveu a integração do aspecto psicofísico por meio de exercícios de reciclagem psicomotora, um método que permitiu à paciente recuperar seu senso de agência corporal e, assim, começar a reconstituir sua capacidade de definir sua própria identidade. A abordagem compreensiva enfatizou a restauração da capacidade de escolha e ação da paciente no mundo, permitindo-lhe transcender as barreiras impostas pelo diagnóstico.

No processo de psicoterapia existencialista vamos resgatando psicofisicamente o sujeito por dentro de suas experimentações de ser, pelas suas escolhas e decisões dentro de uma atmosfera, situado e localizado. No caso dessa paciente, buscamos e situamos ela dentro dos contextos e atmosferas familiares onde estavam os gatilhos que desencadeavam a sua dinâmica de personalidade esvaziada na exigência, não conseguindo ser ela, titular do seu ser. A paciente fez da sua objetividade para o outro, seu modo de ser essencial, ou seja, absolutizado. Como afirma Sartre no *San Genet*, “o menino decidiu querer o que o que lhe era imposto” (SARTE, 2002a, p. 169). A pressão que vem de fora é mais forte para uma criança e então, ela é produzida pelos outros, mas tem um momento da personalização que é o momento que vamos fazer algo diferente do que os outros fizeram de nós. Vamos nos apropriar do nosso ser e vamos eleger por nos próprios o nosso futuro.

O processo de personalização, entendido aqui como a possibilidade de o indivíduo reconfigurar seu ser a partir de escolhas livres e conscientes, foi o objetivo final da terapia.



Essa perspectiva é central à psicoterapia existencialista, que busca libertar o paciente dos determinismos psicológicos e socioculturais que limitam sua liberdade. Ao final do tratamento, a paciente demonstrou uma renovada capacidade de participar ativamente de sua vida, agora orientada não mais pelas expectativas alheias ou pelas restrições impostas pelo diagnóstico, mas por suas próprias escolhas e desejos.

5. Conclusão: para além do diagnóstico

Este caso clínico ilustra o paradoxo entre diagnóstico e compreensão na prática psicoterapêutica, ressaltando como o modelo existencialista permite superar as limitações inerentes ao diagnóstico médico tradicional. Ao reconectar o paciente com sua capacidade de se tornar um sujeito ativo, capaz de redefinir seu lugar no mundo e ressignificar suas vivências, a abordagem existencialista oferece um caminho terapêutico que promove a personalização e a autonomia. A crítica central desse artigo reside na visão de que a prática clínica não deve encerrar o paciente em categorias rígidas, mas sim abrir espaços para que ele possa exercer sua liberdade e potencializar seu vir-a-ser.

O estudo reforça a importância de uma prática clínica que vá além da mera aplicação de rótulos diagnósticos e promova a compreensão profunda do ser humano em sua complexidade. A psicoterapia existencialista, ao focar na personalização, proporciona um modelo de cuidado que vê o paciente como um ser em constante transformação, capaz de definir o curso de sua vida a partir de suas escolhas e de sua relação com o mundo.

Foi tratado nessa exposição, uma visão mais aprofundada e articulada sobre o caso clínico, destacando os aspectos centrais da crítica ao diagnóstico e a importância da abordagem existencialista na promoção de uma terapia mais personalizada e libertadora.

PALAVRAS-CHAVE: Personalidade. Autismo. Diagnóstico. Caso clínico. Intervenção

Referências

- AUGRAS, Monique. **O Ser da Compreensão:** Fenomenologia da Situação de Psicodiagnóstico. Petrópolis: Editora Vozes, 2013. Reedição 2022.
- BERG, Jan Hendrik van den. **O Paciente Psiquiátrico:** esboço de psicopatologia fenomenológica. São Paulo: Mestre Jou, 1981.
- DIAS, S. R. M. Finalidade e possibilidades práticas da metodologia psicoterapêutica existencialista sartreana. In: PRETTO, Z. et al. (org). **Psicoterapia Existencialista:** Princípios Metodológicos. Curitiba: Juruá, 2022.



SARTRE, Jean-Paul. **Questão de Método**. 4ª ed. Tradução Bento Prado Junior. Difel, São Paulo, SP, 1979.

_____. **Saint Genet: Ator e Mártir**. Petrópolis, RJ, 2002a.

_____. **Crítica da razão dialética**: precedido por Questões de método. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. DP&A, Rio de Janeiro, 2002b.

_____. **Esboço para uma Teoria das Emoções**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

_____. **O Ser e o Nada**: Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 2015.

LAING, R.D; COOPER, D.G. **Razão e Violência**: Uma década da filosofia de Sartre (1950-1960). Petrópolis: Vozes, 1982.



UM ENTENDIMENTO SOBRE O PROCESSO TRANSFERENCIAL PACIENTE-TERAPEUTA DE UM PONTO DE VISTA SARTREANO

Eduardo Camillo K. Ferreira (São Paulo – SP, Brasil).

contato: eduardo.ckf@gmail.com

O fenômeno da transferência preconizado na psicanálise freudiana possui relativa aceitação dentre as diversas linhas da Psicologia, ainda que cada qual reinterprete seu conteúdo e funcionamento de acordo com os próprios preceitos epistemológicos. Em nosso trabalho, buscamos entender tal fenômeno, destrinchando suas estruturas fundamentais que levaram diversos autores a sustentar sua existência e características. Buscamos, por fim, na filosofia sartreana algum entendimento para tal acontecimento. Trata-se, portanto, de uma apreciação comparativa em perspectiva teórico-filosófica e não ancorada em prática clínica.

Em síntese, para Freud a transferência seria uma reedição de desejos inconscientes instaurados no passado da pessoa (normalmente na infância), desejos estes que burlam as resistências de recalque e sobrepõem de alguma maneira essas imagens do passado às características da(o) analista (Yamaguti, 2024, p. 59). A terminologia, portanto, aponta para esse *alocar* na relação singular paciente-analista algo externo a ela. Transfere-se o conteúdo afetivo e o desejo de outro momento da vida para essa relação que se mostra agora. Assim, por tratar-se de material “bruto” do inconsciente que remete diretamente a algo do desejo reprimido da pessoa –à semelhança de sonhos–, a psicanálise considera a transferência como um tipo de material privilegiado à investigação analítica, para desvelar e possibilitar a interpretação dos sintomas do paciente.

Ainda que desalinhadas da metapsicologia freudiana, algumas abordagens psicológicas reconheceram tal fenômeno, e buscaram reinterpretá-lo a partir de seu próprio arcabouço teórico e prática clínica. Carl Rogers, por exemplo, em sua Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) que parte de uma perspectiva onde o que possibilita a superação de sofrimentos é o ambiente de confiança, empatia e aceitação sustentado na relação terapêutica, entende que a transferência acontece por quatro principais ataques a essa relação: ameaça, julgamento, tutela, expectativa (Albertoni, 2011, p.78-81). Assim, para Rogers, a transferência não é



algo necessário ao processo terapêutico, e só acontece frente a um momento de impasse dessa relação. Difere, assim, da noção original freudiana, mas mantém-se uma repetição de algum sentido prévio e profundo da vivência da pessoa.

Tomando um segundo exemplo na Daseinsanálise de Medard Boss, o autor entende que a relação analista-analisando é interposta por “limitações” e “distorções mentais” da vida do analisando, que viram condicionantes à maneira como o analisando vive essa nova relação. O “amor de transferência”, por exemplo, não seria uma representação de um amor a outra pessoa, mas é de fato amor à pessoa da(o) analista, ainda que formatado a partir dessas vivências desse passado conforme seu fechamento existencial (Yamaguti, 2024, p. 103-104). Ou seja, há também algo novo que se cria, ainda que baseado na história vivida a pessoa, e é aí que reside a possibilidade de um olhar cuidadoso sobre a pessoa.

Em um terceiro e último exemplo, a Daseinsanálise hermenêutica de Alice Holzhey-Kunz traz a transferência como originada de uma autoilusão semelhante à que causa as neuroses (Yamaguti, 2024, p. 180-182). Essa autoilusão busca tamponar as verdades existenciais (finitude, definhamento, não-garantias na vida etc.). A transferência seria, portanto, uma autoilusão pois o paciente “regride” a um modo de ser relacional de seu passado, buscando dar alguma estabilidade (ilusória) às verdades que se lhe apresentam na análise. A interpretação da finalidade dessa ilusão seria útil para pinçar onde que a pessoa se sente mais exposta a essas verdades existenciais, e o que ela usa para tentar dar conta disso.

A razão de trazermos esses entendimentos, ainda que de sobrevoos, é que se tenha uma noção minimamente diversa dos sentidos estruturais dados à noção, revelando assim algo em comum dentre eles. De maneira geral, o que se mantém ao longo deles é que a transferência é um tipo de resistência protetiva atualizada na própria relação terapêutica a partir de conteúdo e sentidos vivenciados no passado e que se presentificam por impasses que se colocam para a pessoa, seja pela própria dinâmica da relação terapêutica, seja pelos conteúdos trazidos nela.

É patente, pois, que seu funcionamento se dê pela natureza relacional desse encontro por princípio ontologicamente regido pelo *Olhar* do outro, pelo *Ser-para-Outro* (Sartre, 2013, p. 287) frente à figura da(o) terapeuta/analista, como já bem assinalou Veríssimo (2022, p. 194-196). Haveria, por um lado, uma possível busca de objetivação por parte do paciente no *ser-olhado* —o que expõe um primeiro movimento de má-fé de se ver reconhecido de determinada maneira e selado nesse aspecto—, e por outro lado estaria objetivando a(o) terapeuta num movimento reativo de enrijecimento de certo papel atribuído à(ao) profissional. Esse papel



atribuído revela um segundo movimento de má-fé, pois a atribuição de um papel implica necessariamente em assumir uma maneira de relacionar-se com ele, e, portanto, o próprio paciente assume outro papel.

Esses movimentos de má-fé, assim, buscam trazer à relação terapêutica uma forma a dar um sentido “antigo” a algo que se apresenta ao vivo. Intuímos que tais movimentos se dão com alguma constância no processo terapêutico, em graus de maior ou menor intensidade. Isso pois o efeito de *ser-olhado* é uma categoria ontológica, e, portanto, acontece desde o momento zero da relação terapêutica, afinal, se a pessoa busca ajuda de alguém, é porque já de cara atribui-lhe um papel como “alguém que lhe possa ajudar”¹⁷.

Com isso, cabe retomar brevemente a dubiedade da vergonha na terapia: por um lado, por estar frente a um outro que é consciência que me escapa, o desnudar-se pressupõe um esperado julgamento, e com isso há uma objetificação em curso –do que me envergonho? que papel atribuo a essa pessoa que me faço *voluntariamente* envergonhar frente a ela em busca de ajuda? Por outro lado, é justamente a superação dessa vergonha –não sua eliminação, mas suportar conviver com ela– que possibilita o livre falar, e isso só é possível pelo modo operativo da relação terapêutica, como um ambiente de acolhimento e postura não judicativa. Assim, esse *Olhar* ameaçador inalcançável converte-se em diálogo auxiliar.

Colocamos que existem diferentes intensidades de atitude transferencial, e gostaríamos de olhar sua intensificação negativa. Seria esse o momento em que se levantam as defesas, e possivelmente leva a pessoa ao endurecimento protetivo em suas atitudes de má-fé –inclusive com fins de levar ao rompimento do processo terapêutico: mascara-se a relação com uma vestimenta de algo que lhe é intolerável, e que não há saída senão o rompimento. Numa situação dessas, de intensificação do processo transferencial, a própria má-fé é feita com forte envolvimento emocional, de forma a alterar a apresentação fenomênica dessa relação de modo a qualificar esse mundo de determinada maneira que possibilite lidar com o que aparece. Como coloca Sartre, a condição ao ser-com pressupõe um reconhecimento de *quem é* esse outro: “O *Mitsein* [Ser-com], por si só, seria *impossível* sem prévio reconhecimento do que é o Outro: ‘sou com...’, de acordo; mas, com *quem?* [...]” (Sartre, 2013, p. 529, grifos do autor). A

¹⁷ Grosso modo, outra categoria de atitude transferencial conforme a psicanálise lacaniana, o “sujeito suposto saber”



alteração fenomênica dada na transferência emocional seria justamente uma alteração desse “com quem?”, que ganha um novo papel nessa circunstância.

Detalhemos, portanto, as características necessárias à relação terapêutica que permitam superar esse impasse, já que ela própria também é modelada pelos aspectos ontológicos do *Olhar* e seus conflitos intrínsecos. Nos parece importante à relação terapêutica que ela se faça como um *Nós-sujeito* (Sartre, 2013, p. 524) que tem como objetivo o Ser do paciente –num caráter prototípico de um minigrupo em fusão–, mantendo uma postura de *guardar e resguardar* que *sustente* a ambiguidade inata¹⁸ à existência humana (Dhein, 2020, p. 274-279). Isso pois, para o paciente, a relação é pura relação e olhar, é ver-se objeto o tempo todo, pelo outro e por si. Já para a(o) profissional é uma relação em *atenção*, pois convém resguardar que a relação ela mesma esteja preservada nesse caráter de Nós-sujeito, de forma que o olhar vivenciado pelo paciente, quando vivido de maneira mais exasperante e converter-se em má-fé, que ao menos tente preservar –ou retomar– dinâmica de Nós-sujeito frente ao perigo de tornar-se puro ser-para-outro¹⁹. E por isso a atenção e esforço na manutenção da relação terapêutica dentro do enquadre é de responsabilidade da(o) profissional porque é quem consegue ver mais distintamente esses movimentos de má-fé da transferência, sustentar sua ambiguidade, e buscar colocar em suspensão o que esse conflito traz e implica em busca da restituição do Nós-sujeito base da relação.

Torna-se óbvio, portanto, que as nuances desse movimento transferencial revelam algo do *projeto de ser* da pessoa, e, logo, pode tornar-se terapêuticamente útil. Se o *projeto de ser* efetivamente manifesta-se em cada ato e sentido, em cada relação formada, revela-se também nas atitudes de má-fé que se fazem na relação terapêutica. A intensidade dessas atitudes revela nalguma medida o nível de proteção que se instaura no paciente frente à sua situação. Se efetivamente a transferência reproduz ou não momentos da infância, nos parece incerto nesse

¹⁸ Acompanhamos Dhein (2020) quando entende que a má-fé não é algo a ser combatido na clínica, uma vez que se trata de um movimento ontológico inato. Sustentar a ambiguidade do paciente, portanto, é sustentar que esse movimento aconteça sem entrar em reações normativas, ou esperar que essa má-fé não respingue na própria relação que ali se faz.

¹⁹ A postura de Nós-sujeito torna-se, assim, bastante instável, pois “[o Nós-sujeito] constituindo-se no bojo do próprio conflito como uma pausa neste, qualquer alteração do ser-para-outro e do campo material pode macular a relação, fazendo com que o conflito reapareça” (Freitas, 2024, p. 83)



momento. No mínimo faria sentido que estivessem alinhadas a outros momentos em que seu *projeto* se viu em crise, e foi preciso protegê-lo.

Em resumo, o fenômeno da transferência pode ser entendido como um movimento de resistência e defesa via má-fé que acaba por fixar na relação uma característica exógena a ela. É entendido que ela surge de maneira mais intensa em momentos de impasse do processo terapêutico. Nesse momento, é frutífero buscar sustentar o que se coloca na relação, entendendo as estruturas que suportam essa má-fé, possibilitando informações do projeto do paciente. Atentar-se à transferência como um tipo específico de fenômeno que se manifesta naturalmente do processo terapêutico dentre todos trazidos pelo paciente, possibilita observar em primeira pessoa aspectos que de outra forma não emergiriam, e nisso reside sua virtude.

Palavras-chave: Transferência. Psicologia existencialista. Jean-Paul Sartre

Referências

ALBERTONI, L. B. As atitudes transferenciais e a ACP. **Rev. NUFEN**. v.3, n.1, p. 65-91, 2011

DHEIN, C. F. A. **A Clínica Psicológica em Diálogo com Sartre: para além da má-fé, autenticidade e normatividade**. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2020

FREITAS, S. M. P. A experiência psicológica do “Nós”: alienação, comunidade e engajamento em *O Ser e o Nada*. **ARGUMENTOS - Revista de Filosofia/UFC**. Fortaleza, ano 16, no 31 - jan.-jun. p. 74-85. 2024

SARTRE, J-P. **O Ser e o Nada**. 22ª ed. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2013

VERÍSSIMO, L. J. A vivência do olhar na psicoterapia: aportes fenomenológicos e hermenêuticos ao trabalho com o pensamento de Sartre. In ANGERAMI, V. A. (Org). **A psicoterapia sob Sartre**. Belo Horizonte: Artesã, 2022. p.173-205

YAMAGUTI, A. C. **Da Autoilusão Transferencial à Co-habitação Existencial: Aproximações acerca da Função Protetiva do Amor entre as Terapias Daseinsanalíticas de Medard Boss e Alice Holzhey-Kunz**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024



CONSIDERAÇÕES ACERCA DA COMPREENSÃO DO PROCESSO DE FAZER-SE CRIANÇA, ENQUANTO FENÔMENO ATRAVESSADO PELA CONCRETUDE DA EXISTÊNCIA

Juliana Albertina Klein (Psicóloga Clínica e Coordenadora do Curso de Psicologia da Universidade Paranaense (UNIPAR), Cascavel- Paraná.

contato: julianaklein@prof.unipar.br

Pretende-se neste texto, apresentar algumas reflexões, que surgem da prática clínica e da experiência enquanto orientadora de estágio em clínica existencialista sartreana, acerca da compreensão das infâncias enquanto processo de fazer-se criança. Como orientadora tenho percebido uma certa resistência inicial por parte de acadêmicas e acadêmicos, no que se refere ao atendimento clínico infantil, e depois, geralmente um encantar-se pela infância. Este receio inicial, em grande parte vem de um desconhecimento da infância, este grande período da vida, delimitado e estudado por diversas áreas, mas, ainda incluso em saberes adultos e institucionalizados sobre o ser criança.

Durante a formação acadêmica, geralmente o contato se dá através de disciplinas como desenvolvimento humano, infância e adolescência, avaliação psicológica, entre outras intersecções com disciplinas teóricas e práticas, todavia, ainda estruturados na construção de um saber sobre, um manejo com, sem muito reconhecimento desta criança a partir e de sua vivência da infância, o que torna o universo infantil, espaço do desconhecido ou ainda do não saber. Todavia, a criança não sabe menos, ela sabe diferente, e este outro saber é que, quando vivenciado pelas alunas e alunos, conduz a uma curiosidade sobre o infantil e a vivência de uma experiência significativa para a formação, visto que a infância é condição humana e muito diz sobre o mundo em que se vive, mesmo o dito mundo dos adultos.

Daí a importância de romper com olhares autocêntricos para a infância, que tendem a construir uma prática naturalizante da infância, pois estes olhares, geralmente nosológicos não possuem a intencionalidade de evocar a infância, de desvelar o seu processo, mas, sim de categorizá-la como normal ou patológica. Ao falar de infâncias PRETTO (2013) apresenta a importância da superação de olhares universalizantes e categorizantes do fazer-se criança,



possibilitando um novo olhar para este processo, sem fechá-lo em fases do desenvolvimento ou habilidades motoras ou cognitivas que precisam ser alcançadas. Este processo de categorização fica aparente nos encaminhamentos realizados pelas instituições, na maioria partindo do espaço escolar, socioassistencial e também familiar, geralmente já acompanhados de um direcionamento para a necessidade de um diagnóstico e de acesso a medicação, indicando um outro fenômeno, o da medicalização da infância.

Este fenômeno da medicalização, afeta diretamente o fazer e que também gera insegurança nos estagiários de psicologia, que estão se deparando pela primeira vez com a prática clínica e também se torna um desafio para profissionais já formados, que se dedicam ao atendimento infantil. Visto que há uma exigência da família e das intuições de ensino acerca de um diagnóstico, que na maioria das vezes reduz o ser criança, e não possibilita uma real compreensão desta criança, que deve estar à frente de qualquer diagnóstico. Enquanto, iniciantes muitas vezes os estagiários se sentem obrigados a dar uma devolutiva, limitando-se a buscar respostas, para as queixas dos adultos responsáveis pela criança, fato este que leva geralmente a uma não conexão com a criança, inviabilizando o processo psicoterapêutico. O que traz a necessidade de destacar que durante o processo psicoterapêutico deve-se acolher a criança, e conseguir reduzir, uma série de conhecimentos e conceitos prévios elaborados sobre esta criança, seja da família, instituições ou dos próprios profissionais. Para assim, poder desvelar o fenômeno, para deixar aparecer a singularidade de cada criança, sem a pretensão de encaixá-la em um estereótipo ou aprisioná-la em nosso saber de mundo. Neste sentido a pretensão deste texto se faz no desejo de apresentar a necessidade de um olhar para infância como fenômeno situado, como vivência de uma singularidade constituída em uma mundaneidade e não apenas como a definição ou pretensão de descrição de um sujeito universal, apoiando-se no existencialismo e em novos olhares para as infâncias que este abre como possibilidade.

Apesar de nunca ter se dedicado a escrever exclusivamente sobre a infância, em vários momentos de sua obra, ele nos dá a possibilidade de perceber as infâncias e o quanto ela permeia a constituição de cada pessoa, de cada projeto. Sartre (2002) apresenta a concepção de que cada pessoa nasce corpo e consciência, e através deste corpo que está consciência se situa em uma temporalidade e se relaciona com um mundo posto, em uma relação contínua de uma subjetividade que visa superar uma objetificação enquanto se direciona para uma objetividade. Neste sentido a consciência só se faz a partir da sua relação com o mundo, com o outro.



“Assim, o subjetivo retém em si o objetivo que ele nega e supera em direção a uma nova objetividade; e essa nova objetividade, em sua qualidade de objetivação, exterioriza a interioridade do projeto como subjetividade objetivada.” (Sartre, 2002, p.81).

Como indica Schneider (2002) em um primeiro momento a criança não se diferencia do outro, das coisas e mesmo de si, fazendo com que a sua identidade seja de certa maneira conferida pelas pessoas que a cercam. Antes de ser ela mesmo, ela já é projeto de uma família, de uma cultura, de uma sociedade, espera-se de certa forma ou de muitas formas, algo dela. Neste contexto compreendemos que ela é lançada a um mundo que já existe, e sua subjetividade se construirá a partir da relação com esta objetividade. Sendo que, Sartre indica que “a verdade e que a subjetividade não e nem tudo, nem nada, ela apresenta um momento do processo objetivo, e esse momento se elimina sem cessar, para sem cessar renascer novamente.” (SARTRE, 1978, p. 125)

Para tanto, a importante premissa existencialista de que “a existência precede a essência” nos traz a compreensão de que primeiro a pessoa existe, se percebe, se descobre em um mundo e somente depois torna-se.

O que significa, aqui, dizer que **a existência precede a essência**? Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. O homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fazer de si mesmo. Assim, não existe natureza humana, já que não existe um Deus para concebê-la. O homem é tão-somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer; como ele se concebe após a existência, como ele se quer após esse impulso para a existência. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo. (Sartre, 2014, p. 10)

Sob esta compreensão, não existe uma natureza humana, mas sim, uma condição humana. O que apreende também os saberes que visamos construir sobre a infância, não sendo possível determiná-la no momento em que se nasce, ou qualquer outro momento, apesar de toda ou qualquer condição biológica, é preciso compreender como será sua inserção no mundo, que trará o delineado de suas condições existenciais do início de seu processo de subjetivação/objetivação. Afinal, "Não somos torrões de argila e o importante não é o que fazem de nós, mas o que nós mesmos fazemos com o que fizeram de nós" (Sartre, 2002, p. 61)

Atesta-se assim, que apesar de em um primeiro momento a criança não refletir necessariamente o que a faz ser quem é, e por isso de certa forma se constituir a partir de uma alienação fundamentada em seu antropológico e em seu sociológico, a mesma se faz criança



também na constituição enquanto projeto de ser, que acontece em relação com o outro, com o mundo. “na criança, os momentos entram em contato, modificam-se uns aos outros na unidade de um mesmo projeto e, por isso mesmo, constituem uma nova realidade”. (SARTRE, 2002, p.86)

A infância é sempre situada, pois, toda criança pertence a uma situação histórica, e está lhe direciona de certa forma para um campo de possíveis, mas, também lhe imprime a necessidade de ser um acontecimento singular, na medida em que vive o universal de forma singular, e constrói seu projeto de forma dialética em relação com o que já está dado. Desta forma mesmo vivendo espontaneamente ou de certa forma alienadas ao seu ambiente, estes não são determinantes e não traduzem um não saber. Estas vivencias pelo contrário, demonstram como se dá a apropriação destes saberes, e como estes influenciam sua constituição como pessoa e trazem a originalidade e a possibilidade de constituir novas historicidades. O que nos leva a compreender que a dimensão psíquica, não é um dado primeiro, sendo necessário para reconhecê-la e compreendê-la em um processo psicoterapêutico que esta encontra-se imersa em diversas instituições (família, escola, cultura, religiosidade) e que através do atravessamento e imposições destas, enquanto facticidades que a criança se constrói autêntica. Sendo assim, a relação constituinte se trava dialeticamente com o antropológico e o sociológico. E como ressalta Sartre (2002, p. 69) “isso significa que o “meio” de nossa vida, com suas instituições, seus monumentos, seus instrumentos, seus “infinitos” culturais [...] sua temporalidade social e seu espaço “hodológico”, deve ser também objeto de nosso estudo”.

Compreende-se assim a importância de apresentar as infâncias, enquanto marcadas por questões, sociais, políticas, econômicas, culturais e tantas outras que precisam estar presentes em um processo psicoterapêutico. Tornando-se essencial um olhar cuidadoso e respeitoso para as infâncias, principalmente por profissionais da psicologia, sem cair nas teias do determinismo e da universalização, do fazer-se criança.

(...) não se pode esquecer que há um laço concreto entre liberdade e existência; querer o homem livre é querer que haja ser, é querer o desvelamento do ser na alegria da existência; para que a ideia de libertação tenha um sentido concreto, é preciso que a alegria de existir seja afirmada em cada um, a cada instante; é espessando-se como prazer, como felicidade, que o movimento rumo à liberdade assume no mundo sua figura carnal e real. (BEAUVOIR, 2005, p. 110)

O processo psicoterapêutico, deve para tanto possibilitar o desvelamento de uma singularidade que se estabelece a partir da relação com a exterioridade, de uma liberdade que



precisa ser compreendida enquanto tal. Apresentando-se como um primeiro possível para um processo psicoterapêutico infantil que não se limite a uma veredito acerca de uma queixa, nem tão pouco a um diagnóstico totalizante, compreendendo a criança como uma totalização em curso.

Palavras-chave: Psicoterapia. Infâncias. Personalização, Existencialismo

Referências

BEAVOUIR, S. **Por uma moral da ambiguidade**. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SARTRE, J.P. **Crítica da Razão Dialética**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro RJ: Ed. DP&A editora, 2002.

SARTRE, J.-P. Saint Genet: ator e mártir. Trad. Lucy Magalhães. Vozes: Petrópolis, 2002.

SARTRE, J.-P. **O Ser e O Nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Trad. Paulo Perdigão. 19 ed. Vozes: Petrópolis, 2011.

SARTRE, J.-P. **O existencialismo é um humanismo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014

SCHNEIDER, D. R. **Sartre e a psicologia clínica** Ed. da UFSC, 2011.



A SITUAÇÃO DE IMIGRAÇÃO E A CLÍNICA EXISTENCIALISTA: ENTRE A EXECUÇÃO DO PROJETO DE SER E A INSTAURAÇÃO DA CRISE DE SI

Isadora Perin Schiavo, (Instituto Intentio de Psicologia Fenomenológica, Arte e Literatura – Curso de formação em Psicologia Clínica com ênfase em Gestalt-terapia e em Psicologia Existencialista); Daniel Marcio Pereira Melo, (Instituto Intentio de Psicologia Fenomenológica, Arte e Literatura – Curso de formação em Psicologia Clínica com ênfase em Gestalt-terapia e em Psicologia Existencialista) Universidade da Beira Interior- UBI, Portugal. Programa de Pós-graduação, Curso de Doutorado em Filosofia).

contato: isadoraschiavo@gmail.com

O fenômeno da imigração voluntária caracteriza-se pela movimentação de pessoas que optaram por deixar seu país de origem em busca de um novo contexto econômico, social e político. Diferente da imigração involuntária, impelida por ameaças de perseguição, a imigração voluntária implica um projeto de vida planejado para ocorrer em momento e local específicos (MIRANDA et al., 2004). Ao se afastarem do país de origem, esses migrantes distanciam-se dos referenciais culturais e sociais que organizavam seu cotidiano, resultando em um deslocamento subjetivo acompanhado de desamparo e mal-estar cultural. A imigração deve ser entendida como um fenômeno inter-relacionado às estruturas sociais, atravessada por fatores como a falta de oportunidades no país de origem e pelas políticas de integração/exclusão no país de destino. (SILVA-FERREIRA; BORGES, 2022). Com isso, muitos imigrantes acabam assumindo uma posição de vulnerabilidade social e buscando atendimento psicológico como uma forma de suporte, especialmente em serviços comunitários e de valor social.

A pesquisa que fundamenta este trabalho se configura como fenomenológica, orientada pelo método progressivo-regressivo de Jean-Paul Sartre (1960), que considera a dimensão do vivido, tomada em um movimento de “vaivém”. Ao eleger o projeto existencial de uma pessoa como domínio de investigação, esse método emprega, simultaneamente, o movimento regressivo e o progressivo: enquanto a análise regressiva visa compreender o "sentido do vivido" a partir da história singular do sujeito – suas experiências passadas e seu presente –, a síntese progressiva pretende totalizar a biografia da pessoa numa compreensão unificadora, considerando seu presente e sua projeção ao futuro (BOCCA, 2021; MELO, 2020). O método progressivo-regressivo se aplica à presente pesquisa ao tomar como objeto a própria prática



clínica da psicóloga-pesquisadora. Trata-se de um relato de experiência da práxis de uma psicóloga que atende brasileiros residentes no exterior através de psicoterapia on-line, de inspiração sartriana, disponibilizada pelo Projeto Fala – ação de responsabilidade e compromisso social do Instituto Intentio de Psicologia Fenomenológica, Arte e Literatura. Essa instituição promove um curso de formação em psicologia clínica existencialista, do qual a psicóloga-pesquisadora é integrante.

A análise regressiva da presente pesquisa envolve a investigação das queixas dos pacientes e de como estas se relacionam (ou não) com a situação de imigração. Paralelamente, a síntese progressiva visa integrar o que foi constatado nos atendimentos com aspectos fundamentais da teoria existencialista, tais como a noção de projeto de ser, liberdade, angústia, situação, má-fé, responsabilidade e ser-com-o-outro, buscando elucidar elementos relevantes a serem considerados pelo psicoterapeuta no atendimento deste público, a partir da experiência de escuta clínica da pesquisadora. Este é processo ainda em construção, já que os pacientes permanecem em psicoterapia. O momento analítico-regressivo permitiu evidenciar que, embora as queixas iniciais dos pacientes nem sempre estejam explicitamente vinculadas ao ato migratório, o sofrimento relatado em psicoterapia se configura na situação de imigração. Esse sofrimento, por sua vez, relaciona-se à discrepância entre a expectativa de que a mudança de país traria melhores oportunidades e a realidade vivenciada no novo contexto. Além da mudança geográfica, por si só, não garantir a melhoria de vida esperada, essa idealização inicial da imigração é rompida pelas dificuldades e desafios cotidianos enfrentados no país receptor.

Tendo em vista que os pacientes expressam não pertencerem mais ao lugar de origem, ao mesmo tempo em que não se sentem parte do novo ambiente, a situação de imigração se revela nos relatos clínicos como a urgência de um novo reconhecimento de si, e como uma configuração a partir da qual o projeto de ser do sujeito imigrante pode ser compreendido. O momento sintético-progressivo, portanto, busca compreender como o projeto de ser se reorganiza diante da situação de imigração, integrando os achados do contexto clínico com os fundamentos da clínica existencialista. Estes achados apontam para o que se considera aqui a instauração de uma crise de si.

Nesse sentido, a decisão de migrar – uma escolha livre que organiza e revela o projeto de ser – coloca o sujeito diante de um afastamento de sua situação existencial de origem, manifestando um rompimento com elementos da própria imagem de si, como família, cultura e país. A angústia decorrente da liberdade dessa escolha o confronta tanto com o que ele já não



é – sua situação de origem – quanto com o que ainda não é – novas possibilidades no país de destino a serem integradas ao seu projeto de ser. Esse movimento de ruptura traz à tona a angústia enquanto apreensão do nada entre passado e futuro (DHEIN, 2020), convocando o sujeito a se reposicionar diante de seu novo universo de possíveis.

Essas possibilidades são estabelecidas na nova situação, tendo em vista que o projeto de ser só pode se realizar em uma determinada estrutura de escolha: são as condições contextuais que delimitam o campo de possibilidades de escolha e de definição de um indivíduo (SCHNEIDER, 2011). A situação de imigração implica, portanto, numa constante tensão entre a contingência do lugar de origem, que constitui a base da construção da identidade do sujeito, e a escolha do novo contexto. A relação com o novo lugar, marcada por constantes comparações com o país de origem e tentativas de recriar o familiar em meio ao desconhecido, reflete nessa sensação de “presença dupla” e aponta para a complexidade da execução do projeto de ser na situação de imigração.

Além disso, a imigração introduz o sujeito a uma nova realidade cultural, social e linguística e, com isso, um novo coeficiente de adversidades. Experiências de xenofobia, expedientes burocráticos para documentação, distância da família de origem, barreiras linguísticas, adaptação ao novo ambiente geográfico, entre outros fatores, atravessam a vivência da imigração e manifestam a resistência da materialidade frente à realização do projeto de ser do sujeito imigrante. Embora o coeficiente de adversidades tenha seu dado objetivo, ele é sempre apropriado singularmente pelo sujeito, que lhe atribui significados de acordo com seu projeto de ser (SCHNEIDER, 2011). No contexto clínico, isso se evidencia quando, diante de circunstâncias semelhantes, um sujeito vê nas adversidades um obstáculo intransponível, enquanto outro as percebe como um desafio que reforça sua determinação de se estabelecer no novo país.

Essa apropriação singular das adversidades se dá pelo recurso à má-fé, manifestando-se, por exemplo, quando o sujeito tenta minimizar a complexidade da situação de imigração para evitar se confrontar com a angústia que essa nova realidade suscita; ao tentar negar o impacto de sua origem e seu passado sob sua experiência atual no novo país; ou ao atribuir a frustração de suas expectativas idealizadas a fatores externos, evitando reconhecer a própria liberdade e responsabilidade inerentes à decisão de migrar. Para além de buscar a superação da má-fé na clínica, é preciso entendê-la como uma conduta que reflete a expressão da própria condição de liberdade, e buscar manejá-la como uma forma de elucidar o projeto de ser do



sujeito (DHEIN, 2020). Entretanto, vale ressaltar que o projeto envolve a consciência da responsabilidade que orienta as escolhas que se faz para si e os compromissos e lutas assumidos frente ao mundo. (ROSOLEN, 2017).

Uma vez que a responsabilidade não é puramente da ordem da individualidade, mas também se estende ao impacto que as escolhas têm sobre os outros, destaca-se a importância das relações estabelecidas na situação de imigração e seu impacto na execução do projeto de ser. Nesse processo, o imigrante pode ser objetificado pelo olhar dos membros de sua nova comunidade, por exemplo, ao impor-lhe uma identidade fixa de "estrangeiro". Essa objetividade é experimentada pelo sujeito como alienação, quando seu ser escapa de si e fica em poder do outro, que é sempre um mediador entre o sujeito e a sua experiência de “si mesmo” (SCHNEIDER, 2011; BOCCA; MELO, 2022). Assim, a experiência migratória é atravessada pela dimensão do ser-com-o-outro na medida em que a inserção ao novo contexto exige lidar com a alteridade, tanto na assunção das diferenças culturais, quanto na construção de relações que viabilizem um sentido de pertencimento. A instauração da crise de si aqui considerada também se organiza nesse contexto de relação com esse novo outro.

É assim que podemos considerar que a situação de imigração é capaz de instaurar uma crise de si, já que o modo de existir do sujeito se organiza numa situação na qual se dá o que chamamos aqui de vivência de “presença dupla” – desvinculação do lugar de origem e tentativa de vinculação ao novo lugar. Essa crise se apresenta como uma espécie de descontinuidade no projeto de ser, em que o sujeito não se reconhece nem no lugar de origem, nem no novo ambiente. Assim, tem-se que o projeto de ser do imigrante é desenhado em meio a essa sensação de não-pertencimento, mobilizando-se por um futuro que contempla a necessidade de reconfiguração de si mesmo. Para isso, o trabalho da consciência posicional-de-si torna-se essencial, levando o sujeito a refletir sobre sua experiência e posicionar-se frente a ela. Esse movimento é facilitado pelo psicoterapeuta, que auxilia o paciente a tomar consciência dos aspectos conflituosos de suas vivências. Dessa forma, a condução clínica impulsiona o paciente a se posicionar diante de sua condição de imigrante e do sofrimento associado, reconhecendo como suas expectativas, percepções e escolhas impactam sua experiência de imigração.

Palavras-chave: Imigração. Situação. Sofrimento psíquico. Clínica psicológica. Existencialismo.

Referências



BOCCA, M. C. **Psicanálise existencial e o método progressivo-regressivo**: experiência psicopatológica em Jean-Paul Sartre. 1. ed. Curitiba: Appris, 2021.

BOCCA, M. C.; MELO, D. M. P. Psicoterapia on-line: enquadramento situacional-relacional e temporal como metodologia de telessaúde na clínica existencialista contemporânea *In*: PRETTO, Z. et al. (orgs.). **Psicoterapia Existencialista**: Princípios Metodológicos. Curitiba: Juruá, 2022.

DHEIN, C. F. A. **A clínica psicológica em diálogo com Sartre**: Para além da má-fé, autenticidade e normatividade. 1. ed. Rio de Janeiro: IFEN, 2020

MELO, D. M. P. **Clínica do ato**: por uma fenomenologia do corpo em psicoterapia. Curitiba: Juruá, 2020.

MIRANDA, B. D. et al. Migração e impactos psicológicos: diferenças entre migrantes voluntários e migrantes involuntários. *In*: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 56., 2004, Cuiabá. **Resumos** [...]. Cuiabá: SBPC, 2004.

ROSOLEN, D. E. B. A clínica psicológica inspirada na obra sartriana. *In*: ANGERAMI, V. A. **Psicoterapia fenomenológico-existencial**. Belo Horizonte: Artesã, 2017.

SARTRE, J. P. **Critique de la raison dialectique**: précédé de questions méthode. Paris: Gallimard, 1960.

SCHNEIDER, D. R. **Sartre e a psicologia clínica**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

SILVA-FERREIRA, A. V.; BORGES, L. M. METAMORFOSES INTERCULTURAIS: O IMPACTO DA IMIGRAÇÃO NA SAÚDE MENTAL DE IMIGRANTES UNIVERSITÁRIOS LATINO AMERICANOS. **Educação em Revista**, v. 38, 2022.



CONSTITUIÇÃO DA PERSONALIDADE EM CONTEXTOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: IMPOTÊNCIA DE SER CRIANÇA VIVIDA NA ADULTEZ

Ronise Vieira Bolter, (Curso de Psicologia, Estágio Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial - PSICLIN, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, Brasil); Daniela Ribeiro Schneider (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial - PSICLIN, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, Brasil). Raquel Wzorek, (Programa de Pós-graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, UFSC, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Carolina Beckert Polli (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial - PSICLIN, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, Brasil).

contato: rnsbolter@gmail.com

Esse resumo expandido versa sobre uma reflexão a partir das implicações da violência doméstica para a dinâmica psicológica, sendo delineada a partir de um dos casos atendidos no estágio obrigatório em Clínica Existencialista em um serviço escola de uma universidade pública. A Clínica Existencialista aqui que foi desenvolvida tem base principalmente nos escritos filosóficos e metodológicos de Jean Paul Sartre, que trouxe a perspectiva ontológica de liberdade do ser através de suas escolhas situadas. Para isso, o autor desenvolve métodos para compreender as existências que analisou, como a psicanálise existencial, o método progressivo-regressivo e o método biográfico (Schneider, 2008). Partindo da sua produção, foram possíveis sistematizações da metodologia para pensar o método clínico para a atuação psicológica, como os desenvolvidos por Rosa, Strelow, Haertel e Francisco (2022) e por Schneider, Sousa, Thurow e Strelow (2022).

A.S. é um homem branco homossexual de 23 anos, veio do interior do Estado para a capital, é mestrando, atuava como professor temporário e chega ao serviço após uma crise intensa de ansiedade com afetações psicossomáticas – tremedeira, palpitação, falta de ar e dor na garganta. Tais afetações vinham acontecendo com frequência e buscou o serviço pois tinha medo de que ficasse pior como uma vez foi. Além das crises, trazia que por vezes era acometido por insônia, demora para dormir, pesadelos e crises após esses sonhos.

Morava na época em uma república, mas não tinha proximidade com ninguém, não tinha mais contato com as poucas amigas feitas no curso de graduação. Quanto aos relacionamentos, dizia se experimentar carente e grudento com aqueles que encontrava nos aplicativos de relacionamento. Quando havia trocas de mensagens, se experimentava ansioso



quando não obtinha respostas rápidas e trazia um grande medo de ser ignorado e de ficar sozinho.

Ao total foram descritas quatro episódios de crise recentes: uma no contexto do trabalho, ao posicionar-se frente a um aluno difícil, que tinha por fundo outra situação que precisava se posicionar frente a uma questão acadêmica. Em ambas buscou auxílio da diretora da escola e de sua orientadora respectivamente; outra no contexto de pós viagem para sua cidade natal, em que estava tentando fazer alguns trabalhos que estavam atrasados e desencadeou uma crise, buscando apoio em seu parceiro romântico na época; e outras duas envolvendo situações de posicionamento frente a figuras ou mais autoritárias ou que sentia serem superiores a ele no contexto do trabalho.

A partir das descrições fenomenológicas das situações (Schneider, Sousa, Thurow, Strelow, 2022), foi se verificando que se experimentava incapaz diante de situações em que identificava como conflituosas, pois tentava ao máximo evitar conflitos, levando-o a um tensionamento e uma dificuldade de posicionar-se frente a outro. Nisso, recorria a uma figura de confiança que geralmente estava associada a certa autoridade para ter amparo, e que conseguiria fazer algo com a situação.

Ao investigar sua história, foi possível descrever ambientes familiar, escolar e laboral permeados pela violência física e verbal que faziam com que A.S. convivesse com o medo continuamente enquanto crescia. Mesmo distante tanto geograficamente quanto temporalmente dos contextos antropológicos e sociológicos da sua infância e adolescência, continuava se afetando frente a algumas situações vistas como conflituosas. Suas reações emocionais, em uma tentativa irrefletida de superar tais condições, lhe colocavam na atualidade frente ao que lhe pareciam ameaças a alguns aspectos do seu projeto de ser, o qual está vinculado à sua ascensão financeira.

Ao investigar mais a fundo, o projeto de ser também perpassava por ter condições de ajudar sua mãe que permaneceu no ambiente que lhe fez mal. O paciente a destaca enquanto um dos únicos motivos que faz com que ele volte para sua cidade natal e tenha forças para posicionar-se: ao descrever um episódio de origem, elabora que “*não batia de frente (com meu pai) por mim, era por ela*”, emocionando-se. Em conjunto com essa fala, também menciona sobre sua tendência de esquiva e não de enfrentamento: “*quando eu tentei bater de frente, sempre foi pior*”, descrevendo em seguida um episódio de origem.



Nesse sentido, a intervenção se deu no sentido de entender que a afetação nos dias atuais se dá a partir de um objeto noemático que nos remete a uma situação passada e nos experimentamos do mesmo modo, nos mergulhando no imaginário. E como assim descreve Schneider,

Ela (a imaginação) é uma espontaneidade criadora, já que inventa seu objeto como lhe aprouver, a partir de uma síntese de elementos afetivos (o valor e a função que as coisas têm para o sujeito) e de aspectos do seu saber (conhecimento sobre o objeto, experiências que possui em relação a este, certezas sobre o seu ser). (Schneider, 2011, p.176).

Foi verificado e trabalhado que a experimentação de impotência frente a violência doméstica sendo criança aparece nas situações atuais em uma correlação noemática (Rosa, Strelow, Haertel e Francisco, 2022). A vivência violenta na infância construiu a inteligibilidade de si como alguém frágil (apesar de se posicionar em defesa da mãe, não tinha recursos concretos para tal), onde a insegurança ontológica se mostrava tão grande que buscava romanticamente alguém seguro de si e que pudesse “salvar” ele e sua mãe – como também buscava nas figuras de autoridade um conforto nas situações conflituosas para ele. Assim, já que se via como fraco, buscava esse terceiro a força que gostaria de ter em si, sendo tomado pelo pavor de ficar sozinho ou ser abandonado.

Através do trabalho psicoterápico, foi possível criar condições para novas compreensões de si, inclusive para perceber que seu projeto de superação das condições materiais/afetivas da infância já estavam em curso. Sua carreira profissional estava sendo construída que, com uma pós-graduação, lhe qualificava para o mercado de trabalho e lhe levava a um crescimento profissional. Em relação a sua afetividade no perfil amoroso, foi percebendo que idealizava um “salvador” e partindo disso foi possível trabalhar a noção de relacionamentos, não como complementaridade do que lhe falta, mas como mediação de projetos de ser que caminham juntos. Esse aspecto destaca o protagonismo existencial em vez de uma passividade de ser, que era como ele se colocava em seu perfil amoroso.

No mesmo sentido, nesse início de apropriação de sua realidade que permite uma ação mais crítica, foi possível perceber em um episódio de discussão com o mais novo caso romântico que conseguiu sustentar uma certa posição frente a esse outro. Quanto ao antigo relacionamento, o qual tinha um apego grande e o considerava “*eu do futuro*” (dadas as características mais confiantes, pós-graduando, bem empregado), estava deixando de ter tanta centralidade na sua vida quando conheceu o novo rapaz. Porém esse novo rapaz não tinha tais



características, apesar de fornecer companhia, sentia que faltava algo, que tem a ver com a ver com seu projeto. Mas é essa falta que tornou possível a posição frente ao conflito sem que ameace o “ficar sem alguém forte que o proteja”, como também a finalização das 30 sessões de psicoterapia no serviço, que também foi dando condições de pensar seu passado, presente e futuro e como pode escolher agir nas situações em que se encontra. Poder tomar distância da sua história e fazer algo com o que lhe foi feito, agora de maneira crítica, é a aposta da psicologia e a prática clínica da mudança do sujeito.

Palavras-chave: Violência. Psicoterapia. Dinâmica psicológica. Existencialismo.

Referências

- ROSA, M. DE S. T., STRELOW, M., HARTEL, M., FRANCISCO, P. R. (2022). **Delineamento metodológico para uma terapêutica existencialista.** In: Pretto, Z., Schneider, D. R., StreLOW, M., Grigolo, T. (org). Psicoterapia existencialista: Princípios metodológicos. Curitiba: Juruá.
- SCHNEIDER, D. R. (2008). **O Método Biográfico em Sartre: contribuições do Existencialismo para a Psicologia.** Estudos e Pesquisas em Psicologia, 8(2), 284-301.
- SCHNEIDER, D. R., SOUSA, A. L., THUROW, C. F., STRELOW, M. (2022). **Os componentes centrais da psicoterapia existencialista.** In: Angerami, V. A. (Org). A Psicoterapia sob Sartre. Belo Horizonte: Artesã. (pp. 263-289).



PROCESSOS CLÍNICOS DA PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIALISTA NA PERSPECTIVA DOS PSICOTERAPEUTAS

Milene Strelow, (Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Núcleo de Pesquisa em Clínica da Atenção Psicossocial – PSICLIN – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Florianópolis-Santa Catarina-Brasil); Daniela Ribeiro Schneider, professora orientadora (Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Núcleo de Pesquisa em Clínica da Atenção Psicossocial – PSICLIN – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Florianópolis-Santa Catarina-Brasil).

contato: milene.strelow@gmail.com

1. Introdução

A Psicoterapia Fenomenológica-Existencialista é uma proposta teórico-metodológica para a psicologia clínica sustentada na obra filosófica de Jean-Paul Sartre e de alguns outros autores próximos a ele, como Simone de Beauvoir, Ronald Laing, David Cooper, entre outros, que sofreram influências da fenomenologia e do materialismo histórico-dialético, sendo desenvolvida por psicoterapeutas em diferentes partes do mundo, em especial no Brasil, onde há um movimento muito consistente (SCHNEIDER, 2011). Nos últimos anos, tivemos um aumento exponencial do número de publicações na área tais como livros, artigos científicos, realização de encontros, colóquios e congressos, bem como de instituições formativas que oferecem especializações na psicologia/psicoterapia existencialista sartriana. Pela contemporaneidade dos estudos, das pesquisas, do trabalho clínico realizado e do aprimoramento do conhecimento, tal metodologia e seus processos clínicos estão em pleno curso, construção e aplicação. Temos alguns apontamentos nesses trabalhos da descrição dos processos, das etapas, dos objetivos e finalidades terapêuticas (PRETTO et al., 2022). A continuidade desse desafio constituiu um dos passos a ser dado por esta pesquisa, compreendendo os processos clínicos na perspectiva dos psicoterapeutas selecionados para o estudo.

No campo da avaliação em psicoterapia, apesar dos avanços ocorridos nas pesquisas das práticas psicoterapêuticas nas últimas décadas, ainda há um hiato deste com as exigências da investigação científica e produção de evidências (SOUSA, 2017a, 2017b). Especificamente no que se refere às psicologias de base fenomenológica, essa lacuna é ainda maior. Gomes e



Castro (2010), no subtítulo de seu artigo intitulado “*Clínica fenomenológica: as evidências*”, ressaltam que há uma grande fragilidade nesta área de estudos criteriosos sobre a efetividade e eficácia desses tratamentos. E acrescentam: “a palavra eficiência não parece ser bem recebida na tradição existencial, certamente por suas restrições às tecnicidades e às competições inoportunas que afastam o humano da sua condição reflexiva mais profunda” (GOMES; CASTRO, 2012, p. 90). Em particular à psicologia fenomenológica-existencialista, não se tem ainda muita literatura sistematizada disponível na área da avaliação de psicoterapia neste modelo teórico, tampouco dos seus processos clínicos em si.

Na área de investigação de psicoterapia já há a demarcação de princípios gerais, dos quais podem se valer todos modelos teóricos, chamados de princípios metateóricos que resultam em bons desfechos terapêuticos, quais sejam: investir no estabelecimento e manutenção da aliança terapêutica; desenvolver uma colaboração ativa com o paciente; considerar o paciente corresponsável e dar-lhe voz; fatores do terapeuta como capacidades e competências interpessoais são decisivos; fatores do paciente como história pregressa, comorbidades, rede de apoio disponível e predisposição à mudança influenciam; dar/receber *feedback* promovendo a monitorização do processo e construir uma racional/inteligibilidade sobre a situação do paciente e o plano para saída desta (SOUSA, 2017a, 2017b).

Diante disto, este estudo teve como objetivo dar um passo inicial e compreender quais são os processos clínicos e os indicadores de resultados da psicoterapia fenomenológico-existencialista, conforme desenvolvida e realizada no Brasil, na perspectiva de seus psicoterapeutas. Além disso, dialogar com os princípios metateóricos na área de investigação em psicoterapia, verificando possíveis aproximações.

2. Metodologia

Realizou-se uma pesquisa de natureza qualitativa com 12 psicólogos com reconhecida atuação nesta abordagem, tanto no âmbito da produção científica quanto da prática em diferentes regiões brasileiras (Sul, Sudeste, Norte, Nordeste e Centro-Oeste), com maior representatividade dos psicoterapeutas nas regiões Sul e Sudeste, apontados pela literatura e na indicação dos pares. Como instrumento para a coleta de dados, foi utilizada uma entrevista semiestruturada, composta por roteiro que procurou capturar tanto os processos clínicos na perspectiva dos profissionais quanto o diálogo com os princípios metateóricos. As entrevistas



ocorreram no formato de videoconferência entre os meses de junho e agosto de 2022, cumprindo todos os requisitos éticos de pesquisas com seres humanos e no meio virtual. Os dados foram organizados com o auxílio do *software* Atlas.ti e submetidos à análise de conteúdo proposta por Ruiz-Olabuenága (2012).

3. Resultados

Como principais resultados, tivemos, inicialmente, a categorização dos participantes em termos de gênero, raça, cidades de atuação, tempo de experiência como psicoterapeuta, formações acadêmicas e específicas no existencialismo e quanto às principais influências que os levaram a esta orientação teórica. De suas falas, emergiram cinco grandes categorias: a) sobre a organização de uma metodologia psicoterapêutica existencialista; b) sobre o processo psicoterapêutico em si; c) sobre o entendimento de seus resultados e indicadores; d) sobre a relação terapêutica; e e) sobre o racional/inteligibilidade do trabalho clínico.

Identificou-se que há posições distintas entre os profissionais do que eles próprios definiram como escolas de psicologia fenomenológica-existencialista no Brasil: a catarinense e a carioca. A escola catarinense concebe um posicionamento metodológico mais estruturado, visando a desalienação e transformação da dinâmica psicológica dos pacientes; a carioca traz um posicionamento mais crítico sobre um método estruturado, propondo uma maior fluidez no encontro com o paciente, objetivando o acompanhamento de seu desenvolvimento psicossocial e o autoconhecimento.

O presente estudo possibilitou uma maior compreensão acerca dos processos clínicos e dos indicadores de resultados da psicologia fenomenológica-existencialista realizada por psicoterapeutas brasileiros e ofereceu uma contribuição para pensar o início de uma sistematização destes processos, de modo a fomentar pesquisas futuras de sua eficácia e fundamentar o ensino da metodologia para psicoterapeutas em formação interessados nesta orientação teórica. Ressalta-se que, diante da complexidade e amplitude da obra sartriana, especialmente no campo da Psicologia, é esperado que ocorra a variabilidade de compreensões e conseqüente posicionamentos metodológicos que encontramos. E isso, sem dúvida, constituiu-se como uma potência e não um limitador. Também se compreende, como foi apontado por Correia (2016), de que há uma relutância na área existencial de testar empiricamente seus paradigmas. Mas, segundo o autor, esclarecer e sistematizar teorias e



práticas dentro das psicoterapias existenciais é um passo importante e essencial para sua compreensão e para demonstrar o que elas têm a oferecer. Utilizar-se de pesquisas empíricas ou métodos quantitativos não implica necessariamente numa postura objetivista e positivista. O que converte um estudo em uma obra positivista é uma atribuição de objetividade, validade e generalização dos dados. Explica que “claramente em desacordo com a perspectiva fenomenológico-existencial estão apenas as sistematizações abstratas que levam a sistemas teóricos totalitários, com o objetivo de determinar ou erradicar a experiência individual” (CORREIA, 2016, p. 41). É neste horizonte que a presente tese foi realizada, num sentido propositivo, de demonstração da potência da clínica fenomenológica-existencialista, com vistas ao acesso e conhecimento de seus procedimentos metodológicos, facilitando a investigação em psicoterapia e, inclusive, o seu ensino.

Palavras-chave: Existencialismo. Psicoterapia Fenomenológica-Existencialista. Processos Clínicos. Jean-Paul Sartre.

Referências

CORREIA, E. A. **Practices and characteristics of existential counsellors and psychotherapists: a worldwide survey and observational study** (Doctoral dissertation, University of Strathclyde), 2016.

GOMES, W. B.; de CASTRO, T. G. Clínica fenomenológica: do método de pesquisa para a prática psicoterapêutica. **Psicologia: teoria e pesquisa**, 26(25 anos), 81-94, 2010.

PRETTO, Z.; SCHNEIDER, D. R.; STRELOW, M.; GRIGOLO, T. M. (Orgs.). **Psicoterapia existencialista: princípios metodológicos**. Curitiba: Juruá, 2022.

RUIZ-OLABUÉNAGA, J. I. **Metodología de la investigación cualitativa**. (5ª ed). Bilbao, España: Universidad de Deusto, 2012.

SCHNEIDER, D. R. **Sartre e a psicologia clínica**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

SOUSA, D. **Investigação científica em psicoterapia e prática psicoterapêutica**. Lisboa: Fim de século, 2017a.

SOUSA, D. Existential Psychotherapy: The Genetic-Phenomenological Approach. In **Existential psychotherapy** (pp. 129-183). Palgrave Macmillan, New York, 2017b.



A NECESSÁRIA SUPERAÇÃO DA TESE PSIQUIATRIZANTE EM DIREÇÃO A UMA SÍNTESE PÓS-PSIQUIÁTRICA: RELATO DE UMA INTERVENÇÃO VIABILIZADORA

Marina Silveira Soares (Consultório Perfis Psicologia e Psicoterapia Existencialista, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, Brasil). Sandra Aparecida Resende Dalmaso (Consultório Perfis Psicologia e Psicoterapia Existencialista, Florianópolis-SC, Brasil). Sérgio Roberto Monteiro Dias (Consultório Perfis Psicologia e Psicoterapia Existencialista, Florianópolis-SC, Brasil).

contato: marinasilveirasoares@gmail.com

1. Introdução.

Mesmo após intensas mobilizações e muitos avanços teórico-práticos no campo da psiquiatria e da atenção psicossocial, desde a Psiquiatria Preventiva, a Antipsiquiatria, o Movimento Antimanicomial, que culminaram nas Reformas Psiquiátricas cujos reflexos se estenderam da Europa até o Brasil, vemos com frequência tentativas de retorno à tese psiquiatrizante da psiquiatria tradicional. Em São Paulo²⁰ e em Santa Catarina²¹, acompanhamos a criação de políticas que remontam à lógica psiquiátrica de institucionalização e segregação de pessoas em sofrimento, numa lógica higienista de sociedade. Além disso, todos os dias somos testemunhas de denúncias sobre encarceramento ou maus tratos em hospitais ou outros ambientes de tratamento asilar²².

A tese psiquiatrizante trata as dificuldades emocionais como doenças mentais determinadas biologicamente, o que limita as opções de cura e favorece o isolamento social e tratamentos morais. Em oposição, a Psiquiatria Preventiva e a Antipsiquiatria trouxeram alternativas focadas na comunidade e na desinstitucionalização, embora a primeira ainda mantenha resquícios biomédicos. A Reforma Psiquiátrica Brasileira, inspirada na experiência

²⁰ Ver em <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/06/21/das-23-pessoas-da-cracolandia-internadas-involuntariamente-desde-abril-so-3-sao-dependentes-afirma-mp.ghtml>

²¹ Ver em <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2024/03/05/lei-internacao-involuntaria-sancionada-em-florianopolis.ghtml> e <https://leismunicipais.com.br/a/sc/s/sao-jose/lei-ordinaria/2024/634/6333/lei-ordinaria-n-6333-2024-institui-o-programa-de-internacao-involuntaria-de-dependentes-quimicos-no-municipio-de-sao-jose-e-da-outras-providencias>

²² Ver em <https://outraspalavras.net/outrasaude/nos-eua-e-no-brasil-crescem-os-novos-manicomios/>



italiana, propôs uma abordagem territorial e cultural, avançando no campo psicossocial (Amarante, 2013; Schneider 2015).

O presente trabalho relata uma intervenção psicoterapêutica existencialista sartriana em uma paciente diagnosticada com depressão, oferecendo uma reflexão sobre uma tese pós-psiquiátrica, demonstrando a função libertadora dessa abordagem.

Frida chegou à terapia encaminhada por sua psiquiatra, já afastada do trabalho por problemas de saúde e enfrentando um quadro severo de exaustão física e emocional. Seus sintomas incluíam palpitações, falta de ar, choro frequente, insônia, lapsos de memória, dificuldade de concentração, entre outros, que afetavam sua rotina, incluindo tarefas simples, trabalho, estudos e interações sociais. Além disso, estava em tratamento psiquiátrico contínuo, fazendo uso de uma combinação de medicamentos.

A situação de Frida começou a se agravar em 2015, quando sua mãe enfrentou um câncer e, após um longo e estressante tratamento, faleceu. Esse evento gerou um impacto devastador em sua vida, desencadeando crises de choro, ideação suicida, perda de apetite e insônia severa. Após a morte da mãe, Frida se sentiu incapaz de seguir em frente, encontrando forças apenas no amor pelos familiares, mas sem conseguir visualizar um projeto de vida próprio. Ela permaneceu afastada do trabalho por quase dois anos, retornando com muito esforço, mas sem o entusiasmo e a motivação anteriores.

Em 2018, Frida iniciou um doutorado, mas, ao longo dos anos, percebeu o aumento dos sintomas que dificultavam seu progresso acadêmico, como cansaço extremo, lapsos de memória e tristeza constante. Os sintomas se intensificaram desde o confinamento social provocado pela pandemia de Covid-19, se acentuando alguns meses antes da paciente buscar a terapia, tornando quase impossível escrever sua tese e causando um sentimento de culpa e desamparo, especialmente diante das cobranças da psiquiatra, de quem Frida passou a perceber demonstrações de desconfiança. A paciente se sentia presa em um ciclo de frustração e exaustão, desejando trabalhar e concluir seu doutorado, mas incapaz de fazê-lo, e acreditando que estava condenada a viver com depressão crônica, como havia sido diagnosticada por sua psiquiatra após o falecimento de sua mãe.

Foi verificado, então, que além da necessidade de elaborar a perda da mãe e recuperar seu projeto de ser, a paciente apresentava um quadro de exaustão física e emocional, agravado pela dificuldade de avançar no doutorado e por longas jornadas de trabalho após o retorno de uma licença. Apesar de seu esforço, não conseguia impor-se limites, o que a levava a um



cansaço constante, não percebido por seus colegas ou psiquiatra. A abordagem inicial recomendada pela psicoterapia envolvia ajustar sua medicação, ajudá-la a compreender a racionalidade sobre complicações emocionais como decorrentes da vida de relações, e, em seguida, ser esclarecida sobre o processo de estresse e exaustão.

2. Método.

Após a troca de medicação, a paciente passou a experimentar diminuição nas afetações emocionais e melhores condições para lidar com as tarefas do dia a dia. Foi realizada uma sessão para elucidação sobre o desenvolvimento das complicações emocionais. A paciente foi esclarecida a respeito do conceito de doença mental, sua origem na perspectiva biomédica e incorporada à psiquiatria e como essa visão a colocou numa inviabilização pois não via como alternativa uma vida fora da doença.

Foi utilizado o modelo do Gatilho das Complicações Psicológicas ou Emocionais (Dias, 2022a) para demonstrar a complicação partindo de situações concretas resultantes de impasses, conflitos, desentendimentos na rede de relações sociais e sociológicas que inviabilizam o futuro. A paciente foi se localizando de como desde o falecimento da mãe se viu impedida de realizar seu projeto pois havia eleito para si retirar a mãe do contexto de fragilidade social em que vivia e de como não elaborou o luto pela morte da mãe, no sentido de reestruturar um novo futuro na sua ausência material. Foi esclarecido à paciente como as complicações emocionais são passíveis de solução e como a terapia iria trabalhar para realizar as mediações necessárias para a paciente sair das dificuldades vividas.

Na sequência, foi realizada a elucidação do mecanismo neuropsicofisiológico do estresse, demonstrando como no momento atual a paciente estava em uma fase de exaustão. Foi utilizado o modelo das Etapas do Processo de Estresse (Dias, 2022b) em conjunto com a leitura do Modelo Quadrifásico do Stress proposto por Lipp (2003, p. 19-20), contendo as fases e os sintomas correspondentes. A paciente foi se identificando nesse processo e vendo o quanto foi se exigindo e sendo exigida e trabalhando cada vez mais, mesmo sem estar em condições. Emocionou-se muito ao entender que não havia algo “de errado” consigo, constatando o processo de estresse e esgotamento desencadeado após um período conturbado da vida e agravado por uma perspectiva de doença mental incurável, inviabilizadora de seu futuro.



3. Resultados

As localizações foram sendo realizadas com a paciente vendo-se e entendendo-se em um processo de estresse e esgotamento desde o tratamento da mãe, não tendo tempo nem apoio para apropriar-se e elaborar o luto pelo falecimento da mãe em situação tão estressante. Após a intervenção realizada observou-se um importante avanço para a recuperação da paciente em questão, na medida em que esta passou a se perceber dentro de um campo de possibilidades futuras para além do sofrimento psicológico, permitindo o resgate de um sentido para viver, a retomada do processo de recuperação e estabelecimento de planos para o futuro. Frida passou a imaginar-se em situações com seu sociológico (irmãos, sobrinhos) e concluindo o doutorado.

O projeto para o qual Frida se elegeu no interior da família, em cursar ensino superior, mestrado e doutorado, era sair *junto com a mãe* de uma situação de mulher submetida ao pai. Após o falecimento da mãe isso foi inviabilizado, levando a paciente a um grande sofrimento. No entanto, após a intervenção o projeto da paciente foi sendo resgatado novamente para o Serviço Social, em ser mediação para outras pessoas, e daí vem a força de seu projeto, em superar uma situação de escassez e submissão da mulher e encontrar um cenário em que possa lutar por essa transformação, de uma maneira inteligente e revolucionária. Por essa saída a paciente vem reorganizando seu projeto, em um processo ainda em curso.

4. Discussão

A elucidação das complicações emocionais como processos socio-históricos purifica a reflexão sobre o sofrimento, oferecendo um campo de possibilidades futuras. A psicoterapia existencialista rompe com a visão psiquiatrizante (Rosa *et al.*, 2022), entendendo as complicações emocionais como uma saída frente a situações insuportáveis e restituindo ao sujeito a responsabilidade sobre sua vida e escolhas (Sartre, 1976, 2014). Assim, é possível superar os impasses emocionais e traçar novos projetos para o futuro.

Por seus pressupostos, a psicoterapia existencialista assume, então, uma dimensão política advinda de uma moral da liberdade e do compromisso, de sujeitos engajados consigo e com os outros (Carvalho Teixeira, 2017). Por seus princípios ontológicos e metodológicos será oposta às tentativas de desumanização e encarceramento de pessoas em sofrimento emocional, uma vez que a liberdade é o fundamento ontológico do ser humano.



5. Conclusão

A psicoterapia existencialista pode contribuir para a superação da tese psiquiatrizante de um futuro inviabilizado, determinado por uma doença incurável, que sustenta as legislações atuais instituidoras de internação involuntária e compulsória de pessoas entendidas como doentes. Ao compreender as complicações emocionais como decorrentes de acontecimentos na vida concreta e na rede de relações, e ao compreender o ser humano como responsável pelo seu ser, restitui-se à humanidade a possibilidade de superação de tais impasses. O futuro deixa de ser uma determinação e abrimos para os pacientes e aqueles de suas relações um futuro de viabilização e compartilhamento. Esse é o caminho para uma racionalidade pós-psiquiátrica.

Palavras-chave: Psicoterapia existencialista sartriana. Antipsiquiatria. Complicações emocionais.

Referências

AMARANTE, R. **Saúde mental e atenção psicossocial** [online]. 4a ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013.

CARVALHO TEIXEIRA, J. A. Ser psicoterapeuta existencialista é fazer política. *In: CASTRO, F. G.; SCHNEIDER, D. R.; BORIS, G. D. J. B. (Orgs.). J.-P. Sartre e os desafios à psicologia contemporânea*. Rio de Janeiro: Verita, 2017. p. 190-195.

DIAS, S. R. M. **Gatilho das Complicações Psicológicas ou Emocionais**. Modelo para subsídio psicoterapêutico. Florianópolis, 2022.

DIAS, S. R. M. **Etapas do Processo de Estresse**. Modelo para subsídio psicoterapêutico. Florianópolis, 2022.

LIPP, M. E. O modelo quadrifásico do *stress*. *In: LIPP, M. E. N. (Org.). Mecanismos Neuropsicofisiológicos do Stress: Teoria e Aplicações Clínicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. p. 17-21.

ROSA, M. S. *et al.* Delineamento de metodológico para uma terapêutica existencialista. *In: PRETTO, Z. et al. (Orgs.). Psicoterapia Existencialista: princípios metodológicos*. Curitiba: Juruá, 2022. p. 27-45.

SARTRE. Prefácio. *In: LAING, R.; COOPER, D. Razão e violência: uma década da filosofia de Sartre (1950-1960)*. 2a ed. Petrópolis, Vozes, 1976. p. 7.



SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. 4 ed. Petrópolis, Vozes, 2014.

SCHNEIDER, D. R. Da saúde mental à atenção psicossocial: trajetórias da prevenção e da promoção de saúde. *In*: MURTA, S. G. *et al.* (Orgs.). **Prevenção e promoção em saúde mental: fundamentos, planejamento e estratégias de intervenção**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2015. p. 34-53.



O SER DA "COMPREENSÃO PSICOTERAPÊUTICA" E O PROCESSO DO RACIOCÍNIO CLÍNICO FENOMENOLÓGICO EXISTENCIALISTA

Sérgio Roberto Monteiro Dias (Consultório Perfis Psicologia e Psicoterapia Existencialista, Florianópolis-SC, Brasil).

contato: sergio@perfispsicologia.com.br

O aumento exponencial na busca por psicodiagnósticos e sua produção por psicólogos alinhados à visão biomédica dos sofrimentos emocionais representam um grande desafio para as psicologias humanistas e principalmente, para a psicologia fenomenológica existencialista. Esse desafio se manifesta em oferecer uma resposta científica mais abrangente aos transtornos psicológicos e disponibilizar uma metodologia psicoterapêutica eficaz e credível para pacientes, comunidade em geral e científica, especialmente no meio médico adepto das psicologias baseadas em evidências.

Nesse contexto, que revela a necessidade explícita dos pacientes em compreender seus processos psicofísicos e solucionar impasses e conflitos, desenvolvem-se considerações sobre o raciocínio clínico fenomenológico e o conceito de compreensão na psicoterapia existencialista. A abordagem antropológica de Jean-Paul Sartre, ao definir a personalidade como uma estrutura ontológica—um ser psicofísico (corpo/consciência) unificado por uma racionalidade (saber-de-ser) que necessita se compreender e se escolher—oferece um horizonte de racionalidade fenomenológica dialética. Essa perspectiva considera o paciente situado em um contexto sócio-histórico, iluminando novas possibilidades de esclarecimento e intervenção psicológica.

Essa reflexão explora a aplicação do raciocínio clínico fenomenológico existencialista na prática psicoterapêutica, buscando compreender o paciente além dos diagnósticos nosológicos tradicionais. O objetivo central é ressituar o paciente como sujeito ativo em seu contexto antropológico e sociológico, permitindo que ele se perceba e se mova "dentro de sua pele" em um ambiente concreto e interacional. A prática psicoterapêutica descrita demanda uma racionalidade que integra metodologia científica com habilidades cognitivas e socioemocionais do terapeuta. Caracteriza-se pela interação direta e empática no setting terapêutico, onde psicoterapeuta e paciente engajam-se em uma relação face a face, potencializando a experiência e expressão do sofrimento psicofísico do paciente.



A metodologia empregada é descritiva e compreensiva, focada na reconstituição do sujeito em seu plano material e histórico. Esse processo envolve a identificação e verificação das condições psicofísicas do paciente, explorando como tais condições se manifestam no cotidiano por meio de uma "experienciação" simultaneamente emocional e física. O acesso ao sofrimento do paciente é alcançado por meio de uma "conversação técnica", na qual o psicoterapeuta utiliza descrições e devoluções técnicas para facilitar a articulação das vivências do paciente e sua integração ao contexto mais amplo.

O raciocínio clínico fenomenológico existencialista é delineado como um conjunto de ações, procedimentos e estratégias teoricamente fundamentadas, visando resultados específicos, como a transformação da compreensão que o paciente tem de si mesmo e de seu ambiente. Essa abordagem contrasta com a mera retenção do paciente em um plano social ou administrativo, propondo uma reengenharia existencial que resgata o "cogito" dialético e sociológico (saber-de-ser totalizador da personalidade), promovendo uma compreensão mais profunda e transformadora das estruturas de escolha do paciente.

Resgatar a condição de sujeito significa restaurar a consciência como liberdade que produz o Eu e se reconhece através da reflexão crítica purificante, sendo autônoma e escolhendo-se em um campo de possibilidades que demarca sua situação no mundo. A prática psicoterapêutica visa esclarecer as condições de possibilidade dos fenômenos, colocando nas mãos do paciente a compreensão de seu processo de complicação, o que possibilita uma nova eleição enquanto sujeito, abrindo futuro e viabilizando seu projeto e desejo de ser.

Em vez de estratificar os problemas emocionais e abstraí-los da situação material e histórica dos pacientes, adota-se uma visão fenomenológica com novos parâmetros que delineiam uma psicopatologia existencialista. Esta é pautada na busca do esclarecimento das condições de possibilidade das complicações emocionais, incluindo sempre o contexto sócio-histórico das relações do paciente, tais como isolamento sociológico (solidão), perda ou inviabilização do projeto-de-ser, impasses, conflitos, equívocos e mal-entendidos nas relações sociais e sociológicas, impasses de apropriação (racionalidade sociológica fatalista), impasse de pertencimento ao sociológico atual ou de gênese, e cogito fechado na objetivação ou na subjetivação.

O raciocínio clínico consiste na racionalidade do método incorporado à práxis psicoterapêutica, referindo-se ao conjunto de ações, procedimentos e estratégias teoricamente reguladas com previsão de resultados. Caracteriza-se como uma prática científica que requer



racionalidade teórica e método, convertendo-se em ação que demanda habilidades cognitivas e socioemocionais do psicoterapeuta.

A aplicação do raciocínio clínico fenomenológico existencialista, fundamentado na filosofia sartreana, ressignifica o paciente como sujeito ativo situado em um contexto antropológico, histórico e sociológico. Diferentemente das abordagens nosológicas tradicionais que rotulam o paciente em termos de patologias específicas, esta proposta enfatiza a necessidade de uma compreensão mais ampla e integrada da existência humana. Ao acolher o paciente como ser concreto, situado e em constante transformação, permite ao terapeuta acessar aspectos profundos da experiência singular, incluindo o sofrimento psicofísico que emerge nas interações cotidianas e relações sociais.

O setting terapêutico é ressignificado como espaço de interação face a face, marcado por escuta ativa e presença empática, criando uma "conversação técnica". Nessa interação, o terapeuta acolhe as descrições do paciente e oferece devoluções técnicas, facilitando a articulação das experiências de sofrimento e promovendo uma reinterpretação dessas vivências dentro do contexto existencial do paciente.

Esse processo dialógico e dialético, alicerçado no conceito sartreano de liberdade, torna-se uma prática transformadora que resgata a autonomia do paciente. Por meio da identificação das condições materiais e psicofísicas que moldam sua existência, o paciente passa a se perceber como sujeito em situação, envolvido em um projeto de ser que, embora condicionado, não é determinado pelas circunstâncias externas.

A "reengenharia existencial" proposta é um aspecto central dessa abordagem. Inspirada na noção de "projeto de ser" de Sartre, essa reengenharia propõe uma transformação profunda da maneira como o paciente compreende sua própria liberdade e responsabilidade dentro de seu contexto social e histórico. Em vez de uma prática terapêutica que retém o paciente em um plano meramente adaptativo, essa metodologia visa uma reconexão com o "cogito" sociológico e dialético, promovendo uma revisão crítica e ativa das escolhas e compromissos existenciais.

O psicodiagnóstico, nessa perspectiva, tem como objetivo levar o paciente para dentro de seu contexto antropológico e sociológico como sujeito psicofísico, onde ele se move concretamente. O paciente deve emergir, objetivando-se dentro de seu clima antropológico e das atmosferas, por "dentro de sua pele", em ação. O acesso emocional consiste no padecimento de uma afetação psicofísica desencadeada por um acontecimento transcendente em uma situação concreta de relação, ativado por um gatilho. Todo acesso emocional ocorre dentro de



um episódio socioantropológico que sustenta sua base material-histórica e, quando descrito, evidencia as afetações do paciente sendo impactado por funções noético-noemáticas configuradas em ocorrências-gatilho em atmosferas sociológicas e antropológicas específicas.

O processo psicoterapêutico evolui das queixas ao núcleo do sofrimento atual; do psicodiagnóstico para a compreensão psicoterapêutica. Ao longo desse processo, o terapeuta atua como mediador, auxiliando o paciente a identificar, articular e compreender suas vivências, com ênfase nas dimensões psicossociais e físicas que compõem sua experiência de sofrimento. A relação terapêutica torna-se um espaço de cocriação, onde o paciente é resgatado de uma visão fragmentada de si, recuperando seu papel de sujeito ativo em sua história de vida.

A localização psicológica é a passagem da espontaneidade psicofísica para a reflexão de segundo grau, com o paciente posicionado frente à sua dinâmica de ser nas relações cotidianas e nos desdobramentos de suas escolhas e ações. Desenvolve-se a partir do psicodiagnóstico remissivo-compreensivo do psicoterapeuta para a localização-compreensão psicofísica do paciente a respeito de sua condição existencial, à luz desse psicodiagnóstico compreensivo.

A reflexão crítica purificante representa a superação da reflexão cúmplice de má-fé ou alienada no espontaneísmo. O paciente é conduzido da relação abstrata—narrando o que lhe aconteceu externamente—e introspectiva (segundo pensamento, conforme Van den Berg) para o resgate do primeiro pensamento (consciência espontânea pré-reflexiva onde ocorre o psicofísico, o saber-de-ser e a atmosfera dentro do clima antropológico), emergindo para a reflexão crítica purificante. A estratégia utilizada é a conversação técnica descritiva-compreensiva com objetividade, realizando devoluções técnicas.

Assim, o raciocínio clínico fenomenológico existencialista, ao se distanciar de uma prática mecanicista ou administrativa, propõe uma abordagem que resgata a condição humana em sua totalidade, promovendo uma compreensão psicoterapêutica que transcende a mera adaptação ao contexto social. O objetivo final é o desenvolvimento de uma compreensão transformadora, onde o paciente é visto não apenas como objeto de intervenção, mas como ser dotado de liberdade, responsável por suas escolhas e projetos, em constante interação dialética com o mundo que o circunda.

Palavras-chave: Compreensão psicoterapêutica. Raciocínio clínico. Cogito dialético. Reengenharia existencial. Sartre.



Referências

AUGRAS, M. **O Ser da Compreensão**: Fenomenologia da situação de psicodiagnóstico. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

BERG, J. H. V. D. **O Paciente Psiquiátrico**: esboço de psicopatologia fenomenológica. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

DIAS, S. R. M. Finalidade e possibilidades práticas da metodologia psicoterapêutica existencialista sartreana. In: PRETTO, Z. [et al.] **Psicoterapia Existencialista**: Princípios metodológicos. Curitiba: Juruá, 2022. p.

LAING, R.; COOPER, D. **Razão e Violência**: Uma década da filosofia de Sartre (1950-1960). Petrópolis: Vozes, 1982.

PRETTO, Z. [et al.] **Psicoterapia Existencialista**: Princípios metodológicos. Curitiba: Juruá, 2022.

SARTRE, J. P. **Crítica da Razão Dialética**. TEIXEIRA, J. (Trad.). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SARTRE, J. P. **Saint Genet**: Ator e Mártir. 1ª ed. Petrópolis: RJ, 2002.

SARTRE, J. P. **Esboço para uma Teoria das Emoções**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

SARTRE, J. P. **O Ser e o Nada**: Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 2015.



A REVOLTA COMO AFIRMAÇÃO DA LIBERDADE: REFLEXÕES COM SIMONE DE BEAUVOIR

Luana de Matos Guimarães (Programa de Pós-graduação em Psicologia e Estudos da Subjetividade, CAPES, Laboratório de Estudos, Pesquisas e Extensão em Fenomenologia, Hermenêutica e Psicologia - LAPHEPSI. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro-RJ, Brasil); Orientadora de Mestrado: Profa. Dra. Cristine Monteiro Mattar (Programa de Pós-graduação em Psicologia e Estudos da Subjetividade, Laboratório de Estudos, Pesquisas e Extensão em Fenomenologia, Hermenêutica e Psicologia - LAPHEPSI. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro-RJ, Brasil).

contato: luanaguimaraes@id.uff.br

Esse texto pretende abarcar a reflexão sobre a revolta e a opressão em duas das obras filosóficas de Simone de Beauvoir a partir da minha leitura como psicóloga clínica. Se trata de um desdobramento da minha dissertação de mestrado, defendida no Programa de Pós-graduação em Psicologia e Estudos da Subjetividade, sob orientação da Profa. Cristine Monteiro Mattar.

A inquietação para a pesquisa se deu a partir do apelo na clínica contemporânea sobre as experiências vividas de desamparo ético-político, conforme Mattar (2022), e a revolta que aparecem repetidamente na clínica. Conforme Cabral (2018), a revolta se trata de uma recusa radical daquilo que é considerado injustiça com o objetivo de transformação da situação. Em sua reflexão sobre compaixão e revolta, uma revolta compassiva ou uma compaixão revoltada se mostra como necessária na lida com os sofrimentos ético-políticos, isto é, aqueles oriundos da iniquidade, não se reduzindo ao individual, mas transcendendo aos outros. Na experiência clínica, percebemos que a revolta quando acolhida, compreendida e não culpabilizada possibilita estar junto ao outro em sua experiência de desamparo, propiciando a compreensão da facticidade do desamparo segundo sua própria narrativa, recuperando sua própria voz. Conforme hooks (2019), recuperar a voz trata-se de uma dupla recuperação, das vozes silenciadas da nossa história e do olhar sobre si não mais determinado pela condição de dominação.

Outro apelo, consonante à clínica, são as discussões atuais no campo da fenomenologia sobre o caráter político da existência e como (e se) a clínica abarca essa questão, conforme Souza (2023). Para Trzan (2022) o questionamento de si e o letramento político são duas



importantes atitudes que contribuem para a descolonização da escuta clínica. A partir desta virada decolonial, retomamos o pensamento de Simone de Beauvoir em sintonia com esse debate frente ao qual a atualidade dessa filósofa fica realçada.

Em *Por uma moral da ambiguidade*, Beauvoir (1947/2005) tece uma das críticas ao *Ser e o Nada* (SARTRE, 1943/2011), sobre o preceito “querer-se livre” como se não propusesse conteúdo concreto à ação. Para a filósofa é importante não esvaziar o sentido concreto da palavra liberdade, uma vez que a liberdade se realiza apenas enquanto engajamento no mundo compartilhado, logo deve ser encarnada em contornos e condutas bem definidas, não havendo liberdade em si mesma sem o caráter de abertura que abarca a relação com o outro e a liberdade do outro. Segundo a filósofa, o preceito “querer-se livre” abrange querereres que se realizam numa única e mesma escolha, isto é, querer a liberdade é querer que haja ser ou querer desvelar o ser, é querer a liberdade do outro e, também, é querer desvelar o mundo para apreendê-lo tal como se organiza, possibilitando compreender o modo como as estruturas sociais incidem sobre a situação e conseqüentemente sobre a liberdade.

Conforme Beauvoir (1947/2005), todo ser humano é originariamente liberdade e transcende a si mesmo, no entanto a experiência vivida da liberdade não é equivalente, pois se fosse, seria um livre desdobramento dela mesma, através de seus projetos visando a um futuro aberto, o que não acontece em situação de opressão. Para Beauvoir, há situações em que a transcendência é “condenada a recair inutilmente em si mesma porque é apartada de suas metas.” (BEAUVOIR, 1947/2005, p. 69). A filósofa define desse modo a situação da opressão, que jamais é natural, pois não são as coisas que oprimem, mas as outras liberdades. Assim, a revolta também não se dá contra as coisas, mas contra os outros que oprimem. Diante desta humanidade que se faz na recusa da liberdade do outro, isto é, excluindo e marginalizando liberdades, só nos resta negá-la e recusá-la através da revolta.

Em *A força da idade*, Beauvoir (2018) enfatiza que Sartre (1943/2011) apenas introduziu a ideia de situação, cuja importância ainda precisava ser explorada sendo por isso realçada em toda a sua obra, pois isso também significava ampliar a compreensão sobre liberdade. Para a filósofa, liberdade é o fundamento de todo valor humano e o único que efetivamente pode justificar os projetos humanos, no entanto, pensar em liberdade situada significava um exercício de sustentar a tensão indissociável entre liberdade e facticidade, sem



desconsiderar a assimetria das possibilidades concretas que se abrem às distintas situações. Sua compreensão da existência considerava que há situações em que as ações e as realizações de todo um projeto existencial se pautam em superar o fato dado de sua existência reduzida à imanência para, só então, assumir o caráter de transcendência da liberdade como possível.

Conforme Souza (2018), Beauvoir analisou a situação da mulher, pensando a facticidade também como as condições históricas e as influências institucionais conferindo um peso distinto à situação. Em *O segundo sexo*, Beauvoir (1949/2019), faz uma distinção do mundo vivido como utensiliar, conforme o pensamento heideggeriano, e do mundo vivido como resistente ou restritor, que a filósofa ressalta não ter sido considerado por Heidegger.

A filósofa argumenta que no mundo utensiliar, a situação encontra uma variedade de ferramentas e recursos disponíveis em maior ou menor abundância, que podem ser percebidos desde a infância, no estímulo às atitudes de ação e criatividade, até os privilégios de oportunidades e reconhecimento como sujeito. Esse mundo utensiliar é propício para as características humanas voltadas para a superação do dado e para a criação de um futuro aberto. Por outro lado, no mundo resistente, que é o modo como o mundo histórico é vivido em situação de opressão, prevalece uma lógica estrutural enraizada na história. A existência enquanto tarefa é desde o nascimento interdita pelo mundo histórico que não reconhece e que nega o reconhecimento de si como sujeito de ação, como liberdade e indeterminação.

Beauvoir (1949/2019) demonstra com a noção de situação que há diferentes aberturas de mundo e que situações de opressão, como a da mulher, experienciam um peso não cognoscível do mundo que interdita a transcendência. Na lógica estrutural do mundo histórico o caráter de transcendência e a superação do dado são requeridos, no entanto, por ser um mundo construído para alguns, as existências postas à margem experienciam a subalternidade, os obstáculos sem as ferramentas necessárias e a culpabilização por não superarem o dado.

Na parte final de *O Segundo Sexo*, Beauvoir (1949/2019) ao analisar a situação da mulher cis heterossexual no século XX, ressaltou que há uma dimensão de conflito, pois mesmo ao conquistar êxitos sociais, pela via do trabalho possibilitando sua independência econômica e possibilidade de projetos para além dos papéis definidos e seu destino, o mundo ainda requer que na relação com um homem se faça objeto. Nesse sentido, recusar o papel feminino seria anular-se por um lado e confinar-se nele seria anular-se de outro modo.



Apesar de não ser possível traçar um paralelo direto a partir da situação da mulher para pensar outras situações, ressaltar a palavra *conflito* nos ajuda a pensar a dimensão político-existencial da condição humana, cujos conflitos singulares podem ser apreendidos através de outros saberes convocados a pensar situações outras, com múltiplos atravessamentos, como raça, classe, gênero, sexualidade, deficiência, território, religião, dentre outros. Diferentes vozes têm ganhado ressonância ao falar da experiência vivida de sua situação e é necessário que a psicologia clínica se aproxime dessas narrativas de si, para se aproximar dos conflitos da situação na experiência vivida de um mundo que não se apresenta do mesmo modo universalmente, cujos sentidos político-existenciais desvelam fenômenos, desumanizam, silenciam vozes e reiteram sofrimentos.

Beauvoir (1949/2019) ressalta que a dimensão de superação na ação também confere uma dimensão de superação do sofrimento da situação. Para ela os incômodos na situação podem ser apressadamente reduzidos à má-fé, sem que sejam refletidos, mantendo velado que não só a transcendência é barrada, mas também a necessidade de assumir sua própria existência e os caminhos da revolta. No entanto, ao mesmo tempo que é preciso legitimar o sofrimento vivenciado na pele através da revolta, Beauvoir ressalta que é preciso cultivar desvios, pois quando há interesse em demasia nos incômodos, isso os intensifica. Para a filósofa é preciso também poder esquecer-se de si enquanto situação, atitude que só pode surgir da confiança por ter-se descoberto, só assim é possível tornar-se criadora.

Concluimos, a partir das reflexões propostas por Beauvoir sobre opressão e revolta, que assumir a existência como tarefa só é possível após o desvelamento do mundo restritor, que através de ações humanas e não por uma natureza, barra a transcendência. Por isso, assumir a própria existência como tarefa só pode se dar através dos caminhos da revolta, no voltar-se contra as restrições afirmando a si como liberdade e seus próprios valores. Diferentes vozes já disseram e, com Beauvoir, ecoamos que é somente por essa via que se conquista a própria voz e sua medida. Somente recuperando a própria voz e sua medida é possível tornar-se existência, projetando fins singulares e novos pontos de partida.

Palavras-chave: Simone de Beauvoir. Existencialismo. Situação. Opressão. Revolta.

Referências



BEAUVOIR, Simone de. **A força da idade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: A Experiência Vivida**. Trad. de Sérgio Milliet. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. (Texto original publicado em 1949).

BEAUVOIR, Simone de. **Por uma moral da ambiguidade. Seguido por Pirro e Cinéias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005 (Texto original publicado em 1947 e 1944).

CABRAL, Alexandre. **Compaixão e Revolta**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2018.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Trad. de Cátia Bocaiúva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019 (Texto original publicado em 1952).

MATTAR, Cristine Monteiro. **Desamparo ontológico e desamparo ético-político: interpelações à psicologia contemporânea**. In: Elza Dutra. (Org.). *Sufrimento e historicidade: o desamparo ético-político na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2022.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2011 (Texto original publicado em 1943).

SOUZA, Rodolfo Rodrigues. **Pode a clínica ser não-marcada? Reflexões em diálogo com o pensamento de Jean-Paul Sartre**. In: **Anais Congresso Internacional de Psicologia Fenomenológica e Existencial: a escuta em diversos espaços: diálogos inter e transdisciplinares**. 1. ed. Rio de Janeiro Edições IFEN, p. 65, 2023a.
Disponível em: <https://www.ifen.com.br/pdfs/Anais%20Congresso%20IFEN%202023.pdf>. Acesso em 09/09/2024.

SOUZA, Thana Mara de. **Beauvoir e a situação das mulheres: entre a subjetividade e a facticidade**. *Ethic@: An international Journal for Moral Philosophy*: v. 17, n. 2, 2018.

TRZAN, Alexandre. **Pele colonial, máscaras fenomenológicas: quando a colonialidade nos impede de ver os fenômenos**. In: MATTAR, C.; TRZAN, A. (org.). *Psicologia, fenomenologia e questões decoloniais*. Rio de Janeiro, Via Verita, 2022.



A PSICOLOGIA EXISTENCIALISTA E AS INFÂNCIAS NO CONTEXTO DA ATENÇÃO PSICOSSOCIAL À SAÚDE: ENCONTROS E APROXIMAÇÕES

Mateus Ferreira Amorim (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Amanda Patricia Pimentel de Miranda (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Lucas Lisboa da Silva (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Rhebeca Miranda Nogueira (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil); Zuleica Pretto (Departamento de Psicologia, Núcleo de pesquisa em Clínica da Atenção Psicossocial - PSICLIN, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil).

contato: txaimateus@gmail.com

1. Introdução

O presente trabalho aborda a atuação em Atenção Psicossocial à Saúde com as infâncias no contexto da Atenção Básica à Saúde a partir de experiências de estágio em Psicologia realizadas em três Centros de Saúde do Município de Florianópolis/SC, no ano de 2024. Reconhece-se que a Psicologia Existencialista inspirada em Jean-Paul Sartre permite interlocuções importantes com as políticas de atenção psicossocial, com a Política Nacional de Saúde Mental, com o cuidado em liberdade e no território e com a efetivação de uma clínica ampliada.

Este trabalho se detém a explorar dois aspectos dessa experiência. O primeiro deles, as intervenções com grupos, suas potencialidades e desafios, tomando a concepção de grupos e de sociabilidade em Sartre como norteadoras. O segundo aspecto refere-se à partilha das experiências com grupos de crianças. Observa-se que esta geração se beneficia das atividades grupais, sendo estas uma mediação nesse momento de suas vidas na direção da construção de seus projeto-de-ser, no reconhecimento de si e de seu mundo. Participar dos grupos pode gerar a experiência de "ser-com-os-outros", conforme propõe Sartre.

2. Potencialidades e desafios das intervenções em grupo

Os grupos terapêuticos, no contexto da Atenção Básica, se caracterizam por uma abordagem inovadora, na medida em que permitem ampliar o cuidado em saúde para além do



acompanhamento médico-psiquiátrico individual, possibilitando uma abordagem mais contextualizada e humanizada, próxima do território e da vivência coletiva dos usuários. Eles são baseados na premissa de que a troca e a convivência em grupo oferecem recursos terapêuticos valiosos e se constituem como um espaço onde indivíduos podem explorar e coletivizar suas experiências, o que promove a socialização, o apoio mútuo e a construção de vínculos comunitários de suporte (Brasil, 2013; Brasil, 2017).

Freitas (2018), baseada na perspectiva sartriana, aponta que “sozinho o indivíduo não consegue lutar contra as determinações históricas – essas que lhe impõem seu futuro-fatalidade” (p. 205). Sartre (1997) afirma que a liberdade só é possível em situação e, assim, implica a coletividade. Isto posto, é possível compreender o grupo como esse espaço de “ser-com”, onde o sujeito se constitui livre ao reconhecer o outro como uma alteridade que também é livre: cria-se um espaço onde os usuários podem “coadunar ações com outras pessoas para auferir força no enfrentamento da penúria e da fixidez do corolário das ações humanas” e, nesse contexto, “o papel do terceiro mediador é igualmente fundamental” (Freitas, 2018, p. 205), atuando de forma dialética, afetando e sendo afetado pelo grupo.

Embora os grupos terapêuticos sejam uma inovação, enfrentam desafios como as expectativas dos usuários por atendimentos individualizados, heterogeneidade do perfil dos participantes e a necessidade de integração com os serviços e a rede intersetorial. É crucial que os grupos terapêuticos sejam parte de uma estratégia mais ampla de cuidado, que seja transdisciplinar, contínua, respeitando a integralidade e as diferentes possibilidades de existência dos indivíduos e do território. Além disso, a formação e qualificação dos profissionais são essenciais, pois a facilitação de grupos requer habilidades específicas em escuta, mediação e manejo de dinâmicas grupais.

Considerando que os grupos terapêuticos baseados em abordagens existenciais têm se mostrado eficazes na promoção da saúde mental, facilitando a compreensão das experiências individuais no contexto das demandas sociais e coletivas, consoante ao que foi apontado por Langaro et al., (2021), propomos um espaço para além da união serial, onde os sujeitos se unem de forma ativa e intencional e, com um objetivo em comum, passam a configurar-se como grupo em fusão ou organizado, como define Sartre (2002) .

3. Experiências com grupos de crianças



Desde o início, a realização do grupo com as crianças teve como objetivo a promoção da saúde e prevenção de agravos nas infâncias, sem foco em demandas específicas. As atividades ocorreram no auditório e na horta do Centro de Saúde. Com base na concepção sartriana, que considera a infância como um acontecimento histórico social, dialético (Pretto, 2022), as temáticas dos encontros, e modo fenomenológico, foram co-construídas com as crianças, enfatizando seu protagonismo e a apropriação do espaço, com a utilização de dinâmicas que possibilitaram compreender o contexto sócio-histórico das crianças e de seus cuidadores, promovendo uma maior aproximação com suas realidades.

A utilização de recursos lúdicos e brincadeiras em todos os encontros foi fundamental, pois além de descontrair, destacou o protagonismo das crianças, incentivando sua participação e engajamento no processo de acolhida e partilha. As brincadeiras, sugeridas pelas próprias crianças, proporcionaram momentos lúdicos importantes, permitindo a criação de narrativas de forma descontraída e colaborando para uma reelaboração criativa e compartilhada das experiências vivenciadas. Isso ajudou a criar uma atmosfera de pertencimento mútuo, fortalecendo vínculos e ampliando possibilidades de cuidado.

A partir das relações estabelecidas entre os pares durante os encontros, apareceram questões relacionadas à sociabilidade das crianças, relacionadas à forma de comunicar e expressar o que estavam sentindo em determinadas situações. Por meio da mediação qualificada e das conversas sobre as situações, foi possível aos mediadores legitimar a forma como as crianças lidavam com essas situações e comunicar a importância da nomeação daquilo que as atravessava, buscando proporcionar novas formas de expressão dos sentimentos e novas reflexões.

Sempre partindo do ponto que os elementos que aparecem no grupo dizem sobre o processo de tornar-se das crianças e revelam seu projeto-de-ser nesse movimento (Pretto, 2022), exploramos os sentimentos e emoções que as crianças apresentavam. Ainda, apareceram também questões relacionadas às imposições de instituições como a família e a escola sobre os projetos dessas crianças, gerando experiências relacionais de serialidade e/ou de institucionalização, haja vista que assentadas na objetificação das infâncias, tendo a psicologia o papel de legitimar e valorizar a singularidade desses sujeitos.

No espaço de grupo, observamos a importância do coletivo no fortalecimento do indivíduo. Ao passo que as demandas iniciais trazidas pelos cuidadores e responsáveis das crianças, acabam ganhando novas formas no decorrer do processo, aquilo que antes era visto



de forma individual, no grupo é visto sob uma ótica coletiva. Nesse sentido, Allgayer et al. (2009) explana que o grupo é uma forma de construir novas alternativas, modos de subjetivação e também de existência. Tornando-se, assim, um espaço onde a etapa no desenvolvimento, a imaginação e a singularidade de cada infância são consideradas, ampliando a possibilidade de integração dessas múltiplas vivências.

Além de se constituir como um espaço de socialização e formação de rede entre os pares, o grupo também buscou apresentar como uma mediação nesse momento de suas vidas na direção da construção de seus projetos-de-ser, no reconhecimento de si e de seu mundo, bem como, fortalecer o vínculo entre os usuários e serviço de saúde (Pretto, 2022). Nesse sentido, a partir do local de mediação do grupo, buscamos, como mediadores, suscitar uma visão crítica sobre a atuação das crianças naquele local (Langaro et al., 2021), buscando entender os fenômenos que emergiram no grupo de forma abrangente, em suas complexidades.

4. Considerações Finais

Os resultados encontrados nessas experiências mostram que as atividades em grupo se configuraram como um importante instrumento de promoção de laços afetivos, inclusão, atenção, promoção de saúde e prevenção de agravo no contexto da Atenção Básica à Saúde, elementos fundamentais nas políticas de atenção psicossocial. Ressalta-se que o apoio entre pares cria oportunidades para estabelecer vínculos e abordar questões singulares de saúde, promovendo a resiliência nesse contexto.

Além disso, observa-se que a coletividade no brincar com as crianças mostra-se como um dispositivo de fortalecimento da saúde mental, na medida em que as histórias criadas a partir das brincadeiras oferecem novas perspectivas às suas demandas. Os grupos terapêuticos, portanto, não apenas promovem educação em saúde, mas também atuam como espaços de suporte social, reduzindo o isolamento por meio de trocas e interações em um ambiente de horizontalidade nas relações. Acreditamos, inspirados em Sartre, que compor grupos como estes propicia a experimentação de formas de sociabilidade pautadas em movimentos de fusão e organização grupal, portanto, de tecimento socioafetivo, de participação e de construção comum. Participar de ações no serviço de saúde local ajuda a criar um senso de pertencimento e acolhimento, tornando o Centro de Saúde uma referência de cuidado.



Palavras-chave: Psicologia existencialista sartriana; Atenção Psicossocial. Grupos. Crianças e adolescentes.

Referências

ALLGYER, M.; KIRCH, J. A.; ROSSI, E. **Grupo terapêutico de crianças: ampliando o contexto da intervenção.** In: PSICOLOGIA SOCIAL E POLÍTICAS DE EXISTÊNCIA: FRONTEIRAS E CONFLITOS. XV Encontro Nacional da Abrapso. 2009.

ANDALÓ, C. Introdução. In: ANDALÓ, C. (Org.). **Mediação grupal: uma leitura histórico-cultural.** 20-34. Ágora, 2006.

BRASIL. **Cadernos de Atenção Básica**, n. 34: Saúde Mental. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. **Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017.** Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2017.

FREITAS, S. M. P. de. **Sartre, Psicologia de Grupo e Mediação Grupal.** 2018. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual de Maringá, Faculdade de Psicologia, Maringá.

LANGARO, F.; DOS SANTOS, A. H.; PRETTO, Z. **Equipes de saúde e a psicologia hospitalar na perspectiva da teoria de grupos de Sartre.** Psicologia e Saúde em Debate, v. 7, n. 2, p. 97-112, 2021.

PRETTO, Z. **Como a psicoterapia existencialista pode ser transformadora nas/das infâncias? Caminhos da clínica existencialista para e com as crianças.** In: PRETTO, Z.; SCHNEIDER, D. R.; STRELOW, M.; GRIGOLO, T. M. (Orgs.). **Psicoterapia existencialista: princípios metodológicos.** Curitiba: Juruá, p. 47-63, 2022.

SARTRE, J.-P. **Crítica da Razão Dialética.** Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2002. (Obra original publicada em 1960).

SARTRE, J.-P. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica.** Tradução de P. Perdigão. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997. (Obra original publicada em 1943).



TEMPORALIZAÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO DA ANSIEDADE DIANTE DO MUNDO DO TRABALHO

Andréa Luiza da Silveira (Psicoterapeuta, Dra. Psicologia Social e Institucional/ UFRG; Mestre Eng. de Produção/UFSC; Especialista em Psicologia Clínica Sartreana/NUCAFE; Profissional Especialista em Psicologia Organizacional e do Trabalho/CFP).

contato: deasilveira@gmail.com

1. Introdução

Neste trabalho objetivamos a ansiedade como um estado constitutivo do Ego pela inviabilização do projeto de ser no presente profissional. Apresentamos o desenvolvimento do processo psicoterapêutico desde as entrevistas iniciais e diagnóstico – descrição e análise das situações de sofrimento psíquico relacionado ao trabalho - até a técnica de intervenção diante do campo dos possíveis e avaliação do processo psicoterapêutico focado na localização do paciente diante da ansiedade e o seu movimento no mundo do trabalho visando superá-la.

Preparamos um estudo de caso com base num arquivo de 50 sessões realizadas entre 2018 e 2020 e de um relatório psicológico. Organizamos o registo e arquivo dos atendimentos, planejamento e avaliação conjunta com o paciente até a finalização. À medida que desenvolvemos as descrições da ansiedade, a personalização do paciente constituída por antecipações catastróficas movidas pelo medo, deu lugar à reflexão considerando a historicidade e seu campo dos possíveis. Mostramos como o conceito de temporalização forjado por Sartre (2013, 2014) proporcionou a compreensão psicoterapêutica. Contemplando os aspectos éticos da divulgação científica este estudo visa contribuir com a psicoterapia existencialista sartreana, reunindo teoria, método e prática.

2. Descrição das situações

O cliente vivia na cidade do Oeste catarinense há três anos quando iniciou o processo psicoterapêutico, desde que passou num concurso na especialidade da saúde e tornou-se funcionário público da rede municipal do Sistema Único da Saúde - SUS. Formou-se há 12 anos, atendeu em clínicas, em domicílio e fez mestrado. Buscou o concurso público pela estabilidade. Mas, também trabalhava numa cidade vizinha como temporário, completando 60h



por semana. Com esta renda comprou “casa própria”. Tem uma namorada que mora numa cidade próxima, por quem não é apaixonado. Ele compara o que sente pela namorada com o que sentia pela ex-companheira, com quem viveu por 9 anos, auxiliando-a nos cuidados com a filha dela. Encontra os pais, irmão e sobrinha com certa frequência. Em síntese, está construindo um modo de vida estável, como planejou, instituído principalmente pelo trabalho. Mas longe da namorada, dos pais e demais familiares e de amigos, muitas vezes *sente-se sozinho*, sem lazer e motivos para relaxar e divertir-se. Neste sentido, experimenta-se tímido, sem conseguir estar com pessoas queridas ou em atividades prazerosas. Neste contexto vivenciou o episódio de ansiedade que o levou a UPA – Unidade de Pronto Atendimento, após sentir-se mal de madrugada com tontura, tremor, taquicardia e medo de ter um ataque cardíaco, onde foi tratado com pressão alta. Consulta o psiquiatra que exclui os elementos físicos e diagnóstica com TAG – Transtorno de Ansiedade Generalizada e ministra o Cloridrato de Paroxetina 20 mg, por no mínimo 6 meses, encaminhou-o para a psicoterapia.

Na primeira sessão descrevemos a crise que o levou a UPA e identificamos outras crises, geralmente noturnas, quando costumava sonhar com trabalho e acordava taquicardíaco. Tinha medo de não conseguir manter o contrato temporário e prover-se. Experimentava-se inviabilizado profissionalmente, considerando-se fracassado. Neste período a namorada era sua mediação para refletir, lazer, afeto, planos para o futuro. Ele vislumbrava, no entanto, que a enganava e considerava-se “um cara mau” quando refletia sobre as diferenças de perspectiva de relacionamento e família, permitindo que ela fizesse planos, seguindo-os, mas sem sentir e manifestar o amor, como ocorria com a ex-companheira. O cliente não compreendia o sentido destas crises de ansiedade ou, segundo Sartre (2014, p. 1683) não entendia *o real através dos produtos da irrealização*.

3. Projeto psicoterapêutico

A *ansiedade* constitui-se mediante a *inviabilização do projeto de ser no presente*. As vivências, neste caso, a antecipação catastrófica, os pensamentos correspondentes e o medo, são totalizadas num Estado, especificamente, referente ao salário e à relação amorosa.

3.1. A viabilização do projeto de ser no presente diante do campo dos possíveis



O projeto psicoterapêutico visou, inicialmente, o reconhecimento das *mediações* (Sartre, 2002, 2013, 2014) atuais no lazer, amizades e relação amorosa. Descrevemos tais situações analisando as *experimentações inviabilizadoras e as viabilizadoras*. As experimentações inviabilizadoras na manutenção das amizades e da relação amorosa sustentavam-se em pressupostos ancorados no passado, que não foram verificados com os amigos e a ex-companheira e sua filha. Fez uma viagem para visitar amigos, oportunizou a verificação através de esclarecimentos sobre acontecimentos específicos, além de ter atualizado tais amizades, totalizando o afeto e alegria vividos neste encontro que se consolidou em novos encontros e planos comuns. Também reencontrou a ex-companheira obtendo informações sobre sua filha e sobre as boas lembranças e afeto que ambas nutrem por ele. Retomou amizades e atividades de lazer como praticar um esporte e novas, como aprender a tocar um instrumento musical. Também aceitou convites de colegas de trabalho, que sempre recusava por ter dificuldade em interagir, à medida que antecipava que não seria agradável. As experimentações de ser divertido e companheiro destes novos colegas também foi descrita, analisada e assim, possibilitou-lhe operar a reflexão crítica totalizando essas *qualidades* (Sartre, 1994), bem como, localizá-las historicamente.

3.2 A historicidade da ansiedade

A ansiedade, ao ser tomada pela consciência como um *estado* (Sartre, 1994), tal qual o amor ou o ódio, é vivenciada como inerte. Portanto, é sua historicidade que precisamos localizar. Descrevemos os episódios de ansiedade ao longo da história do cliente, objetivando a compreensão da relação entre as experimentações concernentes a ansiedade e a dinâmica psicológica (Sartre, 2013, 2014). Utilizamos a técnica Linha da Vida, localizando as escolhas diante do campo de possibilidades e as experimentações nas situações. A estratégia visava compreender o movimento temporalizador (Sartre, 2013, p. 665) e as mediações. Deste modo, a descrição e análise de sua proto-história (Sartre, 2013) viabilizou a compreensão deste movimento totalizador, que foi a antecipação catastrófica em variadas relações e situações.

Relatou identificar a experimentação de antecipação catastrófica antes de testes escolares ainda na infância. Estudava, mas chorava pensando que teria um desempenho desaprovado pelos pais, que recriminavam o irmão mais velho por não se dedicar aos estudos. Mantinha, deste modo, uma performance adequada, pois não desejava decepcionar os pais.



Neste período do processo psicoterapêutico, teve uma conversa com o pai sobre suas finanças, as dificuldades e os planos, muito embora não tenha revelado que se experimentava fracassado. O pai testemunha como se organizou para manter a família e ter uma vida confortável, orgulhando-se de sua história de trabalhador. E que, igualmente, orgulhava-se dele, que estudou e do irmão, que se tornou um profissional artesanal. Analisamos como desenvolveu-se suficientemente na escola, na graduação e no mestrado - à época mediado pela antiga companheira - bem como, no concurso público. O fazer estudar foi sendo temporalizado constituindo sua personalidade. O paciente localizou-se do futuro irrealizado nos episódios, tendo em vista que é o futuro determinante temporal do projeto de ser (Sartre, 1997).

Questionava sua capacidade profissional e enfrentava dificuldades em concentrar-se para estudar para um novo concurso. Analisamos as situações em que se organizava para estudar, em geral, após a jornada de trabalho cansativa, com dores nos pés e pernas por ficar horas em pé. Descrevemos o *processo de trabalho* (Marx, 2003) destacando o relacionamento com seus pacientes, colegas e chefias. Como experimentava-se fracassado, agendava pacientes de tal modo a sobrecarregar-se. Assim, refletiu sobre o resultado de seu trabalho de acordo a própria avaliação dos seus pacientes e a experimentação correlata, bem como, quando o reconhecimento era objetivado em palavras. Do mesmo modo, refletiu sobre sua atuação profissional resultar dos anos de estudo e experiência, lastreando sua segurança de ser profissional. Esta constatação permitiu-lhe maior segurança de ser para: organizar seus processos de trabalho para que fosse menos extenuante; organizar seus estudos para concurso e; vislumbrar planos para dar aulas em universidades ou ampliar a clínica particular, como complemento do salário de funcionário público.

4. Avaliação do processo psicoterapêutico

Na medida em que refletia sobre suas escolhas e campo dos possíveis (Sartre, 2002) a experimentação de viabilização foi localizada historicamente e atualizada, permitindo que o próprio cliente expressasse a sua avaliação do processo psicoterapêutico. Não houve novos episódios de ansiedade e engajou-se em realizar o desmame da medicação. Compreendeu como a ansiedade foi constituída e agia para experimentar-se seguro, entendendo seu *ser de classe* (Sartre, 2002, 2013, 2014), isto é, trabalhador cuja realidade era o salário, insuficiente para manter-se, sendo necessária mais horas de trabalho. Neste sentido, a compreensão do seu



campo dos possíveis e a capacidade de planejar ações de médio e longo prazo oportunizou a condição para fruir a mudança para o seu apartamento como uma conquista, distanciar-se da namorada de quem pretendia separar-se e abrir-se para novas possibilidades amorosas, manter as amizades e fazer novas. A interiorização da exterioridade não ocorria como fracasso, mas como condição social do trabalho. A exteriorização da interioridade foi agir com os seus pacientes, de modo a construir com eles os resultados dos tratamentos, operando seu conhecimento técnico científico. Além de se posicionar diante de seus afetos demonstrando e dialogando sobre sentimentos e projetos comuns. Neste sentido, compreendemos que movimento temporalizador primou, então, pelo futuro em vez de ancorado no passado, permitindo que sua *relação imaginária com seu ser se integrasse ao movimento sintético de sua personalização*. (Sartre, 2013, p. 1021).

Palavras-chave: Psicoterapia. Trabalho. Emoção. Ego.

Referências

Marx, K. **O Capital: crítica da economia política**. Vo. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SARTRE, J-P. **A Transcendência do Ego**. Colibri: Lisboa, 1994.

_____. **O imaginário: psicologia fenomenológica da imaginação**. São Paulo, Editora Ática, 1996.

_____. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Crítica da razão dialética**. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2002.

_____. **Esboço para uma teoria das emoções**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

_____. **O idiota da família: Gustave Flaubert de 1821 a 1857**. Vo. 1. Porto Alegre: Ed. LePM, 2013.

_____. **O idiota da família: Gustave Flaubert de 1821 a 1857**. Vo. 2. Porto Alegre: Ed. LePM, 2014.



TORNAR-SE PSICOTERAPEUTA EXISTENCIALISTA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ian Norberto Sena da Silva (Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial - PSICLIN, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, Brasil); Carlo Carminatti Pissaia, (Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial - PSICLIN, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, Brasil); Leticia de Souza Mazzuco (Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial - PSICLIN, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, Brasil); Yara Alexandre Reynaldo (Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial - PSICLIN, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, Brasil); Zuleica Pretto (Programa de Graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil).

contato: ian.sena@grad.ufsc.br

1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo compartilhar as vivências de estágio em Psicologia Clínica sob orientação da perspectiva fenomenológica existencialista sartriana, realizado num Serviço-Escola por quatro estagiárias/os, portanto, psicólogas/os em formação e psicoterapeutas iniciantes. O Serviço de Atenção Psicológica da UFSC (SAPSI) se configura como uma clínica escola, onde, sob supervisão docente, as/os estudantes de psicologia realizam suas primeiras práticas ao fazer o atendimento à comunidade no formato de acolhimentos, psicoterapia e grupos psicoterápicos. Segue abaixo um breve relato da experiência de estágio em psicoterapia neste contexto.

2. A Clínica Existencialista

A Clínica Existencialista propõe o sujeito como singular/universal, constituído a partir das relações estabelecidas com o mundo, sendo inscrito em contextos sociais, históricos e intersubjetivos específicos. Diante dessa assertiva, Sartre indica o método progressivo-regressivo, que apreende a forma dialética do sujeito concreto em situação, como um singular/universal, numa constante expressão dialética de atravessamentos que criam as possibilidades de ser, não determinando-as (ROSA *et al.*, 2022).



Um elemento fundamental para a compreensão do sujeito é o projeto. Sartre propõe o modo de ser do humano como um constante lançar-se ao futuro, num movimento temporal que constrói uma biografia única (SCHNEIDER, 2011). Assim, a Clínica Existencialista Sartriana busca através de diferentes momentos processuais, compreender a dinâmica do ser e como esta se relaciona com o projeto de cada paciente e, em especial, com o seu sofrimento e experiência inviabilizadora.

O primeiro momento, alcançado através da queixa narrada, é a descrição fenomenológica, buscando compreender a situação atual da pessoa. O segundo, é o analítico-regressivo, visando esclarecer e ilustrar a história pessoal, quais foram e como se constituíram as vivências significativas (ROSA *et al.*, 2022). Já o terceiro momento é o sintético-progressivo, almejando mover a compreensão do passado ao presente em um processo de redescoberta, apreendendo os contornos possíveis para o processo de personalização do sujeito (ROSA *et al.*, 2022).

Dessa forma, o processo psicoterápico sob a perspectiva existencialista, caminha em direção à desalienação frente ao que gera o sofrer, através de localizações sistemáticas que possibilitem a/o paciente a situar-se ante seu sofrimento e reconhecer-se enquanto projeto e desejo de ser (ROSA *et al.*, 2022).

3. Vivências

Iniciar o processo de formação pensando numa clínica fenomenológica existencial faz nascer um projeto de terapeuta comprometido com uma ética da diferença e radicalmente engajado politicamente. Tornar-se psicoterapeuta é também se tornar aberto a pluralidades. Essa abertura, implica estar disposto a questionar as próprias crenças e compreensões, permitindo que o sujeito em atendimento revele suas possibilidades de ser. Do mesmo modo, o projeto de terapeuta se faz em relação com o outro quando, partindo do lugar de aprendiz, ampliamos os conhecimentos na troca com supervisor e estagiárias/os durante a trajetória do estágio (MENDES; GRESSLER; FREITAS, 2012). As supervisões vão para além do relato das sessões, servindo como espaço para construção de segurança teórico-metodológica, reflexão sobre nossas expectativas como terapeutas e problematização da nossa formação e categoria profissional.



O início profissional na clínica é uma aproximação em direção ao fenômeno que desejamos investigar: a experiência singular do sujeito. Tendo como ponto de partida as experiências vivenciadas pelas/os autoras/es deste trabalho, a clínica oferece o contato com diversas realidades de um sujeito em sofrimento. Nesse contexto, existem diversas problemáticas que surgem como um fenômeno a ser estudado, partindo da compreensão de como o sujeito se relaciona com suas experiências. Foi possível, por exemplo, observar diferentes compreensões a partir da vivência de ser mulher: uma mulher nordestina, parda, determinada em forjar uma carreira acadêmica e sofrendo pela não normatividade de algumas de suas escolhas; ou, no caso de uma mulher de meia idade, que passou a maior parte da vida à sombra de sua família na infância e adolescência, e do marido na vida adulta, sofrendo com a batalha interna entre se reconhecer como alguém fracassada e, ao mesmo tempo, capaz de tomar boas decisões para si, por si.

Ainda, entre os casos, há aqueles que refletem a complexidade da transição para a vida adulta. Um/a jovem universitário que se encontra numa fase de intensa descoberta, enfrenta a pressão de cumprir expectativas acadêmicas, ao mesmo tempo que questiona se as escolhas feitas até o momento realmente correspondem aos seus desejos pessoais. A busca por assumir o rumo da própria vida vem carregado de responsabilidades de cuidado e atenção na construção de seu projeto gerando um conflito em suas atitudes. Também, uma pessoa jovem, não-binária, que experimentou um projeto inviabilizado pela sociedade, traduzido em uma solidão e falta de reconhecimento de sua identidade e de um espaço de pertencimento. O sujeito, neste contexto, luta para encontrar razões para existir, lidando com um sofrimento que acompanha a sensação de estar à margem das normatividades sociais.

A pluralidade de fenômenos observados na clínica não pode ser completamente capturada em um único texto, dada a riqueza e a diversidade de vivências de cada sujeito em sofrimento, questões como idade, relacionamento, pertencimento étnico-racial, nacionalidade, religião e identidade de gênero também atravessaram as experiências de estágio. Embora as experiências sejam profundamente singulares, há um elemento em comum que atravessa todos os casos: a busca por se tornarem sujeitos de suas próprias histórias. Nesse sentido, tornar-se terapeuta é também viabilizar o paciente enquanto sujeito, ganhando condições de se ver como um ser inserido em seu tempo e história social, superando a sua condição alienada geradora de sofrimento (SCHNEIDER, 2011).



4. Psicoterapia como atividade política e coletiva.

A clínica existencialista, frente a esses encontros, rejeita a possibilidade de uma clínica neutra e imparcial, cujo caráter político é minimizado. O enfrentamento declarado às lógicas de opressão instituídas alia-se a uma escuta sensível às queixas dos pacientes, que frequentemente carregam no corpo os prejuízos das lógicas medicalizantes e individualizantes, construídas nos mais diversos ambientes de trabalho, educação e de lazer. Nesse processo de escuta, se torna essencial estar atento ao sofrimento relacionado a marcadores sociais como raça, gênero, classe, entre outros que podem operar sobre a experiência do sujeito.

Para além da relação paciente-terapeuta, compreendemos que o tornar-se terapeuta também é construído a partir de um olhar analítico para a própria atuação e para o estado da psicologia praticada hoje, seja a nível organizacional, local ou nacional. Frente a isso, nossa atuação como estagiárias/os levantou questões que identificamos como fundamentais à nossa experiência no SAPSI, para além das quatro paredes das salas de atendimento: “Como podemos tornar o SAPSI uma experiência melhor para estagiárias/os, funcionárias/os e usuárias/os?”; “De que forma podemos dar mais qualidade aos encaminhamentos realizados dentro do SAPSI e fora dele?”. Desse modo, torna-se claro que o sentido político da nossa prática não se limita aos atendimentos, pelo contrário, é também fora das sessões que construímos a clínica como dispositivo de saúde comprometido com uma compreensão ampla de saúde mental.

Nesse sentido, a construção de uma clínica sensível a fatores sociopolíticos e a complexidade interseccional da existência evidenciou-se como aspecto fundamental do início de nossas trajetórias como terapeutas. Além disso, a atuação como psicólogas/os, mesmo que em formação, já demarca uma posição de trabalho que extrapola a clínica tradicional, utilizando recursos e construindo rede e novas possibilidades frente às necessidades identificadas no discurso dos pacientes e no dia a dia.

5. Conclusão

“Para o bem ou para o mal”, fazer psicoterapia é fazer política. Ao longo do estágio, ficou claro que o trabalho terapêutico existencialista está longe de uma “domesticação” dos sujeitos ao mundo e suas adversidades. Em um contexto de individualismo exacerbado, capitalismo neoliberal e medicalização dos sofrimentos cotidianos, a prática da psicoterapia



tem uma dimensão ético-política fundamental. Os processos terapêuticos nos quais nos engajamos ao longo desse ano tinham no horizonte o exercício de abertura ao novo, de busca por protagonismo e aumento de consciência crítica. A clínica, como um espaço privilegiado de mediação, tem o potencial relacional de redescoberta e apropriação de projetos de *Ser* e consequentemente, de agência no mundo. Permitindo aos sujeitos atendidos (e a nós também) reposicionar-se diante das opressões e mal-estares (TEIXEIRA, 2017).

A prática clínica existencialista recusa as ideologias individualistas e psicologizantes, propondo uma escuta atenta aos atravessamentos sociopolíticos que constituem o sujeito. Ao utilizarmos o método progressivo-regressivo, pudemos auxiliar os pacientes a se situarem em seus contextos, compreendendo suas histórias e escolhas e abrindo espaço para novas possibilidades de ser. Como pontua Teixeira (2017) o psicoterapeuta existencialista não só reconhece a responsabilidade política de sua prática, como também a assume deliberadamente, promovendo, de maneira ética e emancipadora, a transformação tanto individual quanto social. Por fim, tornar-se psicoterapeuta é renunciar a uma série de fantasias e fazer o constante esforço redundante de voltar às coisas mesmas: aos pacientes, ao serviço, ao prédio, à história, a nós mesmos. Transformando de forma decisiva nossa ação no mundo.

Referências

MENDES, Jéssica Paula Silva; GRESSLER, Sionara Karina Alves de Brito; FREITAS, Sylvia Mara Pires de. Ser psicoterapeuta: reflexões existenciais sobre vivências de estagiários-terapeutas iniciantes. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 18, n. 2, p. 136-143, 2012.

ROSA, M. de S. T.; STRELOW, M.; HAERTEL, M.; FRANCISCO, P. R. Delineamento metodológico para uma terapêutica existencialista. In: PRETTO, Z.; SCHNEIDER, D. R.; STRELOW, M.; GRIGOLO, T. M. (Orgs.). **Psicoterapia Existencialista - Princípios Metodológicos**. Curitiba: Juruá, 2022. p. 27-45.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. **Sartre e a psicologia clínica**. 1. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

TEIXEIRA, José A. Carvalho. Ser psicoterapeuta existencialista é fazer política. In: CASTRO, Fernando Gastal de; SCHNEIDER, Daniela Ribeiro; BLOC BORIS, Georges Daniel Janja (orgs.). **J.P. Sartre e os desafios à psicologia contemporânea**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017. p. 237-243.

EIXO VI

LITERATURA, ARTE E COMPREENSÃO DA CONTEMPORANEIDADE EM SARTRE.





INIBIÇÃO MELANCÓLICA E A OBRA “A NÁUSEA”: UMA INTERFACE ENTRE A LITERATURA DE SARTRE E A PSICANÁLISE DE FREUD

Larissa Fiuza Miranda, (Psicologia - Centro Universitário Faesa, Vitória – Espírito Santo, Brasil).

Contato: fiuzalare@gmail.com

1. *La nausée*

A *Náusea*, escrito em 1931 pelo filósofo Jean-Paul Sartre e publicado em 1938 retrata as anotações sob a forma de diário de um historiador e personagem principal Antoine Roquentin. A trama acontece na França interiorana onde Roquentin se dedica à escrita de uma biografia do aventureiro diplomata Marquês de Rollebon, que posteriormente será abandonada. (LIUDVIK, 2021)

A história de Roquentin se situa num cenário entreguerras vivido pela França de 1932, quando o pesquisador se depara com a perda de sentido da existência por conta de uma sociedade, dita por ele, conformista e decadente. Ele passa a enxergar o mundo como uma sucessão homogênea de pessoas e fatos vazios. É nesse contexto que surge a obra sartreana, na tentativa de busca pelo sentido da vida nas idas e vindas de suas próprias vivências. Elisabeth Roudinesco (2007) anuncia: “este é um dos mais importantes romances do século XX, e sua melancolia alude à tristeza do mundo europeu prestes a se desagregar”.

Na construção da narrativa encontram-se as inquietações de Roquentin a respeito da própria existência, ele discorre amplamente sobre o entorpecimento causado pelo evento intitulado como *Náusea*, uma mistura de mal-estar físico e psíquico que o acompanha durante todo a trama. É em torno da *Náusea* que giram os questionamentos filosóficos sobre a razão e o sentido da vida o levando a uma angústia existencial. (CARMELLO, 2009)

O “vazio de ser” foi experimentado pelo personagem-narrador com descrições eloquentes e extensas feitas por Sartre, remontando um explorar do psiquismo através de situações em que um quadro melancólico é evidenciado. Sabe-se, portanto, que a necessidade da melancolia é debruçar-se sobre o objeto de seu sofrimento que, segundo Lambotte (1996), “dão a seu discurso a andadura de uma problemática existencial”, afinal, o objeto de dedicação passa a ser si próprio e o seu injustificado sentido de vida. (ARALDI, 2007)

A conjectura de que curta é a distância entre a angústia existencial sentida pelo personagem de Sartre e a proposição conceitual de melancolia de Freud, é o que torna o esse



trabalho uma via de pesquisa para o aprofundamento da temática, de forma qualitativa e exploratória.

2. **Antoine roquentin ou Jean-Paul Sartre?**

Sartre tinha o propósito de alcançar um número maior de leitores e por isso houve uma contraposição em se tornar um autor de rigor técnico-científico. A literatura sartrena, ao ser associada a uma filosofia existencial, foi chamada de ‘romance de tese’ e o que se pretendeu com essa classificação, além de entreter, foi instruir e moralizar, tornando indubitável a difusão de suas ideias filosóficas. (SCHNEIDER, 2006; ARALDI, 2007)

Neste sentido, a criação literária do romance revela as semelhanças e analogias com a vida do autor no momento da criação do livro. Em sua obra, *As palavras*, Sartre (1984) declara: “Eu era Roquentin; eu mostrava nele, sem complacência, a trama de minha vida”. Além disso, está presente em “nota dos editores” a apresentação do personagem principal cuja forma é análoga a um diário autobiográfico e não a uma personalidade fictícia. (DIAZ, 2017)

Deguy (1993) em sua publicação *La nausée de Jean Paul Sartre* confirma que a síntese de narrativa retrospectiva é considerada o estilo de um diário íntimo, isso ocorre é possível notar o próprio realismo subjetivo presente, além disso, o autor se sujeita a um regime de focalização interna, sem que haja a obrigação da verossimilhança com a descrição exata do que está externo às impressões do personagem. (LIUDVIK, 2021)

3. **A náusea como melancolia**

Roquentin não se identificava com seu estilo de vida, ele elabora reflexões sobre padrões de mentalidade que considerava hipócritas. Com isso, a insatisfação com a vida em conjunto e com a falta de sentido para sua vida dita empobrecida de aventuras e vitalidade, Roquentin enfrenta o atravessamento repentino do mal-estar que logo se anuncia como a Náusea. (SARTRE, 1986)

Sartre inaugura: “a náusea acometeu-me, deixei-me cair no assento, nem sequer já sabia onde estava, via as cores girarem lentamente à minha volta, tinha vontade de vomitar, (...) a náusea apossou-se de mim”. E esse é um momento em que a existência aparece com um completo esvaziamento do objeto de consciência, restando apenas a si mesmo, o próprio ego, e a existência contingente e bruta das coisas. (1986)



Todo o mal-estar e as crises descritas tiveram um desvelar psicossomático, isso acontece porque passa-se a se referir a elas enquanto sensação de enjoo, vertigem e impulso de vomitar sem relacionar esses episódios a uma mera função orgânica. Sabe-se que o título do livro *A Náusea* tinha por proposta preliminar o nome *Melancholia*, no entanto, para manter o caráter simbólico e literário a editora definiu o atual e definitivo título. (ARALDI, 2007)

Tanto a descoberta sobre a existência como irreduzível e absoluta, quanto a noção de contingência como a gratuidade e a falta de sentido fundamentado para existir, esboçam uma liberdade paralisada com emoções fortes de recusa e reações de fuga que se manifestam pelo desejo de vomitar. A compreensão dessas experiências revela a derivação da forma emocional da angústia. (RODRIGUES, 2014)

Sartre acentua na experiência de Roquentin essa percepção irremediável da contingência humana reafirmando que por trás da existência das coisas não há nada. Essa ausência de justificativa gera a sensação de abandono do objeto que o “protegia” da contingência. Essa pressuposta perda revela nuances de melancolia, na qual o objeto determinado existencial é perdido. (LE BOUTEILLER, 2017)

Existem pontos de confluência entre os discursos do personagem e da manifestação da melancolia enquanto perda objetual, mas, a desconfiguração de um sentido de vida está entre os mais influentes. Um componente perdido pelo personagem foi a ausência de justificativa histórica para a continuação da escrita de seu livro sobre Rollebon. Proporcionalmente ao desinteresse gradual pela vida do marquês aumenta-se a consciência sobre a contingência, isto é, conclui que o passado já não faz sentido para o presente. À medida que as crises são instaladas há a constatação de que o passado de esvanece até se nadificar completamente. (DEGUY APUD DIAZ, 2017)

4. Inibição melancólica e a antecipação do luto

Na teoria freudiana a pulsão ocupa um lugar crucial na preexistência do objeto libidinal, esse objeto, por sua vez, possui componentes que o define e circunscreve seu sentido pulsional de vida. Assim, o silogismo melancólico é marcado pela impotência quando a temporalidade não cessa de denunciar-se. Para Roquentin dedicar-se à escrita e à vida de Rollebon servia como uma fuga para não encarar a própria existência sem subterfúgios. (LE BOUTEILLER, 2017)



Num discurso psicanalítico, quando o investimento objetal é cessado, a excitação ou libido, ao invés de dirigir-se a objetos do mundo externo, volta-se sobre a própria existência e psiquismo. Ao deparar-se com essa perda objetal e com a própria existência gratuita e contingente, é tomado pela Náusea, (ou melancolia): “A Náusea, que estava à espera, alertou-se, precipitou-se sobre mim, penetra em mim, estou pleno dela. Não é nada: a Náusea sou eu. A existência liberada, desprendida, reflui sobre mim. Existo”. (FREUD, 1917; SARTRE 1986; ARALDI, 2017)

A natureza psicogênica da angústia de Sartre é amplamente descrita e é possível constatar por meio de interfaces as semelhanças com o quadro melancólico proposto por Freud em sua obra *Luto e Melancolia*. Sob a ótica freudiana há correlação entre melancolia e luto porque o quadro geral das duas condições pode confluir em sintomas semelhantes, isso ocorre porque as causas excitantes dos objetos sofrem influências ambientais que são, em alguma medida, as mesmas para ambos. Com a proposição de que o homem se relaciona com a falta, em ambos os casos, e em torno dela organiza-se psicicamente. (LE BOUTEILLER, 2017)

A inibição melancólica é justamente esse processo em que a libido retirada de um objeto e todas as ligações que têm com ele. A posição libidinal de Roquentin é abandonada a medida em que nenhum objeto substitutivo é reconhecido. Esse desaparecimento do objeto para o qual o Eu se dedicaria provoca perda de identificação e todo o investimento se dá a um Eu sem preenchimento ou dedicação para qualquer objeto. (FREUD, 1917)

O processo de inibição provoca a assimilação do objeto perdido na forma de identificação do Eu, gerando assim, uma impossibilidade de dissociá-lo da melancolia. Le Bouteiller (2017) ao afirmar que “nada, isso que se torna o significante-mestre para o sujeito melancólico” respalda e justifica as reações de Roquentin nesse quadro melancólico.

5. Considerações finais

Sartre, ao descrever a trajetória de Roquentin remonta esse trajeto psíquico e conclui que o sentido das coisas depende do seu livre lançar sobre elas. Desta forma, colabora com a interface entre a psicanálise de Freud através da sua riqueza de detalhes para uma análise clínica, visto que acessa fenômenos psicológicos em seus diferentes componentes e níveis.

Palavras-chave: Sartre. Náusea. Freud. Melancolia.



Referências

ARALDI, E. **A melancolia e A náusea de Jean-Paul Sartre**. São Paulo: Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology on line, v. 7, n. 2, p. 96-110, 2007.

CARMELLO, P. S. **Anotações sobre a filosofia da liberdade em a náusea, de Jean-Paul Sartre**. Rio de Janeiro: Revista Garrafa, v. 18, 2009.

DEGUY, J. **La nausée de Jean Paul Sartre**. Paris: Editions Gallimard, 1993.

DIAZ, L. A. M. **Roquentin, Contingência e Náusea**. Mato Grosso do Sul: Eleuthería - Revista do Curso de Filosofia da UFMS, v. 2, n. 2, p. 24-45, 2017.

FREUD, S. **Luto e Melancolia**. Edição Standard Brasileiras das Obras. Completas de Sigmund Freud, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1917.

LAMBOTTE, M. C. **Melancolia**. In: p. Kaufmann, **Dicionário enciclopédico de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 325 – 330, 1996.

LE BOUTEILLER, B. et al. **Luto e melancolia: variações com o texto de Freud**. Belo Horizonte: Reverso, v. 39, n. 73, p. 35-44, 2017.

LIUDVIK, C. **Crise existencial e poética do mito em A náusea, de Sartre**. Rio de Janeiro: O que nos faz pensar, v. 29, n. 49, p. 256-287, 2021.

RODRIGUES, T. **Melancolia e náusea: do destino enquanto fundamento do caráter trágico ao absurdo existencial**. São Paulo: Trans/Form/Ação, v. 37, p. 185-196, 2014.

ROUDINESCO, E. **Filósofos na Tormenta: Canguilhem, Sartre, Foucault, Althusser, Deleuze, Derrida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

SARTRE, J.P. **As palavras**. Tradução de J. Guinsburg. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SARTRE, J.P. **A Náusea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SCHNEIDER, D. R. **A Náusea e a Psicologia Clínica: in terações entre Literatura e Filosofia em Sartre**. Santa Catarina: Estudos e Pesquisas em Psicologia, v. 6, n. 2, p. 51-61, 2006.



ATELIÊ PSICOLOGIA E LITERATURA: TECENDO ANÁLISES EXISTENCIALISTAS SOBRE TEMAS CONTEMPORÂNEOS

Zuleica Pretto (Programa de Graduação em Psicologia, Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial - PSICLIN, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis-Santa Catarina (SC), Brasil); Mayara Floriani (Programa de Pós-graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, UFSC, Florianópolis-SC, Brasil); Veronica Candaten Furini, (Programa de Pós-graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, UFSC, Florianópolis-SC, Brasil); Yara Alexandre Reynaldo, (Programa de Graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, UFSC, Florianópolis-SC, Brasil); Ian Norberto Sena da Silva (Programa de Graduação em Psicologia, PSICLIN, Departamento de Psicologia, UFSC, Florianópolis-SC, Brasil).

contato: zuleicapretto@gmail.com

1. Introdução

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a experiência de um projeto de extensão realizado na UFSC, o qual articula a psicologia existencialista sartriana e a literatura, denominado “Ateliê Psicologia e Literatura: tecendo análises existencialistas sobre temas contemporâneos”. O projeto, em andamento, visa promover debates sobre temas que permeiam a contemporaneidade, a partir de obras literárias estudadas pela perspectiva de uma psicologia existencialista sartriana. O existencialismo foi escolhido como base epistemológica pela concepção crítica em relação à constituição dos sujeitos e da história, por propiciar um método que realiza a análise de biografias e situações vividas e por tradicionalmente indicar a rica interface entre psicologia e literatura (PRETTO, 2023).

Para a perspectiva existencialista sartriana, o sujeito é concebido como um "ser no mundo" em constante transformação, que não possui uma essência predeterminada ou fixa, pois se constitui e se define por meio de suas escolhas, ações e da relação dialética que estabelece com o contexto do qual participa. Ou seja, a importância da localização do sujeito no mundo é essencial, pois sua situação histórica e concreta constitui o campo existencial no qual efetuará suas escolhas e projetará suas possibilidades de ser, de modo dialético (SARTRE, 2011).

Considera-se que a psicologia existencialista e a literatura compartilham uma relação interdisciplinar, pois ambas se dedicam a explorar a interação do ser humano com fenômenos psicológicos, ontológicos, antropológicos e sociais. A literatura se destaca como um recurso que transcende as barreiras do "real" e permite a superação desses limites por meio da imaginação. A importância da criação ficcional, em diálogo com a psicologia existencialista,



reside na capacidade de apresentar a condição da existência humana sob uma perspectiva que ultrapassa os conceitos técnicos (RODRIGUES, 2014). Dessa forma, a interface entre essas áreas oferece subsídios para a compreensão das experiências humanas, trajetórias de vida e o sofrimento existencial, destacando a relevância da literatura para a legitimação e problematização da condição humana.

A fim de alcançar o objetivo de articular a literatura com a teoria existencialista sartriana, as atividades do projeto de extensão foram desenvolvidas a partir de encontros semanais em grupo, do qual participou a comunidade em geral (estudantes, professores, pesquisadores, profissionais). Nesses momentos, foram realizadas análises de obras literárias e técnicas, que objetivaram o debate interdisciplinar sobre o tempo presente e, com isso, contribuir com a formação pessoal, acadêmica e profissional.

As atividades relatadas neste texto foram desenvolvidas entre o segundo semestre de 2023 e o primeiro semestre de 2024. Dentre as obras literárias estudadas durante o período, foram selecionadas para essa exposição "Carta ao Pai", de Franz Kafka, e "Quarto de Despejo: Diário de uma favelada", de Carolina Maria de Jesus, as quais foram analisadas a partir do existencialismo sartriano.

2. Obras escolhidas e seus tecimentos existenciais

No Segundo semestre de 2023 a primeira obra definida para leitura e análise foi "Carta ao Pai", de Franz Kafka, publicada postumamente em 1952. Franz Kafka, nascido em Praga em 1883, foi um escritor do século XX, que embora tenha morrido jovem, com 40 anos, deixou um legado literário de impacto, com obras como "A metamorfose" (1915) e "O Processo" (1925).

Ao longo da obra, Kafka descreve episódios de sua infância e adolescência, focando-se principalmente no relato da complexa e tumultuada relação com seu pai, Hermann Kafka, a quem retratou como uma figura autoritária, repressiva e insensível. Nos escritos, também foi exposto a rigidez e críticas realizadas pelo pai ao longo desse período, das quais Kafka relata terem marcado sua personalidade de forma intensa, gerando a experimentação de inadequação, medo e insegurança. Nesse sentido, o período da infância de Kafka foi atravessado pela relação de subalternidade com seu pai, apresentando um dolorido movimento de objetificação da sua existência, com o desejo esmagador de pai, sobreposto e hierarquicamente superior que o seu próprio.



Pretto (2021), de acordo com a concepção sartriana, aponta que a infância se apresenta como a gênese do projeto de ser, onde a criança inicia o processo de apropriação da sua singularidade, reconhecendo-se e sendo reconhecida dentro de um contexto temporal de descoberta. Nesse contexto, as vivências de Kafka, marcadas pelo não reconhecimento de sua infância como um período em que ele deveria ser visto como um sujeito de direitos aos olhos de seu pai, resultaram em uma experimentação de aprisionamento. Essa experiência colaborou para uma gênese de insegurança de ser, cujas repercussões se estenderam de forma significativa ao longo de sua vida. Esse contexto não impactou apenas a sua vida pessoal, mas também influenciou sua produção literária, que frequentemente aborda temas como culpa, punição e a luta de indivíduos contra forças incompreensíveis.

Kafka parece ter visto neste desabafo escrito uma possibilidade de reconciliação e compreensão mútua com o pai, acreditando que a honestidade de suas palavras poderia abrir um diálogo que nunca existiu em sua casa. O ato de colocar em palavras suas experimentações e emoções mais profundas reflete o quanto a literatura pode se apresentar como uma forma de expressão no mundo (CAMPOS et al., 2009)

Considerando uma das noções centrais do existencialismo de Sartre (2014), que afirma que não importa o que os outros fazem de nós, mas sim o que fazemos com o que fizeram de nós, Kafka escolheu fazer algo significativo com suas vivências. Podemos inferir que, no ato de escrever, ele exerceu sua liberdade para transformar o sofrimento vivenciado na relação com o pai em uma possibilidade de reflexão e, quem sabe, de ressignificação. Nesse sentido, para Kafka, a escrita pode não apenas ter permitido que ele desse voz ao seu sofrimento, mas também pudesse se tornar um meio para se apropriar da sua biografia, reinterpretando-a de maneira que lhe trouxesse um novo sentido.

No primeiro semestre de 2024, a obra “Quarto de Despejo: Diário de uma favelada” foi trabalhada no projeto de extensão. O livro foi escrito por Maria Carolina de Jesus, nascida em 1914, em Sacramento, Minas Gerais. Jesus migrou para São Paulo, estabelecendo-se na primeira favela do Canindé. O diário da autora percorre um contexto pós-guerra mundial, da década de 1950, e de um Brasil politicamente conflituoso e economicamente precário. De forma única, retrata a sua realidade e das pessoas que lhe acompanham em seu cotidiano: rodeado pela fome, violência, racismo e desestruturas sociais (JESUS, 2014).

Carolina Maria de Jesus frequentou a escola até o segundo ano do ensino fundamental, junto a isso, depositava um notório interesse na literatura, a qual debruçava-se a ler e escrever. Para



a autora, a escrita ia para além de uma forma de expressão, tendo a função de amparo às angústias vividas. Embora relatasse o que via em seu difícil dia a dia, ainda assim encontrava um espaço de alívio junto às produções textuais (JESUS, 2014). A teoria existencialista enxerga a ficção como uma forma de conexão do sujeito com seus aspectos subjetivos, significativos e únicos e, ao mesmo tempo, com a universalidade compartilhada com outros. Isto é, a literatura desvela a relação dialética, própria da existência humana, entre as condições existenciais do sujeito particular e a condição universal que abriga tantos outros sujeitos (RODRIGUES, 2014).

Na compreensão da relevância acerca da escrita para a vida de Carolina de Jesus, destaca-se o conteúdo abordado em suas produções. No início de seus relatos, em que descrevia o momento que acordava até o horário em que se deitava na cama novamente, a escritora perpassava por diversos temas de sua vida e contexto histórico. Comentava sobre o apreço que possuía em ficar em casa, lendo, cantando e/ou escrevendo; por vezes, contemplando o espaço que a ambientava. Neste mesmo cenário, ela mostrava-se esperançosa com mudanças no cenário político e com a possibilidade de uma vida para além da favela. O dinheiro que conseguia das coletas de papel, fruto de seu ofício, quase não supriam as necessidades básicas, como a alimentação da autora e de seus três filhos, realidade vivida pelos ‘pobres do Brasil’ (JESUS, 2014).

Na medida em que os anos passam no diário de Carolina, é possível observar o medo e a melancolia que lhe acometem. Medo, pela fome que afeta a ela e aos filhos. A melancolia, retratada ao se perceber esmagada pela própria realidade: o cenário político só mudava como promessa, e o sonho de uma vida fora da favela parecia distante. Apesar desses aspectos se mostrarem presentes, e as circunstâncias fossem aprisionadoras até determinado ponto, Jesus ainda era capaz de escolher e encontrar sentidos dentro de sua vivência. Para Sartre (2014), as escolhas só podem ser entendidas na dialética singular/universal, mas tanto a universalidade quanto as singularidades comportam a abertura ao futuro e a indeterminação. Quando Carolina escolhe escrever sobre o seu cotidiano, também escolhe transformar a própria existência a partir da anunciação de outras possibilidades.

Considerações finais



Ambas as obras literárias citadas apresentam contornos existenciais específicos, abordando temáticas diferentes. No entanto, é possível encontrar semelhanças analíticas entre elas, vistas a partir de ótica existencialista sartriana. O ato de escrever possui uma função transformadora: a expressão de si e sobre o mundo. O relato do cotidiano desses escritores não diz respeito somente ao campo individual da vida, mas a todo o entorno. Para Rodrigues (2012), o sujeito que é lançado na história concreta, conversa sobre a sua história e se faz para a história; uma posição no mundo é assumida.

Desde a gênese da teoria, o existencialismo e a literatura têm se mostrado aliados, com as obras literárias de Sartre sendo um dos pilares que sustentam a disseminação do existencialismo para além das fronteiras europeias (CAMPOS et al., 2009), e também o seu desenvolvimento. As experiências relatadas corroboram para a percepção de que a literatura é um instrumento valioso para gerar espaços de discussão sobre as contemporaneidades. Mesmo em narrativas fictícias, as experiências narradas retratam um projeto de mundo e uma experiência de ser, através da escrita do autor, que inevitavelmente se manifesta, mesmo que nas mais narrativas consideradas absurdas. Ao longo dos dois semestres de trabalho no projeto em tela, a perspectiva do existencialismo como ferramenta possibilitou um espaço de troca de leituras e aprendizado, aprofundando as compreensões e reflexões sobre temas contemporâneos, sobre um pensar e fazer ético-político e sobre a psicologia.

Referências

CAMPOS, C. M.; ALT, F.; EWALD, A. P. Interrelação filosófico-literária do pensamento de Sartre: bases para uma psicologia fenomenológica do eu. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 15, n. 2, p. 126, 2009. Disponível em:

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-68672009000200008.

JESUS, C. M. **Quarto de despejo: Diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

PRETTO, Z. **Projeto de Extensão: Ateliê Psicologia e Literatura: tecendo análises existencialistas sobre infâncias e adolescências**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2023.

RODRIGUES, T. **Fenomenologia Crítica, filosofia e literatura: Uma incursão nos primeiros textos de Sartre**. 1. ed. São Carlos: Editora Fi, 2014.

SARTRE, J.-P. **O existencialismo é um humanismo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes de Bolso, 2014.



SARTRE, J.-P. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica.** Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2011. (Obra original publicada em 1943).



EXISTIR NA ADOLESCÊNCIA: DILEMA E REALIDADE

Mateus Trzeciak Gomes (PIBIC Jr; Instituto Federal do Paraná; Umuarama; Paraná; Brasil). Tiago Soares dos Santos (Instituto Federal do Paraná, Umuarama, Paraná, Brasil).

contato: mateustrzeciakgomes@gmail.com

Objetivo

O objetivo deste trabalho é analisar, compreender e relacionar os diversos momentos de angústia vividos pelos jovens que estão findando a etapa do ensino médio. É um tempo de dúvidas e dilemas: ingressa-se no mundo acadêmico e ou no mercado de trabalho? Alicerçados em temas como a “Náusea”, “liberdade”, “homem” e de “projeto” descritos no seu livro *O existencialismo é um humanismo* e em seu romance *A Náusea* pretendemos aclarar ou trazer ao conhecimento esse vivido do jovem e adolescente que finda uma etapa de sua vida. Uma das formas é por meio da mimese: realizando o entrelaçamento dos dramas vividos pela personagem Antoine Roquentin e os desejos projetados sobre a vida dos jovens no mundo contemporâneo.

Metodologia

A metodologia abordada neste trabalho será a pesquisa e consulta de material bibliográfico, utilizando dos textos de Jean-Paul Sartre: *O existencialismo é um humanismo* e de seu romance *A Náusea*.

Fundamentação teórica

Parte-se da máxima de que o homem é um ser livre, algo que existe antes de ser, algo indefinível antes de ser definido por si mesmo. Nas palavras de Sartre, isso quando a existência precede a essência. A partir desta concepção, nos vemos em meio a narrativa do romance *A Náusea*, onde a personagem Antoine Roquentin representa uma projeção da angústia humana ao se deparar com essa liberdade existencial, de existir sem um molde, como um indivíduo de infinitas possibilidades que é responsável por suas escolhas e pelo que é.



A sustentação da existência de Roquentin ocorre por meio de seu trabalho como historiador. A escrita do livro sobre a vida e existência de Rollebon é sobre o qual deposita seu motivo para viver. A jornada quase psicodélica de Roquentin inicia quando se enxerga como um indivíduo frustrado com seu trabalho e à deriva no oceano frio e sombrio do espaço e do tempo. Depare-se com um Roquentin vagante pelas ruas Bouville obrigando-se a lidar com a solidão, angústia, medo, e projetando nas ruas e nos cafés ao seu redor, nas pessoas e nos objetos, a essência do absurdo da existência.

Neste momento vemos aparecer o que a personagem define como A Náusea, uma consciência sinestésica e mórbida que podemos definir como a ansiedade para com o futuro e o inconformismo com o passado. Tal consciência atua como medula para a compreensão do ser, como corrobora para essa afirmação Cahet, (2020, p. 229) “A personagem questiona o sentido da existência humana em geral, o sentido do outro, de Deus, da História, da arte. A Náusea é, assim, uma experiência instauradora para a compreensão (Verstehen).”

Logo, coloca-se em praxe o que Sartre define em seu livro *O existencialismo é um humanismo* como projeto e como ele se relaciona com o ser humano:

O homem é, inicialmente, um projeto que se vive enquanto sujeito, e não como um musgo, um fungo ou uma couve-flor; nada existe anteriormente a esse projeto; nada existe de inteligível sob o céu e o homem será, antes de mais nada, o que ele tiver projetado ser. Não o que vai querer ser (Sartre, 2010, p. 26).

Dada essa compreensão de homem, da Náusea e de projeto como estrutura para desenvolver uma análise sobre a angústia, a incerteza e o medo vivenciadas pelos jovens que são concluintes do ensino médio e tem que lidar com sua liberdade de poder traçar um projeto de vida no qual possui total responsabilidade.

Discussão e conclusão

A sociedade contemporânea exemplifica diariamente os diversos entraves da passagem do ambiente escolar para o ambiente profissional e o mundo do trabalho, como exposto por Adalberto Cardoso (2008, p. 1):

o desemprego é apenas um dos resultados possíveis de um movimento bem mais amplo que pode ser nomeado de transição da escola para o trabalho, ao



qual se costumam associar, por exemplo, ideias como entrada na vida adulta, independência financeira e realização de expectativas existenciais mais profundas - movimento tenso, que mobiliza energias sociais múltiplas e muitas vezes incontroláveis. Ocorre que a divisão social do trabalho confronta, no mercado de trabalho, as demandas das empresas e as preferências, aspirações e qualificações de indivíduos (construídas, no caso dos jovens, sobretudo no sistema educacional) de uma maneira que não pode ser perfeitamente antecipada pelos jovens e suas famílias.

Roquentin ilustra essa situação vivida pelos jovens que estão iniciando sua jornada no mundo do trabalho quando expressa seu descontentamento pela classificação de importância nas profissões. Isso se evidencia quando, ao caminhar pelas ruas de Bouville ao domingo, descreve o comportamento teatral das pessoas que tentam desesperadamente se enquadrar no alto escalão da sociedade, quando, ao se deparar com um Doutor em um café, demonstra sua repugnância para a figura idealizada que ele representa.

“O doutor tem o direito de falar: não falhou na vida; soube se tornar útil. Sobreleva-se, calmo e poderoso, a esse pequeno destroço; é um rochedo” (Sartre, 1938, p.83). Nesta passagem, observamos a visão que Roquentin possui de si mesmo, vê sua profissão de historiador como um “destroço” ao lado do rochedo calmo e poderoso que é representado pelo doutor.

Desde a era vitoriana a medicina é vista como a máxima do conhecimento e, até os dias de hoje, é idolatrada e vista como tal. Vão nessa mesma direção os cursos de direito por também apresentar fazer parte deste mesmo pedestal. Observamos, assim, a seguinte sequência lógica dos fatos, nascemos sem rumo e tentamos ao máximo estipular um sentido para cessar a angústia que é ser responsável por nossa existência e, para isso, auto enganamo-nos ao ponto de dedicar nossa vida a nos tornarmos um “rochedo calmo e poderoso”.

Essa é uma pequena amostra de um levante de entraves enfrentados pelos jovens, pois não conseguem lidar com o insustentável peso de ser responsáveis por serem quem são e arcar com as consequências de suas escolhas e, para aliviar esse peso, tentam ao máximo conter a inconstância do mundo, tentam condicionar o acaso seja de forma refletida ou irrefletida.

Devido a essas nuances todas, seguimos a crença de viver um destino já traçado pelo capitalismo, uma vida ordinária cujo objetivo é alcançar o sucesso, tudo isso para evitar nossa responsabilidade? Afogamo-nos em tentativas falhas de condicionar o acaso? A Náusea vivida pelo jovem que está concluindo o ensino médio advém de engolir diariamente a labuta, pois não conseguimos lidar com o fato de sermos livres.



Prosseguindo o raciocínio, nos apropriaremos mais uma vez da experiência vivida por Roquentin, onde, tendo rompido as correntes com suas ações de autossabotagem, tendo tido consciência de si mesmo, de sua insatisfação com seu trabalho, de seu relacionamento baseado em expectativa com Anny, pode estabelecer para si um novo projeto de vida. Pode ser e realmente existir sem ser unicamente pelo que ele é e não a partir de uma estrutura de mundo criada para cada qual se encaixar nela como se fôssemos peças de uma engrenagem.

Para Roquentin, a Náusea foi um fator indispensável para conectá-lo com seus verdadeiros objetivos, sendo crucial para que se compreende suas reais vontades independentes da vida que ele levava no momento, corroborando, assim, para que conseguisse definir uma projeção para o futuro mais condizente com sua identidade.

É este mesmo desafio que os jovens enfrentam em seu dia a dia, conseguir se desprender das amarras fundidas em bronze que fecundam comportamentos de má-fé e de autossabotagem para que consigam construir um projeto para suas vidas, que consigam lidar com as mudanças do mundo e com a finitude de toda a existência e, consigam viver sem estar constantemente em sofrimento.

A náusea vivida pelos jovens pode ser usada como um despertador para comportamentos autodestrutivos, para uma real compreensão do ser e de como ele se comporta perante as mais diversas situações da vida. Podemos também estabelecer uma ligação direta entre o conceito de projeto definida pelo existencialismo com uma forma de vida saudável, corroborando para uma discussão sobre o sistema econômico que vivemos e como somos plenamente responsáveis pela manutenção dele, uma vez que somos livres e totalmente responsáveis pelas nossas ações.

Palavras-chave: Sartre. Angústia. Existencialismo. Náusea. Liberdade.

Referências

Cahet, H. Título: **A angústia em A Náusea de Sartre, à luz de Heidegger**. Filosofia Unisinos. 21. 10.4013/fsu.2020.212.12. 2020.

Cardoso, A. Título: **Transições da escola para o trabalho no Brasil: persistência da desigualdade e frustração de expectativas**. Rio de Janeiro. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. 2008.



Sartre, J. P. Título: **A Náusea**. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira Participações S.A. 2015.

Sartre, J. P. Título: **O Existencialismo é um Humanismo**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes LTDA. 2010.



UMA COMPREENSÃO INTERSUBJETIVA DE OBRAS ARTÍSTICAS: DIÁLOGOS ENTRE NISE DA SILVEIRA, JEAN-PAUL SARTRE E SIMONE DE BEAUVOIR

Daniel Vasconcelos de Araujo (Núcleo DESCUBRA, Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, Brasil); Lara Brito de Menezes (Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, Brasil); Rodolfo Rodrigues de Souza (Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, Brasil).

contato: danielvasconcelos.da@gmail.com

As reflexões que se seguem nascem de experiências vividas no Museu de Imagens do Inconsciente (MII) – instituição fundada há 72 anos por Nise da Silveira e demais trabalhadores que atuavam no então Centro Psiquiátrico Pedro II (CPPII) – e dos aportes teóricos que nos orientam: o pensamento fenomenológico e o existencialismo de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, assim como os movimentos de contestação ao poder biomédico em saúde mental, que beberam da filosofia e psicologia existencialista – em destaque, a Antipsiquiatria inglesa.

Reconhecemos em Nise da Silveira figura fundamental para a construção da Reforma Psiquiátrica brasileira, precursora na realização de atividades que se tornaram referência de cuidado humanizado em saúde. Embora seu trabalho seja comumente ligado à Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung e à filosofia de Baruch Spinoza, é possível conectá-lo com Ronald D. Laing, expoente da Antipsiquiatria inglesa de base fenomenológico-existencialista e contemporâneo de Silveira. As interações entre ambos produziram conexões metodológicas e nos ajudam a traçar paralelos entre o que era praticado no contexto europeu até então e o que orientava o debate, ainda incipiente, no contexto da atenção à loucura no Brasil.

Com esta pesquisa, objetivamos estabelecer diálogos entre o que se entende pelo “método niseano” (Almeida, Pedrosa, Rotolo, 2021) e noções de Sartre e Beauvoir acerca da temática que nos atravessa: o caráter da intersubjetividade como parte fundamental do fazer artístico em loucura. Em consulta ao Scielo e Periódicos Capes, utilizando o termo Nise da Silveira combinado com as palavras-chave Sartre, Beauvoir, existencialismo ou existencialista, não encontramos produções que tematizem esta ponte entre tais perspectivas. Deste modo, ao localizarmos essa lacuna, entendemos que é oportuno o caminho aqui empreendido.

Os espaços de terapêutica ocupacional fundados por Silveira, alternativas revolucionárias ao modelo asilar dos hospitais psiquiátricos, apesar de antecederem os



movimentos antipsiquiátricos inglês e italiano, não eram exclusivos ao país. Laing ocupa um papel importante neste contexto, pois coordenou e atuou em diversos projetos de grande notoriedade, com destaque para as “Comunidades Terapêuticas”, como Kingsley Hall, em Londres. O funcionamento dessas Comunidades em muito se aproximava da terapêutica de Nise, tendo alguns dos seus aprendizes ido à Inglaterra para vivenciar os trabalhos lá realizados. Em 1978, Laing visita o MII (Mello, 2024) e elogia o trabalho realizado ali: “Confio na continuidade e expansão deste trabalho. [...] Espero que as autoridades locais reconheçam seu alto valor e façam o possível para facilitar seu futuro desenvolvimento [...]” (Laing, ca.1978). Da mesma forma, a psiquiatra alagoana tinha grande apreço pela atuação de Laing (Melo, 2001), o mencionando em seu livro *O Mundo de Imagens* (Silveira, 1992).

Ronald Laing, como Franco Basaglia, encontrou na filosofia existencialista de Sartre os argumentos necessários para refundar a psiquiatria tradicional em uma lógica ao mesmo tempo humanista e materialista. As ideias de “totalização, de serialização, de constituição dos grupos, de integração da pessoa com o contexto social em que ela está inserida, a noção de práxis e do homem como agente social” (Spohr, Schneider, 2009, p.120) são exemplos do quão fundamental se tornou o trabalho de Sartre não apenas para Laing, mas para toda a antipsiquiatria, pois, sobretudo, buscava por uma psicopatologia que não fosse “considerada uma ‘entidade’ que definiria o homem ‘*ad infinitum*’, mas como um ‘acontecimento’ em seu percurso individual-histórico-social” (Spohr, Schneider, 2009, p.121).

A quebra dos paradigmas biomédicos se materializa nas iniciativas de Nise da Silveira, como no ateliê de pintura que deu origem ao MII. Para além do fazer artístico, outra dimensão valiosa para a consolidação do “método” é a importância do Museu como centro de ensino e pesquisa. Esses fazeres não devem ser confundidos diretamente com um método em sentido estrito, mas não deixam de apontar para ele, se tomarmos método em sua acepção mais originária, como “caminho para” algo. Afinal, foram poucas as publicações em que Nise destrinchou um “método”, o que justifica nossa escolha pelo uso do termo entre aspas.

Seus textos englobam majoritariamente relatos das experiências no Museu e na Casa das Palmeiras, instituição de portas abertas onde eram realizadas práticas similares ao que se observava no CPPII e precursora dos CAPS (Cruz Jr., 2009). Fruto de encontros terapêuticos e das pesquisas que deles resultaram, os textos também versavam sobre sua relação com a psicologia de Jung, posto que nela encontrou embasamento teórico e ferramenta auxiliar na leitura das obras artísticas produzidas por seus clientes (Schleder, Holanda, 2015). Ainda que



o aporte junguiano eventualmente assumisse papel central, Silveira fora “levada a ter esse contato empiricamente” (Bocai *et al.*, 2009, p.54), descobrindo as reflexões do psiquiatra suíço somente em momento posterior ao desenvolvimento das atividades no CPPII. Assim, mais do que a teoria, é a prática e a compreensão a partir da experiência que a orienta.

Entendemos que o legado de Nise não deve ser encaixado na rigorosidade atribuída ao método científico, mas tomado como um conjunto de noções basilares, que fazem notar não apenas a singularidade de cada época, como também a de quem as aplica. Em Sartre (1976, p. 95) encontramos uma distinção entre a teoria, como pensada pelas ciências duras, e o fazer filosófico. A ciência é estruturada em conceitos, definições em exterioridade, ou seja, distantes de qualquer singularidade, atemporais. Já a filosofia caminha por noções, que, para Sartre, compreende tanto a temporalidade do objeto do qual se há uma noção quanto quem o analisa, considerando sua subjetividade e conhecimentos próprios em relação dialética. A partir dessas pistas, pensamos que a trajetória de Silveira nos dá não formas *a priori*, moldadas a partir de uma teoria atemporal e universal, mas caminhos abertos à reconfiguração e diálogo. Desse modo, temos nova perspectiva para analisar como, por exemplo, o afeto catalisador, noção central nas elaborações niseanas, foi pensado por ela e como pode ser apropriado ao tempo que é o nosso. Não se trata, enfim, de afirmar ausência de rigor científico e metodológico em Silveira, mas, ao contrário, de afirmar que rigor, diante de um ser humano, é de outra ordem, não podendo mais ser o mesmo das ciências da natureza.

De acordo com Silveira (2015), o afeto catalisador se materializa na presença ativa da terapeuta, de um animal ou até de objetos presentes no mesmo espaço da pessoa que ali produz, sendo um disparador da obra. Não se trata de interferência ou coautoria, mas da pura presença como combustível. A partir de Sartre e Beauvoir, entendemos que a relação com o outro é uma dimensão insuperável do existir, o que coloca em cena o conflito da alteridade, constante e indepassável no desdobrar de cada projeto existencial. Em outras palavras, não podemos evitar a coexistência com o outro. Essa dimensão também se estende ao âmbito da produção artística, afinal, como indica Sartre (2004, p. 37), “só existe arte por e para outrem”. Em consonância, encontramos no pensamento de Beauvoir a ideia de que todos os meus atos requerem o outro, embora seja eu que os afirme: ao agir “é preciso que eu tenha diante de mim homens que sejam livres *para mim*, que possam responder a meu apelo” (Beauvoir, 2005, p. 199). Pensando a produção artística como ato humano, reafirmamos o caráter intersubjetivo como fundamental em todas as etapas da criação artística em loucura – da produção à compreensão –, nos



afastando da mera ação contemplativa ou da possibilidade de uma interpretação da obra descolada de quem a executa. Em suma, o outro que nos constitui se manifesta em cada escolha criativa e a isto buscamos compreender. Entretanto, na elaboração niseana, a presença do outro recebe status de plano de fundo na produção da obra de arte; a presença ativa acende a criatividade da pessoa artista, mas não é tomada como parte fundante daquela criação, como se a presença do outro não alterasse a obra.

Entendemos que o diálogo com a fenomenologia-existencialista coloca em cena as condições necessárias para nos reapropriarmos das noções niseanas sem perder de vista o gesto fundamental feito por ela, afinado com a antipsiquiatria. Assim, tomando apenas o afeto catalisador por base, já podemos perceber como este diálogo abre caminhos de compreensão da relação entre cliente, terapeuta e a produção artística como parte do cuidado. Se para que cada existência se faça, “para que o artista tenha um mundo para expressar, deve primeiro situar-se nesse mundo, [...] um homem entre os homens” (Beauvoir, 2005, p. 67), quem produz, produz para si, mas também para o outro; compreende sua relação com o mundo e a expressa a fim de se fazer entender. Os afetos, portanto, não seriam somente catalisadores da capacidade criativa, mas também partícipes em todas as etapas da produção do usuário. Ainda assim, não se trata de coautoria ou interferência sobre o conteúdo produzido, mas do resultado da síntese relacional entre a pessoa que cria e o que a circunda. Neste sentido, pensamos que a posterior compreensão dos conteúdos da obra deve também ocorrer dialogicamente.

Ao propor a construção de um saber inter e transdisciplinar, Nise da Silveira deixa caminhos abertos para que os estudos de compreensão das imagens possam abarcar outras possibilidades teóricas. Haja vista suas próprias colocações, quando afirma, em entrevista (Bocai *et al.*, 2009, p. 55), que “realmente a psicologia junguiana foi instrumento muito produtivo de trabalho. Mas está claro que a pessoa pode estudar do ponto de vista junguiano, freudiano, ou o que for”. Buscamos, portanto, não uma rivalidade teórica, mas sim a construção de diálogos e a proposição de alternativas para a compreensão intersubjetiva de obras artísticas.

Palavras-chave: Jean-Paul Sartre. Simone de Beauvoir. Nise da Silveira. Fenomenologia-existencialista. Saúde mental.

Referências

Almeida, B. S.; Pedrosa, H. de A.; Rotolo, L. M. Por um método niseano em saúde mental: a construção de um ateliê de arte na emergência psiquiátrica. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, v.39-2, p. 43-56. 2º sem. 2021.



Beauvoir, S. de. **Por uma moral da ambiguidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

Bocai, D. *et al.* Nise da Silveira, Antonin Artaud e Carl Gustav Jung. In: MELLO, L. C. (org.). 2009. **Nise da Silveira**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, p. 44-75.

Cruz Jr., E. G. da. **O Museu de Imagens do Inconsciente: das coleções aos desafios contemporâneos**. 2009. xiii, 183f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; MAST, Rio de Janeiro, 2009.

Damião Jr., M. Fundamentos do método de Nise da Silveira: clínica, sociedade e criatividade. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, v.39-1, p.91-100. 1º sem. 2021.

Laing, R. D. **Testemunhos: depoimento**. [ca.1978]. Rio de Janeiro: Museu de Imagens do Inconsciente. Disponível em: <<https://museuimagensdoinconsciente.org.br/testemunhos>>. Acesso em: 03 out. 2024.

Melo, W. **Nise da Silveira**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2001.

Mello, L. C. **Livro de Nise da Silveira ganha nova edição: depoimento**. [13 jun. 2024]. Rio de Janeiro: Revista Dasartes. Por redação. Disponível em: <<https://dasartes.com.br/de-arte-a-z/livro-de-nise-da-silveira-ganha-nova-edicao/>>. Acesso em: 03 out. 2024.

Sartre, J-P. **Que é a literatura?**. 3ª ed. São Paulo, SP. Editora Ática, 2004.

Sartre, J-P. **Situations, X: politique et autobiographie**. Paris, FR. Éditions Gallimard, 1976.

Schleder, K. S.; Holanda, A. F. Nise da Silveira e o enfoque fenomenológico. **Revista da Abordagem Gestáltica – Phenomenological Studies – XXI(1): 49-61, jan-jun, 2015.**

Silveira, N. da. **Imagens do Inconsciente**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2015.

Silveira, N. da. **O Mundo das Imagens**. São Paulo, SP: Ática, 1992.

Spohr, B.; Schneider, D. R. Bases epistemológicas da antipsiquiatria: a influência do existencialismo de Sartre. **Revista da Abordagem Gestáltica – XV(2): 115-125, jul-dez, 2009.**



EXISTENCIALISMO E TROPICÁLIA: APROXIMAÇÕES E APROPRIAÇÕES DO MOVIMENTO CONTRACULTURAL BRASILEIRO E A FILOSOFIA DE SARTRE

Rafael Garcia Vasconcelos (Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ, Rio de Janeiro-RJ, Brasil); Maria Eduarda Pires de Souza Silva (Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ, Rio de Janeiro-RJ, Brasil); Alice Barbosa Cordeiro (Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ, Rio de Janeiro-RJ, Brasil) Rodolfo Rodrigues de Souza (Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ, Rio de Janeiro-RJ).

contato: leafargarciavasconcelos@gmail.com

O existencialismo de Sartre exerceu grande influência nos movimentos de contracultura ao redor do mundo. Ao chegar no Brasil, ainda que sem muitas traduções oficiais e, muitas vezes, por meio de leituras de segunda mão, a filosofia sartreana trouxe consigo uma série de ideias provocativas que impactaram diversas esferas da cultura nacional. Influenciando toda uma geração, o pensamento existencialista e a moda dele derivada (Penha, 2014; Souza, 2022) foram marcados pela apropriação da liberdade individual e uma rebeldia crítica às normas sociais. Esse movimento teve desdobramentos notáveis no cinema brasileiro, no teatro e nas artes plásticas.

A Tropicália, surgida na década de 1960, foi um movimento que se enveredou em busca de liberdade de expressão e na rejeição às normas estéticas e sociais vigentes. O movimento buscou na Semana da Arte Moderna de 1922 o conceito de antropofagia de Oswald de Andrade como ponto de diálogo para promover uma ruptura com as tradições e buscar uma identidade genuinamente brasileira; adotando uma postura de assimilação crítica e criativa das influências estrangeiras, absorvendo-as ao modo brasileiro (Jezzini, 2012). Dentre estas influências, o existencialismo desponta como elemento fundamental para o movimento.

Ao integrar as influências dos modernistas de 1922, pensadores brasileiros e as filosofias existencialistas, a Tropicália não só oxigenou a cultura brasileira, mas também ofereceu uma crítica poderosa às estruturas sociais e políticas da época, reafirmando a importância da arte como um espaço de resistência e transformação. Ao mesmo tempo que celebrava a miscigenação e a pluralidade cultural, questionava as narrativas oficiais e românticas que ocultavam as desigualdades e conflitos inerentes à sociedade brasileira.

O documentário “Tropicália” (2012), dirigido por Marcelo Machado, revela as características marcantes do movimento no Brasil do final dos anos 1960. O filme se inicia



com a emblemática cena de Caetano Veloso e Gilberto Gil exilados em Portugal, em um programa de televisão. Quando questionados se o Tropicalismo ainda existia no Brasil, Caetano declara que "um movimento só existe enquanto está em exercício". Em consonância com Sartre, que afirma, na conferência *O existencialismo é um humanismo*, de 1946, que "a realidade não existe a não ser na ação" (Sartre, 1987, p. 27), essa reflexão inicial serve como uma porta de entrada para uma análise mais aprofundada sobre como as noções de existencialismo, especialmente a de engajamento, foram incorporadas por esses artistas.

Para Sartre (1989), o engajamento é uma expressão da liberdade humana, que se realiza concretamente através das escolhas e ações do indivíduo. A liberdade não é uma abstração, é algo que se manifesta na responsabilidade que cada pessoa tem por seus atos. Todo ato sinaliza engajamento. Em um contexto de profunda captura do pensamento e do fazer, o movimento tropicalista se fez como um chamamento a uma ação dissonante ao regime vigente à época.

Para traçar um melhor delineamento de como essa ideia foi construída, cabe lançar mão de outra noção: o Para-si. Sartre descreve o Para-si como um ser que está constantemente se projetando no futuro e, ao fazê-lo, define a si mesmo e o mundo. “O para-si é o ser que se determina a existir na medida em que não pode coincidir consigo mesmo” (Sartre, 2009, p. 127). Assim, a condição ontológica do Para-si, sendo nada, é ter de ser o que ele fizer, ou seja, o para-si é o ser que tem de ser. Desse modo, é marcado pelo devir, pelo vir a ser, pela abertura para existência e, portanto, é liberdade. Sem uma predisposição essencialista, o que ele pode, sendo liberdade, é agir.

Nessa perspectiva, a partir da ideia de nada do ser e da condenação do homem a ser livre, Sartre coloca o existente sempre na condição de abertura, de vir a ser, de possibilidades. Se o ato, pois, é uma tentativa de se fazer ser, isso se relaciona com a forma que ele se engaja nessa construção. A negatividade do Para-si aparece e revela que tudo o que se faz tem a ver com o modo como cada pessoa se engaja na existência.

Ao beberem dos ideais dessa filosofia, as expressões artísticas foram sendo apropriadas como manifestações políticas, o que acabou por posicionar e orientar a atitude do coletivo. No âmbito do Tropicalismo, não só as inspirações filosóficas de Sartre como as de Heidegger e Nietzsche se mesclaram com referências literárias, como Proust, Beauvoir e Camus (Veloso, 2017). Demonstrando uma afinação com as filosofias da existência, esses autores se revelam como sendo fundamentais para a elaboração de uma linguagem estilística, presente nas letras e apresentações. O movimento, sustentado pela ideia de que "tudo é político" e provocado por



Jorge Mautner na indagação sobre o Ser dos seres e a luta de classes, vai ganhando cada vez mais corpo, sabores e cores tropicais. (Veloso, 2017, p. 435). Artistas como Os Mutantes, Gal Costa e Tom Zé também adotaram uma abordagem antropofágica, assimilando e transformando influências musicais, visuais e literárias para desafiar convenções culturais e questionar uma identidade brasileira.

No livro *Verdade Tropical*, Caetano Veloso menciona que a contracultura manifestada em sua obra foi, em grande parte, inspirada pela rebeldia de Sartre (Veloso, 2017, p. 25). Gilberto Gil também reconheceu a influência de Sartre em sua vida, destacando *As Palavras* como um dos livros mais impactantes que leu, apresentado a ele por Veloso. Gil reflete sobre a noção de "existência frente à essência", que desafiou sua própria religiosidade e destacou como os questionamentos sobre problemas sociais, assimetrias da sociedade e imperfeições individuais influenciaram sua visão de mundo. (Gil, 2013).

Em "Alegria, Alegria", um dos hinos do movimento tropicalista, encontramos mais uma conexão com o existencialismo, que celebra a liberdade e a autenticidade ao caminhar "contra o vento", sem amarras materiais ou sociais. A letra ressoa diretamente o trecho final de *As Palavras*, de Sartre (Veloso, 2017).

Já a música “Panis et Circenses”, de parceria entre Gilberto Gil e Caetano Veloso, evidencia reflexões da filosofia existencialista através de sua crítica à alienação social e seu apelo à autenticidade e liberdade individual.

Eu quis cantar
Minha canção iluminada de sol
Soltei os panos, sobre os mastros no ar
Soltei os tigres e os leões, nos quintais
Mas as pessoas na sala de jantar
São ocupadas em nascer e morrer
(Veloso e Gil, 1968)

No trecho da canção, os versos apontam para a busca por uma expressão genuína e a rejeição das normas impostas pela sociedade. Nesse sentido, “Panis et Circenses” critica a superficialidade da sociedade brasileira da época, que, sob a repressão da ditadura civil-militar, buscava entretenimento e distrações em vez de confrontar a realidade.

Sartre (1987, p. 12) afirma que o homem, quando escolhe a si mesmo, faz uma escolha para toda a humanidade, pois cada ato cria uma imagem do que o ser humano deve ser. Esta universalidade construída através das escolhas reflete uma moralidade em que a liberdade de um está vinculada à liberdade de todos. Ressoa esse compromisso, por exemplo, o



compromisso com o coletivo que Tom Zé evidencia ao refletir sobre o Tropicalismo como movimento musical. Afinal, a ideia de sustentar um movimento coletivo no Brasil naquele contexto, mesmo com as diferenças de realidades socioeconômicas e de poder, resultava em um entendimento ideológico de fazer viger a dissonância, em uma realidade que os aprisionava enquanto expressão de modos de existir. Assim, Tom Zé afirma que “sob a sombra de uma ditadura precisava que a juventude tivesse material mental para se excitar (...)” (Zé, 2012)

Numa ditadura, dar para a fome da cabeça da juventude elementos para eles estarem na excitação de pensar, na excitação de compreender seu tempo, para fazer a antítese dele, tudo isso é crime. E aí o tropicalismo de Gil e Caetano ‘tava’ cedendo isso por debaixo do pano - eles estavam presos, mas as canções estavam por aí” (Zé, 2012).

Dessa maneira, não só os artistas engajados no projeto se faziam em ato por meio de suas músicas, como também forneciam material para que toda uma parcela da população, por meio da compreensão que compartilhavam, se envolvessem junto a eles nessa empreitada. Nesse sentido, quando Simone de Beauvoir (2005, p. 139) escreve: “apenas eu posso criar o laço que me une ao outro; crio-o pelo fato de que não sou uma coisa, mas um projeto de mim rumo ao outro, uma transcendência”, ela expõe que há um interpelar ao outro no meu ato, compreensão de um agir comum partilhada pelo Tropicalismo.

Essa passagem de Tom Zé, ainda, evidencia a noção de como, a partir da ação engajada, se compreende o ato situado. “Compreendemos seu ato pela situação, a situação por seu ato e, ambos, a um só tempo, acabam por nos fornecer uma compreensão acerca do que ele quer e do que sente” (Sartre, 2019, p. 73) Ou seja, o ato ilumina a situação e vice-versa. Assim, a partir do que é mencionado a respeito da condição de estar sob a sombra de uma ditadura e o desenrolar do movimento, entende-se que todo ato é situado e toda situação requer um ato a partir dele. Para Sartre (2009) agir é negar uma realidade dada em direção ao que ainda não existe. Mesmo em condições de opressão, a liberdade reside na capacidade de imaginar e projetar-se em uma nova situação, como Tom Zé sugere.

Esses são alguns elementos que evidenciam, não apenas o impacto do existencialismo na Tropicália, mas também o quanto a Tropicália se constitui, em diálogo com o existencialismo, como projeto de influenciar o pensamento crítico e a atitude política de uma geração. A Tropicália, com sua fusão de influências internacionais e raízes brasileiras, criou um espaço para o questionamento das hierarquias culturais e a exploração de novas identidades. Esse movimento ajudou a abrir caminho para formas mais inclusivas e diversificadas de expressão artística, desafiando as convenções estabelecidas e promovendo a liberdade criativa.



Palavras-chave: Existencialismo. Contracultura. Tropicália.

Referências

BEAUVOIR, S. de. **Por uma moral da ambiguidade**. Trad. M. J. de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. (Trabalho original publicado em 1947).

GIL, G. Gilberto Gil elege os livros prediletos de sua biblioteca. **O Globo**, 30 jun. 2013. Entrevista concedida a M. Filgueiras. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/oglobo.globo.com/cultura/gilberto-gil-elege-os-livros-prediletos-de-sua-biblioteca-8849818?versao=amp>. Acesso em: 1 set 2024.

FERREIRA, A. I. Influências do existencialismo sartreano na música brasileira: O caso tropicalista. **Revista Científica Semana Acadêmica**, n. 66, 2014. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/artigo/influencias-do-existencialismo-sartreano-na-musica-brasileira-o-caso-tropicalista>. Acesso em: 1 set 2024

JEZZINI, J. Antropofagia e Tropicalismo: identidade cultural? - DOI 10.5216/vis.v8i2.18275. **Visualidades**, Goiânia, v. 8, n. 2, 2012. DOI: 10.5216/vis.v8i2.18275. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/18275>. Acesso em: 1 set. 2024.

MACHADO, M. (Diretor). **Tropicália** [Documentário]. Brasil: BossaNovaFilms, Americas Film Conservancy, 2012.

PENHA, J. **O que é existencialismo?** São Paulo: Brasiliense, 2014.

SARTRE, J.-P. **O existencialismo é um humanismo**. Trad. R. C. Guedes. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SARTRE, J.-P. **O ser e o nada**. Trad. P. Perdigão. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SARTRE, J.-P. Sartre no Brasil: A Conferência de Araraquara. São Paulo: UNESP, 2019.

SOUZA, R. R. **O assassino existencialista e outras narrativas: O existencialismo de Sartre em cena no Rio de Janeiro (1945-1955)**. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2022.

VELOSO, C. **Verdade tropical**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ZÉ, T. **Entrevista concedida a M. Machado**. In: **Tropicália** [Documentário]. Brasil: BossaNovaFilms, Americas Film Conservancy, 2012.



SARTRE E O ENGAJAMENTO

Fábio Machado Pinto (Doutor em Educação Université Paris 8, Professor Titular Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil).

contato: fabiobage@yahoo.com.br

Introdução: engajamento sartriano

Apresento o tema do engajamento em Sartre a partir de algumas considerações de **István Mészáros** (2012)²³, pensador húngaro que viveu boa parte dos problemas do século passado como operário, estudante e discípulo de Lukács, assumindo o seu posto na universidade de Budapeste até o seu exílio para Itália em meados dos anos 1950, após a entrada das tropas soviéticas na Hungria. Ele partilhava das teses políticas de Sartre ao mesmo tempo que discordava dos seus pressupostos filosóficos e o definia como um pensador extraordinário que esteve profundamente comprometido com os dilemas do seu tempo e tomou como objeto de sua reflexão a existência humana, um “homem muitíssimo extraordinário - nosso verdadeiro companheiro de armas.” (2012, p. 15) Buscava *pensar contra si mesmo*, ao tomar como objeto a burguesia e o poder do capital, o imperialismo em sua época, como também as possibilidades de resistir e se revoltar. No pós-guerra, toma consciência da sua *responsabilidade histórica*, chama a intelectualidade para o jogo, rompendo com a sua inércia política dos anos 1930. Confrontou como poucos o pensamento conservador de que não há mais saídas. *há sempre alternativas. É preciso se rebelar e isso é possível desde a práxis individual*. Ao longo de sua extensa obra, Sartre foi radical, intransigente e corajoso, seja no plano intelectual, político ou pessoal, não se furtava a afrontar doutrinas, tradições, dogmatismos... contra todas as formas de opressão, independente de onde elas viessem ocorrer. Os temas da existência e da história, da busca de autenticidade e da emancipação foram costurados por uma concepção de homem/mulher livre, sempre engajado, que se constrói em suas relações com os outros, com a materialidade, com a temporalidade, ou seja, com uma época. Entre época e sujeito vai

²³ A obra *A Obra de Sartre: busca da liberdade e desafio da história* de **István Mészáros** (2012) foi publicada originalmente em 1991 pela editora Ensaio, com base no original de 1979, *The work of Sartre*, Hunamities Press). Tras uma revisão e capítulos novos, conforme publicação recente, 2012.



estabelecer uma dialética, um vai e vem, que corresponde ao seu método progressivo-regressivo, inspirado em Lefebvre (Sartre, 1960). Mas é a liberdade humana que é evocada em cada frase de sua extensa obra. Uma liberdade ontológica, que coloca o homem e a mulher como responsáveis pelas suas escolhas, engajadas num mundo (ainda que horrível), comprometendo a si próprio e os outros, ou seja, a humanidade inteira. A originalidade do seu pensamento e a grandeza de seu empreendimento são a medida deste intelectual que se encarregou como poucos de “*incomodar a consciência acomodada do nosso tempo*”... E incomodou. Sem deixar-se institucionalizar-se recusando prêmios e honrarias, como o Nobel recusado em 1964, foi perfilando o bando dos descontentes seja pelos conservadores que bradavam “Fuzilem Sartre” esta “Máquina de guerra civil” (Paris-Match, 1960), como pelos próprios marxistas como “fabricante de guerra contra o marxismo”. (Lefebvre, *Action*, 1945). Ou ainda, os existencialistas com destaque para Gabriel Marcel que o tratou de “difamador inveterado”, “patente corruptor da juventude” ou “coveiro do ocidente”. Até mesmo o Partido Soviético, em 1948, assumiu posição oficial contra Sartre. Assim como fez o Papa Pio XII, ao colocar no *index* toda a obra de Sartre, em decreto oficial do santo ofício. Que poderes teria tal homem para afrontar os grandes poderes do mundo como estados, a igreja e intelectuais de matizes diversas, ao mesmo tempo que era frequentemente convidado a se aliar, numa tentativa de absorção, assimilação de seu pensamento e da figura emblemática que havia se tornado. Para **Mészáros** é tão necessário o intelectual universal (total) personalizado em Sartre, como o intelectual específico defendido por Foucault. As causas situacionais, no fundo tem tudo a ver com o universal e vice-versa. Uma tese não precisa estar contra a outra, mas podem atuar juntas. Também é preciso considerar a importância que Georg Lukács, orientador de Mészáros, teve na formulação das teses sartrianas relacionadas a história e os grupos. Em debate com o marxismo de sua época, em especial crítica ao pensador húngaro, Sartre formula e reformula Questão de Método²⁴, que em 1960 vai ser utilizado como introdução a CRD (1960). Dez anos depois de Existencialismo e Marxismo (1948), em que Lukács cobrava consciência de classe e engajamento ao existencialismo... Sartre, vai reconhecer o *marxismo como filosofia do nosso tempo*, não sem se furtar a crítica aos marxistas: “ele parou, se esclerosou... tornou-se preguiçoso... “tem a pretensão de erigir saber já constituído e um certo numero de afirmações

²⁴ Este opúsculo, apresentado como introdução da CRD é uma versão remontada de um texto de 1958 escrito para o público francês, de um artigo de 1957 escrito a pedido de uma revista polonesa que consagrou um de seus números a cultura francesa.



a priori...” (Sartre, apud Contat, 1970, p. 312). Nos anos 1930, período considerado como pouco ou nenhum engajamento, já havia nos escritos de Sartre a menção ao materialismo histórico como o caminho a ser seguido. Em sua primeira obra filosófica, na TE (1934), como resultado dos estudos no Instituto Frances de Berlim, em diálogo com Husserl, ele rejeita a teoria do duplo Eu e o racionalismo de Descartes que reduzia o sujeito a uma substância pensante, por antever que não davam conta de explicar o fenômeno da personalização e da ontologia da realidade. Avança na desconstrução de dualismos e reduções que ora diluíam o mundo objetivo na consciência (subjativismo), ora a consciência no mundo (realismo), se impondo na forma de um materialismo vulgar. Para a superação das diferentes formas de subjativismo e objetivismo, formula sua tese basilar “A Transcendência do Ego” e todo um método que dela desdobra, o já mencionado método dialético, progressivo-regressivo e que vai ser formulado nos anos 1960 como resultado de uma mudança em seu engajamento desde os anos 1950... Na conclusão deste ensaio filosófico de juventude, Sartre assim se refere ao materialismo histórico:

“Sempre me pareceu que uma hipótese de trabalho tão fecunda como o materialismo histórico não exigiria de modo nenhum como fundamento esta absurdidade que é o materialismo metafísico. Não é, com efeito, necessário que o objecto preceda o sujeito para que os pseudo-valores espirituais se dissipem e para que a moral reencontre as suas bases na realidade. Basta que o Eu [Moi] seja contemporâneo do mundo e que a dualidade sujeito-objeto que é puramente lógica, desapareça definitivamente das preocupações filosóficas. (Sartre, 1994, p. 82-83)

Sartre nasce, vive e produz sua obra num século bélico, que foi palco das duas grandes guerras, entre inúmeros outros conflitos com destaque para a guerra-fria que dividiu o mundo em dois blocos. Neste contexto, se engajou e produziu diversas formas de narrativa com intuito de provocar, incomodar, desacomodar, promover a reflexão sobre os dramas existenciais e sociais, políticos e culturais, engajado no combate a opressão e as violências que decorrem das escolhas humanas sejam qual forem. Esta tomada de consciência da responsabilidade histórica, disso que fiz e fizeram de mim é acompanhada de uma outra consciência sobre o que eu posso (ou podemos) fazer para que o futuro (isso que ainda não é) seja diferente do que foi até aqui. Um outro mundo seria possível como resultado do nosso engajamento. Como não podemos deixar de ser consciência do que fizemos, do que nossa geração produziu, também não temos como esquecer que o futuro depende das minhas decisões, tecidas as outras, ou seja, a minha liberdade implicada na liberdade dos outros. Estamos *embarcados* e temos diante de nós a experiência de barbárie, com consequência das escolhas realizadas, atualizadas a cada



momento pela ação ou omissão. Contudo, o futuro permanece em aberto, mesmo que este seja *um futuro vedado ainda é um futuro*”.

No pós-guerra, Sartre estreita a relação entre filosofia e literatura, com costura na política e em um movimento incessante, intransigente na busca de alternativas que levassem a superação de regimes/estados opressores e que promovem a barbárie e as desigualdades, mas também a promoção da emancipação humana por meio da tomada de consciência de si como sujeito livre e engajado em ações coletivas desde sua práxis individual.

Referências

CONTAT, Michel e RIBALKA, Michel. *Les Écrits de Sartre*: Chronologie, Bibliographie commentée. Paris: Gallimard, 1970.

NOUDELMANN, François et Philippe, Giles. (Dir.) *Dictionnaire Sartre*. Paris: Honoré Champion, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. *Critique de la Raison Dialectique (précédé de Question de Méthode)*. Paris: Gallimard, 1960.

SARTRE, Jean-Paul. **A transcendência do Ego**. Tradução Pedro Alves. Lisboa: Edições Colibri, 1994.